U.PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

2º CICLO DE ESTUDO

ESTUDOS AFRICANOS

Cooperação Missionária para o Desenvolvimento: estudo de caso do projeto Salama! Cooperação Missionária Braga-Pemba

João Pedro de Verona Duarte Chantre

M

2019

João Pedro de Verona Duarte Chantre

Cooperação Missionária para o Desenvolvimento: estudo de caso do projeto Salama! Cooperação Missionária Braga-Pemba

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Estudos Africanos orientada pelo Professor Doutor Luís Antunes Grosso Correia

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

outubro de 2019

Cooperação Missionária para o Desenvolvimento: estudo de caso do projeto Salama! Cooperação Missionária Braga-Pemba

João Pedro de Verona Duarte Chantre

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Estudos Africanos orientada pelo Professor Doutor Luís Antunes Grosso Correia

Membros do Júri

Professor Doutor Francisco José de Jesus Topa
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Doutor Júlio Gonçalves Pedrosa dos Santos
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação - Universidade do Porto

Professor Doutor Luís Antunes Grosso Correia
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 18 valores

«Não conhecemos os seus nomes, mas não podemos também deixar de evocar tantos homens e mulheres que, ao longo desses anos da década de 50 e 60, tal como agora, nas missões cristãs, em diferentes e remotos lugares, foram e estão dando corpo a um verdadeiro desenvolvimento, contribuindo, pela sua ação de presença missionária nos ditos países subdesenvolvidos, para melhorar o nível de instrução das crianças e dos adultos, para cuidar das doenças e ensinar práticas de prevenção, prestar assistência na maternidade, dotar as comunidades locais com infraestruturas básicas, como sejam o abastecimento de água potável ou a melhoria do saneamento local. São eles e elas os heróis do verdadeiro desenvolvimento do "homem todo e de todos os homens" para recorrer à afirmação-síntese de Paulo VI...»

Manuela Silva

Sumário

Declaração de honra 13
Agradecimentos 15
Resumo 17
Abstract 19
Índice de ilustrações 21
Índice de quadros 22
Lista de abreviaturas e siglas 23
Introdução 25
Capítulo 1 - Enquadramento teórico 29
1.1. Conceito de desenvolvimento 29
1.2. Cooperação para o desenvolvimento 39
1.3. Cooperação missionária para o desenvolvimento 43
Capítulo 2 – Enquadramento metodológico 55
2.1. Objetivos do estudo 55
2.2. Abordagem qualitativa 56
2.3. Estudo de caso 57
2.4. Técnicas e procedimentos de recolha de dados 58
2.4.1. Entrevistas semiestruturadas 58
2.4.2. Recolha de documentos 60
2.4.3. Observação participante 61
2.4.3.1. Notas de campo 61
2.5. Técnicas e procedimentos de análise de dados 62
2.6. Caracterização dos participantes 63
2.7. Questões de natureza ética 65
2.8. Limitações metodológicas do estudo 66
Capítulo 3 – Caracterização de Moçambique e da Província de Cabo Delgado 67
3.1. Geografia 67
3.2. Demografia 68
3.3. História 68
3.4. Sistema social 70
3.5. Economia 72

3.6. Província de Cabo Delgado 73
Capítulo 4 – Diocese de Pemba 77
4.1. História 77
4.2. Património e organização 82
4.3. Projetos e parcerias 84
4.4. Área da Comunicação 84
4.5. Área da Educação 85
4.6. Paróquias e missões organizadas: recursos da diocese, congregações e institutos religiosos 87
4.7. Missão de Ocua 90
4.7.1. História 90
4.7.2. Dados sócio-populacionais 90
4.7.3. Inventário do património 91
4.7.4. Escolha metodológica da missão de Ocua 92
Capítulo 5 – Projeto "Salama!" Cooperação Missionária Braga-Pemba 93
5.1. Objetivos do Projeto de Cooperação Missionária 96
Capítulo 6 – Estudo de caso do "Salama!" 105
6.1. Expectativas em relação ao projeto Salama! 105
6.1.1. Expectativas projetadas 105
6.1.2. Expectativas diferentes 108
6.1.3. Expetativas ajustadas 113
6.2. Trabalho realizado 118
6.2.1. Trabalho pastoral 119
6.2.1.1. Catequese 122
6.2.1.2. Formação para a dignidade humana 123
6.2.1.3. Mulheres 124
6.2.1.4. Pastoral social 125
6.2.1.5. Promoção da rapariga 127
6.2.1.6. Saúde 128
6.2.2. Projetos 132
6.2.3. Trabalho a melhorar 135
6.2.4. Trabalho adequado (adequação) 136

6.2.5. Trabalho não realizado 137
6.2.6. Cultura 139
6.2.7. Educação 140
6.2.8. Estruturas 140
6.3. Eficiência 142
6.4. Eficácia 144
6.5. Cooperação 145
6.5.1. Cooperação missionária 146
6.5.2. Desenvolvimento 149
6.5.3. Desenvolvimento em Pemba 151
6.5.4. Desenvolvimento em Braga 156
6.5.5. Comparativo Braga e Pemba 161
6.5.6. Cooperação para o desenvolvimento 163
6.5.7. Colonialismo 165
6.6. Futuro do projeto Salama! 168
6.6.1. Aspetos a modificar 168
6.6.2. Atividades a continuar 170
6.6.3. Atividades novas 172
6.7. Avaliação 175
6.7.1. Avaliação da cooperação para o desenvolvimento 175
6.7.2. Avaliação do projeto Salama! 177
6.8. Diálogo com outras religiões 178
6.9. Diocese de Pemba 179
6.9.1. Educação 179
6.9.2. Juventude 180
6.9.3. Mulher 181
6.9.4. Recursos naturais 181
Considerações finais 183
Fontes 193
Referências bibliográficas 201
Apêndices 207
Apêndice 1. Guião das entrevistas semiestruturadas 209

Apêndice 2. Entrevistas 211
2.1. Entrevista ao bispo de Pemba (B) 211
2.2. Entrevista à coordenadora do projeto Salama! (C) 219
2.3. Entrevista ao padre 1 (P1) 227
2.4. Entrevista ao padre 2 (P2) 235
2.5. Entrevista ao voluntário 1 (V1) 247
2.6. Entrevista ao voluntário 2 (V2) 255
2.7. Entrevista ao voluntário 3 (V3) 265
2.8. Entrevista ao voluntário 4 (V4) 275

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação *Cooperação Missionária para o Desenvolvimento: estudo de caso do projeto Salama! Cooperação Missionária Braga-Pemba* é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Viana do Castelo, 29 de setembro de 2019

João Pedro de Verona Duarte Chantre

Agradecimentos

Para a realização deste trabalho foi importante a colaboração de algumas pessoas e instituições, que passo a referir de seguida.

Ao meu orientador, Professor Luís Grosso Correia, pela orientação e condução do trabalho, pelas sugestões, críticas e conselhos.

Ao Centro Missionário Arquidiocesano de Braga (CMAB), especialmente à Sara Poças, ao Pe. Jorge Vilaça, à Susana Eduarda Oliveira, ao Pe. João Torres, à Ana Margarida Carvalho, ao Davide Duarte, ao Pe. Paulino Carvalho, à Helena Sofia Vilar e ao António Simões, pela disponibilidade na cedência dos dados. Ao arcebispo de Braga, D. Jorge Ortiga, pelo seu aval institucional.

À Diocese de Pemba, em especial ao bispo de Pemba, D. Luiz Fernando Lisboa e a todos os missionários, padres, irmãs e leigos/as, que tão bem nos acolheram nesta diocese.

Aos meus colegas do MEAF, por todo o apoio, especialmente na parte letiva do mestrado.

Ao Júlio Santos e às/aos colegas do Gabinete de Estudos para a Educação e Desenvolvimento da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo (GEED-ESE-IPVC), pelo incentivo e entusiasmo pelos Estudos Africanos.

Ao Tomás, meu filho, aos meus pais, aos meus irmãos e ao Pedro, pelo apoio incondicional.

Resumo

O conceito de cooperação missionária para o desenvolvimento é relativamente recente e escassamente explorado, especialmente no meio académico. Por outro lado, o conceito de cooperação missionária, por si só, no contexto da missão ou missionação é largamente utilizado em vários documentos oficiais da Igreja Católica, desde o Concílio Vaticano II até ao atual Pontificado. Por sua vez, na evolução histórica do conceito de desenvolvimento, verifica-se que o seu significado não é consensual, sendo que se atribui este conceito a aspetos tão diversos como a economia, a vida humana ou a comunidade. Deste conceito deriva o de educação para o desenvolvimento, que Manuela Mesa descreve em cinco gerações, que podem coexistir entre elas. A cooperação para o desenvolvimento é atualmente dominada pela *Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*, que definiu 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) globais, a atingir até 2030.

O presente estudo tem como objetivo geral compreender de que forma é que a cooperação missionária pode contribuir para o desenvolvimento, através do projeto *Salama! Cooperação Missionária Braga-Pemba*.

Neste estudo de caso opta-se por uma metodologia qualitativa e interpretativa, com recurso a entrevistas semiestruturadas a seis voluntários missionários, ao bispo de Pemba e à coordenadora do projeto; à análise de documentos e observação participante. Foi realizada ainda a análise de conteúdo temática das entrevistas. Este é um estudo desenvolvido em Moçambique, na província de Cabo Delgado, que corresponde ao território da diocese de Pemba, especificamente na paróquia de Santa Cecília de Ocua.

Através das *vozes* dos entrevistados, pode-se considerar que o Salama! é um projeto de cooperação missionária para o desenvolvimento, com uma forte componente pastoral, mas também social, que vai ao encontro de 15 dos 17 ODS. Este adota o modelo do desenvolvimento comunitário local, mas, apesar disso, existem visões de desenvolvimento bastante diferentes, sendo que alguns entrevistados estão ainda na perspetiva caritativo-assistencial de Manuela Mesa, ao passo que outros se posicionam na perspetiva da cidadania global. Porém, os entrevistados são unânimes em atribuir uma relação direta entre educação e desenvolvimento, sendo a educação transversal a todas as áreas de atuação do projeto.

No que concerne à apropriação do Salama! pela arquidiocese de Braga, esta foi feita a nível eclesial, afetivo e económico. Porém há ainda um percurso a consolidar, visto que se considera pertinente que o protocolo de cooperação missionária, assinado pelas duas dioceses, suscite mudanças em ambas as partes, de modo que uma das partes não seja vista, unicamente, como doadora e a outra recetora, mas que ambas descubram dinâmicas próprias, dentro das significativas diferenças, para um pleno equilíbrio.

Palavras-chave: cooperação missionária para o desenvolvimento, cooperação missionária, desenvolvimento, Moçambique, Pemba, Braga

.

Abstract

The concept of *missionary development cooperation* is relatively recent and scarcely studied in academia. On the other hand, the concept of *missionary cooperation*, in itself, in the context of mission, is widely used in official Catholic Church documents from Council Vatican II to the present Pontificate. In the history of the concept of development, the term's significance is not consensual either considering it is used to signify aspects as diverse as economy, human life or community. However, from this concept stems the concept of development education, described by Manuela Mesa as five generations that coexist. Development cooperation is currently dominated by the 17 Sustainable Development Goals (SDG) to achieve by 2030, as defined in the *2030 Agenda for Sustainable Development*.

This study's goal is to understand how missionary cooperation may contribute to development, through the case of the *Salama! Missionary Cooperation Braga-Pemba* project.

This study uses semi-structured interviews with six missionary volunteers, the Bishop of Pemba and the project's coordinator, documentary analysis and participant observation, to which a qualitative and interpretative methodology is applied, as well as a thematic content analysis of the interviews. The field work took place in the Province of Cabo Delgado, Mozambique, which corresponds to the Pemba Diocese, particularly in the *Santa Cecília de Ocua community*.

From the *voices* of the interviewees, it is possible to ascertain that *Salama!* is a missionary development cooperation project with both a strong pastoral and social component that cover 15 of the 17 SDG. Although it uses a local communitarian development framework, different perspectives on its specific meaning may be found, as some of the interviewees take Manuela Mesa's charitable aid approach, while others favour a global citizenship perspective. There is unanimity, however, in attributing to all areas of the project a direct relation between education and development, which is understood as education being transversal to the whole project.

Concerning how *Salama!* was owned by the Archdiocese of Braga, it should be noted that it was undertaken at both ecclesiastic, economic and emotional level. Nevertheless, in terms of the cooperation protocol execution, further consolidation work is necessary in order to replace the donor/receiver dynamic with a more balance situation in which each diocese, albeit very different from each other, is able to fully reap the benefits from the other's specific experience.

Keywords: missionary development cooperation, missionary cooperation, development, Mozambique, Pemba, Braga.

Índice de ilustrações

Figura 1: Mapa de Moçambique. 67
Figura 2: Mapa de Moçambique com a província de Cabo Delgado em destaque. 73
Figura 3: divisão da província de Cabo Delgado em distritos. 73
Figura 4: Comparação das realidades religiosa e social das dioceses de Braga e Pemba. 95
Figura 5: relação entre os ODS e as atividades desenvolvidas pelo Salama!. 190

Índice de quadros

Quadro 1: Identificação dos entrevistados: instituição a que pertence, posição na instituição e data da entrevista. 59
Quadro 2: Sistema de categorias para a análise das entrevistas. 63
Quadro 3: Caracterização dos entrevistados: género (G), ano de nascimento (AN), naturalidade, área de formação académica (AFA). 64
Quadro 4: Síntese das principais ideias e vozes dos entrevistados relativamente às expectativas projetadas, diferentes e ajustadas. 117
Quadro 5: Síntese das principais ideias e vozes dos entrevistados relativamente ao trabalho pastoral realizado. 130
Quadro 6: Síntese das principais ideias e vozes dos entrevistados relativamente aos projetos que se enquadram dentro do Salama!. 134
Quadro 7: Síntese das principais ideias e vozes dos entrevistados relativamente trabalho realizado, a melhorar, que já foi adequado e que ainda não foi realizado. 138
Quadro 8: Síntese das principais vozes dos entrevistados relativamente à eficiência e à eficácia do Salama! 145
Quadro 9: Frequência das cinco categorias de análise: cooperação, cooperação missionária, desenvolvimento, cooperação para o desenvolvimento e colonialismo, nos discursos de cada um dos entrevistados. 167
Quadro 10: Síntese das principais ideias/vozes dos entrevistados relativamente ao futuro do Salama!, nomeadamente os aspetos e atividades a modificar, a continuar e a introduzir. 174
Quadro 11: Síntese das principais ideias/vozes dos entrevistados relativamente à avaliação da cooperação para o desenvolvimento e do Salama!. 177

Lista de abreviaturas e siglas

AB	Arquidiocese de Braga
AG	*Ad Gentes*
ANEME	Associação Nacional das Empresas Metalúrgicas e Electromecânicas
APARF	Associação Portuguesa Amigos de Raoul Follereau
ATACA	Associação de Tutores e Amigos da Criança Africana
BM	Banco Mundial
CAEC	Comissão para os assuntos económicos para a comunidade
CAEP	Comissão para os assuntos económicos e paroquiais
CMAB	Centro Missionário Arquidiocesano de Braga
CNE	Corpo Nacional de Escutas
CD	*Christus Dominus*
CV	*Caritas in Veritate*
DP	Diocese de Pemba
EG	*Evangelii Gaudium*
EN	*Evangelii Nuntiandi*
EPC	Escola primária completa
EUA	Estados Unidos da América
FD	*Fidei Donum*
FEC	Fundação Fé e Cooperação
FRELIMO	Frente de Libertação de Moçambique (organização partidária)
GS	*Gaudium et Spes*
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
IDH	Índice Desenvolvimento Humano
INE	Instituto Nacional de Estatística
ISEG	Instituto Superior de Economia e Gestão
LG	*Lumen Gentium*
LS	*Laudato Si*
MBA	Master of Business Administration
MMAS	Ministério da Mulher e Acção Social
MED	Ministério da Educação
ODM	Objetivos de Desenvolvimento do Milénio
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMP	Obras Missionárias Pontifícias
ONU	Organização das Nações Unidas
ONG	Organização Não Governamental
ONGD	Organização Não Governamental para o Desenvolvimento
PIB	Produto Interno Bruto

PIDE-DGS	Polícia Internacional e de Defesa do Estado - Direção-Geral de Segurança
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PP	*Populorum Progressio*
RENAMO	Resistência Nacional de Moçambique (organização partidária)
RM	*Redemptoris Missio*
SDG	Sustainable Development Goals
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
TVM	Televisão de Moçambique
UCM	Universidade Católica de Moçambique
UCP	Universidade Católica Portuguesa
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura)
UNFPA	United Nations Population Fund (Fundo das Nações Unidas para Atividades Populacionais – FNUAP)

Introdução

"Há viagens que escolhemos, há viagens que nos escolhem".

Inspiro-me nas palavras do poeta José Tolentino Mendonça para ilustrar, como que a dinâmica que me levou a escolher o mestrado em estudos africanos e esta pesquisa em concreto. Se, por um lado, fazemos escolhas, outras há que surgem de convites e outras ainda de escolhas feitas anteriormente, como que cada escolha feita conduzindo a uma nova escolha.

Este percurso iniciou-se num curso livre sobre o tema: "Culturas do Desenvolvimento e Cidadania, módulo 5: Acesso e qualidade da educação no contexto de desenvolvimento", promovido pelo Gabinete de Estudos de Educação para o Desenvolvimento, do Instituto Politécnico de Viana do Castelo (2006). As questões abordadas vieram ao encontro de um conjunto de inquietações, levando-as a um outro patamar, situadas num contexto de partilhas multiculturais e interdisciplinares. O período entre o ano de 2007 e 2010 foi mediado por pesquisas bibliográficas e participações em seminários e conferências constantes, nesta mesma temática.

O primeiro país visitado, com esta intencionalidade, veio a ser a Guiné-Bissau e sucedeu no culminar de um curso livre, iniciado no ano de 2011, sobre o tema: "Cidadania, Cooperação e Desenvolvimento", após uma formação específica de Voluntariado para a Cooperação que veio a dar forma a uma missão de curta duração, com o objetivo de ministrar formação a um conjunto de jovens dirigentes associativos de todo o país.

O projeto Salama! surge como que a confirmar um percurso pessoal e académico. O convite para integrar a equipa que realizou o diagnóstico para o projeto, em 2015, e a fase inicial de formação dos voluntários, permitiu estabelecer as ligações entre questões relacionadas com a cidadania global, a missionação e a doutrina e prática da Igreja católica, neste âmbito.

Assim se enquadra esta investigação.

A temática central desta dissertação é a cooperação missionária para o desenvolvimento, tema que não tem sido muito abordado academicamente. Fará mais sentido, no entanto, abordar a cooperação missionária para o desenvolvimento, enquadrando antes o conceito de desenvolvimento, a sua etimologia, a sua linha histórica, as várias vertentes do

desenvolvimento e as suas problematizações e uma proposta para a utilização do conceito em contexto académico. Tratando-se de relacionar a cooperação para o desenvolvimento com a cooperação missionária, considera-se fazer sentido analisar a sua interligação com a doutrina social da Igreja, nomeadamente com o magistério dos papas Paulo VI, João Paulo II, Bento XVI e o atual Papa Francisco.

Sendo o Salama! um projeto de cooperação missionária para o desenvolvimento, entre as dioceses de Braga e de Pemba, que visa criar laços afetivos e trocar aprendizagens entre as duas dioceses irmãs, será discutido, ao longo deste trabalho, de que forma este projeto vai ao encontro de uma cooperação missionária para o desenvolvimento.

As motivações para a realização deste estudo são essencialmente pessoais, profissionais, sociais, cognitivas e pastorais.

No que diz respeito às motivações pessoais, como já foi referido, o investigador está ligado ao projeto Salama! pois participou na missão de diagnóstico deste projeto, assim como na formação, seleção e acompanhamento das várias equipas de voluntários para integrarem este mesmo projeto, pelo que investigá-lo como estudo de caso permitirá refletir sobre o seu desempenho.

Sobre as motivações profissionais, trabalhando o investigador na área social, sempre teve interesse pelas questões de cooperação para o desenvolvimento.

Relativamente às motivações sociais, estas são óbvias, tendo em consideração que o investigador trabalha no terceiro setor, sendo a sua área profissional e de paixão.

No tocante às motivações cognitivas, a possibilidade de estudar e aprofundar temáticas como o desenvolvimento, a cooperação para o desenvolvimento e a cooperação missionária para o desenvolvimento, é, sem dúvida, uma forte motivação para o investigador.

Por fim, as motivações pastorais, no sentido desta ligação com uma anterior área de trabalho do investigador, que está, direta ou indiretamente, relacionada com as restantes. Sendo a pastoral o principal objetivo deste projeto Salama!, esta é uma motivação acrescida para o investigador.

Este estudo tem como **objetivo geral** compreender de que forma é que a cooperação missionária pode contribuir para o desenvolvimento, através do projeto de cooperação missionária Salama!.

O **objeto do estudo** é o projeto de cooperação missionária Salama!.

Foram definidos como **objetivos específicos** deste estudo:

- Relacionar de que forma é que a cooperação missionária do Salama! pode contribuir para o desenvolvimento na diocese de Pemba, em Moçambique.
- Compreender de que forma é que a arquidiocese de Braga se apropria da cooperação missionária do Salama!.

Tendo por base os pressupostos anteriormente apresentados, esta dissertação de mestrado intitulada *Cooperação missionária para o desenvolvimento: estudo de caso do projeto Salama! Cooperação Missionária Braga-Pemba* é uma pesquisa desenvolvida em Moçambique, mais propriamente na província de Cabo Delgado, que corresponde ao território da diocese de Pemba, e na paróquia de Santa Cecília de Ocua, que corresponde ao posto administrativo de Ocua, no distrito do Chiúre, na zona sul da província. Fez-se a opção metodológica do estudo de caso. Os dados empíricos foram recolhidos em Portugal e em Moçambique, através da realização de oito entrevistas semiestruturadas, recolha e análise documental, observação participante e notas de campo. Os dados foram analisados através da realização de análise de conteúdo temática.

Relativamente à estrutura da dissertação, esta inicia-se com o capítulo 1, no qual se faz o enquadramento teórico do estudo, com a argumentação científica que irá fundamentar o estudo. Inicia-se com a exploração do conceito de desenvolvimento, seguindo-se uma exploração da atual agenda de cooperação para o desenvolvimento e por fim o aprofundamento da ideia de cooperação missionária para o desenvolvimento.

O capítulo 2 expõe o enquadramento metodológico, com a apresentação da natureza do estudo, da opção metodológica, das técnicas e procedimentos de recolha e de análise dos dados, prosseguindo com a caracterização dos participantes, as questões de natureza ética e, por fim, as limitações metodológicas do estudo.

O capítulo 3 apresenta uma caracterização geográfica, demográfica, histórica, social e económica de Moçambique, especificando com a caracterização da província de Cabo Delgado.

O capítulo 4 faz uma descrição da diocese de Pemba e da Missão de Ocua.

O capítulo 5 explora o projeto Salama! e os seus objetivos.

O capítulo 6 analisa os dados recolhidos através das entrevistas semiestruturadas, tendo por base as categorias de análise/temas abordados pelos entrevistados.

Por fim, apresentam-se as considerações finais deste estudo, fazendo a ligação dos capítulos 1 ao 6 com os dados das entrevistas.

Apresentam-se ainda as fontes, as referências bibliográficas e os apêndices documentais.

Capítulo 1 - Enquadramento teórico

O presente capítulo pretende fazer o enquadramento teórico deste estudo, começando, para isso, por explorar o conceito de desenvolvimento, nas suas diferentes abordagens e também na sua relação com os documentos da doutrina social e missionária da Igreja católica e com a educação para o desenvolvimento. Segue-se a exploração do conceito de cooperação para o desenvolvimento, que fará a ligação para a exploração do conceito de cooperação missionária para o desenvolvimento, partindo, principalmente, dos documentos da Igreja, que têm abordado mais este conceito, ainda que, por vezes, com outras denominações, mais do que propriamente a academia o tem feito.

1.1. Conceito de desenvolvimento

O conceito de desenvolvimento, devido à sua utilização multidimensional, precisa de ser clarificado. Manuela Silva coloca esta mesma questão, apontando como definição de partida a apresentada no *Dicionário Ilustrado de Língua Portuguesa*, no qual desenvolvimento significa: "progresso de um estado a outro de tal modo que o seguinte é sempre mais perfeito que o anterior" (Silva, 2012).

Recorrendo à etimologia da palavra desenvolver, é de notar que se trata de uma palavra composta: *des* + *envolver*, isto é, significa o ato de retirar aquilo que envolve, o que prende, o que está retido pelo véu, escondido, ocultado ou velado. Ou, numa outra subdivisão da palavra: *des*, prefixo de negação ou de ausência; *en*, movimento para dentro; *volver*, reverter, virar; *mento*: sufixo que significa ação. Na aceção etimológica da palavra, desenvolver é libertar algo que trava uma progressão (Silva, 2012).

No entanto, o conceito de desenvolvimento não é unânime, no campo semântico, quer nas teorias económica e sociológica, quer na prática das políticas públicas, ou na intervenção social. Constitui-se num conceito repleto de sentidos diferentes e de ambiguidades, daí a necessidade de definir, com precisão, de que desenvolvimento se trata quando se usa o conceito. O debate em torno do conceito perdurou no século passado e mantém-se na atualidade (Amaro, 2004; Esteva, 2011; Porto-Gonçalves, 2011; Tortosa, 2011; Silva, 2012).

Para uma clarificação pode-se começar, por exemplo, por uma formulação pela negativa. Assim, desenvolvimento não é o mesmo que crescimento económico, pois poderá existir

crescimento económico que coexista com maior pobreza e não repartição da riqueza e dos rendimentos, maior esforço de trabalho e piores condições de trabalho e de remunerações, assim como a devastação dos recursos naturais. Da mesma forma que o desenvolvimento não corresponde a um simples crescimento da economia, também não poderá ser traduzido pelo PIB (Produto Interno Bruto), o que ocorre com frequência, em alguns meios de comunicação social, por exemplo (Amaro, 2004; Esteva, 2011; Porto-Gonçalves, 2011; Tortosa, 2011; Silva, 2012; Silva, 2016a).

No ano de 1967, a partir da doutrina social da Igreja, surgia a designação de desenvolvimento integral, inscrita na Encíclica *Populorum Progressio* (PP) do Papa Paulo VI, dedicada ao tema do desenvolvimento, na qual se concretiza: "O desenvolvimento não se reduz a um simples crescimento económico. Para ser autêntico, deve ser integral, quer dizer, promover todos os homens e o homem todo" [PP 14] (Paulo VI, 1967).

Esta encíclica de Paulo VI ficará na história da doutrina social da Igreja, sobretudo num contexto, também histórico, do período após a realização do Concílio Vaticano II, que decorreu entre os anos de 1962 e 1965. Assim, pode-se fazer uma leitura paralela deste documento com o documento conciliar "Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no Mundo Contemporâneo" (GS), documento do Concílio Vaticano II, de 1965, que também aponta o desenvolvimento como meta a atingir com a participação de todos e uma condição irredutível para uma paz justa e duradoura (Concílio Vaticano II, 1965a). Nele se considera o desenvolvimento como um bem e se afirma que "a atividade humana, individual e coletiva, com que os homens, no decurso dos séculos, tentaram melhorar as condições de vida, corresponde à vontade de Deus" [GS 34] (Concílio Vaticano II, 1965a).

A *Populorum Progressio* sublinha o desenvolvimento como "o novo nome da paz" [PP 76-80], na equidade das relações comerciais internacionais, na rejeição de novas formas de colonialismo, e faz notar que, a permanecerem desigualdades tão gritantes, se corre o risco de os pobres (indivíduos ou coletividades) serem levados a recorrer a alternativas de violência para eliminarem essas desigualdades (Paulo VI, 1967). O título latino da encíclica: *Populorum Progressio* (Progresso dos Povos) aponta para as preocupações nas relações entre os países ricos e os países pobres e analisa as desigualdades existentes: herança de um passado colonial, efeitos das formas de neo-colonialismo e o desequilíbrio

sentido nas relações ao nível comercial. A encíclica coloca no seu centro a questão do desenvolvimento integral (Paulo VI, 1967).

O contexto histórico e social da encíclica é marcado pela novidade, não apenas eclesial, mas global, das transformações ocorridas com o Concílio Vaticano II. No contexto internacional, o mundo ocidental experimentava a vaga de otimismo derivado do crescimento económico gerado pela industrialização e incremento do comércio internacional, cujo modelo se procurava plasmar para outros países, por exemplo para as ex-colónias, entre as quais algumas que se foram tornando independentes durante a década de cinquenta (Souza, 2005).

Neste período de tempo, em que o desenvolvimento assume uma dimensão quantitativa, os países passaram a classificar-se em desenvolvidos e subdesenvolvidos (mais tarde, estes últimos, passaram a ser denominados por: "em vias de desenvolvimento"), conceção que correspondia ao entendimento de que o desenvolvimento de cada país dependia apenas de uma questão de tempo, bastaria aplicar o mesmo método aplicado, nos países desenvolvidos, por exemplo a modernização da agricultura, utilizando do método da cultura intensiva, a criação de indústrias para exportação, tudo isto recorrendo a capital estrangeiro (Amaro, 2004; Esteva, 2011; Porto-Gonçalves, 2011; Tortosa, 2011; Silva, 2012).

As vozes críticas a este modelo de crescimento económico foram aparecendo também no campo da teoria económica, com o fundamento de que provocavam: o agravamento da pobreza e a desestruturação das comunidades rurais locais, devido à prática da agricultura intensiva, implicando a deslocalização de populações para centros urbanos; os modelos de consumo com introdução de novos produtos importados, causando o agravamento do custo de vida (Amaro, 2004; Silva, 2012).

Diversas organizações internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU), o Banco Mundial (BM) e a Organização Internacional do Trabalho (OIT), têm procurado chegar a um conceito consensual acerca do desenvolvimento, adjetivando-o de humano, sustentável, integrado e ainda de endógeno ou autónomo, equitativo e ético e responsável (Silva, 2016a).

No início dos anos 70, surgiram as primeiras críticas, nas áreas académicas, à ideia de um crescimento ilimitado, implícito nos modelos económicos, até então, mais insistentemente referidos e recomendados (Amaro, 2004; Silva, 2012).

Por outro lado, em 1972, um grupo de académicos ligados a áreas como a política e a economia internacional, o meio ambiente e o desenvolvimento sustentável, tornou-se muito conhecido com a designação de Clube de Roma e pela publicação do relatório denominado: ”Os Limites do Crescimento”. Nesta obra são destacadas, entre outras, as problemáticas do esgotamento de alguns recursos não renováveis, a acumulação indevida de resíduos e a poluição através do dióxido de carbono. No entanto, estes alertas associados ao crescimento económico sem limites não foram tidos em consideração na altura da sua divulgação, e somente 10 anos depois, os responsáveis políticos, ao nível mundial, iniciaram o processo de tomada de consciência e de mudança para objetivos de desenvolvimento sustentável, isto é, objetivos que passem a integrar a dimensão ecológica (Amaro, 2004; Silva, 2012).

Neste mesmo sentido, no início dos anos 1980, do século passado, a ONU retomou o debate em torno das questões ambientais, sendo indicada para presidir à Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, a primeira-ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland. Esta comissão foi criada em 1983 e tinha como objetivo promover audiências em todo o mundo e produzir, posteriormente, um resultado formal das discussões. O documento final destes trabalhos intitulou-se “*Nosso Futuro Comum”* ou Relatório Brundtland e foi apresentado em 1987, propondo o desenvolvimento sustentável, definido como: “aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas necessidades”. Este relatório recoloca a noção de satisfação de necessidades básicas como componente fundamental do desenvolvimento, enquanto lhe associa a indispensável dimensão da solidariedade com o planeta e com as gerações futuras (Amaro, 2004; Silva, 2012).

Um outro conceito de desenvolvimento, o de desenvolvimento endógeno ou desenvolvimento autónomo, resultou de estudos de antropólogos demonstrando que todas as comunidades, mesmo as mais remotas, dispõem de um conjunto de valores, saberes e práticas de organização de vida coletiva, que lhes são características e que são dignas de ser respeitadas, não sendo desejável a imposição de modelos únicos de vida e de progresso económico. Neste contexto, o desenvolvimento ocorre a partir das realidades próprias, particularidades e através do aproveitamento dos respetivos recursos potenciais. Deste modo, o desenvolvimento endógeno exige maior autonomia e não pode confundir-se com

simples importação de novas tecnologias e modernização imposta (Amaro, 2004; Silva, 2012).

O contexto das enormes desigualdades entre os países do norte e os países do sul e o inevitável problema da pobreza, levou à introdução do conceito de desenvolvimento humano, para o qual as Nações Unidas criaram indicadores apropriados para dar a conhecer a dimensão do desigual desenvolvimento humano (Índice de Desenvolvimento Humano - IDH é calculado com base em indicadores da esperança de vida ao nascer, educação e rendimento), à escala mundial. Esta noção, que podendo ser considerada pleonástica, uma vez que o desenvolvimento ou é humano ou não é desenvolvimento, possui, no entanto, o mérito de sublinhar a existência de uma fronteira entre este e o mero crescimento económico (Amaro, 2004; Silva, 2012; Silva, 2016a).

Um outro conceito tem por base a Declaração Universal dos Direitos Humanos e trata-se do desenvolvimento ético e responsável, permitindo uma plataforma de entendimento politicamente validada ao mais alto nível: trata-se do direito à vida, à liberdade, à participação e à erradicação da pobreza (Amaro, 2004; Silva, 2012).

Em síntese, podem-se descrever seis componentes necessárias para que se considere um desenvolvimento integral:

a) a componente económica, referindo-se à criação da riqueza e à sua distribuição equitativa;

b) a componente social, abordando a dimensão do bem-estar no domínio da saúde, educação e cultura, habitação e emprego;

c) a componente política, salvaguardando os direitos humanos, a liberdade política, o respeito dos valores universais, entre outros, e um governo democrático;

d) a componente cultural, que reconheça a identidade cultural de comunidades e povos e promova a autoestima das pessoas;

e) a componente ambiental na dupla aceção de concretização de um ambiente saudável e sustentável;

f) a componente de autodeterminação política e económica e, por último, uma dimensão de vida plena, que inclua o respeito pelas crenças e as suas manifestações (Gaulet, 2002 *apud* Silva, 2012).

Neste contexto, é pertinente a abordagem do conceito de desenvolvimento, também numa vertente "eurocentrada" (Amaro, 2004), numa linha histórica dos países europeus, considerados desenvolvidos, e no âmbito das sociedades industriais. Esta linha de pensamento propõe que as boas práticas, assim consideradas, dos referidos países, devem servir de guia aos novos países. O contexto histórico é o da Revolução Industrial (séc. XVIII) e a II Guerra Mundial (séc. XX), tendo como acontecimentos intermédios a Independência dos Estados Unidos da América e a Revolução Francesa, que em cerca de 200 anos moldaram a história e o pensamento do mundo europeu e as suas influências noutros continentes, como África e América, onde, por exemplo, os Estados Unidos são denominados como o "país novo", aquele que incorpora "a nova civilização industrial" (Amaro, 2004).

Por outro lado, um grupo de técnicos das Nações Unidas apresentou uma teoria crítica aos modelos baseados no paradigma da modernização, alinhados com o conceito e as práticas de desenvolvimento, implementados nos países em desenvolvimento, reformulando o conceito e propondo que este, em alternativa, seja substituído por uma metodologia pragmática denominada: "Desenvolvimento Comunitário". Este conceito fundamenta-se em três ideias: o diagnóstico das necessidades, que deve ocorrer com a participação das populações; a resposta a essas necessidades deve começar pela mobilização das capacidades da própria comunidade; os problemas e as soluções devem ser abordados de forma integrada, articulando vários conhecimentos e setores de intervenção (Amaro, 2004).

As questões relacionadas com o desenvolvimento foram assumidas e integradas pela UNESCO, que distinguiu a educação como o ponto estratégico que permite o acesso a uma mudança inevitável de mentalidades e atitudes na sociedade. Neste sentido, a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou em sessão plenária, em dezembro de 2002, a Resolução número 57/254, proclamando a "Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável", entre os anos de 2005 e 2014. A Educação, considerada na Declaração Universal dos Direitos Humanos, reveste-se como um direito fundamental e um requisito prévio e decisivo para se alcançar o desenvolvimento sustentável e a boa governação, as tomadas de decisão informadas e a promoção da democracia (ONU, 2002).

No ano de 2005, foi apresentada a ”Estratégia de Educação para o Desenvolvimento Sustentável” da ONU, na qual se recomendou que cada país subscritor a traduzisse para a sua língua oficial e se divulgasse junto das autoridades competentes, com o objetivo de implementar as suas disposições, em sintonia com as necessidades articuladas com os quadros políticos, legislativos e operacionais de cada país. A educação desenvolve e reforça a capacidade dos indivíduos e dos grupos, das comunidades e das organizações e dos países para a formação de sentido crítico e de juízo de valor, assim como para a capacidade de fazer escolhas orientadas para o desenvolvimento sustentável. Os objetivos definidos pela UNESCO foram sintetizados em quatro orientações que visavam essencialmente: a promoção e a qualificação do ensino; a reorientação e a revisão dos programas de ensino; o reforço da formação técnica e profissional; e a informação e a sensibilização do público em geral, assim como os meios de comunicação social para o conceito de “Desenvolvimento Sustentável”. Estas medidas conduzem, em última instância, ao desenvolvimento sustentável, inclusivo e equitativo, e à erradicação da pobreza e à prosperidade comum (ONU, 2005).

O conceito e a prática de educação para o desenvolvimento foram marcados por condicionantes históricas e de contexto do próprio desenvolvimento, da cooperação internacional e das relações Norte-Sul, assim como da evolução dos protagonistas que o integram como atividade e formas de atuação (Mesa, 2014), por isso torna-se importante abordá-lo neste trabalho.

A configuração do conceito e da prática da **educação para o desenvolvimento** está diretamente relacionada com o contexto e os determinantes históricos do desenvolvimento, relacionados com a cooperação internacional e as relações Norte-Sul, e por outro lado, com a evolução dos protagonistas que a incorporaram como suas atividades e formas de ação. A partir de uma abordagem histórica, é possível estabelecer-se um modelo constituído por cinco gerações da educação para o desenvolvimento. Os cinco modelos ou cinco gerações coexistem hoje sob a forma de uma proposta teórica, que permite visualizar as diferentes opções e práticas que são realizadas na educação para o desenvolvimento (Mesa, 2014).

O conceito de “Educação para o Desenvolvimento” é ainda um conceito recente, com apenas cinquenta anos de existência, sendo um conceito muito ligado à história das organizações não-governamentais para o desenvolvimento (ONGD). As primeiras

iniciativas na área da educação para o desenvolvimento surgiram dos programas, realizados no exterior, por várias ONGD. As linhas de ação destas ONGD tinham como objetivo dar a conhecer, denunciar, as mais sérias violações dos direitos humanos resultantes da situação de subdesenvolvimento. Desta forma, a educação para o desenvolvimento pode ser considerada como uma modalidade da educação para a solidariedade, colocando o acento na dimensão internacional deste princípio (Mesa, 2014).

As dimensões do princípio da solidariedade assentam em várias motivações ou linhas de reflexão, que passam pela linha humanitária, da qual é exemplo a Cruz Vermelha (séc. XIX), e mais tarde ONGD como os Médicos do Mundo e os Médicos Sem Fronteiras, entre outras (Mesa, 2014).

Na linha da reflexão religiosa assinala-se, do ponto de vista histórico, as campanhas de recolha de fundos das missões católicas e protestantes, ocorridas durante o período colonial, que podem considerar-se precedentes históricos da educação para o desenvolvimento das ONGD. No entanto, a partir dos anos 60 do século passado, as mudanças ocorridas nas Igrejas católicas e protestantes (Ecumenismo, Concílio Vaticano II, encíclicas da doutrina social da Igreja, das quais se destacam a *Pacem in Terris* e *Populorum Progressio*), contribuíram para a transformação da atividade missionária e da conceção tradicional da caridade (perspetiva caritativa) dando lugar a compromisso claro de transformação social. Nos anos 70 e 80, a "Teologia da Libertação[1]" contribuiu para aprofundar esse compromisso. Atualmente, também as atividades de educação para o desenvolvimento das ONGD europeias, de caráter confessional, têm como objetivo um compromisso solidário orientado para a participação social (Mesa, 2014).

A linha de reflexão ética comporta um compromisso com a paz, a justiça e a solidariedade entre os povos e as relações Norte-Sul, que é a motivação para muitas ONGD laicas e não partidárias que surgiram nos anos 60 e 70. Para estas ONGD, a educação para o desenvolvimento é uma forma de responder ao imperativo moral que representa a

[1] Segundo Manuela Mesa a Teologia da libertação insere-se no contexto das mudanças ocorridas na Igreja católica, nas décadas de 70 e 80 do século XX, que conduziram a um igreja comprometida socialmente, contribuindo para transformar a atividade missionária e a conceção tradicional da caridade, no sentido de serviço ao outro, conceção esta que corresponderá a um claro compromisso de transformação social. Esta linha de pensamento teológico teve uma grande propagação na América Latina, através de autores como Leonardo Boff, Gustavo Gutiérrez, José Comblin e Carlos Mesters, marcada pela denúncia de injustiças e a proclamação de uma sociedade nova, inclusiva, solidária e sustentável, à luz de Jesus Cristo.

pobreza, a injustiça e o compromisso com os direitos humanos fundamentais, sobretudo aqueles relacionados com os direitos económicos e sociais (Mesa, 2014).

Um outro conjunto de motivações são as de ordem política e ideológica, nas quais se enquadra a mobilização social a favor de povos em processo de descolonização, os movimentos de libertação nacional, as organizações populares, movimentos sociais e os povos submetidos a governos com sistemas ditatoriais. Nos anos 50 foram estas algumas das causas que mobilizaram ações de educação para o desenvolvimento das ONGD de países industrializados. No entanto, estas ações de solidariedade eram apoiadas explicitamente por partidos políticos e sindicatos, através das respetivas secções internacionais (Mesa, 2014).

A evolução do pensamento acerca do desenvolvimento e a conjuntura internacional tiveram uma influência decisiva na evolução do discurso solidário internacional, no qual a educação para o desenvolvimento se fundamenta, também potenciada pela ligação entre as ONGD, que trazem os contextos necessários para o debate e reflexão com os centros de investigação e as universidades (Mesa, 2014).

Assim, Mesa (2011, 2014) sistematiza as transformações do conceito e da prática em *Cinco Gerações de Educação para o Desenvolvimento*, que se apresentam de seguida:

Primeira geração – anos 40/50: enfoque caritativo-assistencialista:

- Visão do desenvolvimento em potencial; assistencialismo, ajuda humanitária.
- Visão do subdesenvolvimento como atraso (fome, carências materiais).
- Conceção de desenvolvimento: compaixão, caridade, eurocentrismo, providencialismo, sensibilização.
- Ações paternalistas, angariação de fundos.
- Discursos predominantes: apelo à generosidade individual, imagens e mensagens catastróficas, estereotipadas, superficiais "pornografia" da miséria.
- "Dar o peixe!"

Segunda geração – anos 60: enfoque desenvolvimentista

- Visão do desenvolvimento como processo linear, tendo os países industrializados como modelo; ajuda da responsabilidade dos países do Norte (muitos projetos de cooperação).

- Visão do subdesenvolvimento como um problema dos países do Sul; carências de educação, capital, tecnologia.
- Conceção de desenvolvimento: empatia, altruísmo.
- Ações de informação, sensibilização sobre a realidade e desenvolvimento do Sul.
- Discursos predominantes: o Norte deve partilhar as técnicas e conhecimentos para o progresso (no Sul há muito atraso e ignorância); imagens de iniciativas de cooperação com retorno imediato.
- "Dar a cana de pesca!"

Terceira geração – anos 70: enfoque crítico e solidário

- Visão do desenvolvimento como processo "autocentrado".
- Visão do subdesenvolvimento como injustiças herdadas do colonialismo; divisão do mundo em centro e periferia; novos movimentos sociais e teóricos do desenvolvimento, cooperação não-governamental.
- Conceção de desenvolvimento: solidariedade, equidade, justiça, constatação da pobreza e da desigualdade internacional.
- Ações de análise crítica da realidade, na perspetiva socio-histórica; ativismo reivindicativo.
- Discursos predominantes: acabar com a opressão e o neocolonialismo; a ajuda é instrumento do imperialismo e um obstáculo ao desenvolvimento.
- "Porque é que uns têm canas e outros não? Porque não há peixes e quem os levou?"

Quarta geração – anos 80: educação para o desenvolvimento humano e sustentável

- Visão do desenvolvimento como humano e sustentável.
- Visão do subdesenvolvimento como mal-desenvolvimento no Sul, pobreza e desigualdade como exclusão, como negação dos Direitos Humanos; metas internacionais de luta contra a pobreza e outras.
- Conceção de desenvolvimento: respeito, tolerância e valorização da diversidade e do meio ambiente.
- Ações: sinergias entre investigação, educação, mobilização e ação; métodos participativos.

- Discursos predominantes: questões dos modelos de desenvolvimento e eficácia da ajuda; cooperação global para mudanças estruturais no comércio, dívida, etc.
- "Assegurar equidade de acesso aos peixes, mas com gestão sustentável do rio"

Quinta geração – anos 90: educação para a cidadania global

- Visão do desenvolvimento como globalização e mundialização dos problemas.
- Visão do subdesenvolvimento como global e local: subordinação das metas sociais ao mercado global.
- Conceção de desenvolvimento: sentido de cidadania e responsabilidade global; igualdade de direitos; interdependência entre Norte e Sul.
- Ações em redes locais, nacionais e internacionais.
- Discursos predominantes: "Do protesto à proposta": a mudança global depende do Sul e do Norte; imagens em que os grupos mais excluídos tomam a palavra...
- "Não há peixe: encontremos alternativas?"

As várias *gerações* da mudança do conceito de desenvolvimento e, por conseguinte, da educação para o desenvolvimento (e da cooperação), não são "etapas ultrapassadas", de progressão para um estádio mais abrangente, mas podem considerar-se um encadeamento face aos desafios de cada contexto. Todas estas conceções de desenvolvimento descritas por Manuela Mesa coexistem atualmente, no mesmo espaço (europeu) e refletem o facto de também não existir uma única e exclusiva definição de desenvolvimento. Mais do que uma perspetiva histórica, este modelo das "cinco gerações de educação para o desenvolvimento" permite compreender as várias abordagens do desenvolvimento existentes (Mesa, 2011, 2014; Silva, 2016b).

1.2. Cooperação para o desenvolvimento

Um marco importante no enquadramento das questões relacionadas com o desenvolvimento foi a Cimeira do Milénio, realizada em setembro do ano 2000, em Nova Iorque, da qual foi emitida a *Declaração do Milénio das Nações Unidas* (ONU, 2000). Este documento revestiu-se de grande simbologia na viragem do século e do início de um novo milénio, tendo sido um importante compromisso de 147 chefes de estado e de governo e de 191 países, que participaram na maior reunião de sempre de dirigentes

mundiais. Nesta cimeira foram reafirmados valores fundamentais, destacando-se como essenciais: a liberdade dos cidadãos de constituírem as suas vidas de forma livre e livres da fome, do medo e da violência, da opressão e da injustiça; a igualdade de possibilidades de acesso ao desenvolvimento e igualdade de direitos e de oportunidades entre homens e mulheres; a solidariedade no tratamento dos problemas do mundo (os que sofrem, ou os que beneficiam menos, merecem a ajuda dos que beneficiam mais); a tolerância, o respeito mútuo e a aceitação da diversidade (crenças, culturas e línguas) e a promoção de uma cultura de paz e de diálogo entre as civilizações; o respeito pela natureza, que implica a alteração dos atuais padrões insustentáveis de produção e de consumo, para um bem-estar futuro e das futuras gerações; e responsabilidade comum, que envolve a responsabilidade pela gestão do desenvolvimento económico e social no mundo e por um tratamento conjunto das ameaças à paz e à segurança internacionais por parte de todos os Estados (ONU, 2000; PNUD, 2003; Lapão, 2011; Michailof & Bonnel, 2012).

Esta mesma *Declaração do Milénio* lançou o compromisso para se alcançar os objetivos de desenvolvimento internacional até ao ano de 2015. Estes foram designados, desde 2001, como os Objetivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM), e consistiam nos seguintes oito objetivos:

1. Erradicar a pobreza extrema e a fome.
2. Alcançar o ensino primário universal.
3. Promover a igualdade do género e o empoderamento das mulheres.
4. Reduzir a mortalidade infantil.
5. Melhorar a saúde materna.
6. Combater o HIV/SIDA, a malária e outras doenças.
7. Garantir a sustentabilidade ambiental.
8. Promover uma parceria mundial para o desenvolvimento (ONU, 2000).

Este conjunto de 8 objetivos, que se desdobraram em 21 metas e em 60 indicadores, passou a ser o quadro referencial para a avaliação, no contexto internacional, das medidas de Cooperação para o Desenvolvimento (ONU, 2000).

No entanto, os ODM foram motivo de inúmeras críticas sobretudo pelas suas características, pelas suas metas numéricas e seus indicadores (Rodrik, 2012). Por exemplo, quanto ao objetivo de reduzir para metade a pobreza extrema (medida pela

percentagem de pessoas cujo rendimento é inferior a 1 dólar e 25 cêntimos por dia), com o crescimento extraordinário da China constituiu-se como um objetivo acessível, dada a proporcionalidade da população na China, comparativamente a outros países e até continentes, nos quais as populações permaneceram abaixo desse rendimento, embora o objetivo tenha sido alcançado. Uma outra crítica é o facto de se tratar de oito objetivos, mas apenas o último estar relacionado com "parcerias globais" e este não deter qualquer meta quantitativa e cronológica (Rodrik, 2012).

No âmbito de uma nova assembleia da ONU foi adotada a resolução A/70/L.1, que aprovou a *Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*, de 25 de setembro de 2015, na qual os países se comprometeram a tomar medidas arrojadas e transformadoras para promover o desenvolvimento sustentável nos próximos 15 anos, tendo em conta todas as pessoas, sem exceção (ONU, 2015).

Esta resolução é dirigida à sociedade civil, contendo um plano de ação orientado para as pessoas, o planeta, a prosperidade, a paz e as parcerias (parceria global). A *Agenda 2030* constituiu-se num plano formado por 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, que ficaram conhecidos por ODS, que se desdobram em 169 metas, para erradicar a pobreza e promover uma vida digna para todos. Estes 17 Objetivos são integrados e abarcam as três dimensões do desenvolvimento sustentável: económica, social e ambiental (ONU, 2015). São eles:

1. Acabar com a pobreza em todas as suas formas e em todos os lugares.
2. Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e a melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável.
3. Garantir uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades.
4. Garantir uma educação inclusiva e equitativa de qualidade e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.
5. Alcançar a igualdade de género e capacitar todas as mulheres e raparigas.
6. Garantir a disponibilidade e a gestão sustentável da água e saneamento para todos.
7. Garantir o acesso à energia fiável, sustentável, moderna e a preço acessível para todos.
8. Promover o crescimento económico sustentado, inclusivo e sustentável, o emprego pleno e produtivo e o trabalho digno para todos.

9. Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação.
10. Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles.
11. Tornar as cidades e os povoamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis.
12. Garantir padrões de produção e de consumo sustentáveis.
13. Tomar medidas urgentes para combater as alterações climáticas e os seus impactes.
14. Conservar e utilizar de forma sustentável os oceanos, os mares e os recursos marinhos, para o desenvolvimento sustentável.
15. Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir as florestas de forma sustentável, combater a desertificação, travar e reverter a degradação dos solos e estancar a perda de biodiversidade.
16. Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas a todos os níveis.
17. Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável.

Esta *Agenda 2030* resulta da confluência dos processos traçados para os Objetivos do Milénio e dos processos da Agenda Rio+20 (junho 2012), que constituem, deste modo, a nova fase para o desenvolvimento que integra, por completo, os componentes do desenvolvimento sustentável, na mobilização de todos os países para a construção de um futuro sustentável (ONU, 2015).

Porém, as ONGD manifestam apreensão relativamente à orientação que a Cooperação para o Desenvolvimento Europeia está a tomar, uma vez que estas consideram que tem sido progressivamente instrumentalizada a favor do controlo das migrações, da segurança e do setor empresarial, setores de interesse maior para o continente Europeu (Plataforma ONGD, 2017).

1.3. Cooperação missionária para o desenvolvimento

A temática da cooperação missionária para o desenvolvimento, não possuindo ainda um vasto debate académico, é um assunto de enorme interesse e novidade para a reflexão da academia, a par das questões relacionadas com a missionação, a missionologia e outras questões correlacionadas com a atividade missionária da Igreja, que têm sido motivo de amplo estudo académico. Cita-se, a título de exemplo: as temáticas da história das missões; o património e as fontes; experiências missionárias no amplo território geográfico das missões; o diálogo inter-religioso no contexto da missão, entre muitos outros temas, que se podem encontrar, por exemplo, em vários volumes da revista *Africana Studia*.

Existe, deste modo, uma enorme evidência da cooperação missionária definida em inúmeros documentos oficiais da Igreja dos quais se selecionam, cronologicamente, algumas notas:

a) Concílio Vaticano II: trouxe, no seu conjunto, dois dos grandes documentos conciliares que mais anteciparam as questões contemporâneas – os documentos sobre a Igreja: *Lumen Gentium* (LG) e *Gaudium et Spes* (GS) - que inspiraram os processos de transformação eclesial que mais haveriam de influenciar a missão cristã no final do século XX (Concílio Vaticano II, 1964; Concílio Vaticano II, 1965a). Pode ler-se na GS 44:

> Tudo isto com o fim de adaptar o Evangelho à capacidade de compreensão de todos e às exigências dos sábios. Esta maneira adaptada de pregar a palavra revelada deve permanecer a lei de toda a evangelização. Deste modo, com efeito, suscita-se em cada nação a possibilidade de exprimir a mensagem de Cristo segundo a sua maneira própria, ao mesmo tempo que se fomenta um intercâmbio vivo entre a Igreja e as diversas culturas dos diferentes povos. Para aumentar este intercâmbio, necessita especialmente a Igreja – sobretudo hoje, em que tudo muda tão rapidamente e os modos de pensar variam tanto – da ajuda daqueles que, vivendo no mundo, conhecem bem o espírito e conteúdo das várias instituições e disciplinas, sejam eles crentes ou não. [GS 44]

À doutrina missionária, trouxe o Concílio a novidade de falar da missão e da sua fundamentação teológica, mas sem deixar de falar das "missões" em concreto e das suas perspetivas mais operativas, verdadeiras concretizações da afirmação teológica mais fundante. Por isso, torna-se importante não excluir nenhuma dessas duas importantes perspetivas. O Concílio Vaticano II veio abrir um percurso que é perfeitamente

continuado pela Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, publicada em 1975, em pleno contexto pós conciliar (Paulo VI, 1975).

b) Decreto Conciliar *Ad Gentes* [2] (AG): foi um dos documentos mais relevantes resultantes do Concílio Vaticano II. A ele se deve toda uma revolução na forma de encarar e praticar a missão da Igreja e a uma nova perspetiva e respeito pela cultura, pela história e pelas religiões dos povos a evangelizar, assim como foi também considerado o documento que abriu o caminho ao compromisso dos leigos na missão universal da Igreja (Concílio Vaticano II, 1965b). A colaboração missionária passou a ser vista, essencialmente, como intercâmbio de pessoas e recursos humanos e não tanto como partilha de recursos económicos e outros, como se pode ler no seu número 12:

> Trabalhem e colaborem os cristãos com todos os outros na reta ordenação dos problemas económicas e sociais. Dediquem-se, com cuidado especial, à educação das crianças e da juventude por meio das várias espécies de escolas, as quais hão-de ser consideradas não só como meio exímio de formação e promoção da juventude cristã, mas também, simultaneamente, como serviço da maior importância para os homens, e em particular para as nações em vias de desenvolvimento, a fim de elevar a dignidade do homem e preparar condições de vida mais humanas. Além disso, tomem parte nos esforços dos povos que, lutando contra a fome, a ignorância e a doença, se afadigam por melhorar as condições de vida e por assegurar a paz no mundo. Nesta atividade prestem os fiéis, com prudência, a sua colaboração efetiva às iniciativas promovidas pelas instituições particulares e públicas, pelos governos, pelos organismos internacionais, pelas diversas comunidades cristãs e religiões não-cristãs. [AG 12]

O *Ad Gentes* perspetiva a missão como "restauração de todas as coisas" [AG 2], uma vez que a missão de salvação da Igreja tem como objetivo não apenas a salvação dita das almas, mas conduz à eliminação de todos os males que afetam o homem. O documento refere o contributo que é esperado dos cristãos para a resolução dos problemas económicos e sociais, proporcionando melhores condições de vida e de dignidade, estabilizando a paz, assim como um progressivo empenho até à erradicação da fome, da ignorância e das doenças no mundo (Concílio Vaticano II, 1965b).

[2] O Decreto Conciliar *Ad Gentes* foi promulgado pelo Papa Paulo VI a 07 de dezembro de 1965, significando: a todas as gentes e Nações, pois trata da atividade Missionária da Igreja, reconhecendo e reafirmando que a Igreja de Jesus Cristo tem uma natureza missionária, seguindo o mandato de Jesus que convocou: "Ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa Nova a toda criatura!" (Mc 16,15). O documento foi dos mais votados, pelos padres conciliares e é considerado como um dos principais documentos do Concílio Vaticano II, a par da L*umen Gentium (LG)* e *Gaudium et Spes (GS)*.

c) Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (EN): da autoria do Papa Paulo VI, cujo título latino se traduz por: "Proclamando o Evangelho", foi escrita 10 anos depois do Decreto conciliar *Ad Gentes*. Este documento, não sendo, na totalidade do seu conteúdo, um documento de doutrina social da Igreja, veio a revelar-se essencial para o envolvimento da Igreja na vida social, política e económica. Destaca o conceito de salvação como a "libertação de tudo aquilo que oprime o homem" [EN 9], interligando, de modo decisivo, a proclamação do evangelho à preocupação com a vida que as pessoas seguem no mundo atual. "Entre a evangelização e o progresso humano existem, de facto, laços profundos" [EN 31], afirma o Papa Paulo VI, prosseguindo uma longa reflexão sobre o tema da libertação no quadro conceptual da Igreja. Esta interligação, sublinhada pela Exortação Apostólica, entre missão *ad gentes* e o conceito de libertação, recupera a compreensão do anúncio missionário como o de uma salvação integral do homem. Perspetiva semelhante fora anteriormente denominada de promoção humana, desenvolvimento, justiça e paz, solidariedade. No entanto, o importante e decisivo será a tomada de consciência de que a salvação integral do homem e do seu mundo implicam a consideração da verdadeira situação em que o ser humano se encontra à face da terra (Paulo VI, 1975).

Esta exortação apostólica compromete firmemente a Igreja com uma linguagem de libertação, mas que ultrapassa a sua vertente política e temporal. A *Evangelii Nuntiandi* constituiu-se como que numa profunda afirmação teológica das razões últimas do empenho da Igreja na luta pela justiça, daí o seu destaque e a sua abrangência nas áreas da doutrina social da Igreja, da missionologia e da pastoral[3] geral da Igreja (Paulo VI, 1975).

d) Encíclica "*Redemptoris Missio*": (A Missão do Redentor), do pontificado de João Paulo II, eleito Papa no ano de 1978, foi publicada no final do ano de 1990, quando se comemoravam 25 anos do Decreto conciliar *Ad Gentes*. Este Papa foi denominado de "O

[3] O termo "pastoral" ou "ação pastoral da Igreja" ou católica constitui-se na ação da Igreja Católica no mundo ou o conjunto de ações e atividades através das quais a Igreja realiza a sua missão, que consiste, essencialmente, em continuar a ação de Jesus Cristo. A título de exemplo, pode ler-se naquela que ficou marcadamente conhecida como "A Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Atual", *Gaudium et Spes* (Alegrias e Esperanças): "As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração" [GS 1].

Papa Missionário", precisamente pelo seu ímpeto missionário, de cuidado e atenção ao mundo e de impulsionador da missão de difundir o evangelho no mundo contemporâneo. Na sua atividade registou o maior número de visitas e viagens realizadas por um Papa: no total foram 104 visitas internacionais, em 129 países visitados nos cinco continentes (*L'Osservatore Romano*, 2014).

Todo o capítulo seis da encíclica é dedicado às Igrejas locais como verdadeiro sujeito da missão e aos agentes dessa tarefa missionária, não só os missionários consagrados, como os leigos e a figura e a missão do bispo (João Paulo II, 1990).

Numa outra perspetiva, a missão e o entendimento acerca da Igreja - a eclesiologia - passa a ser uma eclesiologia de comunhão e de partilha de recursos e de desafios. Pode dizer-se que, na atualidade, existe uma Igreja de Igrejas, unida pelo Papa através dos diversos bispos, responsáveis pelas Igrejas locais – dioceses – que participam da mesma missão, significando uma rutura com o modelo anterior de uma Igreja piramidal (João Paulo II, 1990).

Fica estabelecida como que uma governação de corresponsabilidade na Igreja, na qual, por exemplo, os bispos do hemisfério Norte estão atentos aos problemas do hemisfério Sul e vice-versa, como escreve o Papa João Paulo II (1990), referindo a missão da Igreja de fazer suscitar, nas populações por ela evangelizadas, o ímpeto para o progresso:

> A missão *ad gentes* desenvolve-se ainda hoje, na sua maior parte, nas regiões do hemisfério Sul, onde é mais urgente a acção em favor do desenvolvimento integral e da libertação de toda a opressão. A Igreja sempre soube suscitar, nas populações que evangelizou, o impulso para o progresso, e hoje os missionários, mais do que no passado, são reconhecidos também como promotores de desenvolvimento por governos e peritos internacionais, que ficam admirados do facto de obterem notáveis resultados com escassos meios.
>
> Na Encíclica *Sollicitudo rei socialis*, afirmei que «a Igreja não tem soluções técnicas para resolver o subdesenvolvimento como tal», mas «dá o primeiro contributo para a solução do urgente problema do progresso, quando proclama a verdade acerca de Cristo, de Si própria e do homem, aplicando-a a uma situação concreta». A Conferência dos Bispos latino-americanos, em Puebla, afirmou que «o melhor serviço ao irmão é a evangelização, que o predispõe a realizar-se como filho de Deus, o liberta da injustiça e promove-o integralmente». A missão da Igreja não é a intervenção directa no plano económico, técnico, político ou do contributo material para o desenvolvimento, mas consiste essencialmente em oferecer aos povos não um «ter mais» mas um «ser mais», despertando as consciências com o Evangelho. «O progresso humano autêntico deve assentar as suas raízes sobre uma evangelização cada vez mais profunda».
>
> A Igreja e os missionários são também promotores de desenvolvimento com as suas escolas, hospitais, tipografias, universidades, explorações agrícolas experimentais. O

> progresso de um povo, porém, não deriva primariamente do dinheiro, nem dos auxílios materiais, nem das estruturas técnicas, mas sobretudo da formação das consciências, do amadurecimento das mentalidades e dos costumes. O homem é que é o protagonista do desenvolvimento, não o dinheiro ou a técnica. A Igreja educa as consciências, revelando aos povos aquele Deus, que procuram sem O conhecer, a grandeza do homem criado à imagem de Deus e por Ele amado, a igualdade de todos os homens enquanto filhos de Deus, o domínio sobre a natureza criada e posta ao serviço do homem, o dever de se empenhar no progresso do homem todo e de todos os homens. [RM 58].

Se existe alguma tensão entre as questões ditas terrenas, da materialidade do mundo e os domínios da espiritualidade, esta é contextualizada, por um lado, ao ser dito pelo Papa João Paulo II que a Igreja não tem soluções técnicas para os problemas do subdesenvolvimento e que a missão da Igreja é evangelizar, pois dá o primeiro passo anunciando a verdade sobre Cristo, a Igreja e sobre o próprio Homem. Por outro lado, sublinha que a Igreja e os missionários promovem o desenvolvimento com as escolas, hospitais, tipografias, universidades e explorações agrícolas experimentais que constroem e animam juntamente com as comunidades (João Paulo II, 1990).

Os missionários são chamados a uma atenção vigilante aos problemas concretos, às lutas das populações pelos seus direitos, pois é sua a "opção preferencial pelos pobres" ou dito de outra forma: "os pobres merecem uma atenção preferencial, seja qual for a situação moral ou pessoal em que se encontrem" [RM 60]. Há, desta forma, uma estreita relação entre a promoção do homem e o anúncio do Evangelho (João Paulo II, 1990):

> Com a mensagem evangélica, a Igreja oferece uma força libertadora e criadora de desenvolvimento, exatamente porque leva à conversão do coração e da mentalidade, faz reconhecer a dignidade de cada pessoa, predispõe à solidariedade, ao compromisso e ao serviço dos irmãos, insere o homem no projeto de Deus, que é a construção do Reino de paz e de justiça, já a partir desta vida. É a perspectiva bíblica dos «novos céus e da nova terra» (cf. Is 65, 17; 2 Ped 3, 13; Ap 21, 1), a qual inseriu na história, o estímulo e a meta para o avanço da humanidade. O progresso do homem vem de Deus, do modelo Jesus e deve conduzir a Deus. Eis porque entre anúncio evangélico e promoção do homem existe uma estreita conexão.
>
> O contributo da Igreja e da sua obra evangelizadora para o desenvolvimento dos povos, não se restringe apenas ao hemisfério Sul, visando combater aí a miséria material e o subdesenvolvimento, mas envolve também o Norte, que está exposto à miséria moral e espiritual, causada pelo «superdesenvolvimento». Uma certa concepção a-religiosa da vida moderna, dominante em algumas partes do mundo, está baseada na ideia de que, para tornar o homem mais homem, basta enriquecer e elevar o crescimento técnico e económico. Mas um desenvolvimento sem alma não pode bastar ao homem, e o excesso de opulência é tão nocivo como o excesso de pobreza. O hemisfério Norte construiu um «modelo de desenvolvimento», e quer difundi-lo para o Sul, onde o sentido de

> religiosidade e os valores humanos, que ali existem, correm o risco de serem submersos pela vaga do consumismo.
> «Contra a fome: muda de vida» é um lema, nascido em ambientes eclesiais, que indica, aos povos ricos, o caminho para se tornarem irmãos dos pobres: é preciso voltar a uma vida mais austera que favoreça um novo modelo de progresso, atento aos valores éticos e religiosos. A atividade missionária leva aos pobres a luz e o estímulo para o verdadeiro progresso, enquanto a nova evangelização, entre outras tarefas, deve criar, nos ricos, a consciência de que chegou o momento de se tornarem realmente irmãos dos pobres, na conversão comum ao «progresso integral», aberto ao Absoluto. [RM 59]

Neste mesmo sentido, no capítulo sete, intitulado "A cooperação na atividade missionária", João Paulo II (1990) refere, em concreto, as novas formas de cooperação missionária, destacando a importância e o papel dos leigos, podendo ler-se no ponto 82:

> A cooperação alarga-se hoje para novas formas, não só no âmbito da ajuda económica, mas também no da participação directa. Situações novas, conexas com o facto da mobilidade, exigem dos cristãos um autêntico espírito missionário. Recordo algumas, a título de exemplo. (...) O conhecimento direto da vida missionária e das novas comunidades cristãs também pode enriquecer e revigorar a fé. Não posso deixar de louvar as visitas às missões, em particular as dos jovens que vão trabalhar e fazer uma experiência forte de vida cristã. (...) A cooperação missionária está também ao alcance e empenha os responsáveis da política, da economia, da cultura, do jornalismo, bem como os peritos dos vários organismos internacionais. No mundo atual, é cada vez mais difícil traçar linhas de demarcação geográfica ou cultural: há uma interdependência crescente entre os povos, o que representa um estímulo para o testemunho cristão e para a evangelização. [RM 82]

No capítulo das novas formas de cooperação missionária, abre-se um desafio colocado ao futuro da Igreja. A *Redentoris Missio* inicia-se com a constatação grave de que a "missão específica *ad gentes* parece estar numa fase de afrouxamento (...). Dificuldades internas e externas enfraqueceram o dinamismo missionário da Igreja ao serviço dos não-cristãos: isto é um fato que deve preocupar todos os que creem em Cristo" [RM 2] (João Paulo II, 1990).

Se, por um lado, há uma crescente consciência da Igreja local e de que a missão compete a todos os cristãos, dioceses e paróquias; por outro, o que foi denominado de "nova primavera" do cristianismo vive uma tendência negativa, por isso o Papa convida a uma "nova evangelização", face a um conjunto de novas oportunidades para a missão como: um crescente número de pessoas que desconhece Cristo; a queda das ideologias e sistemas políticos opressivos; um mundo mais unido, graças ao desenvolvimento das comunicações; a afirmação de um conjunto de valores preconizados pela Igreja como a

paz, a justiça, a fraternidade, a dedicação aos mais frágeis [cf. RM 3]. É este conjunto de situações que a *Redentoris Missio* pretende ajudar a superar (João Paulo II, 1990).

O Papa João Paulo II marcou a história como um dos mais longos pontificados da história da Igreja (1978 - 2005) mas sobretudo pelo seu governo da Igreja num período delicado e num tempo particularmente significativo, decisivo e único. Herdou as esperanças e as incertezas do pós-Concílio Vaticano II, protagonizou a renovação e quase que se poderia classificar de revolução eclesial, num tempo de profunda transformação social e política – o desmembramento das ideologias e da antiga ordem mundial – e do nascimento de uma sociedade caracterizada pela globalização (*L'Osservatore Romano*, 2014).

e) Papa Bento XVI, o seu sucessor, foi o experiente teólogo, Joseph Ratzinger, que participou no Concílio Vaticano II, como "perito" e integrou o grupo de redatores finais do decreto conciliar *Ad Gentes*, já referido neste ponto. E dada a sua nomeação, pelo Papa João Paulo II, como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé e Presidente da Pontifícia Comissão Bíblica e da Comissão Teológica Internacional, teve participação em alguns dos documentos do pontificado do Papa João Paulo II, com uma fortíssima componente missionária (*Libreria Editrice Vaticana*, 2005).

Durante o seu curto pontificado (2005-2013, tendo sido dos poucos Papas da história da Igreja Católica a renunciar ao Pontificado) de entre as três cartas encíclicas que publicou, na terceira, "*Caritas in Veritate*" (CV) (A caridade na verdade), sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade, publicada em 2009, propõe uma nova ordem política e financeira internacional, para gerir a globalização e superar a crise em que o mundo se encontra. Bento XVI (2009) dedica alguns pontos à cooperação internacional e ao desenvolvimento, nomeadamente o último parágrafo do ponto 47 em que refere a importância de uma cooperação internacional que tenha em consideração o desenvolvimento integral das pessoas (Bento XVI, 2009; Rodrigues, 2011).

> A *cooperação internacional* precisa de pessoas que partilhem o processo de desenvolvimento económico e humano, através da solidariedade feita de presença, acompanhamento, formação e respeito. Sob este ponto de vista, os próprios organismos internacionais deveriam interrogar-se sobre a real eficácia das suas estruturas burocráticas e administrativas, frequentemente muito dispendiosas. Às vezes sucede que o destinatário das ajudas seja utilizado em função de quem o ajuda e que os pobres sirvam para manter de pé dispendiosas organizações burocráticas que reservam para a sua própria conservação percentagens demasiado elevadas dos recursos que, ao invés, deveriam ser aplicados no desenvolvimento. Nesta perspectiva, seria desejável que

> todos os organismos internacionais e as organizações não-governamentais se comprometessem a uma plena transparência, informando os doadores e a opinião pública acerca da percentagem de fundos recebidos destinada aos programas de cooperação, acerca do verdadeiro conteúdo de tais programas e, por último, acerca da configuração das despesas da própria instituição. [CV 47]

No primeiro parágrafo do ponto 59, Bento XVI (2009) é claro ao dizer que a cooperação para o desenvolvimento não se deve limitar à dimensão económica, reformando a importância da dimensão humana, com respeito pela dimensão cultural (Bento XVI, 2009; Rodrigues 2011).

> A *cooperação no desenvolvimento* não deve limitar-se apenas à dimensão económica, mas há-de tornar-se uma grande ocasião de encontro cultural e humano. Se os sujeitos da cooperação dos países economicamente desenvolvidos não têm em conta — como às vezes sucede — a identidade cultural, própria e alheia, feita de valores humanos, não podem instaurar algum diálogo profundo com os cidadãos dos países pobres. Se estes, por sua vez, se abrem indiferentemente e sem discernimento a qualquer proposta cultural, ficam sem condições para assumir a responsabilidade do seu autêntico desenvolvimento. As sociedades tecnologicamente avançadas não devem confundir o próprio desenvolvimento tecnológico com uma suposta superioridade cultural, mas hão-de descobrir em si próprias virtudes, por vezes esquecidas, que as fizeram florescer ao longo da história. As sociedades em crescimento devem permanecer fiéis a tudo o que há de verdadeiramente humano nas suas tradições, evitando de lhes sobrepor automaticamente os mecanismos da civilização tecnológica globalizada. Existem, em todas as culturas, singulares e variadas convergências éticas, expressão de uma mesma natureza humana querida pelo Criador e que a sabedoria ética da humanidade chama lei natural. [CV 59]

No primeiro parágrafo do ponto 61, Bento XVI (2009) apela a uma formação integral da pessoa, a fim de chegar à sua realização humana:

> Uma solidariedade mais ampla a nível internacional exprime-se, antes de mais nada, continuando a promover, mesmo em condições de crise económica, maior acesso à educação, já que esta é condição essencial para a eficácia da própria cooperação internacional. Com o termo «educação», não se pretende referir apenas à instrução escolar ou à formação para o trabalho – ambas, causas importantes de desenvolvimento – mas à formação completa da pessoa. A este propósito, deve-se sublinhar um aspecto do problema: para educar, é preciso saber quem é a pessoa humana, conhecer a sua natureza. A progressiva difusão de uma visão relativista desta coloca sérios problemas à educação, sobretudo à educação moral, prejudicando a sua extensão a nível universal. Cedendo a tal relativismo, ficam todos mais pobres, com consequências negativas também sobre a eficácia da ajuda às populações mais carecidas, que não têm necessidade apenas de meios económicos ou técnicos, mas também de métodos e meios pedagógicos que ajudem as pessoas a chegar à sua plena realização humana. [CV 61]

Bento XVI como que responde pela legitimidade da intervenção da Igreja nas problemáticas do desenvolvimento, afirmando que na sua origem e na essência, a humanidade é uma vocação, um chamamento a desenvolver-se, pois o desenvolvimento não toca apenas aspetos técnicos da vida do ser humano, mas o sentido do seu caminhar na história, com "o outro", o que equivale a reconhecer-se como uma vocação, um apelo transcendente (Bento XVI, 2009).

f) Papa Francisco sucede ao pontificado de Bento XVI, que inicia a sua missão em 2013, afirmando que veio do fim do mundo, podendo interpretar-se uma indicação programática, a par da escolha do nome Francisco. O seu magistério ficou marcado, no seu início, pela escolha do tema da sua segunda encíclica *Laudato Si* (LS) (Louvado Sejas), publicada em 2015, onde reflete as problemáticas associadas à degradação do meio ambiente, com um apelo à ação contra o aquecimento global, dirigindo-se não apenas aos cristãos, mas "a cada pessoa que habita neste planeta" [LS 3], e invoca a "solidariedade universal" para "unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral" [LS 13]. A encíclica que alarga o horizonte da atual ecologia à espiritualidade de S. Francisco de Assis (Séc. XIII), afirmando que são "inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenhamento na sociedade e a paz interior", referindo ainda a necessidade de "eliminar as causas estruturais das disfunções da economia mundial e corrigir os modelos de crescimento que parecem incapazes de garantir o respeito do meio ambiente" [LS 6] (Francisco, 2015).
Os apelos do Papa recorrem a imagens dramáticas referindo que "A terra, nossa casa, parece transformar-se cada vez mais num imenso depósito de lixo." [LS 21], e que "Os impactos mais sérios recairão, nas próximas décadas, sobre os países em vias de desenvolvimento" [LS 25]. Refere de seguida que a questão do esgotamento dos recursos naturais e na "impossibilidade de sustentar o nível atual de consumo dos países mais desenvolvidos" e acrescenta: "a pobreza da água pública verifica-se especialmente na África, onde grandes sectores da população não têm acesso a água potável segura, ou sofrem secas que tornam difícil a produção de alimento. Nalguns países, há regiões com abundância de água, enquanto outras sofrem de grave escassez" [LS 28] (Francisco, 2015). Alertando para o perigo de alguma tendência para se privatizar a água, o que a

transformaria em mercadoria sujeita às leis do mercado, este que é um direito fundamental, o acesso à água potável e segura (Francisco, 2015).

Como alternativas, o Papa alerta para a necessidade de uma educação e espiritualidade ecológicas que potenciem o reajustar dos rumos, a mudança, a tomada de consciência duma origem comum e duma recíproca pertença, à "Casa Comum" (Francisco, 2015).

A *Evangelii Gaudium* (EG) (Alegria do Evangelho) é a primeira Exortação Apostólica pós-Sinodal do Papa Francisco, publicada no ano de 2013, após o Sínodo dos Bispos sobre: "A Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã". O documento trata principalmente das questões da evangelização. O Papa fala de uma Igreja em dinamismo de «saída»: "Cada cristão e cada comunidade há-de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho." [EG 20] (Francisco, 2013).

A expressão "Igreja em dinamismo de «saída»" e o alcance de "todas as periferias" serão expressões que marcarão o Pontificado do Papa Francisco e constituem, atualmente, as linhas de ação mais relevantes do seu pontificado. Num documento em que convida a "uma nova etapa evangelizadora" marcada pela alegria, e propõe-se "indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos" (Francisco, 2015).

O Papa refere que no percurso atual da Igreja, na sua missão de evangelização, a maior ameaça torna-se o "pragmatismo cinzento da vida quotidiana da Igreja, no qual aparentemente tudo procede dentro da normalidade, mas na realidade a fé vai-se deteriorando" [EG 83]. O "pessimismo estéril" [EG 84] deve ser evitado. O cristão tem como missão ser sinal de esperança [EG 86], através da "revolução da ternura" [EG 88] (Francisco, 2015).

O Papa Francisco identifica duas grandes questões que sublinha serem fundamentais no momento atual e que desenvolve amplamente, uma vez que considera que irão determinar o futuro da humanidade. A primeira é a inclusão social dos pobres; e a segunda, a questão da paz e do diálogo social [cf. EG 185] (Francisco, 2015).

É missão de cada cristão e de cada comunidade, a atenção ao sofrimento dos mais frágeis, atenção que se traduz na solidariedade, conceito reconhecido pelo Papa em estado de desgaste, mas à qual é conferida uma refundação:

> Embora um pouco desgastada e, por vezes, até mal interpretada, a palavra «solidariedade» significa muito mais do que alguns atos esporádicos de generosidade;

> supõe a criação duma nova mentalidade que pense em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns." [EG 188] A solidariedade é uma reação espontânea de quem reconhece a função social da propriedade e o destino universal dos bens como realidades anteriores à propriedade privada. A posse privada dos bens justifica-se para cuidar deles e aumentá-los de modo a servirem melhor o bem comum, pelo que a solidariedade deve ser vivida como a decisão de devolver ao pobre o que lhe corresponde. Estas convicções e práticas de solidariedade, quando se fazem carne, abrem caminho a outras transformações estruturais e tornam-nas possíveis. Uma mudança nas estruturas, sem se gerar novas convicções e atitudes, fará com que essas mesmas estruturas, mais cedo ou mais tarde, se tornem corruptas, pesadas e ineficazes. [EG 189]

A questão da paz e do diálogo social é referida por Francisco nos seguintes contornos: "uma paz que não surja como fruto do desenvolvimento integral de todos, não terá futuro e será sempre semente de novos conflitos e variadas formas de violência" [EG 219] (Francisco, 2015).

O texto realça ainda que a evangelização conduz a "um caminho de diálogo" no qual a Igreja deve marcar presença, "cumprindo um serviço a favor do pleno desenvolvimento do ser humano e procurando o bem comum" [EG 238] (Francisco, 2015).

Capítulo 2 – Enquadramento metodológico

Este capítulo apresenta a metodologia seguida neste estudo: os objetivos da pesquisa, a natureza qualitativa do mesmo e a opção metodológica pelo estudo de caso. Explicam-se as técnicas e os procedimentos de recolha de dados, nomeadamente a entrevista semiestruturada, a recolha documental e a observação participante, que dá origem às notas de campo. Explicam-se também as técnicas e os procedimentos de análise de dados, nomeadamente a análise de conteúdo e as categorias de análise definidas a partir das entrevistas realizadas. Também se realiza uma caracterização dos participantes entrevistados nesta pesquisa. Sendo este um estudo na área das ciências sociais e humanas, devem ser salvaguardadas as questões éticas que pautaram o processo do estudo. O capítulo termina com as limitações metodológicas do estudo.

De notar que se optou por posicionar este enquadramento metodológico antes da caracterização de Moçambique, da província de Cabo Delgado e do projeto Salama! pois nestes capítulos serão utilizados dados recolhidos através dos meios descritos no presente capítulo metodológico.

2.1. Objetivos do estudo

Conforme já foi referido na introdução, este estudo tem como ***objetivo geral*** compreender de que forma é que a cooperação missionária pode contribuir para o desenvolvimento, através do projeto Salama!.

Assim sendo, o ***objeto do estudo*** é o projeto *Salama! Cooperação Missionária Braga-Pemba*.

Foram definidos como ***objetivos específicos*** deste estudo:

- Relacionar de que forma é que a cooperação missionária do Salama! pode contribuir para o desenvolvimento na diocese de Pemba, em Moçambique.
- Compreender de que forma é que a arquidiocese de Braga se apropria da cooperação missionária do Salama!.

Com este estudo não se pretende fazer uma avaliação do projeto Salama!, até porque este projeto é demasiado recente para o fazer, mas compreender as perceções de alguns dos

atores-chave envolvidos sobre a forma como este projeto foi pensado, a forma como ele está a ser implementado e o que poderá ser melhorado no futuro.

2.2. Abordagem qualitativa

Neste estudo opta-se por uma abordagem qualitativa e, consequentemente interpretativa, em oposição ao paradigma quantitativo e positivista (Bogdan & Biklen, 1996; Cohen, Manion & Morrison, 2009). Carmo & Ferreira (1998: 177) referem que "o paradigma qualitativo postula uma conceção global fenomenológica, indutiva, estruturalista, subjetiva e orientada para o processo", sendo fundamental para a investigação recorrendo ao estudo de caso (Amado & Freire, 2013; Carmo & Ferreira, 1998).

Bogdan & Biklen (1996), assim como Carmo & Ferreira (1998) explicitam algumas das características dos métodos qualitativos, como o facto de ser *indutiva*, com a compreensão dos fenómenos a partir da inter-relação dos dados; *holística*, ou seja, que tem em conta a realidade global, com a vária informação recolhida como parte de um todo, incluindo o passado e o presente; e *naturalista*, em que investigador e sujeitos da investigação interagem de uma forma natural, a fim de compreenderem o sujeito do estudo, mas sem minimizar ou controlar os efeitos nos sujeitos da investigação. O investigador é "sensível ao contexto", compreendendo que os dados recolhidos só fazem sentido dentro do contexto; que estes dados têm um "significado" de grande importância, que só pode ser compreendido a partir da perspetiva dos sujeitos da investigação, sendo que o investigador deve deixar de parte as suas próprias perspetivas, expectativas e convicções. Estes métodos são também "humanísticos", dando importância ao sujeito como pessoa e experimentando o que este experiencia na sua vida do dia-a-dia.

Assim, o processo de investigação torna-se mais relevante do que os próprios resultados, sendo uma investigação descritiva (Bogdan & Biklen,1996; Carmo & Ferreira, 1998; Morgado, 2012; Amado, 2013).

Para a realização de investigação qualitativa, as técnicas mais utilizadas são a observação participante, a entrevista em profundidade e a análise documental (Bogdan & Biklen, 1996; Carmo & Ferreira, 1998).

2.3. Estudo de caso

Esta investigação assume a forma de um estudo de caso, ou seja, "é uma estratégia investigativa através da qual se procuram analisar, descrever e compreender determinados casos particulares (de indivíduos, grupos ou situações), podendo posteriormente encetar comparações com outros casos e formular determinadas generalizações" (Morgado, 2012: 56-57), embora "o verdadeiro sentido do estudo de caso é a particularização e não a generalização" (Stake, 2007: 24).

Para Yin (2001), o estudo de caso é experimental, separando o fenómeno do contexto; histórico, pois permite estudar acontecimentos passados; e descritivo, em que o estudo do contexto é muito limitado. O mesmo autor refere que o estudo de caso é uma estratégia privilegiada quando se quer saber o "como" e o "porquê", não podendo o investigador exercer controlo sobre os acontecimentos, focando-se o estudo na investigação de um fenómeno atual dentro de um contexto específico.

Sobre a escolha do caso, considera-se este um estudo *instrumental*, pois escolheu-se este caso entre outros, a fim de o compreender e conhecer mais profundamente (Stake, 2007). A escolha dos casos deve ir ao encontro dos critérios definidos por Stake (2007: 20) quando se está perante um estudo instrumental: primeiro, "maximizar o que podemos aprender" no sentido de compreender e promover a mudança com conhecimentos generalizados e segundo, que tem a ver com a duração e o tempo do estudo, o acesso do investigador ao contexto e o acolhimento do estudo pelas instituições em causa. Há ainda um terceiro critério que, segundo Stake (2007), deve orientar um estudo de caso: o investigador constrói o conhecimento, não o descobre.

Uma das dificuldades do investigador quando faz um estudo de caso é a delimitação clara e exata das suas fronteiras. Porém, o caso caracteriza-se pela sua demarcação natural ou integridade fenomenológica, ou seja, uma estabilidade interna, e esta deve ser reconhecida como tal pelos membros que a constituem (Amado & Freire, 2013).

Por fim, apresentam-se cinco características para um bom estudo de caso: ser relevante, ser completo, considerar perspetivas alternativas de explicação, evidenciar uma recolha de dados adequada e suficiente e ser apresentado de uma forma que interesse ao leitor (Carmo & Ferreira, 1998; Yin, 2001)

Neste estudo considera-se como caso o projeto *Salama! Cooperação Missionária Braga-Pemba*.

2.4. Técnicas e procedimentos de recolha de dados

A recolha de dados começou numa missão de diagnóstico à província de Cabo Delgado, em Moçambique, realizada em março de 2015, em que o investigador participou, precisamente, na recolha de dados para o diagnóstico e a comunicação do projeto. Nesta missão, para além da visita à paróquia de Santa Cecília de Ocua, visitou-se as várias valências da diocese de Pemba, quer na cidade de Pemba, capital da província, quer nas várias paróquias da extensa diocese (cf. capítulo 4 deste estudo).

Porém, estando nessa altura este projeto em fase de diagnóstico, a recolha das entrevistas só foi possível três anos depois, entre janeiro e março de 2018, quando já se tinha sido completado um ano de permanência da primeira equipa missionária na paróquia de Santa Cecília de Ocua (agosto 2016 a junho 2017), constituída por um sacerdote e dois leigos missionários (uma mulher e um homem) e estava, no mesmo contexto, a segunda equipa missionária desde agosto 2018, constituída igualmente por três pessoas, um sacerdote e dois leigos missionários (uma mulher e um homem), mas todas diferentes do ano anterior.

2.4.1. Entrevistas semiestruturadas

As entrevistas semiestruturadas são muito frequentes quando se recorre ao estudo de caso, visto que permitem alguma assertividade e autonomia para a expressão das ideias do entrevistado (Morgado, 2012).

Este tipo de entrevista é um dos principais instrumentos de recolha de dados de natureza qualitativa, muito utilizada na investigação em ciências sociais, por não ser totalmente aberta nem demasiado direcionada, através de perguntas focadas (Bogdan & Biklen, 1996; Morgado, 2012; Amado & Ferreira, 2013).

O investigador apresenta um guião de entrevista para orientar a seleção da informação que pretende recolher, mas não precisa de fazer todas as perguntas que preparou nem de seguir a ordem pela qual as elaborou, dando uma grande liberdade de resposta ao entrevistado (Morgado, 2012; Amado & Ferreira, 2013).

A entrevista semiestruturada permite ao investigador clarificar temas ou perguntas, para estender, elaborar, adicionar, fornecer detalhes, abordando, assim, a riqueza e a profundidade da resposta, a abrangência e a honestidade que são algumas das características de uma entrevista bem-sucedida (Cohen, Manion & Morrison, 2009).

Carmo & Ferreira (1998) referem três problemas que podem surgir durante a entrevista: a influência do entrevistador no entrevistado, caso estes possuam um estatuto diferente, o entrevistado pode inibir-se na comunicação, levando a que o entrevistado responda de acordo com aquilo que o entrevistador espera; as diferenças que existem entre os dois (de género, de idade, sociais, culturais), como por exemplo, questões que são extremamente claras para o entrevistador, uma vez que fazem parte da sua cultura, mas que não fazem parte do campo de conhecimentos do entrevistado e a sobreposição de canais de comunicação.

Realizaram-se oito entrevistas semiestruturadas: ao bispo de Pemba, à coordenadora do projeto Salama! e aos seis elementos das duas equipas missionárias já referidas, sendo que destes, dois são padres e os restantes quatro são leigos voluntários missionários.

Os guiões das entrevistas (cf. Apêndice 1) foram elaborados de acordo com o modelo apresentado por Estrela (1994) que explicita: tema, objetivos gerais, objetivos específicos, introdutores, blocos temáticos e dentro de cada bloco temático, o guião de questões a colocar. As questões são representações prévias do que se pretende atingir na recolha de dados, de forma a obter o máximo de informação (Amado & Ferreira, 2013).

Existe um bloco temático 0 com os dados do entrevistado. O primeiro bloco temático inclui as expectativas do entrevistado relativamente ao projeto Salama!, O segundo bloco temático refere-se ao trabalho realizado durante a missão. O terceiro bloco temático pretende recolher informações e opiniões sobre a cooperação missionária para o desenvolvimento. O quarto bloco temático explora o futuro do referido projeto e o quinto bloco temático a conclusão.

Apresenta-se a identificação das oito entrevistas realizadas neste estudo no quadro 1.

Quadro 1: Identificação dos entrevistados: instituição a que pertence, posição na instituição e data da entrevista.

Instituição	**Posição**	**Data da entrevista**
Diocese de Pemba	Bispo	09 janeiro 2018
Arquidiocese de Braga	Coordenadora	19 fevereiro 2018
Arquidiocese de Braga	Padre 1	20 janeiro 2018
Arquidiocese de Braga	Voluntário 1	27 janeiro 2018
Arquidiocese de Braga	Voluntário 2	21 janeiro 2018
Arquidiocese de Braga	Padre 2	07 fevereiro 2018
Arquidiocese de Braga	Voluntário 3	20 janeiro 2018
Arquidiocese de Braga	Voluntário 4	09 fevereiro 2018

As entrevistas foram posteriormente transcritas (Apêndice 2), sendo que a transcrição e os excertos dos discursos dos entrevistados incluídos na análise dos dados foram posteriormente submetidos a uma correção morfossintática.

2.4.2. Recolha de documentos

A utilização de documentos nos estudos de caso é muito importante para fortalecer e valorizar as evidências de outras fontes, assim como fazer inferências (Yin, 2001).

Existem vários locais de recolha de documentos, desde arquivos, a bibliotecas, enciclopédias e documentos em suporte digital (Carmo & Ferreira, 1998).

Existem também vários tipos de documentos: documentos oficiais, que inclui legislação, relatórios públicos, mas também documentos não publicados, como é o caso de alguns dos documentos utilizados neste estudo. As estatísticas são também muito importantes para compreendermos as realidades de um país, de uma província ou de uma região, embora tenham limitações, pois podem não ter em conta os mesmos critérios de classificação, o que pode causar confusão e até induzir em erros quem as analisa, daí ser importante escolherem-se fontes credíveis e oficiais e analisar criticamente a forma como os indicadores foram concebidos e calculados (Carmo & Ferreira, 1998).

A recolha de documentos tem vantagens pois: é uma técnica estável de recolha de dados, que pode ser examinada várias vezes; discreta, não tendo sido criada como resultado do estudo de caso; exata, na medida em que contém nomes, referências e detalhes exatos e de ampla cobertura, ao longo do espaço e do tempo, de muitos acontecimentos e de muitos âmbitos diferentes (Yin, 2001).

Porém, a recolha de documentos também tem algumas desvantagens, nomeadamente: a capacidade de recolha dos documentos poder ser limitada, a seletividade ser tendenciosa, se a recolha não estiver completa; haver relato de perspetivas tendenciosas, que reflete as ideias preconcebidas do investigador e o acesso aos documentos pode ser deliberadamente evitado (Yin, 2001).

A recolha de dados foi realizada em várias etapas: a primeira etapa foi em março de 2015, aquando da visita à diocese de Pemba, com a recolha de toda a informação sobre a diocese de Pemba. Posteriormente, em 2016, recolheram-se documentos relativos ao projeto Salama!, Foram ainda recolhidos alguns documentos *on-line* (relatórios e estatísticas),

assim como através de informantes-chave, nomeadamente os documentos eclesiais relativos à Igreja de Moçambique.

2.4.3. Observação participante

Para a realização da observação, é necessário que o investigador defina alguns indicadores a observar, nomeadamente indicadores conceptuais, demográficos e económicos ou sociais, entre outros. Estes indicadores podem ser qualitativos, não menos importantes para retratar uma realidade social, revelar perceções de diferentes grupos sociais, planear ou avaliar intervenções com clareza e rigor. Porém, também não podem ser excessivamente abundantes, sob pena de o investigador ficar com excesso de investigação (Carmo & Ferreira, 1998).

A observação participante pode assumir um papel de ferramenta exploratória ou de técnica principal, ou ainda de instrumento auxiliar de pesquisas (Carmo & Ferreira, 1998). Nesta investigação, a observação participante foi utilizada como ferramenta exploratória e como instrumento auxiliar para a seleção da técnica principal de recolha de dados: as entrevistas.

Neste estudo realizou-se observação participante propriamente dita (Carmo & Ferreira, 1998), visto que esta foi realizada na missão de diagnóstico, em que os participantes nas várias reuniões, encontros e visitas tinham informação e conhecimento de que os dados seriam tratados e analisados e o investigador assumiu esse mesmo papel.

2.4.3.1. Notas de campo

A observação dá origem às notas de campo, que podem ser recolhidas através de bloco de notas, diário de campo ou gravações em áudio ou em vídeo (Carmo & Ferreira, 1998). Neste estudo recorreu-se às três formas de recolha de notas de campo, nas várias fases da recolha: na missão ao contexto, recorreu-se ao diário de campo e às gravações áudio e vídeo de encontros e reuniões. Na fase da elaboração das entrevistas, sempre que possível, recorreu-se ao bloco de notas para realçar alguns dados de análise, assim como a gravações áudio.

2.5. Técnicas e procedimentos de análise de dados

A análise de dados é uma etapa fundamental da investigação e é o processo pelo qual o investigador faz interpretações, com base em todos os dados que recolheu e de forma a encontrar respostas que vão no sentido dos objetivos da investigação, organizando e classificando o material recolhido (Cohen, Manion & Morrison, 2009; Morgado, 2012).

A técnica utilizada para a análise das entrevistas e dos documentos é a **análise de conteúdo**, expressão onde "pretende identificar-se um conjunto de técnicas de análise utilizadas para examinar e efetuar inferências sobre o significado da informação previamente recolhida" (Morgado, 2012: 102).

O objetivo principal da análise de conteúdo é a realização de inferências:

> Se a *descrição* (a enumeração das características do texto, resumida após tratamento) é a primeira etapa necessária e se a *interpretação* (a significação concedida a estas características) é a última fase, a *inferência* é o procedimento intermediário, que vem permitir a passagem, explícita e controlada, de uma à outra. (Bardin, 1977: 39)

A análise de conteúdo implica algumas etapas: definição de objetivos e do quadro de referência teórico para orientar o processo de análise; constituição do conjunto de documentos que serão objeto de análise; definição de categorias de análise, com a finalidade de classificar e reduzir os dados, depois de serem identificados como pertinentes, com a finalidade de reconfigurar e simplificar a informação e definir unidades de análise, em que se atribui a uma unidade de registo uma determinada categoria (Morgado, 2012; Amado, Costa & Crusoé, 2013).

Na opinião de Esteves (2006: 113), deve fazer-se uma leitura flutuante do material a analisar, ou de parte deste, de modo a que "o investigador se deixe impregnar pela natureza dos discursos recolhidos e pelos sentidos gerais neles contidos a fim de começar a vislumbrar o sistema de categorias a usar para o tratamento."

Tendo por base o guião da entrevista e após uma *leitura flutuante* de todas as entrevistas, foram definidas as seguintes categorias e subcategorias de análise, apresentadas no quadro 2.

Quadro 2: Sistema de categorias para a análise das entrevistas.

Categorias	Subcategorias
1. Expetativas	1.1. Expetativas projetadas
	1.2. Expetativas diferentes
	1.3. Expetativas ajustadas
2. Trabalho realizado	2.1. Trabalho pastoral 2.1.1. Catequese 2.1.2. Formação para a dignidade humana 2.1.3. Mulheres 2.1.4. Pastoral social 2.1.5. Promoção da rapariga 2.1.6. Saúde
	2.2. Projetos
	2.3. Trabalho adequado (adequação)
	2.4. Trabalho a melhorar
	2.5. Trabalho não realizado
	2.6. Cultura
	2.7. Educação
	2.8. Estruturas
3. Eficiência	
4. Eficácia	
5. Cooperação	5.1. Cooperação missionária
	5.2. Desenvolvimento
	5.3. Desenvolvimento Pemba
	5.4. Desenvolvimento Braga
	5.5. Comparativo Braga e Pemba
	5.6. Cooperação para o desenvolvimento
	5.7. Colonialismo
6. Futuro	6.1. Aspetos a modificar
	6.2. Atividades a continuar
	6.3. Atividades novas
7. Avaliação	7.1. Avaliação da cooperação para o desenvolvimento
	7.2. Avaliação do projeto Salama!
8. Diálogo com outras religiões	
9. Diocese de Pemba	9.1. Educação
	9.2. Juventude
	9.3. Mulher
	9.4. Recursos naturais

2.6. Caracterização dos participantes

Tal como já foi referido anteriormente, foram realizadas oito entrevistas. O quadro 3 apresenta uma síntese da caracterização dos entrevistados.

Quadro 3: Caracterização dos entrevistados: género (G), ano de nascimento (AN), naturalidade, área de formação académica (AFA).

Entrevistados	G	AN	Naturalidade	AFA
Bispo	M	1955	Brasil Rio de Janeiro	Teologia
Coordenadora	F	1979	V. N. Famalicão	Educação
Padre 1	M	1978	V. N. Famalicão	Teologia
Voluntário 1	F	1989	Braga	Enfermagem
Voluntário 2	M	1985	Guimarães	Arquitetura
Padre 2	M	1980	Cabeceiras de Basto	Teologia
Voluntário 3	F	1986	Braga	Arquitetura
Voluntário 4	M	1988	Braga	*Design*

Assim, dos oito entrevistados, três são do género feminino e cinco do género masculino. No que diz respeito ao ano de nascimento, este varia entre 1955 e 1989. Entre os leigos voluntários, o ano de nascimento varia entre 1985 e 1989.

Com a exceção do bispo de Pemba, que nasceu no Brasil, todos os restantes entrevistados são naturais do distrito e arquidiocese de Braga. Dentro do distrito de Braga, os entrevistados são oriundos de quatro concelhos diferentes, sendo que três são do concelho de Braga, dois do concelho de Vila Nova de Famalicão, um do concelho de Cabeceiras de Basto e um do concelho de Guimarães.

Relativamente à área de formação académica, as três pessoas que têm um ministério ordenado têm formação em teologia, com pós-graduação/mestrado em diferentes áreas. Entre os voluntários, dois são formados em arquitetura e um em *design* e um em enfermagem. Todos os entrevistados exercem profissões na sua área de formação, exceto os leigos missionários quando estiveram na paróquia de Ocua, em Moçambique, que não exerceram funções na sua área de formação.

Relativamente ao percurso religioso, os leigos missionários fizeram o percurso religioso convencional da maior parte das pessoas da arquidiocese de Braga, sendo que dois dos voluntários não realizam trabalho pastoral na sua paróquia.

Sobre o percurso de voluntariado, todos os entrevistados têm vasta experiência de voluntariado, mas não exclusivamente religioso. Um dos padres já tinha feito uma missão de dois anos precisamente na diocese de Pemba, em Moçambique e um dos leigos missionários já tinha realizado uma missão de voluntariado missionário de curta duração, de dois meses, na província da Lunda Norte, em Angola.

Todos os entrevistados têm estado civil solteiro, sendo que os voluntários missionários tinham, à data das suas missões, situação familiar flexível, sem compromissos financeiros que lhes permitiu fazer esta experiência de voluntariado.

Entre os entrevistados, atualmente três residem em Moçambique: o bispo de Pemba, que reside na cidade de Pemba, província de Cabo Delgado, em Moçambique, um dos padres que ficou mais um ano ao serviço do Salama! e um dos voluntários missionários que, terminando o seu ano de voluntariado ao serviço do Salama! ficou a trabalhar com uma ONGD portuguesa em Moçambique. Os restantes entrevistados estão a residir em Portugal, nas suas cidades natal.

Todos os entrevistados que integraram as equipas missionárias fizeram, pelo menos, um ano de formação específica para este projeto, sendo a coordenadora a responsável por gerir esta formação. Após essa formação, seguiu-se um processo de seleção.

As motivações dos voluntários para integrar o Salama! são diversas: um chamamento para a evangelização em contexto *ad gentes*, um comprometimento com a paróquia extraterritorial da arquidiocese de Braga, desafio de conhecer e viver numa cultura diferentes, a vontade de realizar voluntariado internacional, um sonho de infância.

2.7. Questões de natureza ética

Neste estudo são consideradas questões de natureza ética, fundamentais aos processos de investigação em ciências sociais, tendo em conta os princípios apresentados por diversos autores (Cohen, Manion & Morrison, 2009; BERA, 2011; Brydon, 2006): compromisso de respeito pelas pessoas, pelo conhecimento, pelos valores democráticos, pela justiça e equidade; pela qualidade da investigação em educação; e pela liberdade académica. Destaca-se, ainda, o consentimento informado dos entrevistados, a fim de manter o anonimato e a confidencialidade dos dados recolhidos, e não condicionar futuras investigações, deixando espaço para que todos os procedimentos possam ser verificados e realizados por outros investigadores, mantendo sempre a integridade e a autonomia e não fazendo apenas seleção dos dados que são convenientes ao estudo. Estes fatores têm particular importância neste estudo, e foram considerados nas várias fases da investigação a fim de não se introduzirem dados resultantes da participação do investigador na equipa de gestão e de formação do projeto Salama!.

2. Enquadramento metodológico

Em relação ao consentimento informado dos entrevistados, é de referir que este foi solicitado, oralmente, a todos os entrevistados, assim como a autorização para proceder à gravação áudio dos discursos; e foram referidas todas as informações importantes sobre a sua participação na investigação. De notar que os entrevistados com cargos facilmente identificáveis, aquando do consentimento informado, estavam cientes que poderiam ser identificadas pela especificidade dos seus cargos.
No decorrer da investigação foi ainda considerada a utilização de um código alfanumérico para a identificação dos entrevistados.

2.8. Limitações metodológicas do estudo

Identificam-se algumas limitações metodológicas deste estudo:

- Seria interessante e importante entrevistar os destinatários finais do projeto, porém, houve a impossibilidade por parte do investigador de viajar para o contexto, por um período de tempo que permitisse a realização destas entrevistas;
- Ainda relacionado com o ponto anterior, a maior parte dos destinatários finais do projeto não têm o português como língua materna, mas sim o macua, o que dificulta a compreensão e expressão naquela língua;
- Dificuldade de acesso a documentos internos sobre Moçambique e sobre a província de Cabo Delgado e diocese de Pemba, assim como o acesso a dados estatísticos.

Em síntese, investigar em contextos de cooperação para o desenvolvimento implica que haja mais flexibilidade e que se compreenda que o acesso às pessoas e aos documentos não depende apenas do investigador, mas que é dificultado por uma série de constrangimentos não controláveis.

Capítulo 3 – Caracterização de Moçambique e da Província de Cabo Delgado

A República de Moçambique constituiu-se num Estado independente democrático de direito após o conflito armado com o Estado Português, no qual conquistou a independência do território a 25 de junho de 1975 (Portal do Governo de Moçambique, 2015a).

3.1. Geografia

O país situa-se, geograficamente, na costa oriental da África Austral e tem como limites: a norte, a Tanzânia; o Malawi e a Zâmbia, a noroeste; a oeste, o Zimbabwe, a África do Sul e a Suazilândia; a sul, a África do Sul; e a leste, a fração do Oceano Índico designada por Canal de Moçambique. Maputo é a capital de Moçambique, cidade que foi designada por Lourenço Marques durante o período do domínio colonial português (Portal do Governo de Moçambique, 2015b; Banco Mundial Moçambique, 2018).

A organização do território é delineada pelas seguintes 11 províncias: Niassa, Cabo Delgado, Nampula, Zambézia, Tete, Manica, Sofala, Inhambane, Gaza, Maputo (província), Maputo (cidade) (por ordem geográfica, de norte para sul), províncias que por sua vez se subdividem em distritos (Portal do Governo de Moçambique, 2015b) (figura 1).

Figura 1: Mapa de Moçambique.
(Fonte: MISAU, INE & ICFI, 2013).

3.2. Demografia

As Províncias mais populosas de Moçambique são: Zambézia, Nampula, Tete, Maputo e Cabo Delgado, num total geral de 28,9 milhões de habitantes em todo o país, com uma prevalência de cerca de dois terços da população a viver em zonas rurais, segundo os recentes dados dos Censos de 2017 (INE, 2017).

A taxa média de fertilidade em Moçambique é estimada em 5,1 nascidos vivos por mulher, taxa que se situa entre as mais altas do mundo. Desta taxa resulta que mais de 45% da população tem entre 0 e 14 anos, dados provisórios disponibilizados pelo relatório da UNESCO, em Moçambique, relativos a 2017 (UNESCO, 2017).

A população moçambicana caracteriza-se por um notável crescimento demográfico, num quadro de modelo de nupcialidade precoce, com consequências diretas na alta taxa de fecundidade, levando, por outro lado, a questões de âmbito social, como a proteção das meninas, o abandono precoce feminino do sistema de ensino, entre outras problemáticas, situação que resulta, como já foi referido, numa estrutura populacional bastante jovem, representada numa pirâmide de idades em que a base é larga, devido à elevada natalidade e topo estreito, em consequência de uma elevada mortalidade e esperança média de vida reduzida. Estas características são comuns a populações muito jovens, típicas dos países em desenvolvimento, como é o exemplo de Moçambique (Cardoso, 2007).

3.3. História

Do ponto de vista histórico, os primeiros navegadores portugueses chegaram a Moçambique em 1498, comandados pelo navegador Vasco da Gama. Estes procuraram introduzir-se no meio comercial ligado às atividades do comércio marítimo, a par da tentativa de dominação administrativa do território, que se processou de forma lenta (Capela, 2010).

A primeira tentativa de cristianização dos povos do sul do território ocorreu com o jesuíta Gonçalo da Silveira que acabou por ser morto numa das ações de evangelização, em 1561 (Capela, 2010).

Ao longo dos séculos, foram-se registando algumas reações à dominação portuguesa do território, até que entre os anos 50 e 60 do século XX, se formou a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), fundada no exílio, em 1964, que reunia um coletivo de forças e de ideologias de vários grupos e movimentos nacionalistas que defendiam a

independência de Moçambique em relação ao domínio colonial português (Capela, 2010), iniciando, desta forma, a luta armada de libertação nacional, que veio a culminar, 10 anos depois, com a revolução em Portugal do 25 abril de 1974[4]. Por outro lado, também se formou a RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana), fundada em 1975, após a independência, e que veio a constituir-se como o segundo maior partido político de Moçambique, a seguir à FRELIMO (Portal do Governo de Moçambique, 2015a).

As divergências entre estes dois partidos políticos, no período após a independência, despoletaram num conflito armado, em 1976, que permaneceu durante cerca de 16 anos, resultando num número elevado de mortos (cerca de um milhão) e na deslocação de populações de várias regiões, assim como na destruição de parte significativa da economia do país. Após um longo período de negociações, mediado pela comunidade católica de Santo Egídio, foram assinados os Acordos de Paz de Roma a 4 de outubro de 1992, entre a FRELIMO e a RENAMO. Com estes acordos de paz constitui-se um quadro jurídico favorável ao multipartidarismo, que se concretizou na realização das primeiras eleições gerais, em 1994, onde foram eleitos o Presidente da República e a Assembleia da República, Joaquim Chissano, líder da FRELIMO e a FRELIMO respetivamente, com vitórias bastante expressivas. Este mesmo triunfo repetiu-se em 1999 (Portal do Governo de Moçambique, 2015a).

Nas duas décadas em que vigorou a paz, estabelecida pelos acordos de Roma, o país alcançou progressos assinaláveis na construção e na consolidação de um sistema democrático multipartidário, embora caracterizado por um regime de partido dominante, fortalecendo as suas instituições e criando espaços e oportunidades para a participação política do cidadão nos diferentes níveis. No entanto, 25 anos depois dos Acordos de Roma e de ser considerado um exemplo de sucesso na transição pós-conflito, Moçambique enfrenta ainda grandes desafios relacionados com a estabilidade política (Portal do Governo de Moçambique, 2015a).

O ressurgimento do conflito armado volta a ser uma apreensão, a nível nacional e internacional, com o aumento da tensão político-militar que se instalou entre o Governo e a RENAMO em meados de 2013 e mais recentemente, em 2017, com o aparecimento

[4] Com a aprovação da lei 7/74 o Estado Português assumia o direito dos povos à autodeterminação estabelecido na Carta das Nações Unidas.

de grupos armados de alegados muçulmanos radicais que no norte do país, na região de Cabo Delgado, protagonizam atos recorrentes de violência (Meneses, 2018).

3.4. Sistema social

De acordo com o *Suplemento do Relatório sobre o Estado da População Mundial* (UNFPA, 2017) sobre Moçambique, o país demonstra resultados de crescimento económico significativos e uma taxa de redução da pobreza em decréscimo, nos últimos 20 anos. No entanto, 46% da população vive em situação de pobreza. O *Relatório do Desenvolvimento Humano* (PNUD, 2016) classificou Moçambique entre os países com IDH mais baixos (181 de 188 países) (UNFPA, 2017). As mulheres e as raparigas são as mais expostas a situações de desigualdade de acesso a serviços básicos, de saúde, de educação e sociais. Cerca de 50% das adolescentes são mães ou contraem matrimónio muito precocemente, antes dos 18 anos de idade, o que reduz as oportunidades, não só das referidas mulheres e adolescentes, como futuramente dos filhos (Cardoso, 2007). O mesmo relatório refere a necessidade da garantia de orçamentos nacionais que reconheçam as necessidades das mulheres e das jovens, em particular, das meninas e das adolescentes, assim como de políticas que promovam o fim dos obstáculos à igualdade de participação e medidas legais que garantam uma sociedade inclusiva e sustentável e, no mesmo sentido, o reconhecimento dos direitos das mulheres, raparigas e jovens a tomarem as suas próprias decisões, quer a um nível geral, quer ao nível mais particular, como as mulheres fazerem as suas escolhas sobre a sua saúde sexual e reprodutiva, as gravidezes precoces e não desejadas, a incapacidade de planear nascimentos, e a falta de acesso a instalações de saúde seguras e adequadas para as mulheres, são aspetos que afetam profundamente a vida das mulheres. Sem esta capacidade, muitas mulheres estarão presas a um círculo vicioso onde o seu potencial não é realizado (PNUD, 2016; UNFPA, 2017).

Moçambique enfrenta ainda grandes desafios relacionados com a frágil rede de prestação de serviços sociais básicos em várias áreas, como a segurança alimentar, a subnutrição crónica, a baixa qualidade de educação, assim como a insuficiência de serviços de saúde, a alta prevalência do HIV-SIDA em que os dados indicam que cerca de um em cada oito adultos tem HIV/SIDA, e estas taxas de infeção são maiores nas mulheres (14,2%) do que nos homens (10,2%), por exemplo (UNESCO, 2017).

Paralelamente, e apesar dos progressos nas questões de género, as desigualdades continuam elevadas, uma vez que as mulheres não têm acesso aos recursos e aos lugares de tomada de decisão, o que as impede de melhorar a sua condição socioeconómica (UNESCO, 2017).

O país apresenta uma grande diversidade cultural e linguística, enraizadas nas suas diversas etnias e distribuídas pelas três regiões: norte, centro e sul. Do ponto de vista linguístico, o português, língua oficial e de prestígio social, é considerado veículo de desenvolvimento e de consolidação da unidade nacional. Para além do português, existem diversas línguas locais, faladas pela maior parte da população, principalmente nas zonas rurais, que são valorizadas e preservadas pelo Estado e pelos diferentes grupos étnicos que as falam e as promovem (Gonçalves, 2000). A Constituição da República, no seu Artigo 9, refere que "o Estado valoriza as línguas nacionais como património cultural e educacional e promove o seu desenvolvimento e utilização crescente como línguas veiculares da nossa identidade" (República de Moçambique, 2004).

A utilização a língua portuguesa varia entre os 20% e os 60% da população, consoante se trate de zonas rurais ou dos principais centros urbanos, respetivamente. O elemento etário e o género também introduzem variações. Assim, a maioria dos homens, cerca de 60%, com idade inferior a 55 anos, fala português. Quanto às mulheres, a utilização da língua portuguesa depende da idade, sendo que 63% das mulheres entre os 11 e os 15 anos falam português e 36% com idade entre os 31 e os 35 anos e apenas 17% das mulheres com idade compreendida entre os 51 e 55 anos de idade. Assim, de uma maneira geral, é mais frequente o uso da língua local como língua materna (BM & INE, s/d).

Do ponto de vista sócio-religioso, as religiões mais professadas são a islâmica e a católica, entre outras religiões tradicionais, distribuindo-se pelo território nacional da seguinte forma: o sul e as cidades são predominantemente cristãos, no norte e nas zonas costeiras encontram-se muitos muçulmanos, a maioria sunitas. Mas as religiões tradicionais africanas estão também fortemente representadas, em particular nas zonas rurais. A vida religiosa em Moçambique é diversificada e muito dinâmica e, por isso, o país continua a atrair muitos missionários de várias Igrejas (BM & INE, s/d).

3.5. Economia

Do ponto de vista da economia moçambicana, o país confronta-se com os difíceis constrangimentos de uma instabilidade política e militar, acrescidos dos resultados contraproducentes da dívida oculta registada em 2016. Segundo os dados do Banco Mundial, o crescimento real do produto interno bruto (PIB) desacelerou para 3,7% em 2017, valor significativamente diferente, comparado à taxa de 7%, registada entre 2011 e 2015. O crescimento foi baseado, essencialmente, no investimento direto estrangeiro direcionado para a prospeção e a exploração de recursos minerais, e para a agricultura. Este período de expansão que reflete a entrada em funcionamento dos poços de petróleo e gás desenvolvidos a partir de meados da década de 1990 e a rápida expansão de outras exportações de bens primários, particularmente do alumínio. No que diz respeito à produção e distribuição de energia elétrica, a barragem de Cahora Bassa, uma das mais importantes ao nível mundial, constitui-se num ativo moçambicano e um dos mais importantes de África (ANEME, 2018).

Segundo as previsões do Banco Mundial, o crescimento permanecerá relativamente estável, na ordem dos 3%, com uma diminuição da capacidade das pequenas e médias empresas gerarem emprego. Os valores da inflação baixaram e com eles uma consequente redução dos preços dos bens alimentares, a par de um aumento da produção agrícola (Banco Mundial Moçambique, 2018).

Quanto à dívida externa do país regista-se em valores bastante elevados, considerados pelos especialistas, como insustentáveis. O governo tem mantido negociações com os credores para uma possível reestruturação da dívida, mas este processo levará algum tempo a trazer resultados positivos. A par deste quadro, o país enfrenta desafios no restabelecimento da confiança e no aumento da transparência, assim como nas reformas estruturais para o apoio ao setor privado, em dificuldades. Um outro conjunto de desafios ligam-se à diversificação da economia e à sua competitividade: as perspetivas de crescimento e ganhos das exportações continuam cada vez mais concentradas no setor extrativo, o que significa que a economia do país está cada vez mais exposta a oscilações do mercado dos preços das matérias-primas (Banco Mundial Moçambique, 2018).

A perspetiva de uma evolução das componentes do mercado externo, relativo a preços das matérias-primas, o crescimento das exportações, entre outras, poderão proporcionar uma maior inclusão social, melhor qualidade de ensino e de prestação de serviços de

saúde e de forma direta, melhores estratégias de redução da pobreza (Banco Mundial Moçambique, 2018).

3.6. Província de Cabo Delgado

A província de Cabo Delgado, com uma área de 82.625 km^2, está situada na região norte de Moçambique, fazendo fronteira, a norte com a Tanzânia, a oeste com a província do Niassa e com a província de Nampula a sul, na outra margem do rio Lúrio, e a este o limite é o Oceano Índico, banhando uma extensão de 425 km em linha reta. A capital é a cidade de Pemba, localizada a cerca de 2.600 km norte de Maputo, a capital do país (Contrim & Curto, 2011) (figura 2).

Figura 2: Mapa de Moçambique com a província de Cabo Delgado em destaque. (disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Cabo_Delgado_(prov%C3%ADncia), consultado a 23 de abril de 2015).

Figura 3: divisão da província de Cabo Delgado em distritos. (disponível em http://www.zambezia.gov.mz/img/turismo/cdelgado_large.jpg/view, consultado a 22 abril de 2015).

3. Caracterização de Moçambique e da Província de Cabo Delgado

Os dados do Censo 2017 contabilizam uma população de 2.333.278 habitantes e uma densidade populacional de 28.2, dos quais 1.131.236 são homens e 1.202.042 mulheres, sendo a quarta província mais populosa do país. Ao nível da habitação, Cabo Delgado dispõe de 554.302 casas e 559.947 agregados familiares. A população da província é bastante jovem, cerca de 44% da população tem menos de 15 anos e apenas 3,4% tem uma idade igual ou superior a 64 anos. A esperança de vida passou de 52 anos em 2009 para 54,1 anos em 2016. A idade média é de 18,3 anos, correspondendo a que metade da população tem uma idade inferior a 18 anos. O número de residentes na província tem vindo a aumentar a um ritmo elevado, com os dados preliminares do Censo 2017 a apontarem uma taxa de crescimento na ordem dos 43% (INE, 2017).

A divisão da província é feita em 17 distritos, que se distribuem por cinco municípios: Chiúre, Mocímboa da Praia, Montepuez, Mueda e Pemba, possuindo 56 postos administrativos e 165 localidades (INE, 2017) (figura 3).

Na província, foi criado o distrito de Pemba em 2013 para administrar as competências do governo central, e que coincide territorialmente com o município do mesmo nome. Relativamente ao clima, Cabo Delgado conta com um clima equatorial húmido, com duas estações bem definidas, ao longo do ano: a estação seca (maio a novembro) e a estação húmida (dezembro a abril) (Contrim & Curto, 2011).

Do ponto de vista cultural, a realidade apresenta uma diversidade significativa, que se expressa nas línguas faladas na província. Com uma maioria da população que tem como língua materna o *emakhuwa* (ou macua), com 66.8% de falantes, o *shimakonde* (ou maconde) é falado por 21.8%, e em terceiro lugar, o *kinwani*, mais falada no litoral, com 6.1%. O português é falado por cerca de 22.2% e o *swahili*, falado nas zonas fronteiriças com a Tanzânia e Ajaua (Governo da Província de Cabo Delgado, 2017).

Neste ponto é notório o número de pessoas que falam duas línguas ou eventualmente três: a língua materna e o português e por exemplo o *swahili*, pelas características de proximidade a zonas fronteiriças (Governo da Província de Cabo Delgado, 2017).

A economia da província comporta áreas de grande potencialidade como a agropecuária, a floresta e a pesca. No entanto, estas áreas são desenvolvidas, essencialmente, a um nível de subsistência. A população tem como principais atividades económicas a agricultura familiar, a pecuária, a pesca artesanal, o comércio e a exploração florestal. Quanto aos recursos minerais, a exploração permaneceu a um nível baixo até que, entre os anos de

2010 e 2012, foram descobertas várias reservas de gás natural que são, atualmente, exploradas por várias empresas internacionais. Por exemplo, na região de Palma, no extremo norte da província, localiza-se um dos principais projetos de exploração de gás natural de todo o país. As recentes descobertas de grandes reservas de hidrocarbonetos na Bacia do rio Rovuma têm atraído grandes empresas internacionais de gás natural, facto que tem gerando, em Cabo Delgado, um aumento de novos empregos e serviços e expectativas de que o investimento venha a impulsionar a economia da província e do país (ANEME, 2018).

O anúncio de novas descobertas de gás natural colocam Moçambique, num futuro próximo, como um dos principias fornecedores de gás natural a nível mundial. Os efeitos diretos já começaram, com a necessidade de construção de infraestruturas ligadas à exploração e exportação de gás e serviços de apoio (ANEME, 2018).

No entanto, as mais recentes avaliações sistemáticas, sobre a evolução da pobreza em Cabo Delgado, registaram um índice de pobreza na ordem dos 38%, abaixo da média nacional que ronda os 54%, mas níveis ainda consideráveis para uma população tão numerosa e com índices de juventude dos mais elevados mundialmente (ANEME, 2018).

3. Caracterização de Moçambique e da Província de Cabo Delgado

Capítulo 4 – Diocese de Pemba

Não existem muitos registos escritos sobre a diocese de Pemba, a não ser um documento, ainda não publicado, que atualmente se encontra em fase de revisão, e que é uma fonte rica de informação sobre esta diocese: *Testemunhas duma memória viva! História da evangelização na Província de Cabo Delgado* (Diocese de Pemba, *no prelo*), razão pela qual esta é a principal referência citada ao longo deste capítulo.

4.1. História

A diocese de Pemba foi fundada a 5 de abril de 1957 e, desde a sua fundação, foi administrada pelos seguintes bispos:

- José dos Santos Garcia (16 junho 1957 - 28 janeiro 1975);
- Januário Machze Nhangumbe (janeiro 1975 - outubro 1992);
- Manuel Vieira Pinto (dezembro 1992 - fevereiro 1998) - Administrador Apostólico;
- Tomé Makhweliha (fevereiro 1998 - janeiro 2001);
- Francisco Chimoio (fevereiro 2001 - janeiro 2003) - Administrador Apostólico até novembro 2004;
- Ernesto Maguengue (novembro 2004 - outubro 2012);
- Luiz Fernando Lisboa (desde setembro 2013).

Os missionários da Congregação dos Padres Monfortinos foram os primeiros missionários a instalarem-se na diocese, há cerca de 100 anos, assim como as Irmãs da Consolata (Diocese de Pemba, *no prelo*).

O primeiro bispo de Pemba, D. José dos Santos Garcia, missionário da Boa Nova, foi considerado um bispo empreendedor, pelo seu perfil dinâmico e pelos projetos que iniciou na diocese, assim como pela sua visão de Igreja diocesana nascente. Traçou o plano de desenvolvimento e projetou as estruturas para a formação, criando o Seminário, a escola de professores-catequistas e o colégio Liceal S. Paulo, atualmente Escola Secundária de Pemba, que até 1973 tinha acolhido 627 alunos. Fundou novas missões, escolas e postos de saúde e, no que diz respeito à educação no meio rural, assumiu essa vertente como missão da Igreja diocesana. Contemplava no seu plano pastoral a visita

continuada às missões e mantinha como método a fórmula: "ver, julgar e agir"[5]. O exercício do seu ministério pastoral ficou marcado por constrangimentos: ao nível logístico: por exemplo, o escasso acesso a água potável que atingia, quer populações, quer comunidades missionárias; ao nível pastoral: a carência de missionários, por um lado e por outro o desacordo com alguns missionários no que dizia respeito a orientações expressas nos planos pastorais; ao nível político-social: as dificuldades vividas durante o período do conflito armado com o Estado Português que, como já foi referido, levou à independência do território Moçambicano a 25 de junho de 1975, após uma guerra iniciada em 1964 pela FRELIMO (Diocese de Pemba, *no prelo*).

O segundo bispo da diocese foi D. Januário Machze Nhangumbe, que dirigiu a diocese entre janeiro de 1975 e outubro de 1992. Foi considerado um bispo de transição, dado o período histórico da transição do domínio português para a independência, que o próprio considerou como uma "hora feliz da independência de Moçambique". Na tomada de posse da diocese afirmou ser urgente apresentar "Cristo libertador que não se conforma e nunca se conformou com nenhuma opressão e exploração da pessoa", tornando claro o seu entusiasmo pela independência e autodeterminação do país. Destacou ainda o contexto especial das mudanças rápidas motivadas pelo momento da independência e que, de igual forma, envolviam a evangelização e a construção da Igreja Moçambicana, realçando o papel da Província de Cabo Delgado, o lugar onde teve início dos confrontos com o domínio português. Apesar da esperança no momento histórico da independência, o bispo encontrou a diocese dividida, dado que, uma parte significativa do território se encontrava incomunicável, devido à guerra, muitas missões foram encerradas, alguns missionários haviam sido expulsos, por determinação do governo, e as contas bancárias da diocese foram congeladas, também por determinação governamental. Foram nacionalizados os edifícios, seminários e colégios. Deste modo, o entusiasmo e a esperança gerados pela independência prevaleceu pouco tempo, dado que, um ano após a independência, o país se confrontou com a guerra civil que, em 1976, trouxe de novo ao país o cenário de morte, destruição e devastação geral. O bispo e as estruturas da diocese suportaram as contrariedades próprias do tempo da revolução pelo qual o país passou, D. Januário criou uma comissão de diálogo e de contacto permanente com as autoridades

[5] A fórmula "ver-julgar-agir" foi criada como método pelo Cardeal Joseph Léon Cardijn do qual fez a base da fundação do movimento da Juventude Operária Católica – JOC, a partir do qual seria adotado por outros grupos e movimentos de apostolado de leigos.

políticas e do governo, para exigir a devolução dos bens da diocese que haviam sido nacionalizados. A 26 de setembro de 1981, numa visita do Presidente da República Popular de Moçambique à Província de Cabo Delgado, este recebeu o bispo em audiência e comunicou-lhe oficialmente, o regresso dos padres e irmãs aos distritos (Missões), que acabou por ocorrer de forma gradual ao longo do território da diocese. Após o exercício do seu ministério episcopal, durante um período conturbado, entre 1975 e 1992, D. Januário pediu a resignação das suas funções à frente da diocese (Diocese de Pemba, *no prelo*).

D. Manuel Vieira Pinto dirigiu a diocese entre dezembro de 1992 e fevereiro de 1998, como Administrador Apostólico, após ter resignado das funções de bispo da diocese de Nampula. Era conhecida a sua postura de denúncia de injustiças, abusos e violência, enfrentando as autoridades com determinação e coragem. As suas posições eram amplamente conhecidas, tendo despertado a atenção da PIDE-DGS (Polícia Internacional e de Defesa do Estado - Direção-Geral de Segurança), que o chegou a acompanhar em muitas das visitas pastorais, num posicionamento de controlo. Vivia-se um tempo de mudança com características novas, a Igreja diocesana carecia de uma perspetiva nova, ultrapassando a imagem de uma igreja ligada ao poder colonial para uma igreja que anuncia o Evangelho da vida, promovendo a dignidade e o direito à liberdade da pessoa humana (Diocese de Pemba, *no prelo*).

D. Manuel imprimiu uma renovação da Igreja, à luz do, na altura, ainda recentíssimo Concílio Vaticano II. Dos vários documentos escritos, cartas, exortações dirigidas aos fiéis, enviou a Carta Pastoral de junho de 1985, "Campos de Reeducação", ao Presidente da República Samora Machel, onde abordava o problema do abuso do poder, da guerra, da necessidade urgente de um diálogo que conduzisse à paz. Esta e outras exortações levaram a que, a partir de 11 de maio de 1984, o Presidente Samora Machel aceitasse entrar em contacto com a RENAMO para dialogar. As conversações prosseguem após a morte Samora Machel, a 19 de outubro de 1986, vítima de um acidente de aviação. Joaquim Chissano sucede como líder da FRELIMO e na Presidência da República a 3 de novembro de 1986. Nos vários encontros ocorridos e após alguns insucessos, concluíram-se as conversações para a paz e finalmente o acordo de paz de Moçambique é assinado a 4 de outubro de 1992, em Roma. O Presidente Joaquim Chissano convidou todos os arcebispos e bispos, bem como outras figuras religiosas que se empenharam no processo

das negociações, em reconhecimento de todo o trabalho realizado. Após ter percorrido todo este caminho, D. Manuel observava, numa atitude de prudência, que Moçambique ainda estava longe de uma verdadeira e indiscutível igualdade de direitos e de oportunidades, de uma efetiva participação de todos os cidadãos, por carência de uma cultura de democracia, da igualdade de direitos e liberdades (Diocese de Pemba, *no prelo*).

O terceiro bispo de Pemba foi D. Tomé Makhweliha, entre fevereiro de 1998 e janeiro de 2001, dado que o seu antecessor, D. Manuel Vieira Pinto fora Administrador Apostólico nomeado pela Santa Sé para suprir a falta de bispo residente, até à nomeação de novo bispo titular. Uma das suas atividades iniciais foi a realização de visitas a todas as paróquias da diocese, nas quais dialogou com todos os padres e missionários e a partir destes contactos definiu o seu plano pastoral. Na mesma linha de ação, convocou a assembleia anual dos missionários e traçou como principais linhas da sua ação pastoral: a elaboração de um Diretório Pastoral Diocesano; a tradução dos lecionários para as línguas locais e dos textos para a celebração da Palavra de Deus, a atualização e a impressão dos livros de orações em língua Macua e Maconde; a elaboração e disponibilização de subsídios para a formação de catequistas e encarregados dos ministérios, nas comunidades; a adoção de um catecismo que respondesse aos anseios da diocese; a organização da pastoral diocesana e a promoção de conselhos, comissões e ministérios da paróquia e da Comunidade. D. Tomé foi um bispo "de passagem", na medida em que, após dois anos da sua entrada na diocese de Pemba foi nomeado bispo titular para Nampula (Diocese de Pemba, *no prelo*).

D. Francisco Chimoio foi o quarto bispo da história da diocese de Pemba, entre fevereiro de 2001 e janeiro de 2003. Marcou a sua entrada na diocese com um apelo à transparência e procurou-o trazendo um novo dinamismo de evangelização. Com a sua vinda para a diocese, muitos institutos femininos foram convidados para o trabalho de modo a apoiarem os sectores da pastoral, da saúde e da educação. Com sua missão, impulsionou o desenvolvimento da diocese e da província inaugurando a Faculdade de Turismo da Universidade Católica de Moçambique. Contudo, e após dois anos de presença na diocese de Pemba, D. Chimoio foi nomeado arcebispo de Maputo, acumulando com as funções de Administrador Apostólico de Pemba, até à nova nomeação de um bispo titular (Diocese de Pemba, *no prelo*).

D. Ernesto Maguengue foi o sucessor de D. Chimoio, estando no governo da diocese entre novembro de 2004 e outubro de 2012. Foi nomeado bispo aos 39 anos de idade, passando a ser o bispo mais jovem de toda a África. Dos seus trabalhos pastorais, destacou-se inicialmente pela organização da diocese em 4 regiões pastorais: região Norte, Sul, Centro e Urbana, nomeando os respetivos vigários episcopais; e renovou também as comissões paroquiais e diocesanas, que se encontravam inativas. No seu plano pastoral, fez questão de incluir uma vertente orientada para o despertar os fiéis para a dimensão a que chamou de "crescer na auto-sustentabilidade". Num contexto internacional em que se reduzia os recursos externos, as populações deveriam ser ensinadas a superar a mentalidade de "mão estendida" e a crescer na auto-sustentabilidade, aproveitando a riqueza dos recursos materiais, florestais e hídricos que a província detinha, apontando ainda a necessidade de uma formação na gestão dos recursos e o desenvolvimento de um espírito de partilha e de valorização dos recursos humanos disponíveis. Realizou ainda, a par da recuperação de espaços litúrgicos, a reabilitação de um Centro de Formação, para fins de formação e capacitação de professores e de agentes da pastoral da região Norte, orientado para a educação de adultos. Criou ainda a Comissão Diocesana da Mulher e promoveu as escolinhas comunitárias, com o objetivo de preparar as comunidades cristãs para o testemunho do Evangelho. Promoveu a criação de uma equipa diocesana que estruturou a formação teológica para os leigos, que veio a dar lugar, a partir de 2010, à Escola Diocesana de Estudos de Ética, Cidadania e Desenvolvimento Integral, à luz da Doutrina Social da Igreja, escola associada à Universidade Católica de Moçambique (UCM) (Diocese de Pemba, *no prelo*).

Desde setembro de 2013, que D. Luiz Fernando Lisboa é bispo da diocese de Pemba. Missionário da Congregação da Paixão de Jesus Cristo, um Instituto Religioso internacional, conhecido como missionários "Passionistas" (Diocese de Pemba, *no prelo*). Chegou a Pemba em 2001 e foi o primeiro missionário enviado pela sua congregação religiosa a Moçambique, onde permaneceu durante oito anos, tendo depois sido chamado ao Brasil para outra missão, de onde mais tarde foi nomeado, pelo Papa Francisco, para a Igreja diocesana de Pemba. O bispo encontra uma província de Cabo Delgado transformada, rica em recursos naturais, fruto das descobertas de gás e petróleo no rio Rovuma, assim como de rubis, ouro e vários tipos de pedras semipreciosas, além de grafite, granito e mármore e uma cidade de Pemba com várias construções novas, novos

hotéis a apontarem um investimento ainda ténue, mas promissor, no turismo. Do ponto de vista pastoral, uma diocese marcada pela falta de missionários, num esforço de renovação da Pastoral Vocacional, apelando e convidando as congregações religiosas a instalarem-se na diocese, a fazer eco do apelo do Papa Francisco para a Igreja em saída, a ir para as periferias. É um bispo que encara com naturalidade pastoral uma Igreja diocesana que conta com a colaboração dos leigos, que considera que são os leigos que levam a Igreja para o futuro, para o que ela deve ser, na sua missão e visão do mundo, uma Igreja assente nos ministérios laicais. D. Luiz considera como sua prioridade número zero a evangelização, a par da educação, a todos os níveis, formal e não formal. Aposta na formação de professores, considera a saúde outra das suas prioridades, num país que passou por duas guerras e onde as pessoas viveram sempre sob ameaça, diante do medo de se exporem, de se expressarem, de darem a sua opinião, de assumirem uma posição contra o Governo, porque depois há consequências. Um bispo que não se deixa condicionar pela instabilidade, ao nível social, político e económico e que se preocupa e se ocupa do bem de todos e que fala em nome do seu povo. No seu múnus pastoral surge naturalmente a intenção e a concretização do acordo de cooperação entre as dioceses de Braga e de Pemba, com o acolhimento de equipas de voluntários missionários, em Pemba, na Missão de Ocua e no recente ano letivo de 2018/19 o envio de dois seminaristas de Pemba para Braga, para realizaram a sua formação em Teologia e em Pastoral.

O atual bispo é também o representante da Comissão Justiça e Paz na Conferência Episcopal de Moçambique, uma causa que D. Luiz sempre defendeu, desde o seu tempo, como sacerdote, nas missões da diocese de Pemba.

4.2. Património e organização

A diocese possui um vasto património edificado que foi adquirido durante a administração do primeiro bispo, D. José Garcia, nomeadamente: o edifício da cúria, dois prédios urbanos, o seminário, o edifício do polo da Universidade Católica e da Escola de Ética, o Colégio D. Bosco, entre outros (Diocese de Pemba, *no prelo*).

A diocese de Pemba encontra-se, atualmente, organizada em 22 paróquias e, no universo dessas paróquias, algumas não possuem padre responsável pela pastoral, havendo distritos onde ainda não foram criadas paróquias e 16 ilhas pertencentes ao território

geográfico da diocese que também não detêm comunidades paroquiais (Diocese de Pemba, *no prelo*).

A Igreja diocesana de Pemba, à semelhança de toda a Igreja de Moçambique, promove o modelo ministerial (com ministérios ordenados ou não ordenados) no qual os leigos são co-responsáveis pela organização e gestão pastoral. Desta forma, a Igreja está organizada segundo vários ministérios[6], destacando-se a animação da comunidade; a celebração da Palavra; a evangelização (catecumenado, catequese, preparação aos sacramentos); o serviço da caridade (serviços aos mais carenciados); e a celebração da Eucaristia e dos demais sacramentos, atribuída aos padres. A reflexão e designação destes ministérios e a sua execução no plano pastoral resultaram da reunião em Assembleia Nacional, na cidade da Beira, da Primeira Assembleia Nacional de Pastoral, ocorrida entre os dias 08 e 13 de setembro de 1977 (Conferência Episcopal de Moçambique, 1977), na sequência do já referido documento do Concílio Vaticano II, Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja, o qual refere a importância dos leigos e dos ministérios no coração das Igrejas locais (Concílio Vaticano II, 1964).

No último *Plano Diocesano de Pastoral 2018-2020*, cujo tema é "Ser Igreja, Povo de Deus: rosto, casa, escola, fonte e pés", a diocese de Pemba definiu as seguintes comissões pastorais: catequese, liturgia, diálogo inter-religioso e ecumenismo, dízimo, missão e bíblia, juventude, vocações, famílias, mulheres, crianças e adolescentes (infância e adolescência missionária), traduções, cáritas, educação, saúde, justiça e paz, comunicação, refugiados e imigrantes, conselho económico, conselho pastoral, inculturação, história da diocese e comissão universitária. Para cada uma destas comissões, foram definidos desafios (Diocese de Pemba, 2018).

A informação apresentada nos pontos seguintes foi recolhida, em notas de campo, pelo investigador, aquando da já referida missão de diagnóstico à diocese de Pemba, em março de 2015, razão pela qual não apresenta referências bibliográficas.

[6] Os Ministérios são conceitos funcionais através dos quais se prolonga, no decurso da história da Igreja, a transmissão pessoal feita aos Doze Apóstolos da missão de anunciar Jesus Cristo. Os ministérios são atribuídos de acordo com os carismas de cada um/a para um determinado serviço, mediante o qual são responsabilizados por uma determinada realidade eclesial (cf. ICo 12,7), embora toda a comunidade seja responsabilizada por esta missão de anunciar Jesus Cristo (Galvão, 1995).

4.3. Projetos e parcerias

É implementado na diocese um conjunto de projetos geridos, em parceria, com institutos e organismos internacionais missionários, assim como com algumas Missões Católicas.

A **Cáritas Diocesana de Pemba** gere vários projetos, entre os quais o de uma farmácia comunitária e o de uma carpintaria existente na diocese.

Com o apoio e o financiamento da Cáritas espanhola, gere também um projeto na área da educação, que consiste numa rede de 12 escolinhas da diocese de Pemba (para crianças dos 3 aos 5 anos), uma área de trabalho emergente na diocese, que consiste na formação das monitoras, para que haja um padrão no acompanhamento das escolinhas, numa fase em que se encontra em elaboração o regulamento geral das escolinhas. A formação ministrada tem o apoio do governo através do Ministério da Mulher e Ação Social (MMAS) e do Ministério da Educação (MED) e as monitoras das escolinhas públicas participam também nas formações promovidas pela Cáritas. Existem duas escolinhas que estão a ser acompanhadas também nas suas práticas letivas, como escolinhas piloto (Metuge e Silva Macua). Estas escolinhas têm apoio da Cáritas para a área da alimentação (farinha de milho, açúcar e óleo). Pretende-se que estas escolinhas tenham também acompanhamento ao nível da saúde, visto que têm muitas crianças.

A Cáritas espanhola financia também um projeto de segurança alimentar (agricultura e nutrição), projeto que se encontra em fase de implementação.

Na machamba da Missão Católica de Nangololo, a Cáritas tem também um projeto de criação de pintainhos e galinhas, para produção de ovos, com vista a uma contribuição na sustentabilidade da missão. Este projeto está em processo de melhoramento, depois da aprendizagem da primeira experiência, que sofreu de alguns constrangimentos.

O bispo de Pemba pretende que se envolvam mais Missões Católicas nos projetos da Cáritas.

A diocese de Pemba conta também com o apoio financeiro da Cáritas americana, para o funcionamento geral do secretariado da pastoral, por períodos de tempo de três anos.

4.4. Área da Comunicação

A Rádio Sem Fronteiras é a emissora de rádio católica pertencente à diocese de Pemba.

Funciona diariamente entre as 5h00 e as 22h00 e nos períodos de maior intensidade de atividades, períodos de festas, funciona até às 24h00. É a rádio com maior difusão na província, mas ainda não cobre toda a área geográfica da diocese.

A sua programação conta com programas religiosos diários, de âmbito reflexivo sobre a Palavra de Deus, das festas da diocese, de emissão de música, recomendação de edições de livros, e apoio na divulgação das atividades do secretariado da pastoral.

Os programas de cariz educativo são na área da promoção da mulher, e o programa para o público infantil que tem a maior audiência, para além de ser um programa de diversão, com a participação de crianças de várias escolas, debate temas da atualidade, como a violência doméstica e o trabalho infantil. Tem ainda programas no âmbito da saúde e blocos noticiários com notícias locais com tradução em várias línguas.

Os locutores, repórteres e radialistas, em geral, têm o domínio da língua macua, do maconde e do swahili, línguas locais mais faladas na província, para além do português.

À data da visita, a rádio ainda não estava totalmente digitalizada, não por falta de equipamentos e materiais, mas por falta de recursos humanos formados nesta área. Debatia-se com a necessidade de um gerador e de painéis de energia solar, pois esta só funciona quando há energia elétrica da rede pública de abastecimento, rede esta que tem inúmeras falhas. Assim, a rádio funciona desde abril de 2015 na Cúria Diocesana de Pemba, com energia elétrica e internet financiada pela empresa de telecomunicações Movitel, numa permuta pela colocação de uma antena de transmissão na área adjacente à Cúria Diocesana.

O financiamento das emissões de rádio é realizado através de verbas da Nunciatura Apostólica, pela diocese de Pemba, e pelas verbas da publicidade, mas cujos valores são bastante residuais, tornando-se urgente a sustentabilidade da emissora.

Os recursos humanos da rádio vão obtendo formação contínua, mas os valores remuneratórios são baixos, provocando uma rotatividade de técnicos devido à sua saída para a Rádio Nacional de Moçambique e para a estação pública de Televisão de Moçambique (TVM).

4.5. Área da Educação

A **Universidade Católica de Moçambique** (UCM), sediada na cidade da Beira, desenvolveu o seu plano de implementação no país através da criação de polos em várias

regiões do país, no qual se insere o polo de Pemba, que apostou em cursos médios técnicos.

A Reitoria desta faculdade situa-se na cidade da Beira, e as Faculdades são distribuídas pelas províncias em função do perfil de cada uma. Funciona neste polo de Pemba, a Faculdade de Gestão de Turismo e Informática. Esta faculdade iniciou as suas atividades académicas em 2002, com dois cursos: gestão de turismo e hotelaria e informática e tecnologias de informação. A UCM em Pemba dispõe de vários cursos de licenciatura entre as áreas das tecnologias de informação, gestão de turismo e hotelaria; gestão de meio ambiente e recursos naturais; psicopedagogia e ensino de empreendedorismo; contabilidade e auditoria; direito; economia e gestão; gestão e administração educacional; gestão de recursos humanos e administração pública; e mestrados nas áreas de tecnologia de informação; desenvolvimento sustentável e gestão de turismo; desenvolvimento económico regional e local; direito; gestão e administração de negócios (MBA) e administração pública.

A UCM em Pemba tem mais de 1000 alunos inscritos, num universo de cerca de 20.000 alunos da UCM, em geral. A maioria dos alunos são bolseiros e 80% do corpo docente encontra-se em formação.

Esta escola tem como infraestruturas, para além das salas de aulas, um laboratório de informática, duas salas de informática, uma biblioteca, um anfiteatro, uma reprografia, gabinetes dos vários departamentos e um condomínio com 16 habitações para os professores.

Estão estabelecidas parcerias com a Universidade Católica Portuguesa (UCP) do Porto e com a Escola de Negócios da Universidade Nova de Lisboa e ainda com uma Universidade do Quénia.

Do universo dos cursos referidos dispõe também de um curso técnico-profissional de turismo em parceria com a ONG OIKOS.

Na província de Cabo Delgado, existem outras universidades privadas como a: Universidade Lúrio, Universidade Pedagógica, em Montepuez, o Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG) e a Universidade de Mozambique.

A **Escola de Ética,** criada pela diocese no ano de 2010, é uma escola que dispõe de uma licenciatura ligada à UCM do polo de Kilimane, através da Faculdade de Ciências Sociais e Políticas. É a única escola de ensino superior de ética, cidadania e desenvolvimento do

continente africano. A licenciatura inicialmente era de 3 anos, mas passou, recentemente, a ser de 4 anos. Esta escola funciona em parceria com uma universidade da Suécia.

O **Colégio Dom Bosco** é uma escola privada de ensino primário e secundário, gerida pela diocese, que reiniciou a sua atividade em 2002. Tem cerca de 1300 alunos da 1.ª à 12.ª classe e possui uma grande procura por ser considerada uma das melhores escolas da província. A percentagem de aprovação é de 94%, num contexto em que, nas escolas públicas, a aprovação é de cerca de 40%. O corpo docente é comum ao ensino público, o que implica a coordenação rigorosa dos turnos. A formação dos docentes é ministrada pela área do setor público e pelo próprio Colégio, que oferece as seguintes áreas de estudo: A – Letras, B – Letras, Biologia e Matemática, C – Química e Desenho. À data da recolha de dados, esta era a única escola privada em Pemba, mas existia um outro projeto do "Colégio Andaluzia", que aguardava a aprovação oficial.

4.6. Paróquias e missões organizadas: recursos da diocese, congregações e institutos religiosos

A diocese de Pemba tem o conjunto das suas paróquias ou missões organizadas em quatro regiões geográficas da seguinte forma:

a) Região Pastoral Episcopal Urbana: Paróquia da Sé Catedral São Paulo de Pemba, Paróquia Maria Auxiliadora de Pemba, Paróquia de Mieze, Paróquia de Ibo e Quase - Paróquia de Mahate.
b) Região Pastoral Episcopal Norte: Paróquia de Macomia, Paróquia de Mocimba da Praia, Paróquia de Mueda, Paróquia Sagrado de Nangololo (Muidumbe), Paróquia de Imbuho e Paróquia de Palma.
c) Região Pastoral Episcopal Centro: Paróquia de Metoro, Paróquia de Ocua e Paróquia de Chiúre.
d) Região Pastoral Episcopal Sul: Paróquia de Meza (Ancuabe), Paróquia de Montepuez, Paróquia de Namuno e Paróquia de Balama.

A **Paróquia de Maria Auxiliadora de Pemba**, Região Pastoral Episcopal Urbana, possui várias congregações femininas no seu território geográfico, na qual desenvolvem as suas atividades pastorais e sociais. Na mesma paróquia encontram-se as irmãs Pastorelas que possuem um centro de dia para crianças, uma biblioteca apoiada pela

ONGD Helpo e uma livraria. As irmãs Mercedárias, na mesma paróquia, têm, nas suas novas instalações, um orfanato com capacidade para 40 meninas. No entanto, até março de 2015, alojavam apenas 17 meninas, devido ao facto do espaço ainda não estar totalmente concluído. Estas Irmãs coordenam os projetos pastorais e sociais da Cáritas Diocesana de Pemba realizando o acompanhamento pastoral a 13 aldeias do distrito de Metuge.

A **Missão Católica de Macomia**, na Região Pastoral Episcopal Norte, possui uma escola do ensino secundário, cujo objetivo é garantir a qualidade da educação: a Escola Secundária Padre Paulo, que utiliza o modelo de gestão comunitária, é gerida pelas Irmãs Carmelitas Teresas de São José, que se encontram nesta Missão Católica desde 2004. Sendo o seu carisma a educação de jovens, desde essa altura que trabalham para a construção física, pedagógica e moral da escola, sendo esta a escola do ensino secundário mais conceituada, ligada à diocese de Pemba. A título de exemplo, a taxa de reprovação na 10.ª classe foi de 43%, no ano letivo 2014/15.

Sendo uma escola que utiliza o modelo de gestão comunitária, o Estado suporta financeiramente os salários dos professores e de dois cozinheiros. A escola é frequentada por cerca de 1100 alunos da 8.ª à 12.ª classe e os programas seguidos são da orientação do Ministério da Educação.

Esta escola possui um internato, que acolhe 158 alunos e alunas. Para integrarem este internato, os alunos pagam cerca de 2.000 meticais por ano e têm uma machamba onde podem trabalhar, de forma a assegurar três refeições diárias. Tem também uma residência para professores e o apoio na formação académica, que inclui acompanhamento e supervisão, por parte da direção da escola.

A escola disponibiliza as seguintes áreas profissionalizantes: agropecuária (8.ª classe), empreendedorismo (9.ª classe) e TIC (10.ª classe). Com o apoio da Cáritas espanhola, as irmãs Carmelitas equiparam a escola com uma sala de informática, laboratórios e biblioteca. Tinha, à data, duas voluntárias da ONG "Corpo de Paz" (EUA), que lecionavam as disciplinas de química e de biologia, e por vezes utilizavam os laboratórios. Recebem também, nos meses de julho e agosto, um grupo de voluntários das "Equipas D'África".

Esta Missão Católica abrange os distritos de Macomia, Ibo e Quissanga e as irmãs gerem também uma escolinha, para crianças dos 3 aos 5 anos de idade.

A **Missão Católica de Nangololo** (distrito de Muidumbe) desenvolveu um gabinete dentário e de prostética, particularidade associada a um voluntário, técnico de próteses dentárias, que começou por montar as infraestruturas necessárias e a visitar, em missões de curta duração, esta comunidade católica uma vez por ano, durante um mês, mas suas férias. Posteriormente, acabou por ficar em permanência durante alguns anos. Os vários serviços eram cobrados entre valores de 1 a 5 meticais por cada trabalho, um valor simbólico que não saldava as despesas mínimas dos serviços. Na comunidade trabalhava também uma irmã italiana que trazia muito material de Itália. Uma irmã, pertencente à Missão Católica de Macomia, era médica dentista odontóloga, e visitava Nangololo uma vez por semana para fazer extrações dentárias e outros tratamentos. A infraestrutura da Missão Católica de Nangololo não tinha licença da Direção Provincial da Saúde para funcionar, no entanto, como não existia nenhuma infraestrutura desta natureza na província, os próprios técnicos de saúde dentária e dentistas encaminhavam clientes para estes serviços da missão.

Na **Missão Católica do Chiúre** as irmãs Salesianas Filhas de Maria Auxiliadora têm como principal carisma a educação: coordenam uma escolinha, uma escola primária e um centro de alfabetização (às 14h00, depois do regresso das mamãs das machambas).

A escola comunitária tem uma propina anual de 200 meticais. O Ministério da Educação coloca e paga aos professores, as irmãs fazem a gestão e a comunidade contribui com a referida propina anual, pois trata-se de uma comunidade pobre.

Conforme o regulamento das escolas, esta possui um conselho de escola, em que o presidente é um pai, mãe ou encarregado de educação. Deste conselho também faz parte o diretor e um outro elemento da comunidade.

A escola tem uma taxa significativa de desistências (cerca 50%), por diversas causas: o trabalho nas machambas, não sendo esta a principal causa porque o tempo de trabalho nas machambas é, essencialmente, o mês de janeiro. A partir de julho surgem os ritos de iniciação, quer femininos, quer masculinos. Quanto aos professores, seria necessário um maior empenho na assiduidade, no tempo de permanência na escola, no compromisso com as atividades docentes.

A escola disponibiliza aos alunos, como atividades extra-curriculares, aulas de ofícios/trabalhos manuais e celebração de dias festivos, como por exemplo, o Dia da Criança.

Durante o período de férias, acolhem voluntários que realizam atividades extra-curriculares com as crianças. A organização espanhola Madre Serva financiou as obras na escola e promove, regularmente, a realização da manutenção da mesma.

Na comunidade existem alguns grupos organizados de jovens, embora haja alguma dificuldade em trabalhar com esta faixa etária devido, por exemplo, à taxa elevada de gravidez na adolescência, passando as jovens de imediato a formar família. As oportunidades e possibilidades de estudar são muito limitadas e os jovens que pretendem prosseguir os estudos, têm de sair da sua comunidade e deslocarem-se para Pemba, Nampula ou Maputo.

4.7. Missão de Ocua

4.7.1. História

A missão de Ocua ou paróquia de Santa Cecília de Ocua, foi constituída a 3 de novembro de 1967, tendo sido desmembrada da missão do distrito do Chiúre, ao qual continua a pertencer, administrativamente, sendo um dos 17 distritos da província de Cabo Delgado. A missão compreende o posto administrativo de Ocua, encontrando-se dividida em 14 zonas pastorais e cerca de 90 comunidades ativas (Diocese de Pemba, *no prelo*).

A comunidade de Ocua acolheu no mês de março de 1975 o segundo grupo de três irmãs religiosas consagradas que abriram a comunidade pastoral. Mais tarde, juntou-se uma quarta irmã que permaneceu 8 meses na comunidade, sendo estas posteriormente forçadas a sair para Pemba, como consequência das medidas de nacionalização adotadas pelo governo (Diocese de Pemba, *no prelo*).

4.7.2. Dados sócio-populacionais

O distrito de Chiúre dispõe de uma população total de 316.267 habitantes dividida em 151.023 homens e 165.244 mulheres, para 76.856 casas de habitação e 78.118 de agregados familiares (INE, 2017).

Relativamente a dados parciais, o Instituto Nacional de Estatística, no ano de 2013, publicou indicadores sociodemográficos relativos à distribuição dos agregados familiares segundo a religião, nos quais a religião católica surge como a segunda religião com maior prática: 41,7% no distrito e 36,1% na província, sendo a primeira a religião islâmica, com 43,9% no distrito e na província 53,8%. Quanto aos dados da educação, a taxa de

aprovação no distrito é de 31,70%, a percentagem de raparigas é 33,4%, a taxa de aprovação na 10ª classe é 74,3%, e na 12ª classe é de 88,2% (INE, 2017).

Ao nível das atividades da pastoral desenvolvidas nesta região, o trabalho incide essencialmente na catequese e na formação de lideranças.

4.7.3. Inventário do património

Na missão de Ocua existe atualmente um posto de saúde, para atender a saúde materno-infantil e servir de posto de triagem, que reencaminha doentes para o hospital de Ocua ou do Chiúre, que posteriormente, de acordo com a gravidade, poderão ser reencaminhados para o Hospital Provincial de Pemba. O posto de saúde foi construído com o apoio da Associação Portuguesa Amigos de Raoul Follereau (APARF) e, à data da missão de diagnóstico, encontra-se encerrado, devido à saída das irmãs. Apesar disso, durante algum tempo continuou a atender e teve a colaboração de um Socorrista, com formação em higiene sanitária e em prevenção e acompanhamento de lepra, e uma parteira. Este posto de saúde foi também apoiado, ao nível da formação e no fornecimento e disponibilização de kits de medicamentos e formação ministrada pela ONGD SolidarMed, recebendo também grupos de ativistas para promover a sensibilização e prevenção da malária infantil, HIV e cólera através da ONGD local Wewanana. O posto de saúde foi gerido pelas irmãs da Boa Nova, que estiveram nesta Missão Católica até ao ano de 2012, sendo também apoiadas por voluntários da área da saúde: médicos e enfermeiros. Posteriormente, e como será referido mais adiante neste estudo (cf. capítulo 6), o posto de saúde foi reaberto, já durante a permanência da segunda equipa missionária da arquidiocese de Braga, em agosto de 2017, após um restauro por parte da primeira equipa e de todo o processo de legalização junto do Ministério da Saúde (delegação distrital de saúde do Chiúre), que se mostrou muito favorável à abertura deste posto de saúde, por não haver cobertura de serviços de saúde num raio de 20 km, colocando no mesmo um enfermeiro e um auxiliar de saúde.

A missão de Ocua tem também uma escolinha, atualmente ainda inativa, que no passado foi apoiada pela ONGD portuguesa ATACA, recebendo voluntários de curta duração, para apoiar a dinamização da mesma. A escolinha, também dinamizada pelas irmãs da Boa Nova, proporcionava às crianças duas refeições diárias, o pequeno-almoço e o almoço, enquanto os pais e os encarregados de educação trabalhavam nas machambas.

As atividades e o apoio dado pela escolinha era garantido por um monitor, que trabalhava com o suporte pedagógico das irmãs.

4.7.4. Escolha metodológica da missão de Ocua

A escolha da missão católica de Ocua para principal atividade do projeto Salama! prendeu-se com os seguintes aspetos:

- ter sido uma comunidade fundada pelos missionários da Boa Nova. Estes missionários foram denominados na sua génese por Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas, e fundada em Portugal, em 1930, pelo Papa Pio XI, a pedido do Episcopado Português e cultivam o carisma diocesano e missionário. É constituída por padres seculares, com vínculo às suas dioceses de origem, e irmãos e dedica-se à missão *ad gentes* (cf. capítulo 1.3). Como territórios de missão têm os seguintes países: Moçambique desde 1937, Angola e Brasil desde 1970, Zâmbia desde 1980 e Japão desde 1998;
- ter tido uma comunidade de irmãs da Boa Nova, que foram a última comunidade a apoiar pastoralmente esta missão. Motivada pela imposição do governo, esta comunidade religiosa saiu da missão de Ocua, como consequência das medidas de nacionalização, em 1975, tendo regressado posteriormente, até ao ano de 2012, altura em que saíram definitivamente desta missão;
- ter sido a comunidade onde um dos padres diocesanos de Braga havia feito uma experiência missionária durante dois anos (2003-2005);
- estar esta missão habituada a ser atendida pastoralmente por padres e irmãs religiosas estrangeiros;
- estar estrategicamente bem localizada: na estrada de Nampula, relativamente perto de Pemba e com acessos rodoviários razoáveis;
- ter uma residência pastoral com quatro quartos, com possibilidade de alojar o padre, os leigos e, eventualmente, as irmãs.

O conjunto destes motivos levaram à concretização deste projeto, destacando-se a proximidade pastoral existente entre o bispo da diocese de Pemba, D. Luiz Fernando Lisboa, e dois padres da arquidiocese de Braga que haviam tido experiências missionárias na diocese de Pemba, entre outras.

Capítulo 5 – Projeto “Salama!” Cooperação Missionária Braga-Pemba

O Centro Missionário da Arquidiocese de Braga (CMAB) é o organismo da Igreja de Braga que promove e coordena a formação, animação e cooperação missionária dos cristãos, ao nível diocesano. Colabora com as Obras Missionárias Pontifícias (OMP), bem como com outras instituições de âmbito missionário.

O CMAB tem os seguintes objetivos gerais:

- organizar e concretizar a animação e a cooperação missionárias na diocese;
- trabalhar em consonância com as OMP e os centros de animação missionária dos Institutos Missionários;
- velar pela boa implantação das OMP no espaço diocesano;
- interagir com os outros organismos pastorais da arquidiocese para imprimir uma dinâmica missionária na arquidiocese;
- assegurar o relacionamento entre a comunidade local e os seus missionários.

Criado em 2011, sob a orientação do então bispo auxiliar de Braga D. António Couto, o CMAB surge no seguimento da Carta Pastoral apresentada pela Conferência Episcopal Portuguesa: “*Como Eu vos fiz, fazei vós também: para um rosto missionário da Igreja em Portugal*” (CEP, 2010). Este documento propõe a criação de Centros Missionários Diocesanos e de Grupos Missionários Paroquiais, considerando-os como “laboratórios missionários, células paroquiais de evangelização” (CEP, 2010).

Neste contexto, a cooperação missionária entre a arquidiocese de Braga e a diocese de Pemba, em Moçambique, teve origem com a presença de dois jovens padres da arquidiocese de Braga, o Pe. João Torres e o Pe. Jorge Vilaça, na diocese de Pemba, enquanto sacerdotes *Fidei Donum*[7]. No ano de 2003 estes dois sacerdotes foram enviados em missão pela arquidiocese de Braga – através de um acordo com a Sociedade

[7] O conceito “*Fidei donum*” (Dom da Fé) é utilizado de forma comum a partir da Carta Encíclica com esse título (1957) do Papa Pio XII, que se centrou na temática da missão, em particular na missão no continente africano, que na época passava por um período político conturbado. Várias nações se tornavam independentes, e o futuro da Igreja parecia incerto, com falta de recursos e poucas vocações locais. Uma das propostas foi a criação de “missionários *Fidei Donum*“: “Outra forma de auxílio, bem mais pesada, é dada por alguns bispos; embora lhes custe, consentem em que um ou outro sacerdote saia da diocese para ir, por algum tempo, pôr-se a disposição dos ordinários da África [FD 29]” (Pio XII, 1957).

Missionária da Boa Nova – para a diocese de Pemba por um período de 2 anos. Era então administrador apostólico de Pemba D. Francisco Chimoio e arcebispo de Braga D. Jorge Ortiga e o superior geral da Sociedade Missionária o atual bispo de Lamego, D. António Couto (AB & DP, 2014).

Durante o tempo de permanência destes dois sacerdotes (2003 - 2005), o arcebispo de Braga fez questão de visitar a diocese de Pemba, em 2015, tendo-se encontrado com o então bispo de Pemba, D. Ernesto Maguengue, e visitado algumas das suas comunidades. Nessa altura, a arquidiocese de Braga mobilizou-se também na ajuda à reconstrução da capela da paróquia de Santa Cecília de Ocua, local onde o Pe. João Torres era pároco (AB & DP, 2014).

No lançamento oficial do Outubro Missionário[8] do ano de 2012, o arcebispo de Braga, D. Jorge Ortiga, manifestou publicamente o seu sonho de irmanar missionariamente uma paróquia extraterritorial. Afirmou nesse dia que “faz parte do meu pensamento e, por isso, seria normal e ficaria contente que isso acontecesse”.

Nesse sentido, o CMAB, no início de 2013, lançou um grupo de trabalho dedicado exclusivamente a esta cooperação missionária. Depois de algum tempo de reflexão, o assunto foi exposto no Conselho Pastoral Arquidiocesano e no Conselho Presbiteral tendo obtido pareceres absolutamente unânimes (AB & DP, 2014).

Em setembro de 2013, D. Luiz Fernando Lisboa, atual bispo de Pemba, deslocou-se a Braga no sentido de se encontrar com D. Jorge Ortiga, no qual ficou agendada a hipótese do lançamento de um protocolo entre ambas as dioceses. Nessa linha e como sinal desse compromisso e de “aprofundamento de laços de comunhão”, a arquidiocese de Braga assegurou parte do contributo penitencial de 2014 para o projeto da diocese de Pemba. Estavam assim iniciados os primeiros passos na cooperação missionária entre estas dioceses (AB & DP, 2014).

Em outubro de 2014, aquando da visita do D. Luiz Fernando Lisboa à arquidiocese de Braga, foi assinado o acordo de cooperação missionária entre as dioceses de Braga e Pemba, pelos bispos das duas dioceses, ficando assim firmada esta cooperação.

[8] Outubro é, para os cristãos, o mês missionário. O mês começa com a memória de uma santa padroeira das missões, Teresa de Lisieux ou Teresa do Menino Jesus, que propunha como modelo de santidade, a que se alcança na comunhão, na solidariedade, na vivência com os outros, quotidianamente.

Nessa altura, o suplemento *Igreja Viva* do Jornal *Diário do Minho*[9], apresentou um infográfico comparativo da realidade das duas dioceses, apresentado na figura 4.

Figura 4: Comparação das realidades religiosa e social das dioceses de Braga e Pemba.

Neste infográfico, verifica-se que:

- A extensão do território da diocese de Pemba é 29 vezes maior do que a arquidiocese de Braga;
- O número de habitantes da diocese de Pemba é apenas 2 vezes maior do que da arquidiocese de Braga;
- O número de católicos da arquidiocese de Braga é quase 3 vezes superior ao da diocese de Pemba;
- O número de sacerdotes da diocese de Pemba é de 16 e da arquidiocese de Braga de 434.

Em março de 2015, uma equipa do CMAB (na qual se incluiu o investigador e autor deste trabalho) efetuou uma missão de diagnóstico à diocese de Pemba, em que foram realizadas várias visitas a missões e também a algumas organizações da sociedade civil, a fim de se efetuar o levantamento sócio-religioso da realidade da diocese. Esta missão de diagnóstico teve como objetivo preparar a base para o projeto missionário a executar na diocese de Pemba, lançado pelo protocolo missionário.

[9] Suplemento *Igreja Viva*, Jornal *Diário do Minho*, edição n.º 30466 de 16 de outubro de 2014.

Uma das principais notas a destacar desta missão de diagnóstico liga-se com o facto de a Igreja de Pemba ser uma Igreja com comunidades cristãs de base, com os leigos a assumirem a responsabilidade pastoral, sobretudo em comunidades que não dispõem de padres. “Ser uma Igreja acolhedora, misericordiosa, missionária compromete-nos a todos. Não é possível que os agentes da pastoral continuem a centralizar os trabalhos. Precisamos ir ao encontro das pessoas onde elas se encontram e, para isso, precisamos multiplicar as lideranças, os ministérios, ser uma Igreja que atrai pelo testemunho. Não será fácil dar passos neste sentido sem uma sólida formação, sobretudo bíblica (…).” (Diocese de Pemba, 2015).

Do ponto de vista social e económico, constatou-se que no contexto da diocese:

“A província de Cabo Delgado está a transformar-se muito rapidamente devido à descoberta de recursos naturais como gás, petróleo, pedras preciosas, grafite. Estes grandes projetos e investimentos têm atraído muita gente de fora da província e do país. Os problemas sociais já se fazem sentir de forma preocupante: pessoas e famílias inteiras são deslocadas das suas terras, criação de novas “aldeias” ao redor das minas, abandono da escola por grande parte das crianças e dos jovens, na busca de vantagens imediatas; aumento da prostituição, inclusive infantil; desagregação das famílias; consumo excessivo de álcool e drogas; desentendimento entre polícia e população ao redor das áreas mineiras; entre outros.” (Diocese de Pemba, 2015).

5.1. Objetivos do Projeto de Cooperação Missionária

Para o projeto *Salama! Cooperação Missionária Braga - Pemba* foi delineado o seguinte conjunto de objetivos:

Objetivo Geral**:** contribuir para a criação e o aprofundamento de laços de comunhão e de partilha espiritual e material entre as dioceses de Braga e de Pemba.

Os objetivos específicos deste Projeto de Cooperação Missionária são:

Objetivo Específico 1: sensibilizar as comunidades das dioceses de Braga e Pemba para as diferentes formas de ser e viver em Igreja.

Objetivo Específico 2: promover a realização de intercâmbios entre leigos, sacerdotes, irmãs e seminaristas das duas dioceses.

Objetivo Específico 3: facilitar a promoção de parcerias estratégicas entre organismos das dioceses de Braga e Pemba.

Objetivo Específico 4: mobilizar recursos humanos e materiais, através de campanhas de sensibilização e de angariação de fundos na arquidiocese de Braga.
Objetivo Específico 5: partilhar experiências de interculturalidade, através de um processo de aprendizagem ativo entre as dioceses de Braga e Pemba, baseado nos valores da solidariedade, igualdade, inclusão e cooperação.

Para cada objetivo, foi definida uma atividade principal, que se subdivide em várias outras mais específicas, para a concretização da principal.
As dioceses de Braga e de Pemba pretendem realizar, neste Projeto de Cooperação Missionária, as seguintes atividades:

A.1. Assumir pastoralmente a 552.ª paróquia da arquidiocese de Braga na diocese de Pemba – Missão Católica de Ocua

A.1.1. Formar uma equipa/comunidade constituída por leigos e sacerdotes para colocar na Missão Católica de Ocua

Constituir uma equipa formada por um sacerdote e dois a quatro leigos voluntários. Esta equipa deve ser selecionada e formada na arquidiocese de Braga, pela equipa do CMAB. Os documentos e as formalidades inerentes à instalação da equipa missionária deverão ser tratados pela arquidiocese de Braga, em conjunto com a diocese de Pemba.

A.1.2. Enviar a equipa para a Missão Católica de Ocua

O bispo da diocese de Pemba considerou pertinente que esta equipa estivesse na diocese em setembro de 2015. Para isso é necessário criar as condições logísticas para acolher esta equipa.
O CMAB ficará responsável por identificar as necessidades e verificar os custos de instalação da equipa com o economato da arquidiocese de Braga e, caso seja necessário, negociar estes custos com a diocese de Pemba. Será necessário estimar e prever os custos da alimentação, transporte (viatura e combustível), despesas correntes da residência e despesas mensais para a equipa, não esquecendo os custos imprevistos. As formalidades, como vistos e inscrições, deverão ser tratadas pelas duas dioceses.

A.1.3. Dinamizar a pastoral da Missão Católica de Ocua

Esta equipa será responsável pela dinamização de toda a pastoral da Missão Católica de Ocua, em articulação direta com bispo de Pemba.

Posteriormente pretende-se que seja instalada, na Missão Católica de Ocua, uma comunidade religiosa de Irmãs, com vista à sustentabilidade da Missão. Esta colocação está a ser dialogada entre o bispo de Pemba e a provincial das Irmãs da Boa Nova, mas pode ser reforçada pela arquidiocese de Braga.

A.1.4. Reativar o posto de saúde da Missão Católica de Ocua

Nesta equipa deverá haver uma pessoa responsável pela reativação do posto de saúde da Missão Católica de Ocua, em conformidade com as autoridades de saúde locais (Direção Distrital de Saúde de Chiúre e Direção Provincial de Saúde de Cabo Delgado) e ONG da área da saúde a operar na região (necessidade de identificar a ONG a quem será proposto o protocolo com a Missão Católica de Ocua).

A.1.5. Reativar a escolinha da Missão Católica de Ocua

Nesta equipa deverá haver uma pessoa responsável pela reativação da escolinha (pré escolar para crianças dos 3 aos 5 anos) da Missão Católica de Ocua, em conformidade com a rede de escolinhas dinamizada pela Cáritas Diocesana de Pemba e com as autoridades de educação locais (Direção Distrital de Educação de Chiúre e Direção Provincial de Educação de Cabo Delgado).

A.1.6. Construir uma residência para a equipa/comunidade da arquidiocese de Braga

Visto que a residência da Missão Católica de Ocua será a residência da comunidade de irmãs, a arquidiocese de Braga compromete-se a construir uma residência, recorrendo aos seus fundos e a financiamentos/patrocínios de construtoras e leigos que se queiram voluntariar para este fim.

O CMAB fica responsável por contactar as empresas de construção civil portuguesas que operam na província de Cabo Delgado.

A.2. Dinamizar intercâmbios entre a arquidiocese de Braga e a diocese de Pemba

A.2.1. Promover intercâmbios de curta duração entre sacerdotes da arquidiocese de Braga e da diocese de Pemba

Os sacerdotes de ambas as dioceses poderão fazer intercâmbio de paróquias durante um curto espaço de tempo (por exemplo, durante um mês de férias), ficando ambos a conhecer uma realidade pastoral e cultural diferente, estabelecendo, com isso, uma rede de intercâmbio pastoral num formato semelhante a uma geminação.

A.2.2. Enviar seminaristas da diocese de Pemba para a arquidiocese de Braga

Os seminaristas do 3.º ano de filosofia da diocese de Pemba poderão ser enviados para estudar na arquidiocese de Braga, no Seminário Maior promovendo-se, também, da arquidiocese de Braga o envio de seminaristas para estágios de curta duração e experiências pastorais assentes na missionologia.

A.2.3. Enviar leigos e missionários da diocese de Pemba para a arquidiocese de Braga

Os leigos e os missionários da diocese de Pemba poderão ser enviados para estudar uma área específica na arquidiocese de Braga (ex: comunicação social, com ligação com a rádio; saúde ou educação, com ligação à pastoral da saúde ou da educação, teologia, filosofia). Numa primeira fase, o bispo de Pemba considera que seria pertinente enviar uma irmã, um padre e um leigo.

Estes poderão formar uma comunidade ou então, tendo ligações frequentes com:

- os padres numa paróquia local;
- as irmãs numa comunidade de irmãs;
- os leigos em residências universitárias.

As formalidades, como vistos e inscrições, deverão ser tratadas, em conjunto, pelas duas dioceses, através de contactos institucionais nas próprias embaixadas.

A.3. Facilitar parcerias entre a arquidiocese de Braga e a diocese de Pemba

A.3.1. Contactar Cáritas Diocesana de Braga e Cáritas portuguesa

O CMAB facilitará uma parceria entre a Cáritas Diocesana de Pemba e a Cáritas Diocesana de Braga e/ou a Cáritas portuguesa.

Este apoio poderá ser a projetos já existentes ou a projetos que a Cáritas de Pemba considere pertinente, através da apresentação do respetivo projeto.

Numa 3.ª fase, promover um projeto na área da exploração agricultura, na Missão Católica de Ocua, no terreno da Missão Católica que deverá ser vedado para fazer uma machamba. Será necessário um trator, porque a Missão Católica tem abundância de água. Será um passo importante para a sustentabilidade da Missão Católica.

A.3.2. Contactar Rádio Renascença/rádios lusófonas

Na diocese de Pemba existem duas emissoras de rádio católicas: a Rádio Sem Fronteiras, em Pemba e a Rádio São Francisco, em Nangololo.

Considera-se pertinente a visita de recursos humanos, especialistas de rádios católicas, à diocese de Pemba para formar os técnicos destas rádios e apoiar em questões técnicas:

formação, com a duração mínima de 6 meses, com um técnico voluntário, para elaboração do *site*, do jornal e da rádio. São prioridades para a rádio a dinamização da página na rede social Facebook, o apoio e a formação na parte técnica de gravação e edição, fomentar uma rede de partilha de notícias, dados formativos, documentos de índole eclesial e apoio técnico.

A.3.3.Contactar “Mundo a sorrir”

Na Missão Católica de Nangololo existe uma infraestrutura com cinco salas: um laboratório e um consultório de prostética, um armazém de material de apoio, um consultório dentário com cadeira e uma sala com gerador, equipado por um leigo italiano especialista nesta área. Este leigo trabalhou neste local durante algum tempo, quando as irmãs da Consolata se encontravam nesta Missão Católica, mas posteriormente, por motivos pessoais, teve de regressar a Itália. Existe ainda uma casa com dois quartos que foi construída para este leigo. Este conjunto de infraestruturas está desativado desde 2009. É importante perceber com a ONGD Mundo a Sorrir se é possível fazer algum tipo de intervenção enquadrada neste contexto ou noutro tipo de projeto de saúde oral.

A.3.4. Contactar a ATACA (Associação de Tutores e Amigos da Criança Africana)

A ATACA já realizou atividades, na área da educação, com algumas missões da diocese de Pemba, nomeadamente com a Missão Católica de Ocua. Pretende-se contactar esta ONGD portuguesa, que continua a trabalhar em outras províncias de Moçambique, no sentido de trabalhar a parceria com as escolinhas, nomeadamente na formação das monitoras e na aquisição de livros e na construção de materiais didáticos e pedagógicos.

A.3.5. Contactar FEC (Fundação Fé e Cooperação)

A FEC, através da sua Campanha Presentes Solidários, tem contribuído todos os anos de forma concreta para a melhoria das condições reais de vida de inúmeras famílias dos Países Lusófonos. A compra de um Presente Solidário, feita em nome de um amigo, colega ou familiar, irá apoiar homens, mulheres e crianças que nestes países enfrentam situações adversas a um desenvolvimento justo e sustentado.

Pretende-se contactar a FEC para que o Presente Solidário de Moçambique, da sua campanha anual dos Presentes Solidários 2015, possa ser para a diocese de Pemba ou uma das suas missões.

A.3.6. Contactar Pastoral Universitária

A Pastoral Universitária é também considerada como uma prioridade pelo bispo de Pemba, por ser um meio de refletir com os jovens em fase de formação universitária e contribuir para a sua formação integral.

O CMAB pretende facilitar os contactos para um trabalho conjunto entre a pastoral universitária da arquidiocese de Braga (que inclui seis universidades/polos) com o polo da Universidade Católica de Moçambique (UCM) existente em Pemba. Pretende também estudar a possibilidade de criação de um projeto semelhante aos existentes na UCP, em Portugal, com a designação de GAS África, orientados para a diocese de Pemba.

A.4. Angariar recursos materiais para a diocese de Pemba

A.4.1. Angariar fardas para os Escuteiros de Pemba

Os Escuteiros de Pemba estão a iniciar a sua formação e atualmente não possuem meios para adquirir fardas, pelo que, numa primeira fase, pretende-se solicitar ao CNE (Corpo Nacional de Escutas) de Braga a angariação de fardas para os escuteiros da diocese de Pemba. Numa segunda fase, pretende-se que haja formação de um mês ou por um período de tempo a combinar, assim como disponibilização de manuais de outros livros sobre escutismo.

A.4.2. Angariar livros para as escolas da diocese de Pemba

O CMAB compromete-se a angariar livros para as várias escolas da diocese de Pemba:

- Universidade Católica de Moçambique – Pólo de Pemba (vários cursos, sobretudo Direito e Turismo e Ética)
- Seminário menor diocesano de Pemba – livros de literatura e religião
- Escola de ética
- Colégio D. Bosco
- Escolinhas

Compromete-se ainda a arranjar meios para fazer chegar os livros a Pemba, através de empresas da área da construção civil ou outras, a trabalhar nesta província.

A.4.3. Angariar materiais para trabalhar com as problemáticas dos alcoólicos anónimos.

O CMAB irá solicitar, à Associação Alcoólicos Anónimos, material para trabalhar com os grupos de pessoas nesta situação e um voluntário para formar uma equipa de trabalho na diocese de Pemba.

A.4.4. Procurar meios para restauro de infraestruturas religiosas da diocese de Pemba

5. Projeto “Salama!” Cooperação Missionária Braga - Pemba

A arquidiocese de Braga irá realizar e facilitar alguns contactos a fim de averiguar se será possível o restauro de Igrejas e outras infraestruturas quase seculares da diocese de Pemba, que estão a degradar-se a um ponto quase irreversível.

A.5. Divulgar o projeto de cooperação missionária entre as dioceses de Braga e Pemba

A.5.1. Criar paramentos (estolas e casulas) para partilha entre as dioceses

Com os objetivos de celebração e divulgação do Ano Missionário e de angariação de fundos para a diocese de Pemba, esta conceberá uma estola e uma casula para todas as paróquias da arquidiocese de Braga, que serão adquiridas pela arquidiocese de Braga e/ou pelas próprias paróquias.

A.5.2. Realizar um documentário com fins pedagógicos acerca da missão

Com o material que foi recolhido durante a missão de diagnóstico, realizada em março de 2015 pela equipa da arquidiocese de Braga, pretende-se realizar um documentário, com a respetiva exploração em catequeses, grupos de jovens ou outros grupos da pastoral. Essa exploração poderá ser feita pela equipa do CMAB ou pelos próprios animadores.

A.5.3. Criar programa de rádio partilhado entre as dioceses

Pretende-se que haja um programa de rádio semanal partilhado entre as duas rádios da diocese de Pemba (Rádio Sem Fronteiras – Pemba e Rádio São Francisco – Nangololo) e a Rádio da arquidiocese de Braga, com partilhas pastorais e culturais das duas dioceses.

A.5.4. Definir uma notícia mensal partilhada entre as dioceses

Pretende-se que o suplemento *Igreja Viva* do *Diário do Minho* tenha mensalmente uma notícia que faça uma síntese do desenrolar do projeto de cooperação missionária entre as dioceses de Braga e de Pemba, num formato de correspondente em Pemba que escreve uma crónica e/ou prepara uma notícia para partilhar com a arquidiocese de Braga.

A.5.5. Partilhar programas pastorais das dioceses

Os bispos das dioceses de Braga e Pemba acordaram partilhar os programas pastorais, para uma maior comunhão e oração conjunta.

A.5.6. Realizar divulgação multimédia do projeto de Braga e Pemba

Pretende-se que cada diocese descreva a sua história, em duas ou três páginas. Posteriormente, pretende-se realizar uma apresentação multimédia para partilha das histórias nas duas dioceses.

O projeto assumiu a denominação de Salama![10] dado tratar-se de uma expressão que é derivada da língua macua, uma das línguas faladas na província de Cabo Delgado e especificamente na Paróquia de Santa Cecília de Ocua, que tem o significado de um cumprimento efusivo, mais do que, um "olá", um "bom dia", é também um "como estás?". Assim, a equipa de coordenação do projeto considerou que este seria um nome apelativo e simbólico.

[10] Variação de salamaleque. Etimologia (origem da palavra salamaleque) do árabe salam Halayk "a paz esteja contigo". Salamaleque é sinónimo de: cortesia, cumprimento, mesura, rapapé, zumbaia.

5. Projeto “Salama!” Cooperação Missionária Braga - Pemba

Capítulo 6 – Estudo de caso do “Salama!”

Neste capítulo exploram-se as entrevistas feitas no âmbito desta pesquisa, tendo em conta as categorias de análise definidas para a análise de conteúdo. Esta análise realizou-se estabelecendo o paralelo entre as citações de todos os entrevistados, por categorias definidas e segundo a ordem das questões do guião de entrevista. No final de cada categoria elabora-se uma síntese das ideias mais relevantes para o estudo.

6.1. Expectativas em relação ao projeto Salama!

As expetativas relativamente ao projeto Salama! são apresentadas, dividindo-se em: expectativas projetadas, de acordo com o inicialmente projetado; expectativas diferentes, relativamente ao projetado; e expetativas ajustadas, aquelas que sofreram ajustamentos devido a um conjunto de fatores externos (como por exemplo, a avaria da carrinha da equipa missionária). De notar que a diversidade de expectativas apresentadas denotam alguma subjetividade no que diz respeito à enumeração das mesmas.

6.1.1. Expectativas projetadas

Relativamente às expectativas projetadas, estas foram referidas por quatro dos oito entrevistados, sendo que três dos quais são clericais.

O **bispo de Pemba** faz um resumo de como começou esta cooperação missionária, referindo que esta se iniciou antes da sua nomeação como bispo, através de contactos prévios, que se concretizaram após a sua ordenação episcopal, com o arcebispo de Braga, D. Jorge Ortiga, propondo-lhe um acordo de cooperação missionária. Conclui o bispo de Pemba, referindo que as expetativas eram muito positivas em relação a este projeto, para as duas dioceses.

> Eu vi esse projeto com muita alegria. Desde a minha nomeação como bispo eu me lembrei da passagem de dois padres da arquidiocese de Braga por Pemba, onde eu trabalhava como missionário e percebi que agora com essa responsabilidade de bispo, a partir de 2013, eu podia vir a Braga e propor ao arcebispo uma parceria. Foi um pouco ousado da minha parte, uma diocese da África propor a uma grande arquidiocese, uma diocese tão antiga como é Braga, uma parceria, mas eu tentei e o arcebispo foi muito recetivo e viu que poderia ser bom para as duas Igrejas. Ele acentuou muito isso, que seria bom a Igreja antiga de Braga ter essa parceria com uma diocese nova como é a de Pemba. E a partir daí, dessa primeira conversa, e depois em conversa também com os padres que já tinham passado por lá, com o Centro Missionário que estava iniciando

> naquela época na arquidiocese de Braga, nós fomos aprofundando essa possibilidade até chegarmos a uma segunda vinda minha aqui para a assinatura do acordo. A minha expectativa é muito boa com relação ao projeto. (...)
> Com certeza, porque a passagem do Pe. Jorge e do Pe. João em Pemba foi muito importante para a Igreja de Pemba. E na época eu trabalhava lá como padre e tínhamos um ótimo relacionamento, eu com eles, conversávamos bastante. Eu penso que essa amizade, essa parceria que na época estabelecemos lá, me deu essa tranquilidade para vir aqui bater à porta da arquidiocese de Braga. Porque sabia que aqui havia parceiros com quem poderia contar. Então, o Pe. Jorge e o Pe. João Torres são pessoas especiais nesse acordo, nesse projeto. [bispo de Pemba]

O bispo de Pemba refere um conjunto de fatores que convergiram para a proposta de criação deste protocolo de cooperação missionária, destacando: a experiência missionária na diocese moçambicana dos padres diocesanos de Braga, João Torres e Jorge Vilaça, que vieram ter a função de facilitadores desta parceria, estabelecendo o contacto entre os bispos das duas dioceses, estreitando a distância geográfica e histórica entre a diocese jovem de Pemba e a arquidiocese de Braga. A criação recente do CMAB (2011) constituiu também num fator promotor do referido protocolo. Estes fatores conjugados abrem ao bispo de Pemba um horizonte de expetativas bastante positivas relativamente a esta cooperação.

O **padre 1,** falando também a partir de uma experiência anterior na diocese de Pemba, refere que as realidades, sendo muito diferentes provocam um impacto cultural significativo. Para esta segunda experiência, as expectativas iniciais eram moderadas, em total abertura às situações que surgissem.

> As expectativas iniciais, confesso que eram, pelo facto de já ter estado lá numa experiência anterior, quase nenhumas. Ou seja, ia bastante livre. Não fazia a mínima ideia por onde poderia caminhar. Principalmente porque levar expectativas ocidentais para um país africano acho que é um pouco irracional. Ou seja, o impacto cultural é muito grande. Atenção, eu já tinha lá estado, estive noutro local e o impacto cultural é, sem dúvida, um choque violentíssimo. As expectativas eram de tentar caminhar com quem aparecesse. E portanto, as expectativas iniciais eram de abertura total ao que aparecesse. [padre 1]

Ao sublinhar a relevância do impacto cultural, o padre 1 coloca a tónica num aspeto fundamental para o projeto. Pode-se dizer que o diálogo a estabelecer entre as partes deve ser aprofundado do ponto de vista cultural (Europa e África, Portugal e Moçambique). A

articulação entre as expectativas iniciais, a realidade e o contexto cultural, radicalmente diferentes, formulam uma equação importante para o desenrolar do projeto.

O **padre 2** refere a novidade do projeto e os condicionalismos que daí advêm: a ambição inicial, a operatividade e o tempo de missão de cada equipa, que pode ser considerado diminuto, dado tratar-se, no seu entender, de um projeto com uma duração ainda curta. Um outro aspeto referido é o da importância a dar ao período de transição entre equipas.

> Eu acho que o que acontece é que nós – digo muitas vezes – nós padecemos e temos a vantagem de sermos um projeto ainda muito jovem. Nós temos dois anos. Não podemos ter a ambição de querer ter a mesma operatividade como quem já está aqui há muito tempo! Olhando para o nosso projeto, a maior parte das equipas missionárias que está cá aponta logo como dificuldade, pelo menos duas coisas: uma é a curta duração das equipas – mas somos a segunda equipa, pode haver uma equipa que queira ficar mais tempo, isso não está proibido nem sabemos se vai acontecer; a outra – a que se deverá olhar com atenção, que é a transição. [padre 2]

O padre 2 introduz o conceito de ambição do projeto como forma de ajustar as expetativas. Na sua perspetiva, um projeto tão recente terá de colocar as expetativas ao nível do tempo da sua intervenção no contexto. Junta também a preocupação pelo processo de transição das equipas missionárias, sugerindo que as equipas poderiam permanecer mais do que os 12 meses previstos, colmatando, desta forma uma das dificuldades apontadas pelos voluntários.

O **voluntário 2** refere a importância que o projeto pode ter para a arquidiocese de Braga e para o seu âmbito pessoal e espiritual. E quanto às expectativas, refere que estas são moderadas, assim como as questões pessoais e interrogações, que são também colocadas a par das expetativas inicias e cujas respostas não se obtêm inicialmente, antes são acrescidas de outras perguntas.

> Se calhar para me poupar um pouco e para não ficar desiludido, eu tenho a tendência a não criar muita expectativa. A minha grande expectativa, antes de mais, era perceber bem o que é que este projeto me poderia trazer a nível de arquidiocese. Fundamentalmente, também, a nível de vida pessoal. Decidir ir, acaba por ser um passo, obviamente, com algum desejo meu mas que eu encarei sempre como não só meu mas também de Deus, que me foi dando algumas pistas para o aceitar. Nesse âmbito, aquilo que eu esperava era esta relação com Deus e de lá tentar experimentar esta relação de uma forma diferente. Se calhar, vamos à procura de algumas respostas, mas também

> temos noção de que a maioria delas não acontece e é natural voltar ainda com mais perguntas no que se refere a expectativas, até de vida! [voluntário 2]

O voluntário 2 conjuga as expetativas pessoais e institucionais (arquidiocese de Braga), refere que as suas expetativas iniciais, pessoais, não foram expansivas, para evitar alguma desilusão. As questões que colocou à partida, para o início do projeto, aumentaram no seu decorrer.

Assim, relativamente às expectativas projetadas, realça-se que as expectativas apresentadas pelo bispo são a um nível mais institucional (cooperação entre as duas dioceses, benefícios para ambas), podendo inferir-se que sendo a diocese de Pemba o primeiro destino da cooperação, esta mantém as maiores expetativas em relação ao protocolo de cooperação missionária. Por outro lado, os voluntários missionários, partindo de outro contexto cultural, colocam as espectativas numa perspetiva mais retraída, referindo-as quer a nível institucional, quer a nível pessoal.

6.1.2. Expectativas diferentes

Por expectativas diferentes entenda-se, aquelas não definidas no planeamento inicial do projeto. Estas foram referidas por todos os entrevistados.

O **bispo de Pemba** refere que o projeto contempla uma área de abertura bastante significativa, tanto da parte da arquidiocese de Braga como da diocese de Pemba, sendo esta característica uma mais-valia para o projeto e prevista no acordo assinado pelos dois bispos.

> Eu penso que o projeto tem umas linhas gerais que nós estabelecemos no início, e isso está escrito no acordo que nós assinamos, mas é um projeto que está em aberto. Graças a Deus, o D. Jorge tem uma cabeça muito arejada, tem uma visão pastoral muito ampla, e eu penso que outras oportunidades vão surgir durante o desenvolvimento do projeto que vão poder ser acrescentadas, porque o projeto, o acordo está um pouco aberto, então possibilita que haja em algum momento a introdução de novos elementos e de termos um outro tipo de postura. [bispo de Pemba]

O bispo de Pemba refere que se trata de um projeto em aberto, que traduz o acordo também ele aberto, bastante flexível e passível de alterações adicionais e ajustes entre o quadro teórico e o prático, adaptações próprias de um acordo estabelecido por um período de dez anos.

A **coordenadora do projeto** sublinha as expetativas diferentes de cada uma das partes envolvidas no projeto: a arquidiocese de Braga e a diocese Pemba, nomeadamente para a arquidiocese de Braga, a área da formação dos voluntários passou por algumas contingências iniciais devido ao escasso número de inscritos a candidatos à missão.

> O protocolo de cooperação entre as duas dioceses foi celebrado em outubro de 2014, quando o bispo de Pemba, D. Luiz Fernando Lisboa, esteve em Braga, assinamos o protocolo de cooperação missionária, entre os bispos, portanto, entre as dioceses. Na altura prevíamos que o projeto, obviamente, começasse o mais rapidamente possível. Previmos uma missão que imaginamos que podia ocorrer logo no início de 2015, não foi muito mais tarde, foi em março de 2015. Houve uma missão de diagnóstico do projeto, em que foi escrito um projeto que descreve a situação da diocese, das ONG, as missões, como é que funciona em termos de pastoral e em que é que nós poderíamos colaborar. [coordenadora]

A coordenadora explica também que, na fase da instalação, a primeira equipa de voluntários, deparou-se com um novo conjunto de constrangimentos de ordem logística (a residência para a equipa com necessidade premente de obras); e na fase de implementação, quer o projeto do posto de saúde, quer o da escolinha (estrutura que acolhe crianças dos 3 aos 5-6 anos de idade), suportaram constrangimentos de ordem burocrática e também logística: o projeto escolinha não dispunha de colaboradores com formação para o manter numa perspetiva de sustentabilidade. Estas e outras questões de âmbito prático fazem com que as expetativas difiram daquelas inicialmente projetadas.

O **padre 1** refere a necessidade de manter o caráter genuíno do projeto e o conceito de desenvolvimento na sua originalidade; não permitir cedências a um modelo paternalista e assistencialista. As suas expetativas são moderadas pelo caráter original do projeto.

> Neste momento as expectativas que eu tenho são muito de não trair, em primeiro lugar, a origem do projeto. Porque há esse receio, confesso, pessoalmente tenho receio de trair a origem do projeto. E segundo lugar, sermos capazes de hoje não trairmos o conceito de desenvolvimento. É muito fácil, e com este trabalho ainda mais, nós seduzirmos as pessoas aqui. Por exemplo, um dado objetivo e prático: nós pedimos apadrinhamentos de catequistas, nós no espaço de um ano, e atenção que o valor é um pouco alto, até do ponto de vista económico, estive ontem a fazer as contas e nós já atingimos 200 apadrinhamentos. Portanto, é muito fácil seduzir as pessoas aqui para este projeto. Mas seduzi-las mas voltando ao modelo anterior, paternalista e assistencialista. [padre 1]

O padre 1 reitera o que disse acerca das expetativas projetadas, considerando que, também neste ponto, o mais importante será manter a matriz original do projeto, mantê-lo como um projeto de cooperação para o desenvolvimento, não cedendo a um desenrolar eventualmente mais mediático e consequentemente assistencialista, mas descentrado da sua marca fundante.

O **padre 2** refere que não criou muitas expetativas, mesmo no que diz respeito a questões práticas, como as condições materiais da residência destinada à equipa missionária e que em relação ao projeto, em geral, este exige uma adequação de quem nele se integra, incluindo a realização das tarefas domésticas. Considera que este será um potencial constrangimento para os padres de Braga.

> Como eu não criei muitas expectativas, não encontrei grandes diferenças. Posso dizer que, ao chegar aqui, por exemplo, me senti acolhido! Um dos grandes handicaps que eu acho que os sacerdotes de Braga pensam, tem que ver com as condições. E eu, por exemplo, não fazia ideia que vinha cuidar da roupa – quer dizer, fazia ideia porque estava nos procedimentos. Eu, no seminário, sempre cuidei das minhas coisas mas não a tanto pormenor! A lavagem da roupa nunca passou! Mas, no mês que eu estive aqui de transição, os outros fizeram e nós fazíamos também! Acho que há um trabalho de humildade, também, e que nos ajuda a reorganizar a nossa vida. E, depois, como dizia a equipa anterior, e eu acho que é um bocadinho isso, quem vem tem de ouvir e ver a experiência anterior e, a partir daí, fazer a sua experiência. Naturalmente que aqui temos várias possibilidades. Não tem de ser como os outros fizeram. Portanto, na transição entre equipas, sempre nos disseram “nós fizemos assim, agora, vocês fazem da melhor forma que acharem”. [padre 2]

Sublinha novamente a necessidade de um período de passagem de experiências entre a equipa cessante e a equipa seguinte, de modo a proporcionar uma melhor transição.

O **voluntário 1** refere o facto de ter feito parte da primeira equipa missionária do projeto como justificação para conter um conjunto de objetivos moderados que viriam a ser condicionados por aspetos burocráticos que atrasaram a execução do mesmo.

> Eu penso que como fomos a primeira equipa não levávamos objetivos a serem cumpridos no primeiro ano. Nós fomos abrir caminho para os outros. Houve bastantes atrasos, também a nível burocrático. Por exemplo, quando operacionalizámos o posto de saúde, a nível de reestruturação das infraestruturas e, obviamente, por ser um sítio bastante remoto não é fácil termos lá uma empresa, montar um estaleiro para que se façam a obras a curto-médio prazo. Assim como, devido a toda a burocracia inerente ao processo de reconstrução do posto de saúde, as coisas não ocorrem de um momento

> para o outro! Se isto aqui não acontece, lá muito menos! Até pela distância do sítio onde nós estávamos. É um sítio bastante remoto, de bastante difícil acesso a tudo: quer à saúde quer a nível de gabinetes mais centrais – teríamos de ir à capital da província. [voluntário 1]

A principal tarefa desta primeira equipa foi, no seu entender, “abrir caminho para os outros”, e um dos objetivos da primeira fase de execução do projeto – a reativação do posto de saúde – pela grande necessidade referida, também se constituiu num objetivo difícil de executar com a celeridade expetável.

O **voluntário 2** refere que, habitualmente, não cria muitas expetativas e tratando-se de um projeto por um ano como este, proporciona um tempo de observação. Na sua opinião, seria necessário mais tempo para uma outra envolvência. E as expetativas são também ajustáveis a uma fase que considera de observação. Considera ainda que existe, como que uma proporcionalidade entre o tempo do projeto e as expetativas.

> São coisas muito diferentes. À partida, o tempo. Porque o outro foi 1 mês – nós vamos e é uma passagem muito pequena! Vamos tendo alguns encontros, vamos tendo algumas ideias, mas nunca deixamos de observar, durante 1 mês. Neste caso, de 1 ano, chego ao final e continuo a dizer que é uma passagem e que só dá, também, para observar - que era preciso mais tempo! Mas é um projeto que nos obriga, primeiro, a mudanças de vida. Que nos obriga, antes de mais, a estar lá mais a fundo, de corpo e alma. Há coisas que temos de abdicar cá e acabamos por nos envolver lá. É muito bom, a meu ver!
> Depois, o próprio âmbito dos projetos. Enquanto num projeto de 1 mês vamos fazer uma coisa concreta, falar de algo concreto, partilhar uma experiência concreta, neste caso, vamos sem esses primeiros objetivos mas com o grande objetivo de assumir algo. Eu vejo o Projeto Salama! como o assumir de uma paróquia. Quando me refiro à parte de enviar missionários, que foi onde estive mais envolvido, assumir uma paróquia, que neste caso é a paróquia de Ocua, envolve-te muito mais! Primeiro, és tu. Depois, as responsabilidades de assumir uma paróquia são totalmente diferentes, relacionadas com a parte pastoral e que depois desenvolvem todo o âmbito social de trabalhos que se vão fazendo no projeto. [voluntário 2]

Destaca o facto de o objetivo deste projeto ser assumir uma missão, uma comunidade, e cada equipa estar, no mínimo, um ano ao serviço nessa comunidade. O tempo de permanência na comunidade, de um ano, conduz a uma natural projeção para o futuro, o que não sucede em projetos de curta duração de um a três meses.

O **voluntário 3** refere não dispor de expetativas, mas as condições efetivas da missão local conduziram a uma perceção das expetativas concretas: a necessidade de “estar”, sentida e manifestada pelos habitantes locais, a par de um conjunto de outras carências básicas de subsistência.

> Mas, não é que fosse diferente do que estava à espera. É diferente do que temos aqui! Diferente do que o que eu estava à espera foi mesmo a carência de afetividade! Talvez tenha que ver com alguma coisa muito particular minha. Ou minha e d[o voluntário 4] porque tenho alguma propensão para lidar com adolescentes e, se calhar, criei, criámos, alguma ligação com os adolescentes da paróquia. Eles faziam questão de ir lá à nossa Missão, quase diariamente, só para estar connosco. Pelo que percebi, já faziam isso com [o voluntário 2] e com [o voluntário 1]. Mas isso eu não estava à espera e surpreendeu-me! E, se calhar, o que eu não estava à espera é muito positivo. É um sentido de dádiva deles, quase de agradecimento diário. Eles ligam – e não têm propriamente, como nós, planos de tarifários de telemóvel, em que pagamos uma mensalidade pequenina e podemos ligar a toda a gente – só para cumprimentar! Ligam só para agradecer o facto de estares lá.
> Portanto, quando me perguntam o que é que eu não estava à espera? É esta compensação imediata do que damos! (…) Pondo em perspetiva, aquilo que eu dei, numa escala de proporção é muito inferior à compensação imediata que recebi. A compensação foi que o que eu não estava à espera! [voluntário 3]

O voluntário 3 coloca uma pergunta, que é como que a outra forma de questionar as expetativas diferentes: “o que é que eu não estava à espera?” e responde afirmando, depois de ter referido a necessidade de afetividade e de uma permanência efetiva, que é a compensação, como que o retorno, uma resposta à aproximação realizada pela missão.

O **voluntário 4** refere o pressuposto pastoral deste projeto que coloca expetativas diferentes em relação a outros projetos que procurou conhecer anteriormente: ONG que dispunham de outro quadro referencial, diferente deste, que assenta na pastoral, onde o aspeto religioso tem a predominância.

> Foi a parte da pastoral - tínhamos a parte da catequese e da pastoral toda em si. Outros projetos que eu tinha andado a ver, em Braga, no Porto e em Lisboa, eram de ONG que pouco ou nada trabalhavam na área da religião! Esse foi o grande fator também de escolha deste projeto. Também pela redescoberta da religião, que já tinha praticado antes. Com isso, foi tipo uma bola de neve, em que me comecei a interessar mais, a ler mais coisas, para começar a perceber os pontos certos do projeto.
> Na apresentação do projeto, em Braga, disseram que ia ser um pouco complicado, que as pessoas tinham uma maneira de pensar completamente diferente, e que nós não iríamos salvar o mundo. E é verdade! Nós não viemos salvar o mundo aqui. E, realmente, as pessoas são um bocado diferentes de nós, a cultura é completamente

> diferente, a maneira de pensar, de agir... E, nós, aos poucos – *a pouco pouco*, como se diz aqui – vamo-nos moldando. Mudamo-nos a nós, principalmente, e também mudamos as pessoas e as mentalidades das pessoas. [voluntário 4]

No conjunto dos extratos das entrevistas dos voluntários, relativos às expectativas diferentes, referidas anteriormente, constata-se três conjuntos de opiniões: a) institucionais: a do bispo e da coordenadora; b) institucionais e pessoais: a dos padres e c) pessoais: as dos voluntários. Estas opiniões perante da missão posicionam-se consoante a experiência, e o papel/função de cada um dos intervenientes no projeto.

6.1.3. Expetativas ajustadas

Por expetativas ajustadas entende-se o equilíbrio entre as expetativas projetadas e aquelas exequíveis no contexto do projeto. Com a exceção da coordenadora, todos os entrevistados falaram das expectativas ajustadas.

O **bispo** refere que, entre a fase de formalização do projeto e o início da sua execução, existe um período de tempo que medeia e ajusta as primeiras expetativas.

> Uma coisa é termos alinhavado o projeto no papel e outra coisa é quando sai do papel. Então, graças a Deus, o projeto já saiu do papel. Já estamos na segunda equipa que já está a trabalhar em Pemba e agora partimos para uma fase segunda que é enviar pessoas de Pemba para cá. Então, eu vejo como uma expectativa muito boa, este projeto tem tudo para dar certo. E de ser uma oportunidade de crescimento para as duas Igrejas particulares. [bispo de Pemba]

O **padre 1** refere um primeiro período de tempo de instalação logística da equipa, que implicou a criação de condições de habitabilidade da residência da equipa, com tarefas práticas, que o padre 1 classifica como “um trabalho de sujar muito as mãos, literalmente”. O tempo restante foi de preparação para a equipa que se sucedia.

> As expectativas no final de um ano de presença lá, as expectativas já se centravam, não tanto no que nós conseguimos, porque o nosso trabalho do primeiro ano foi um trabalho de sujar muito as mãos, literalmente, não metaforicamente. As expectativas quando saímos foi de fazer uma passagem pacífica à equipa que chegou, à equipa que nos substituiu. [padre 1]

O **padre 2** refere que não desenvolveu expetativas a fim de evitar situações de frustração, mas que considerou desde logo o projeto muito bem estruturado, o que facilitou a sua adesão ao projeto.

6. Estudo de caso do “Salama!”

> Posso dizer que não tinha grandes expectativas, no sentido em que acho que em projetos destes, até para não haver frustrações, não é muito oportuno criar expectativas. Eu fiquei bem impressionado com o projeto, do que conheci da internet e das pessoas que estavam a trabalhar. A partir do momento em que me chegou às mãos o projeto e o levantamento que tinha sido feito anteriormente, partilhei com alguns amigos que estavam na casa onde eu estava, em Salamanca – gente com muita experiência na área vocacional e todos acharam o projeto muito bem organizado, inclusive eu. Isso animou-me também a fazer a experiência. Depois, na minha mentalização, talvez pela experiência que eu tenho já de pároco – apesar de serem apenas 10 anos, a teoria que tenho e tento pôr em prática é saber que aquilo que eu poderia fazer de essencial é celebrar a eucaristia e o sacramento da reconciliação e tudo o mais eu iria aprender. Porque, efetivamente é tudo diferente: contexto, cultura, realidade… Não saberia como me iria adaptar. Acho que isso, agora, passados 6 meses me tem ajudado. Enfim, à que procurar ter paciência – que é um treino grande que se tem de fazer aqui! E procurar, sobretudo, acompanhar, caminhar com as pessoas sabendo que as realidades não dependem de nós para mudar! [padre 2]

Considerando o tempo e o contexto de continuidade e sucessão das equipas missionárias, as práticas da equipa antecessora melhoram as práticas da equipa que lhe sucede, enquanto lhe proporciona o tempo de ajustar as expetativas, como refere o padre 1, dizendo que ao chegar ao contexto da missão a meio do ano pastoral teve essencialmente que assumir o projeto em vigor e dar-lhe o seu cunho pessoal.

O **voluntário 1** refere que não criou expetativas, mas que as foi construindo, na medida das relações estabelecidas na missão.

> Foi porque quando nós chegamos não tínhamos nada! A primeira barreira é logo a língua. A segunda barreira é a distância que temos da capital, 165 km. Em terceiro lugar, a própria casa não estava habitável. Nós não tínhamos água canalizada, nós não tínhamos uma casa pronta a dormir, nós não sabíamos onde comprar as coisas para nos alimentarmos naquela área, a 165 km da capital. Ou seja, por uma questão até de sobrevivência, primeiro tivemos de fazer essa parte estável. Depois, é que poderíamos começar a trabalhar na comunidade e nos projetos em si.
> Depois, fomos começando a tratar as questões que gostaríamos de começar a trabalhar e penso que para o primeiro ano foi bom! [voluntário 1]

A experiência relatada pelo voluntário 1 aproxima a primeira fase da missão a uma experiência que pode considerar-se de despojamento, chegando à missão e não tendo a residência em condições de habitabilidade e outras questões logísticas por resolver a par das questões de comunicação com uma língua diferente (línguas locais).

O **voluntário 2** refere que, sendo o projeto bastante embrionário, seria natural um crescimento, e esse crescimento vir a concretizar-se no sentido da ação pastoral da missão, em primazia, a par das ações de cariz social do projeto.

> Ainda ontem, a falar do Projeto Salama! trocava palavras, onde se dizia que o projeto é “bebé”. Ou seja, está a crescer. Portanto, ainda há muito para crescer. E tem muito por onde crescer, na minha visão. Não tenho dúvidas de que – e nunca deve deixar de ser o fio condutor a questão pastoral – eu pelo menos, sempre vi como intuito do projeto Salama! assumir esta parte pastoral, nunca esquecer aquilo que nos leva lá. Depois, todos os trabalhos sociais que se vão multiplicando, acabam por ser naturais de quem está lá e do meio onde existe pouca resposta, por exemplo, da própria educação. Não digo que seja o foco principal do Salama! mas é intuito que se colabore nesse sentido. Onde existem tantos défices, é normal que isso aconteça. Até a nível de infraestruturas, a nível de saúde… quer dizer, são coisas que acontecem naturalmente. Mas nunca deixar o foco, que eu acho que é importantíssimo, de estar no sentido pastoral. No sentido de fazermos o trabalho pastoral, que vejo como fio condutor. Era isso que eu tentava sempre que me levasse. [voluntário 2]

Considera o voluntário 2 que a área da educação e a da saúde são áreas onde o projeto irá crescer de uma forma natural, mantendo, no entanto, a carater pastoral do projeto que considera ser, como que o seu “fio condutor”.

O **voluntário 3** refere alguma dificuldade em planear devido à instabilidade de um conjunto de variáveis de ordem prática, como o número de pessoas que comparecem aos atendimentos não agendados. Um outro aspeto referido é o da atribuição de tarefas fixas a cada voluntário, o que permite um maior controlo e melhor transição à equipa seguinte.

> Lá, nenhum dia é como nós planeamos! A única certeza que tenho é de que: amanhã, vou acordar às 6h00 porque temos de tomar o pequeno-almoço, rezar... depois recebo umas mamãs e, por exemplo, às 8h30 tenho de estar no Hospital do Chiúre. Mas não acontece como nós planeamos, porque, por exemplo, nesse dia acordo muito mais cansada e preciso de descansar mais um bocado, o que é muito comum! Ou porque nos batem à porta às 6 menos 20; ou porque alguém bateu em alguém; ou porque em vez de chegarem 5 pessoas para irem no carro chegam 8 e temos de ajustar tudo... Ou porque em vez de chegar uma mamã para vir buscar leite vem uma mamã nova com uma criança absolutamente subnutrida! Portanto, o dia-a-dia é uma novidade. Não dá para planear! A partir do momento em que não dá para planear o dia-a-dia, não dá para planear o mês, não dá para planear o ano. Já tivemos momentos em que era difícil sequer cumprir as atividades marcadas a nível diocesano, que nem sequer têm um ritmo semanal nem mensal. [voluntário 3]

As questões levantadas pelo voluntário 3 apelam a uma estrutura de planeamento mais flexível, tanto ao nível da formação de voluntários como no planeamento das atividades da missão, na qual se promova a atribuição de “pelouros”, por área de formação (educação, saúde, logística, pastoral), mas salvaguardando a flexibilidade necessária para o atendimento das situações emergentes integradas no espírito da missão.

O **voluntário 4** refere que, do plano delineado, poucos aspetos ou nenhuns foram alterados. No entanto, este voluntário refere ter aprendido os conteúdos de ordem pastoral e catequético por necessidade da função que lhe foi atribuída (pastoral).

> Pouco ou nada foi alterado! Porque a equipa anterior deu-nos uma grande ajuda, na fase de adaptação. Claro que, por exemplo, no meu caso, tive de aprender a catequese toda no espaço de um mês, por ter ficado com a responsabilidade de assumir a catequese. Eu disse que sim, que assumia, não havia problema! Mas que teria de haver compreensão, que teria de falar com as pessoas, que pedir ajuda. Também, na parte da saúde, na parte do apoio materno-infantil que nós damos e, no dia-a-dia, dentro da casa, na construção com as pessoas... O viver vinte e quatro horas sobre sete dias, todos os dias, começam-se a criar algumas “faíscas”, mas as pessoas começam a aproximar-se mais, também! São coisas que acontecem! Têm tanto de bom como de mau. Mas mais de bom! [voluntário 4]

Em síntese, a moderação de expetativas resultantes da distância geográfica entre a arquidiocese de Braga e a diocese de Pemba acontece de forma natural, figurativamente, e é adaptada ao contexto, também cultural, da missão - o tempo projetado, o tempo decorrido, o tempo executado.

Da fase da estruturação e formalização do projeto até ao início da sua execução, passando pelas dificuldades no planeamento, devido à instabilidade de um conjunto de fatores exteriores à equipa missionária, e pela distância geográfica entre Braga e Pemba, que constitui também uma distância cultural, social e económica, são elementos que originaram ajustamentos às expectativas iniciais.

O quadro 4 apresenta uma síntese das ideias principais referidas pelos entrevistados no que diz respeito às expectativas projetadas, diferentes e ajustadas.

Quadro 4: Síntese das principais ideias e vozes dos entrevistados relativamente às expectativas projetadas, diferentes e ajustadas.

Expectativas	***Ideias/voz dos entrevistados***
Projetadas	**Bispo:** ousadia de propor parceria à arquidiocese de Braga. *“Foi um pouco ousado da minha parte, uma diocese da África propor a uma grande arquidiocese, uma diocese tão antiga como é Braga”* **Padre 1:** sem expectativas *“as expectativas iniciais eram de abertura total ao que aparecesse”* **Padre 2:** projeto muito recente; equipas que permanecem pouco tempo; transição entre equipas. Projeto que vale por si. *“a força do projeto Salama! é o próprio projeto, não são as pessoas.”* **Voluntário 2:** sem expectativas *“eu tenho a tendência a não criar muita expectativa.”*
Diferentes	**Bispo:** projeto aberto. *“(...) possibilita que haja em algum momento a introdução de novos elementos”* **Coordenadora**: início do projeto não começou quando se esperava, porque não havia voluntários disponíveis com perfil; escolinha e posto de saúde também demoraram mais tempo a acontecer. *“Na altura prevíamos que o projeto, obviamente, começasse o mais rapidamente possível.”* **Padre 1**: expectativas imediatistas, de acordo com as oportunidades que aparecerem. Evitar modelo paternalista e assistencialista. *“Portanto, é muito fácil seduzir as pessoas aqui para este projeto. Mas seduzi-las mas voltando ao modelo anterior, paternalista e assistencialista.”* **Padre 2:** sentiu-se acolhido, mesmo tendo de fazer tarefas que não estava habituado. *“Posso dizer que, ao chegar aqui, por exemplo, me senti acolhido! Um dos grandes handicaps que eu acho que os sacerdotes de Braga pensam, tem que ver com as condições.”* **Voluntário 1:** o objetivo da primeira equipa foi “abrir caminho” para as próximas equipas. *“Nós fomos abrir caminho para os outros.”* **Voluntário 2:** desafio de aprofundamento e do trabalho pastoral e da missão de um ano. *“Primeiro, és tu. Depois, as responsabilidades de assumir uma paróquia são totalmente diferentes, relacionadas com a parte pastoral e que depois desenvolvem todo o âmbito social de trabalhos que se vão fazendo no projeto.”* **Voluntário 3**: relação com os jovens da paróquia. *“Eles faziam questão de ir lá à nossa Missão, quase diariamente, só para estar connosco.”* **Voluntário 4:** as questões da pastoral, relativamente a outras ONG. *“Outros projetos que eu tinha andado a ver, em Braga, no Porto e em Lisboa, eram de ONG que pouco ou nada trabalhavam na área da religião!”*
Ajustadas	**Bispo:** ajustamento das expectativas quando saem do papel e possibilidade de crescimento das duas dioceses. *“Já estamos na segunda equipa que já está a trabalhar em Pemba e agora partimos para uma fase segunda que é enviar pessoas de Pemba para cá.”*

	Padre 1: ajustar as expectativas, preparando a casa e a transição para a nova equipa. *“As expectativas quando saímos foi de fazer uma passagem pacífica à equipa que chegou, à equipa que nos substituiu.”* **Padre 2:** julga que o projeto está bem estruturado, por isso não precisa de muitos ajustes; saber que o trabalho vai ser continuado. *“Eu fiquei bem impressionado com o projeto, do que conheci da internet e das pessoas que estavam a trabalhar.”* **Voluntário 1:** expectativas vão sendo criadas ao longo do tempo, depois de primeiro impacto com questões de sobrevivência. *“A primeira barreira é logo a língua. A segunda barreira é a distância que temos da capital, 165 km. Em terceiro lugar, a própria casa não estava habitável.”* **Voluntário 2:** o facto de não haver tarefas pré-definidas ajuda a ajustar as expectativas. *“No sentido de fazermos o trabalho pastoral, que vejo como fio condutor.”* **Voluntário 3**: dificuldade de planear e de cumprir o que é planeado. *“A partir do momento em que não dá para planear o dia-a-dia, não dá para planear o mês, não dá para planear o ano.”* **Voluntário 4:** trabalho com a catequese; gestão das relações dentro da equipa missionária. *“Também, na parte da saúde, na parte do apoio materno-infantil que nós damos e, no dia-a-dia, dentro da casa, na construção com as pessoas.”*

6.2. Trabalho realizado

No que diz respeito ao trabalho realizado no projeto Salama!, considera-se pertinente a sua divisão em trabalho pastoral e projetos, sendo que estes se enquadram num âmbito de trabalho social, considerado essencial neste contexto. Apresenta-se também alguns pontos, que se definiram como trabalho a melhorar, adequação do trabalho e trabalho (previsto) não realizado. Estes pontos nascem de categorias que surgiram após a leitura das entrevistas e que se consideram ser importantes destacar. Apresenta-se ainda alguns aspetos que se consideram essenciais para o trabalho realizado, como a cultura, a educação e as estruturas.

A **coordenadora** elabora uma síntese do trabalho realizado destacando, na área da coordenação do projeto: a formação e posterior seleção dos voluntários, a gestão dos vários recursos (humanos e materiais), o envio dos voluntários selecionados para a missão, o acompanhamento permanente do projeto e a fase pós missão (*follow up*).

> Basicamente o que eu faço, como coordenadora do projeto, é em primeiro lugar, toda a parte da gestão dos recursos humanos do projeto, estou a coordenar a formação, a seleção, o envio e toda a permanência dos recursos, das pessoas, durante o tempo de permanência e depois também no pós-missão. É uma das coisas que já referi que é um

> grande desafio, mas também é uma das coisas a melhorar. Estive em Moçambique no final de janeiro, início de fevereiro, e foi uma das coisas que falamos com um outro grupo de leigos que lá está a trabalhar e que querem aperfeiçoar essa parte, da seleção das pessoas e do acompanhamento e foi interessante também poder partilhar algumas ideias. Acho que já fazemos algum trabalho interessante nessa área mas há sempre coisas a melhorar. [coordenadora]

As atividades integradas no projeto são também preparadas por um processo de formação e de seleção dos candidatos a voluntários que decorre durante cerca de seis meses.

6.2.1. Trabalho pastoral

Por trabalho pastoral compreende-se a ação, o conjunto de atividades da Igreja Católica que tem como objetivo a realização da sua missão no mundo, em que esta consiste em continuar a ação de Jesus Cristo no mundo. A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, do Concilio Vaticano II (1965a), sobre a Igreja no mundo atual, reflete o papel da Igreja na sua relação com o mundo contemporâneo sendo, nos tempos atuais, a linha de inspiração e orientação para a ação da Igreja, referindo no seu número 3:

> (...) o Concílio, testemunhando e expondo a fé do Povo de Deus por Cristo congregado, não pode manifestar mais eloquentemente a sua solidariedade, respeito e amor para com a inteira família humana, na qual está inserido, do que estabelecendo com ela diálogo sobre esses vários problemas, aportando a luz do Evangelho e pondo à disposição do género humano as energias salvadoras que a Igreja, conduzida pelo Espírito Santo, recebe do seu Fundador. [GS 3]

O **bispo** refere como prioridade deste projeto, o seu caráter fundador, a sua dimensão e origem pastoral. O projeto tem como primeiro objetivo, sublinha, a evangelização, que é a missão da Igreja. Sendo um projeto de evangelização, orientado para a pastoral, refere o bispo que se trata de um projeto de desenvolvimento social, é um projeto abrangente, aberto a várias áreas.

> Bom, a primeira área de todas e a mais importante é a evangelização, então uma cooperação pastoral. Tanto é que o projeto não está circunscrito apenas a uma paróquia mas ele tem uma paróquia como base, que é a paróquia de Santa Cecília de Ocua. Então, a equipa que vai atende, pastoralmente, a esta paróquia. Então, o primeiro objetivo é a evangelização.
> Ele é um projeto de evangelização, é um projeto voltado para a pastoral, de desenvolvimento social, ele é aberto a várias áreas.
> Bom, foram muitos os trabalhos. Como é que eu posso dizer, primeiro o atendimento em si na paróquia, pastoral. O facto de as pessoas poderem ter o atendimento de um grupo missionário, de ter a Eucaristia nas comunidades, porque há comunidades que

> ficam muito tempo sem a visita pastoral do padre ou de um missionário. Então, primeiro lugar é isso, a pastoral, a evangelização. [bispo de Pemba]

O **padre 1** refere duas áreas do projeto nas quais é possível elaborar registos estatísticos: a área da formação, que considera prioritária e a área das estruturas (estruturas físicas, edificação e recuperação de equipamentos).

> Do ponto de vista da formação, como estava a dizer há pouco, a solidez doutrinal em Ocua, que esteve abandonada a si mesma durante tanto tempo, ainda que com várias intervenções de religiosos, a solidez doutrinal está um pouco esfumada, vamos dizer assim. E portanto, a primeira coisa que nós começamos a fazer, aliás, desde que lá chegamos, a nossa palavra era formação, formação, formação.
> E se quisermos, do ponto de vista estatístico, só podemos fazer estatística nestas duas dimensões, que é a dimensão da formação e dimensão de estruturas. E portanto, foi o nosso trabalho durante um ano. [padre 1]

O **padre 2** refere a importância da persistência e da coerência das metas e linhas de ação dos programas pastorais a implementar e a insistência na sua execução no âmbito do objetivo principal, que é de facto a formação e a capacitação das pessoas.

> Mas aqui, no momento, o essencial que a paróquia precisa é quase isso. Porque sabemos que para implementar um procedimento, para ajudar a criar um grupo, um ano, dois, três, não chegam. Então, talvez o principal trabalho das equipas do projeto Salama! vá ser repetir os programas pastorais anteriores, com um ou outro ajuste, com um ou outro objetivo a colocar todos os anos, mas repetir, insistir, para que as coisas possam entrar. E isso demorará quatro ou cinco anos. A equipa anterior – o [padre 1], repassou um pouco isso e concordo, perfeitamente! Nós, nos próximos quatro, cinco anos não precisamos de inventar muito mais. Nem podemos! Temos de ser realistas e insistir no mesmo porque demora quatro ou cinco anos a ser uma realidade estável. Então, sobretudo os dois objetivos, da formação da catequese e dos conselhos de assuntos económicos das comunidades e paróquia acho que são essenciais. (...)
> É verdade que tenho uma paróquia, mas é verdade que aqui nós beneficiamos da dimensão ministerial da Igreja estar já bastante bem implementada. Não precisa de muita formação, precisa de reorganização mas está muito bem implementada. [padre 2]

O **voluntário 1** refere a premência do trabalho pastoral e dentro deste, como principal objetivo, a organização dos conselhos para os assuntos económicos de cada comunidade, para a auto-sustentabilidade da paróquia, assim como, a promoção da entreajuda através da criação de um fundo comunitário para apoio mútuo em situações de luto, catástrofe ou outras necessidades. Sublinha a este nível que: “não é por serem pobres que não se podem ajudar uns aos outros”. E um outro objetivo inicial é o da organização da catequese

paroquial que devido ao período em que a comunidade esteve sem assistência de uma equipa pastoral, muitas das atividades se desmembraram.

> A nível da pastoral, que seria sempre o nosso objetivo - e foi, tínhamos como objetivo definido para o primeiro ano organizar os conselhos económicos das comunidades, de forma a permitir uma autossustentabilidade da paróquia e, também, a entreajuda. Ou seja, criar um fundo comunitário para ajuda mútua em situações de luto, de perda, de catástrofe. Não só a nível da sustentabilidade da paróquia, em si, mas também de fazer ver que não é por serem pobres que não se podem ajudar uns aos outros. Também tínhamos como objetivo primordial organizar a catequese porque a paróquia estava desassistida há dois anos. Obviamente, as atividades pastorais foram-se desmembrando… Conseguimos organizar a catequese. Ainda não está totalmente bem definida. Mas nunca esperávamos que o estivesse ao fim de um ano. Porque é preciso tempo. A própria distância entre as comunidades assim o faz. A nossa comunidade mais remota ficaria a mais de 100 km, ou seja, é bastante difícil o acesso às comunidades. Em tempo de chuva é mesmo intransitável! [voluntário 1]

O **voluntário 2** refere o isolamento e a pobreza de recursos da região onde a missão se situa. E embora as prioridades de âmbito pastoral (a catequese, a formação de acólitos para o serviço da liturgia) fossem muitas, a equipa era procurada para responder a apoios na área da educação, para conversas relacionadas com a vida da comunidade religiosa e também da comunidade em geral, envolvendo tomadas de decisão em que é necessário fomentar o sentido crítico, o saber dizer não.

> Num meio assim é normal que surjam todo o tipo de trabalhos. É normal que as pessoas te batam à porta a pedir ajuda. Seja por causa de um filho, de trabalho... As coisas vão surgindo. A questão pastoral, se não formos nós a andar com ela, ninguém vem perguntar por ela. Ocua é um meio onde a educação é fundamental para as pessoas crescerem num ambiente saudável e terem autocrítica e, por exemplo, decidirem mesmo relativamente à Igreja. Em relação à vida social que vão ter, saber o que querem e o que não querem, terem capacidade crítica, saberem dizer “sim”, saberem dizer “não”, e não simplesmente argumentar porque era assim. Se nos focarmos na questão pastoral, todas as outras coisas se vão desenrolar naturalmente. [voluntário 2]

O **voluntário 3** refere que o projeto tem tanto de dimensão pastoral como de dimensão humana, que especifica denominando-o de pastoral social, referindo ainda que para uma evangelização é necessário privilegiar a dimensão humana, o contacto “pessoa a pessoa”. A evangelização é uma realidade já presente na comunidade, mas a dimensão da escuta e do “estar” com o “outro” fez-se sentir durante o período de missão desta equipa.

> Antes de estar no terreno, acho que o projeto é audaz, é ambicioso. Tem tanto de pastoral católica como de pastoral humana. Quando falo de pastoral humana quero falar de

> pastoral social, de contacto de pessoa a pessoa. Depois, no terreno, apercebi-me de que a maior parte do trabalho que tem de ser feito é esse: o humano. Porque se o nosso objetivo principal é evangelizar, o que temos de privilegiar é esse contacto humano. Estamos a falar de um povo com o qual é difícil estabelecer um laço. É preciso conquistar. Temos que o “desbravar” porque não dá logo muita confiança! É preciso conquistá-lo a pouco e pouco.
> Acho que é um projeto que vive muito disso. Não senti grandes barreiras a nível humano. A nível material ou a nível físico, sim. É um projeto noutro continente, há muitas barreiras económicas… Os desafios são mais esses. As pessoas querem ser tocadas, querem ser formadas, querem ser evangelizadas e deixam-se tocar. Deixam-se alcançar!
> Se calhar, o evangelizar foi a necessidade menor que eu senti lá. O que senti foi que precisavam mesmo de amor, de alguém que estivesse lá, que os ouvisse, que estivesse com eles. Sentem muito a necessidade de alguém só para estar! [voluntário 3]

6.2.1.1. Catequese

A catequese é considerada pela Igreja Católica como uma das suas principais missões, tendo por base a transmissão da fé em Jesus Cristo relatada nos escritos bíblicos (evangelização). O Concílio Vaticano II, por sua vez, recoloca a catequese como o primeiro dos meios pedagógicos da Igreja e que deve ser uma catequese nas dimensões: bíblica, litúrgica e ecuménica assim como atenta às questões missionárias.

O **padre 1** refere a importância da formação nas seguintes áreas: da catequese, para catequistas, para lideres e elementos dos conselhos para os assuntos económicos, áreas consideradas prioritárias para a diocese de Pemba e prioridades assumidas pela equipa missionária: “A formação do ponto de vista catequético, para os catequistas, para as lideranças assim chamado e para os conselhos económicos, que era uma prioridade da diocese de Pemba, porque nós assumimos as prioridades da diocese de Pemba.”

O **padre 2** refere que a equipa missionária planeou três cursos para catequistas, destinadas às três zonas pastorais da missão, dada a importância da formação catequética para a evangelização. A sede da missão está preparada para acolher cerca de trinta formandos, durante uma semana, para estas formações.

> Na formação de catequistas, sim, faz-se aqui porque temos programados três cursos de iniciação para catequistas, que decorrem durante a semana. Chamamos os catequistas – este ano, dividimos esses cursos também pelas três zonas: o primeiro curso será para uma zona, o segundo para outra e o terceiro para outra. Teremos a capacidade de receber à volta de trinta pessoas, por cada curso, para formar na catequese. [padre 2]

Fica assim evidente que a catequese, que neste caso é essencialmente de adultos, é um aspeto de formação fundamental deste projeto Salama!. Este facto é realçado pelo investimento feito no apadrinhamento/amadrinhamento de catequistas, já referido ao longo deste trabalho.

6.2.1.2. Formação para a dignidade humana

A formação para a dignidade humana é um aspeto bastante focado pelo bispo ao longo de todo o seu discurso, mas também é referido pelos voluntários 1 e 4.

O **bispo** refere a componente do desenvolvimento e da educação não formal que o projeto contempla. Considera como ponto fundamental do projeto a formação geral das pessoas a que chama “resgatar dignidade”. A presença e as ações da equipa missionária conduzem à identificação das necessidades e ao investimento na formação das pessoas.

> Agora, o projeto tem uma componente de desenvolvimento, de educação não-formal. De formação, de uma maneira geral, em todas as áreas. A partir do momento em que os missionários estão ali, eles vão percebendo as necessidades e vão investindo na formação de pessoas. Eu penso que o fundamental do projeto é formar pessoas, resgatar dignidade, ajudar as pessoas a levantarem a cabeça, acreditarem nas próprias potencialidades. Enfim, ajudar as pessoas a se descobrirem e a se valorizarem e a darem passos no sentido da sua própria auto-promoção. Então, nesse sentido, eu penso que o projeto está aberto.
> Mas também, no aspeto formação: formação para mulheres, formação para catequistas, formação para famílias, formação para juventude, para adolescentes, (…)
> Em primeiro lugar, como eu disse, a presença e a formação que pode ser oferecida às pessoas. A equipa missionária tem-se preocupado muito com a educação, por exemplo, a educação formal e não formal. Quando falamos de educação não formal é toda essa educação que a paróquia oferece para as mulheres, para os jovens, para os adolescentes, etc. [bispo de Pemba]

O **voluntário 1** refere como o mais importante a área da educação, que não dissocia da área da pastoral, detalhando nos cuidados básicos de higiene, no acompanhamento das crianças, que na ausência dos pais, a trabalhar, ficam sós. Acrescenta que a presença da equipa missionária incentiva o sentido crítico das pessoas, promovendo, por outro lado, o crescimento mútuo.

> A nível de projeto, tirando a parte pastoral, diria que o mais importante – e isto também é pastoral – é a área da educação. É uma zona bastante rural, as crianças passam o dia a brincar umas com as outras sem qualquer tipo de atividades para fazer, sem qualquer tipo de consciência de, por exemplo, se estou a brincar e meto as mãos à boca tenho de lavar primeiro. Não há qualquer tipo de hábitos de higiene de nada! Nem na altura de

> comer. E de regras. As crianças estão abandonadas e não falam a língua oficial do país, que é o português. Eu penso que um pré-escolar, como havia no tempo das Irmãs, é fundamental em tudo, quer em questões de hábitos alimentares, quer em questões de higiene, quer em questões de regras, em tudo! (...) Penso que o desenvolvimento de um país passa pela educação e acho que, neste momento, é a área mais emergente em Ocua. E penso que a presença missionária, a todos os níveis, incentiva ao espírito crítico sobre as coisas. O porquê de fazer assim e não fazer de outra maneira? O porquê de aceitar isto quando está errado? Porque é que nos resignamos? Para além de sermos uma presença de esperança, estamos aqui para ajudar a crescer – mutuamente, obviamente. [voluntário 1]

O **voluntário 4** refere a importância da alfabetização, sobretudo das mulheres, dando o exemplo de que as mulheres falam, essencialmente, o macua e não sabem ler, nem escrever, o que não permite a sua autonomia financeira. Refere que o facto é verificado nas celebrações religiosas onde apenas uma ou duas mulheres fazem as leituras.

> Sim, alfabetização. Porque as mamãs muitas vezes são enganadas pelos próprios maridos a nível de dinheiro, a nível de documentos porque não sabem. Só sabem macua. Ensinaram-lhes em criança a falar. Não sabem escrever, não sabem ler. Isso vê-se nas missas quando se faz leituras em macua só uma ou duas é que sabe ler, de resto, ninguém sabe. [voluntário 4]

6.2.1.3. Mulheres

A promoção da mulher, aflorada também pelo voluntário 4 no ponto anterior, é também referida pelo bispo, pela coordenadora e pelo voluntário 2.

O **bispo** considera que, no longo percurso de maturação do projeto, existem várias áreas a aprofundar, das quais se destaca, entre outras, o trabalho com as mulheres:

> Isso não tem nada a ver com paternalismo, mas é a possibilidade de proporcionar às pessoas um crescimento porque depois elas próprias possam ajudar outras pessoas, ajudar a própria família. Então, em várias áreas, na área da educação, na área da saúde, na área do desenvolvimento integral, na área da juventude, na área das mulheres, eu penso que é um caminho todo aberto pela frente. [bispo de Pemba]

A **coordenadora** destaca o papel que o projeto pretende dar às mulheres e as dificuldades na concretização dessa intenção, uma vez que, o seu nível de formação é muito inferior relativamente aos homens:

> E outra coisa também é que, nós achamos que, por uma questão de coerência até com o próprio projeto, que promove, que tenta promover a mulher, que acaba por ter um papel muito inferior em Moçambique, mas achamos que deviam ser mulheres as monitoras,

> mas isso acaba por ser mais difícil ainda porque, se não há homens com formação, mulheres muito menos. [coordenadora]

O **voluntário 2** refere a importância de um espaço onde as mulheres possam encontrar-se e conversar. Cita o exemplo da tarefa de ir abastecer de água ao poço atribuída, socialmente, à mulher e que tem também uma função de algum caráter lúdico:

> Num encontro de mulheres, às vezes não é preciso dizer nada. É preciso o espaço onde as mulheres possam falar. É uma tradição que existe muito que, antigamente, usávamos aqui nos tanques de lavar e lá se usa muito nos poços, nos furos. Quando vão buscar água – porque maioritariamente são as mulheres que o fazem – é um ato social. Quando me dizem “vai lá tu buscar água”, se calhar não é a melhor coisa que eu faço. Porque, se calhar, é um ato social das mulheres. [voluntário 2]

6.2.1.4. Pastoral social

A pastoral social, que pode ser confundida com o trabalho social, é referida pelo bispo, pelo padre 2 e pelos voluntários 2, 3 e 4. A principal diferença entre a pastoral social e o trabalho social, é o ponto de partida deste trabalho: se é o Evangelho ou se é a educação para a cidadania global. A linha entre os dois é muito ténue, e quase que se pode afirmar que todo o trabalho social, mesmo os projetos, que se realiza no Salama! é considerado pastoral social.

O **bispo de Pemba** refere a importância da dimensão social do projeto que se concretiza num conjunto de atividades pelas quais a Igreja realiza a sua missão, na proximidade da equipa missionária à comunidade e se concretiza na observação das questões que vão surgindo e vão tendo resposta da equipa: “Terceiro aspeto social: os missionários estando ali, vão conhecendo a realidade e vão dando resposta de acordo com as necessidades da comunidade.”

O **padre 2** refere que existe uma intencionalidade de capacitar as populações para a tomada de decisões na vida cívica e na educação:

> Procuramos capacitar as pessoas para as suas decisões na sua vida cívica, na educação. Naturalmente que aquilo que nós vamos procurando ajudar as comunidades quando as vamos visitar parte também sempre da sua realidade socioeconómica. Porque somos cristãos, porque somos católicos, é muito importante que saibamos atender, ajudar, pôr o cunho de Jesus Cristo aqui. [padre 2]

O **voluntário 2** refere que, na área social, há um trabalho vasto a desenvolver e que os resultados não são imediatos. Para a equipa missionária, em concreto, o benefício da missão é essencialmente o conhecimento de uma realidade nova e a integração dessa experiência:

> No âmbito social, acho que há muito por onde trabalhar, pouco a pouco. Não se vai conseguir resultados de um dia para o outro, por isso é difícil, para mim, fazer uma avaliação neste momento. (…) É a mesma coisa que falar da pastoral: não digo que não exista nada mas há muitas carências! Neste caso, a carência não é só dinheiro, não é só pobreza. Claro que uma coisa pode levar à outra... Mas a nível social, eu acho que há muita coisa para fazer e interessante! E se nós aqui em Braga tivermos pessoas que estejam a trabalhar em casos concretos, que possam ser enviadas de forma a automatizar as coisas lá e depois voltarem, acho que poderá ser muito interessante. Seja a nível pessoal, de quem vai, mas da diocese também. E depois até fazer o contrário: a pessoa que foi, provavelmente, há-de mudar (acho que é isso que acontece), inconscientemente, a sua forma de trabalhar cá. São as grandes vantagens que se pode ter na cooperação: a nível social cá e lá, há muita área por onde trabalhar. [voluntário 2]

O **voluntário 3** refere a área social desenvolvida através de tarefas de acompanhamento das mães (consultas e programa de aleitamento).

> O papel primário, além do papel de pastoral católica, era parte social: aleitamento; consultas das mamãs: do pré-natal e dos recém-nascidos; acompanhamento da Virgínia, uma adolescente de 15/16 anos, e do Marcelino, uma criança de 7/8 anos, que têm tuberculose linfática e estão a fazer medicação e têm de ser diariamente supervisionados. [voluntário 3]

O **voluntário 4** refere a divisão de tarefas entre os elementos da equipa (programa de aleitamento, comissão da mulher, acompanhamento das mães, acompanhamento dos mais carenciados a consultas hospitalares) e a preparação da escolinha, que se mantém na perspetiva de ser inaugurada.

> Tenho o programa de aleitamento, tenho acompanhamento às mamãs, tenho a comissão da mulher... Não faço parte da comissão da mulher mas vou lá caso precisem de alguma coisa. Ando a tentar implementar o grupo de jovens na paróquia porque andava disperso, os miúdos não andavam interessados, andavam um bocado “a leste” do programa em si. Também temos a parte de algum apoio que eles queiram; quando vão lá a casa, pedem, também, ajuda. Fazemos algum acompanhamento ao hospital das pessoas mais carenciadas, que não conseguem alugar um carro para ir. [voluntário 4]

Verifica-se assim que há um vasto campo de atuação na pastoral social, sendo as principais áreas referidas: a educação/formação, a saúde e a promoção da mulher.

6.2.1.5. Promoção da rapariga

Mais importante até do que a promoção da mulher, é a promoção da rapariga, pelo seu caráter formativo e também sustentável a nível de futuro, pois educar uma rapariga será, de certa forma, garantir a possibilidade de ela, enquanto mulher, poder ter um futuro diferente e uma forma diferente se educar os seus filhos. Assim, a promoção da rapariga é referida quer pelo bispo, quer por dois voluntários.

O **bispo** refere também a importância da educação formal concretamente orientada para as raparigas, uma vez que elas se tornam mães precocemente. Por essa razão é necessário promover uma discriminação positiva.

> E a educação formal também é preocupação da equipa. Por exemplo, a educação das raparigas, das meninas, porque as meninas em Moçambique ficam mães muito cedo. Então os missionários, não só esses, mas em geral na diocese têm essa preocupação com a educação das meninas, que elas estudem, que frequentem o máximo possível a escola, isso também está colaborando para o desenvolvimento. [bispo de Pemba]

O **voluntário 1** refere o incentivo à continuação dos estudos por parte das meninas, apoiando e, em simultâneo, fazer ver a necessidade de questionar a realidade, que não há necessidade de serem mães tão jovens e evitar as gravidezes precoces e promover uma mentalidade nova.

> A questão do incentivo ao estudo das meninas. Tínhamos um grupo que pertencia ao grupo coral das raparigas e eu fiz questão de me aproximar delas e de estar com elas e de fazer ver que há outro mundo para além de engravidar aos treze anos e abandonar a escola! Fazer ver que é possível elas estudarem – com muito esforço, obviamente. A vida delas não se tem de resignar a ter filhos aos treze anos e a cuidar dos filhos e a ir para o campo. Fazer ver que é preciso questionar as coisas. É preciso pensar e não aceitar o que nos dizem só porque sim. Isso foi o que me chocou tremendamente, principalmente, em relação às adolescentes, raparigas. O estatuto delas é bastante chocante! Se o da mulher adulta já o é... Então, como crianças indefesas, que não têm outra opção, não conhecem outra realidade, aceitar isso porque é assim, porque sempre foi assim... Para nós, que vamos de uma cultura ocidental e bastante desenvolvida é bastante chocante! [voluntário 1]

O **voluntário 4** refere a necessidade de promoção da escolaridade para as meninas num trabalho já iniciado através do apoio constante nos estudos, no apoio na obtenção dos uniformes, no pagamento de propinas para a escola primária completa (EPC) e ensino secundário.

> Por exemplo, das meninas. Aqui, em Moçambique, na parte norte, seria criar uma comissão, uma organização, que pegasse nas meninas e que as incentivasse a estudar, independentemente de os pais as quererem levar para a machamba cedo, e de toda a cultura de ritos… Era de puxar as meninas para estudarem, dar-lhes apoio constante a nível de estudos. Já estamos a fazer isso, com uniformes, com pagamento das propinas da escola secundária e mesmo da EPC.
> É mais centrado na sede! Por exemplo, para o apoio ao estudo às meninas, nós criámos um censo de escolaridade – tinha a classe, tinha pais, meninas, onde se perguntava o que é que queriam ou não queriam? Em que escola andam? E espalhamos por toda a paróquia. É claro que nem toda a gente entregou os papéis – isso já estávamos à espera, mas recebemos um bom *feedback* e, se tudo correr bem, vamos tentar chegar a toda a gente que pediu apoio. [voluntário 4]

6.2.1.6. Saúde

Como já foi referido, a saúde é, sem dúvida, uma das áreas prioritárias da pastoral social. Esta foi referida pelo bispo, pelos padres e por dois dos voluntários.

O **bispo** refere o apoio dado, na área da saúde, pela equipa e em específico por um voluntário, que é de enfermagem. A missão tem um pequeno posto de saúde que funcionou durante um período de tempo e encerrou e posteriormente, com a nova equipa missionária, voltou a ser aberto.

> Resposta na área da saúde, por exemplo, na missão há uns tempos atrás, quando estavam lá as irmãs, foi construído um pequeno posto de saúde, e quando saíram as irmãs, o posto fechou. Então, a primeira equipa que chegou tratou de reabilitar o posto de saúde, e ele voltou a funcionar agora com a segunda equipa. Com a primeira não conseguiu mas na primeira equipa havia [o voluntário 1] que é uma enfermeira, ajudou muito nessa área, cuidou muito de crianças, de adultos, encaminhou para o hospital, levou ao hospital, curou, atendia ali na própria área missão, muitos doentes. Então, esse aspeto social foi muito forte. Mesmo crianças desnutridas que foram atendidas, foram ajudadas as mães a como tratar com as crianças, como agir em determinadas situações. Então, o aspeto social também foi muito forte, desde o começo. [bispo de Pemba]

O **padre 1** refere a área da formação para a saúde, sobretudo com as mães, como a base para serem trabalhadas as restantes áreas ligadas à saúde, sendo que ter uma enfermeira nesta equipa foi uma boa ajuda. Após as estruturas físicas serem reabilitadas, casa de acolhimento para a equipa e o posto de saúde, a prioridade contínua é a formação.

> E outra área que é a formação para a saúde, sobretudo das mamãs. Porque efetivamente não adianta ter medicamentos para distribuir quando as mães não percebem a importância de amamentar. Não adianta termos vacinas para isto e para aquilo quando as mães não percebem que é preciso ferver a água para dar às suas crianças. E portanto, o facto de termos na equipa anterior uma enfermeira, o facto de termos um arquiteto

> catequista e o facto de termos um padre facilitou esse âmbito da formação. E portanto, a nossa insistência, se quisermos de uma primeira área estruturas físicas, da casa de acolhimento para a equipa missionária, e do posto de saúde, segundo nível formação, formação, formação. [padre 1]

O **padre 2** refere a atenção à pessoa, incluindo na área da saúde, para sublinhar que o atendimento pastoral é global, isto é, à pessoa no seu todo.

> Tendo claro que aqui em Santa Cecília de Ocua como em Famalicão, como em todo o lado, em Braga e em Moçambique, nós não podemos formar cristãos se não atendermos à pessoa. Há algo que é paralelo. Nós, aqui, ajudamos as pessoas na área da saúde – muitas vezes ajudamos ou vamos levar ao hospital, em situações mais complicadas. [padre 2]

O **voluntário 1** refere que o primeiro ano da missão e a primeira equipa missionária corresponderam ao lançamento dos vários projetos da equipa e deu como exemplo o posto de saúde reabilitado por esta equipa e as necessidades identificadas para projetos futuros, sobretudo a nível da educação para a saúde.

> Nós lançámos a semente. Houve situações que ficaram estruturadas e no bom caminho. Por exemplo, a questão do posto de saúde – foi difícil conseguirmos ter toda a burocracia tratada, mas conseguimos. Quando saímos, o posto de saúde já estava prestes a abrir e a funcionar. Neste momento está integrado na Rede de Cuidados Primários do Distrito de Chiúre, ao qual pertence Ocua.
> A nível de saúde, eu acho que há tudo por fazer! Tudo. Principalmente, e mais do que o âmbito curativo, a nível de educação para a saúde. A literacia no campo da saúde é reduzida! É reduzida a zero ou até a negativos, digamos. As pessoas não têm noção do quanto a lavagem das mãos pode prevenir a morte de uma criança, sobretudo! Ou seja, não há educação, há as questões de que o comprimido é que cura e tomando o comprimido vou ficar bem e já não tenho de fazer mais nada! Ou seja, a educação para a saúde, a promoção da saúde e a prevenção da doença. Ou seja, na minha área há tudo para fazer. Tudo! Até mesmo a formação dos próprios profissionais que estão a trabalhar. [voluntário 1]

O **voluntário 4** refere também a necessidade da formação na área da saúde: a prevenção, os cuidados básicos e o suporte básico de vida, entre outras.

> A nível de doenças – aqui as doenças são imensas, e métodos de proteção para mostrar como funcionam – no caso da malária, da febre tifoide, cólera; também, termos um bocado de formação na área de saúde. Por exemplo, primeiros socorros também seria interessante, apesar de termos um posto de saúde. Ao fim-de-semana, muita gente vai lá para nos pedir apoio a nível de saúde e de primeiros socorros. Felizmente, eu tenho o curso de primeiros socorros mas quando é mais grave vou direto para o Hospital. [voluntário 4]

6. Estudo de caso do “Salama!”

Apresenta-se um quadro-síntese com as várias **áreas da pastoral** (Quadro 5).

Quadro 5: Síntese das principais ideias e vozes dos entrevistados relativamente ao trabalho pastoral realizado.

Trabalho realizado	Entrevistados	Ideias/*voz* dos entrevistados
Trabalho Pastoral	**Bispo**	Primeiro objetivo é a evangelização *“é um projeto voltado para a pastoral, de desenvolvimento social, ele abrange”*
	Padre 1	Considera prioritária área da formação *“a primeira coisa que nós começámos a fazer, aliás, desde que lá chegamos, a nossa palavra era formação, formação, formação.”*
	Padre 2	A importância da coerência das metas *“sobretudo os dois objetivos, da formação da catequese e dos conselhos de assuntos económicos das comunidades e paróquia acho que são essenciais.”*
	Voluntário 1	A auto sustentabilidade da Paróquia *“tínhamos como objetivo definido para o primeiro ano organizar os conselhos económicos das comunidades,”*
	Voluntário 2	Necessidade de fomentar o sentido crítico *“Em relação à vida social que vão ter, saber o que querem e o que não querem, terem capacidade crítica”*
	Voluntário 3	Necessidade privilegiar a dimensão humana *“Tem tanto de pastoral católica como de pastoral humana.”*
Catequese	**Padre 1**	Formação catequética para agentes da pastoral *“A formação do ponto de vista catequético, para os catequistas, para as lideranças assim chamado e para os conselhos económicos”.*
	Padre 2	Importância da formação catequética *“temos programados três cursos de iniciação para catequistas”.*
Formação para a dignidade humana	**Bispo**	Formar pessoas para a dignidade *“o fundamental do projeto é formar pessoas, resgatar dignidade”*
	Voluntário 1	Importância da área da educação para o espírito crítico *“a presença missionária lá, a todos os níveis, incentiva ao espírito crítico sobre as coisas”*
	Voluntário 4	Importância da alfabetização *“Porque as mamãs muitas vezes são enganadas pelos próprios maridos a nível de dinheiro, a nível de documentos porque não sabem”* (ler)

Mulheres	**Bispo**	Aprofundar a área de ação das mulheres *"na área das mulheres etc., eu penso que é um caminho todo aberto pela frente."*
	Coordenadora	Papel que o projeto pretende dar às mulheres *"achamos que deve ser uma mulher, deviam ser mulheres as monitoras"*
	Voluntário 2	Importância de um espaço das mulheres *"É preciso o espaço onde as mulheres possam falar."*
Pastoral social	**Bispo**	Importância da dimensão social do projeto *"vão dando resposta de acordo com as necessidades da comunidade."*
	Padre 2	Capacitar as pessoas para a tomada de decisão *"Procuramos capacitar as pessoas para as suas decisões na sua vida cívica, na educação."*
	Voluntário 2	Trabalho vasto a desenvolver *"a nível social cá e lá, há muita área por onde trabalhar"*
	Voluntário 3	Área social desenvolvida no acompanhamento *"O papel primário, além do papel de pastoral católica, era parte social: aleitamento; consultas das mamãs".*
	Voluntário 4	Acompanhamento dos mais carenciados *"Fazemos algum acompanhamento ao hospital das pessoas mais carenciadas".*
Promoção da rapariga	**Bispo**	Educação formal orientada para as raparigas *"Na diocese tem essa preocupação com a educação das meninas, que elas estudem, que frequentem o máximo possível a escola, isso também está colaborando para o desenvolvimento".*
	Voluntário 1	Continuação dos estudos por parte das meninas *"Fazer ver que é preciso questionar as coisas. É preciso pensar e não aceitar o que nos dizem só porque sim."*
	Voluntário 4	Promoção da escolaridade para as meninas *"Era de puxar as meninas para estudarem, dar-lhes apoio constante a nível de estudos."*
Saúde	**Bispo**	Importância da pastoral da saúde nas mamãs e crianças *"Mesmo crianças, não é, desnutridas que foram atendidas, foram ajudadas as mães a como lidar, como tratar com as crianças, como agir em determinadas situações."*
	Padre 1	Educação para a saúde *"Não adianta termos vacinas para isto e para aquilo quando as mães não percebem que é preciso ferver a água para dar às suas crianças."*
	Padre 2	Atendimento da pastoral da saúde mais global *"Nós, aqui, ajudamos as pessoas na área da saúde –*

	muitas vezes ajudamos ou vamos levar ao hospital, em situações mais complicadas.”
Voluntário 1	Trabalho de educação para a saúde por fazer *“A nível de saúde, eu acho que há tudo por fazer! Tudo. Principalmente, e mais do que o âmbito curativo, a nível de educação para a saúde.”*
Voluntário 4	Necessidade de formação na área da saúde *“A nível de doenças – aqui as doenças são imensas, e métodos de proteção para mostrar como funcionam – no caso da malária, da febre tifoide, cólera”.*

6.2.2. Projetos

Relativamente aos projetos, são enumerados pelos entrevistados o projeto do aleitamento, a escolinha, a machamba e o incentivo escolar às raparigas.

O **padre 2** refere a importância do projeto de aleitamento, implementado pela anterior equipa missionária; acrescenta, no presente, a evidência de ser prioritária a abertura da escolinha e abre a reflexão ao modelo de gestão futura da machamba[11] comunitária da paróquia:

> Quarta e quinta-feira seria mais para estar por aqui, por exemplo da parte da manhã, é quando está concentrado o atendimento das mamãs que vêm buscar o leite, no projeto do aleitamento, e a semana está feita!
> Relativamente aos projetos, como digo, quando nós viemos para cá, eu não fiquei com a ideia de que havia algum objetivo. Havia algumas linhas. Nós queríamos abrir a escolinha mas não quer dizer que fosse a nossa equipa. A escolinha é um objetivo e, portanto, como digo, convém capacitar-nos de que é necessária. Até porque se nós não a abrirmos pode ser aberta pelo Governo e perder-se uma oportunidade na paróquia. (...). Neste momento, o projeto Salama! tem a vantagem de tudo o que se tem proposto fazer, estar numa linha de abertura. Neste momento, acho que sim, a escolinha terá de estar como uma prioridade – ainda que a médio, longo-prazo, porque nos apercebemos que não é tão simples quanto isso abrir, e outra, com a qual conseguiríamos ajudar muito a transformar a face da economia de Mahipa, seria a machamba. Mas que me parece que ultrapassa muito aquilo que são as nossas capacidades enquanto equipa pastoral. Nós não entendemos a forma cultural e tradicional de fazerem e trabalharem a machamba. [padre 2]

O **voluntário 2** refere que o projeto das machambas tem potencialidades pastorais uma vez que pode servir como elemento potenciador da aproximação entre vários elementos da comunidade.

> Mas, por exemplo, o projeto das machambas, não tenho dúvida que seria algo muito vantajoso para ambas as partes. Por isso, caminho existe muito para andar. Ainda por

[11] Machamba é um termo usado em Moçambique para definir um terreno agrícola.

> cima, numa paróquia tão grande existe muita coisa por onde se pode pegar e se pode desenvolver. Por onde? É a capacidade que temos de ter, de perceber qual será a maior necessidade agora, depois... Na altura, chegamos a ter algum trabalho no sentido, e por vontade da diocese de Pemba, de fazer progredir a própria paróquia. Isto pode fazer alguma aproximação aos paroquianos – num sítio mais pequeno, maior a probabilidade de nos conseguirmos aproximar. [voluntário 2]

A **coordenadora** destaca a implementação do projeto da machamba e a sua importância para a sustentabilidade do projeto da escolinha, sublinhando, no entanto, que os projetos surgirão, em primeiro lugar, motivados pela comunidade e não quando a equipa missionária achar que faz sentido:

> Nós pensamos que as coisas não vão acontecer quando a equipa missionária quer, mas sim quando as pessoas estiverem preparadas. Assim como um outro projeto que está dentro dos planos da equipa missionária, que é a machamba: à volta da missão católica há um terreno enorme, que estava a ser trabalhado pelas pessoas que moravam ali perto, que agora a paróquia vedou, e está a fazer, no fundo não é uma cooperativa mas é o sistema: o terreno foi todo lavrado, houve um trator que no ano passado, por volta de agosto ou setembro, foi lavrar para que as pessoas o pudessem cultivar. A ideia é que as pessoas, depois de cultivarem o terreno, deem uma parte da cultura para a missão, para poder ser um sustento para a escolinha mas também para tornar a missão e a paróquia sustentável. No fundo, para que se possa contribuir para a missão não ser totalmente dependente de fundos externos. [coordenadora]

O **voluntário 3** refere a importância do programa de apoio ao aleitamento materno e a fase de implementação do regulamento do mesmo.

> Depois, estava também, com o programa de apoio ao aleitamento materno, para as mamãs que não têm leite suficiente – o que requer um acompanhamento mensal de todas as mamãs e bebés. No início, quando cheguei, o programa de aleitamento estava numa fase inicial, não havia regulamento. Fiz por criar isso, um regulamento base de procedimentos para que quando uma mamã chegue até nós, seja atendida por quem for (...). [voluntário 3]

O **voluntário 1** coloca o incentivo escolar às raparigas como um objetivo para a mudança de mentalidades, uma área de intervenção claramente alinhada com os ODS, especificamente com o quarto e o décimo objetivos, que visam garantir a educação inclusiva e equitativa de qualidade e acabar com todas as formas de discriminação contra todas as mulheres e meninas, respetivamente:

> Tínhamos um grupo que pertencia ao grupo coral das raparigas e eu fiz questão de me aproximar delas e de estar com elas e de fazer ver que há outro mundo para além de engravidar aos treze anos e abandonar a escola! Fazer ver que é possível elas estudarem

> – com muito esforço, obviamente. A vida delas não se tem de resignar a ter filhos aos treze anos e a cuidar dos filhos e a ir para o campo. Fazer ver que é preciso questionar as coisas. É preciso pensar e não aceitar o que nos dizem só porque sim. [voluntário 1]

O **voluntário 4** refere os apoios concretos disponibilizados, às meninas, de modo a incentivar a sua permanência e progresso escolar: “Era de puxar as meninas para estudarem, dar-lhes apoio constante a nível de estudos. Já estamos a fazer isso, com uniformes, com pagamento das propinas da escola secundária e mesmo da EPC.”

Apresenta-se um quadro 6 uma síntese com os vários **projetos** referidos pelos entrevistados.

Quadro 6: Síntese das principais ideias e vozes dos entrevistados relativamente aos projetos que se enquadram dentro do Salama!.

Projetos sociais	Entrevistado	Informação
Aleitamento	**Padre 2**	Importância do projeto do aleitamento *“(...) o atendimento das mamãs que vêm buscar o leite, no projeto do aleitamento, e a semana está feita!”*
	Voluntário 3	Estruturação formal do projeto do aleitamento *“No início, quando cheguei, o programa de aleitamento estava numa fase inicial, não havia regulamento. Fiz por criar isso.”*
Escolinha	**Coordenadora**	Sustentabilidade da escolinha *“(...) um sustento para a escolinha mas também para tornar a missão e a paróquia sustentável”*
	Padre 2	Importância do projeto da escolinha *“Neste momento, acho que sim, a escolinha terá de estar como uma prioridade.”*
Machamba	**Coordenadora**	Sustentabilidade para a missão *“No fundo, para que se possa contribuir para a missão não ser totalmente dependente de fundos externos.”*
	Voluntário 2	Potencialidades pastorais do projeto das machambas *“(...) o projeto das machambas, não tenho dúvida que seria algo muito vantajoso para ambas as partes.”*
Incentivo escolar às raparigas	**Voluntário 1**	Fazer ver que há outro mundo para além de engravidar *“(...) fiz questão de me aproximar delas e de estar com elas e de fazer ver que há outro mundo para além de engravidar aos treze anos e abandonar a escola!”*
	Voluntário 4	Incentivo escolar às raparigas *“Era de puxar as meninas para estudarem, dar-lhes apoio constante a nível de estudos. Já estamos a fazer isso, com uniformes, com pagamento das propinas.”*

6.2.3. Trabalho a melhorar

Entende-se por trabalho a melhorar, aquele que, após avaliação ou análise crítica, se considera que pode ser feito de maneira diferente.

O **bispo** refere que se trata de um projeto de continuidade e quando a equipa muda, os elementos novos trabalham na continuidade do trabalho desenvolvido pela equipa anterior, num princípio de análise critica, de melhoria contínua.

> Eu penso que sim. Todos nós que temos um pouco de capacidade crítica, em algum momento, pensamos assim: “Bom, se eu fizesse de novo, eu faria diferente. Ou eu teria começado por outro aspeto”. Eu penso que todos nós temos essa capacidade de perceber isso. Eu, como bispo, já estou muito contente com o que foi feito até agora, pela equipa missionária. [bispo de Pemba]

O **padre 2** refere que o tempo de preparação dos candidatos poderá ser aumentado e mais direcionado para as áreas do projeto (educação, saúde, comunidade). As parcerias locais com outras comunidades locais e com os missionários, deverão ser promovidas, assim como a aprendizagem com a experiência de outros modelos pastorais.

> Eu acho que o que pode acontecer é: neste momento, o projeto Salama! já tem uma capacitação, porque teve uma equipa cá, que já regressou a Portugal, para a execução de diferentes projetos. Sabendo de antemão que as equipas que mandam para aqui têm de vir de espírito aberto e para fazer tudo, não sei se, no futuro, não pode ser possível, por exemplo, direcionar a partir da formação os próprios voluntários para algo mais concreto. (...)
> O principal é a pastoral, a partir daí, podem-se fazer outras coisas. Naturalmente que se pode chegar ao momento em que há uma pessoa que não está propriamente dirigida para a pastoral, em que faça um apoio e esteja dirigida para um outro projeto. Por exemplo, este projeto da machamba precisaria de uma pessoa a tempo inteiro. O projeto da escolinha, provavelmente, precisará de uma pessoa a tempo inteiro. (...) De qualquer das formas, eu acho que a mais-valia, e é preciso incutir em todos, é a polivalência. Eu sou padre e não tenho problema em pegar numa vassoura, lavar a louça e ter de fazer aquilo que tiver de fazer! Claro que há coisas que tenho mais dificuldade. Na nossa equipa, na área da saúde não tem feito muito. (...) A grande vantagem que temos é que as comunidades religiosas que temos aqui, as paróquias vizinhas e o trabalho, também, que se pode fazer na zona pastoral. É uma coisa que aqui está a começar – a diocese tem noção disso, o D. Luiz também, que é esta interajuda entre as equipas missionárias em todos os âmbitos. [padre 2]

O **voluntário 3** refere que algumas questões relacionadas com a estrutura da equipa missionária, os papéis de cada elemento da equipa, poderão ser organizadas e articuladas

de melhor forma no futuro. Por exemplo, aspetos práticos das tarefas como a confeção das refeições e a possibilidade de novos projetos, poderiam ser integrados na formação.

> Mas também temos de ver que é tudo muito experimental, ainda só vamos no segundo ano. Pelo que percebo, no ano passado estava tudo às costas do [padre 1] – porque ele é que conhecia, sabia – e este ano tentou-se distribuir um bocado melhor. (...) Há coisas que eu acho que, no futuro, terão de ser melhor organizadas, melhor articuladas. [voluntário 3]

O **voluntário 4** refere que, com o decorrer do projeto, alguns procedimentos vão sendo feitos, naturalmente, de forma diferente: “Isso de fazer alguma coisa de diferente vai decorrendo com o projeto. Há sempre alguma coisa que aparece e, caso seja um bom ponto para aproveitar, puxamos para a nossa parte e tentamos desenvolver um bocado.”

6.2.4. Trabalho adequado (adequação)

Por trabalho adequado entende-se aquele que, tendo-se verificado que não era exequível, já foi alterado, ou então não se fazia e considera-se pertinente começar a fazer.

O **bispo** refere que o projeto, desde a preparação até ao início da sua execução suporta ajustamentos de ordem temporal, geográfica e de diferentes visões de vários atores.

> Eu penso que nós não paramos ainda para analisar isso. Mas eu penso que muita coisa já foi ajustada. Mesmo alguém, quando vai de um lugar para o outro, de um continente para outro, só pisando mesmo a terra, conhecendo um pouco a realidade, isso leva um certo tempo, já vai ajustando, vai ajustando a mentalidade, a visão de mundo, vai medindo as forças que tem porque a gente vai com um sonho, com ideais, e quando chega lá, a gente percebe “não, isso aqui agora não, tem que mudar, tem que ir por outro caminho”. Então, muitas coisas que foram começadas já foram ajustadas. Mesmo porque cada ano vai uma equipa diferente, e as equipas, claro, são formadas por pessoas diferentes, com uma visão diferente. Então, isso vai-se ajustando de acordo com as pessoas. Claro que há um projeto inicial, há uma visão global que deve ser seguida, mas vai-se adaptando. Então, eu penso que muitas coisas já se foi adaptando, foi mudando, à medida que o projeto foi caminhando. Estamos ainda no começo e já houve mudanças. Então, imagina quantas mudanças haverá para a frente. [bispo de Pemba]

A **coordenadora** refere que o acompanhamento da equipa missionária, pela dimensão dos projetos, deverá ser partilhado. A assistência espiritual deverá ser realizada localmente por um elemento externo ao projeto, havendo sempre aspetos a melhorar. Refere também que, tendo em conta que todos os anos os elementos da equipa mudam, é necessário, anualmente, fazer uma adaptação do projeto aos novos elementos.

> Acho que tentamos fazer o mais adequado, mas claro, há sempre coisas que podem melhorar e ser diferentes como esta do acompanhamento dos voluntários e de, eventualmente, poder haver uma equipa externa ao CMAB, e até de psicoterapeutas, de pessoas ligadas a esta área do desenvolvimento pessoal, que possam acompanhar mensalmente, ter reuniões mensais com as pessoas por Skype, que era uma das ideias de uma das voluntárias que nós tínhamos falado tinha dado, e que acho que pode ser muito interessante. Outra coisa que também achamos que pode ser interessante, e essa ainda é mais fácil, é haver alguém na diocese de Pemba que faça uma espécie de assistência espiritual aos voluntários (...). Quer padre, quer leigo, acaba por influenciar muito os projetos e aquilo que a própria equipa missionária faz. Embora haja, tal como como já disse, a referência do documento do projeto, que agora também vamos fazer uma avaliação. [coordenadora]

6.2.5. Trabalho não realizado

O **bispo** refere que o acordo missionário entre as duas dioceses prevê também o envio de agentes pastorais de Pemba para Braga, o que ainda não tinha acontecido à data da entrevista, mas que agora se sabe que foi concretizado, numa primeira fase, com o envio de dois seminaristas para o Seminário Conciliar de Braga, em setembro de 2018, para o ano letivo 2018/19, e numa segunda fase, com o envio de leigos para formação na Universidade Católica e posteriormente também será enviado um padre para o trabalho pastoral na arquidiocese de Braga.

> Um aspeto que desde o início foi falado mas não foi cumprido e que agora nós estamos tratando disso é justamente de enviar gente para cá. Braga já enviou para lá, já é o segundo grupo, e Pemba, ainda estamos tratando de enviar o primeiro grupo. Ainda que enviemos, numa primeira fase, dois seminaristas, que virão aqui para estudar, mas eu penso que a presença deles, de uma outra cultura num seminário pode ajudar também o próprio seminário, os seminaristas e os formadores a perceber a dinâmica de uma outra Igreja, e eu penso que isso vai gerar capacidade para os dois lados. Então, nós temos ainda a intenção, e para isso nós visitamos a universidade, o diretor da universidade, e de enviar leigos também para formação e, futuramente, espero que no futuro próximo, possamos enviar algum padre para vir trabalhar aqui, aprender e também dar um pouco, colaborar com a Igreja de Braga. Isso está no horizonte mas vamos dando passo por passo. [bispo de Pemba]

O **padre 2** refere que no momento em que se encontra o projeto, o trabalho que ainda não foi realizado será integrado nos planos seguintes da missão. O projeto goza de flexibilidade. Relativamente ao acolhimento de missões de curta duração (entre um a seis meses), estas exigiriam uma alteração dos recursos da residência e outra articulação com a equipa missionária:

6. Estudo de caso do “Salama!”

> Efetivamente, a vantagem do nosso projeto é a abertura! Nós não viemos com metas muito fechadas porque, também, não se podem ter aqui. Nem em Portugal quanto mais em Moçambique! Naturalmente, temos alguma limitação aqui na casa e no acolhimento de missões de curta duração. Mas eu não sei até que ponto, quanto tivermos missões de curta duração, uma equipa missionária de três pessoas tem capacidade para coordenar tudo isto. Neste momento, parece-me que uma equipa missionária com três pessoas consegue agilizar a pastoral do dia-a-dia de uma paróquia e tudo o resto, problemas de acompanhamento de saúde, um ou outro projeto, na coordenação com a diocese. Tudo o que seja para além disso, como as missões de curta duração, exigirá, , outra logística que não seja somente dependente e articulada com a equipa missionária. [padre 2]

O quadro 7 apresenta uma síntese das principais ideias apresentadas pelos entrevistados, relativamente ao trabalho realizado, adequado e a melhorar. De notar que, para a maior parte dos entrevistados, é claro que havia um projeto inicial como referência, e que estas alterações (melhorias, adequações, não realizadas) foram feitas relativamente a este projeto inicial.

Quadro 7: Síntese das principais ideias e vozes dos entrevistados relativamente trabalho realizado, a melhorar, que já foi adequado e que ainda não foi realizado.

Trabalho	Entrevistados	Ideias/voz dos entrevistados
Trabalho a melhorar	**Bispo**	Importância do sentido crítico no trabalho *“Todos nós que temos um pouco de capacidade crítica em algum momento pensa assim: “Bom, se eu fizesse de novo, eu faria diferente. Ou eu teria começado por outro aspeto”.”*
	Padre 2	Formação mais direcionada dos voluntários para áreas de trabalho *“(…) direcionar a partir da formação os próprios voluntários para algo mais concreto (...); Por exemplo, este projeto da machamba precisaria de uma pessoa a tempo inteiro. O projeto da escolinha, provavelmente, precisará de uma pessoa a tempo inteiro. (...) É uma coisa que aqui está a começar – a diocese tem noção disso, o D. Luiz também, que é esta interajuda entre as equipas missionárias em todos os âmbitos.”*
	Voluntário 3	Melhorar a distribuição de áreas de intervenção na equipa *“(…) e este ano tentou-se distribuir um bocado melhor. (...) Há coisas que eu acho que, no futuro, terão de ser melhor organizadas, melhor articuladas.”*
	Voluntário 4	Decorre do projeto as necessidades de melhoria *“Há sempre alguma coisa que aparece e, caso seja um bom ponto para aproveitar, puxamos para a nossa parte e tentamos desenvolver um bocado.”*
Trabalho adequado	**Bispo**	Diversidade do contexto e da equipa conduz à adequação

		“Então, muitas coisas que foram começadas já foram ajustadas. Mesmo porque cada ano vai uma equipa diferente, e as equipas, claro, são formadas por pessoas diferentes, com uma visão diferente.”
	Coordenadora	Adequação do modelo de acompanhamento de voluntários *“tentamos fazer o mais adequado, mas, como é obvio, há sempre coisas que podem melhorar e ser diferentes como esta do acompanhamento dos voluntários (...)”*
Trabalho não realizado	**Bispo**	Envio de padres e leigos de Pemba para Braga *“(...) no futuro próximo, possamos enviar algum padre para vir trabalhar aqui, aprender e também dar um pouco, colaborar com a Igreja de Braga.”*
	Padre 2	Acolhimento de voluntariado de curta duração *“Tudo o que seja para além disso, como as missões de curta duração, exigirá, talvez, outra logística que não seja somente dependente e articulada com a equipa missionária.*

Tal como já foi referido, os pontos seguintes são aspetos que são fundamentais e que influenciam sobremaneira o trabalho realizado no projeto Salama!, assim como em outros projetos deste âmbito.

6.2.6. Cultura

A cultura é um aspeto referido várias vezes pela maioria dos entrevistados no que diz respeito às questões de integração num novo contexto. Esta é também referida como aspeto que influencia o trabalho realizado pelos voluntários 3 e 4, principalmente nas relações com as pessoas.

O **voluntário 3** refere a necessidade de privilegiar a cultura, o entendimento da cultura moçambicana; valorizar o “estar” e o “dar”; e acrescenta que o projeto vive dessa realidade do “estar no meio”, como um lugar de dar e receber. Não identifica em nenhum momento um choque cultural, mas refere que experimentou o sentimento de raiva.

> É preciso privilegiar o entendimento da sua cultura, do seu modo de estar. E “estar” é uma palavra que conta muito na sua cultura – o saber lê-los, o entrosar com eles. Acho que é um projeto que vive muito daí, de estar no meio deles. São muito recetivos ao que temos para dar e estão muito disponíveis a dar-nos, também, o que têm para nós.
> Portanto, a nível de choque cultural ou de realidades, não posso dizer que tenha encontrado nada muito diferente daquilo que estava à espera. Não me senti, em momento nenhum, profundamente chocada. Senti-me, em algumas vezes, furiosa com o ser humano, com o laxismo do ser humano. [voluntário 3]

O **voluntário 4** refere que seria importante, na formação dos voluntários à equipa missionária, o conhecimento inicial da língua macua, dado o relevo que esta tem para a cultura e comunicação na missão.

> Por exemplo, uma coisa que se podia fazer na formação em Portugal era ter já alguma noção da língua macua. Porque nós chegamos aqui e não percebemos nada de macua! Eu ando a pedir aos miúdos da zona para me ensinar macua e eu ensino-lhes português e inglês. Há sempre aquelas palavras mais importantes que fazem com que uma pessoa desbloqueie alguma conversa ou alguma situação, e que podem ajudar. [voluntário 4]

6.2.7. Educação

A educação também é considerada uma área transversal e que influencia e está ligada a todo o trabalho realizado.

O **voluntário 1** refere a educação como área emergente do projeto. Sublinha que a escolinha (pré-escolar) pode trazer resultados significativos à comunidade, por exemplo, na educação para a saúde, e sublinha que a mudança de mentalidades começa pelas crianças.

> A nível de projeto e de áreas de intervenção? A educação. Sem dúvida! E falo na educação não só a nível de pré-escolar, em que se aprende os números e as letras, as regras de comportamento, mas, englobando já, a educação para a saúde. Porque as Irmãs faziam-no! De facto, vê-se a diferença. Pequena mas vê-se! Penso que o mais emergente, neste momento, é a educação! Era abrir a “escolinha” que equivale aqui à pré-escola e fazer um projeto de acompanhamento ao estudo. Ou mesmo, a nível de cursos profissionais. Por exemplo, não têm consciência de que lavrando a terra a cultura será mais abundante. Terá, por ventura, melhor qualidade. E educação a todo o nível, desde escola básica... Desde educação a nível mais técnico ou educação a nível de saúde. Educação a nível de regras e comportamento, educação a nível de pensamento crítico. Engloba tudo! E uma “escolinha” tem essa função! [voluntário 1]

6.2.8. Estruturas

Relativamente às estruturas, estas também estão referidas neste ponto do trabalho realizado porque se considera que estas condicionam muito o plano de ação. São abordadas, essencialmente, a dois níveis: as estruturas e obras relativas à residência da equipa missionária, que garantem as condições mínimas de habitabilidade, e as obras do posto de saúde, que permitiram a sua abertura. São ainda referidas as obras de manutenção das salas da escolinha.

O **padre 1** refere que na área das estruturas, a reabilitação da casa da missão onde a equipa missionária reside e reabilitação do posto de saúde constituem as duas grandes obras do

projeto que está concluído, neste momento. O plano de reabilitação do posto de saúde envolveu um tempo razoável de trabalho de preparação, de ordem pedagógico (sensibilização da comunidade para todas as fases do projeto):

> Há a dimensão de estruturas e, portanto, de cimento e betão armado, há a dimensão, se calhar, menos quantificável, de educação para o desenvolvimento. Do ponto de vista das estruturas, há duas coisas evidentes, que foi tornar uma casa habitável, e que é um trabalho de sujar as mãos e é um trabalho que, efetivamente, deu muito trabalho. Portanto, tornar uma casa habitável, minimamente confortável, estamos a falar de uma casa que não tinha água nem luz. É uma casa que neste momento tem as condições mínimas de habitabilidade. Uma outra dimensão tem a ver com um projeto que nós alimentávamos que era a abertura do posto de saúde de Mahipa, na paróquia de Ocua. Aconteceu, efetivamente, mas já com uma mudança que me parece importante. Todas as comunidades pagaram a reconstrução. Foi um trabalho que demorou a ser concretizado, numa das dimensões, voluntariamente. As pessoas diziam, ‘nós precisamos que nós temos o...’ E eu disse ‘sim, precisam sim. Mas primeiro quem é que o estragou? Quem é que roubou os fios? Quem é que partiu as portas? Quem é que partiu os vidros? Quem é que partiu o telhado?’ E, portanto, durante meses, as pessoas reclamavam o seu espaço, de saúde e a gente simplesmente lhe dizia, ‘primeiro vamos avaliar o que é que aconteceu.’ Porque é que ninguém protegeu, porque toda a gente viu a roubar. Mas, porque é que os cristãos não se reuniram e disseram ‘tu não roubas’. E, portanto, houve aqui um trabalho de educação e que efetivamente se torna doloroso porque a gente vê as pessoas a morrerem sem os cuidados de saúde básicos. E a gente a continuar a dizer, ‘não, primeiro vamos pensar porque é que isto correu mal.’ E portanto, mas havendo baixas efetivas. Quando achamos que esse trabalho estava feito, de facto, partimos para, fomos à caixa da paróquia, que é o conselho económico da paróquia, e dissemos ‘bem, agora vamos pegar no nosso dinheirinho’, que era quase tudo o que tínhamos, ‘e agora vamos reconstruir o nosso posto de saúde, e vamos divulgar em toda a nossa paróquia quanto é que se vai gastar.’ E foi divulgado em todas as reuniões quanto é que se gastou na recuperação do posto de saúde, que é um valor que eles nunca viram na vida, que foi à volta de 45 mil meticais, é um dinheirão naquele contexto, mas nós fazíamos questão de dizer em todas as zonas, em todas as comunidades, vocês gastaram, não é nós, vocês gastaram 45 mil meticais, que dá para construir dez casas. E as pessoas ficavam muito admiradas e acreditamos, ou queremos acreditar, que foi num processo pedagógico. Portanto, o que é que fizemos do ponto de vista de estruturas, estamos a falar. [padre 1]

O **padre 2** refere que as obras são morosas e exigentes, implicam um tempo de acompanhamento constante.

> Também acho que há um desafio grande, a questão das obras. De facto, fazem falta! Mas não sei até que ponto não vão limitar muito o trabalho da equipa que as tiver. Primeiro, não é nada bom estar em casa e ter obras e, segundo, as obras aqui precisam de ser muito acompanhadas. Há dias falava, em Pemba, com o Padre Edilberto, que está a fazer obras, e ele diz que não há hipótese, que temos de estar lá a acompanhar muito.

> Claro que não vamos deixar de fazer a pastoral mas é mais uma carga para quem apanhar as obras. [padre 2]

O **voluntário 2** refere as obras na casa (limpeza geral e recuperação de uma das casas de banho) e na escolinha a reinstalação da rede elétrica, realizadas por ele e por trabalhadores locais.

> Nesse sentido, na altura, houve o trabalho de tentar ajustar a casa, de a recuperar, que envolveu limpezas; na minha área de arquitetura, fazer o projeto, tentar dar uma ideia do que poderia vir a ser no futuro.
> Quando chegámos à missão era preciso recuperar as próprias infraestruturas – no caso da casa foi mais limpeza do que algum trabalho extra, tirando uma casa de banho que tinha uns tubos quebrados e que foi preciso substituir, trabalhos que foram surgindo, no sentido de termos algum conforto para podermos trabalhar. Na própria escolinha também foi necessário fazer uma reinstalação da eletricidade porque tinha sido vandalizada e o meu trabalho acabou por ser mais ligado a esse caso por estar mais ligado a essa área, a esse tipo de recuperações - envolvendo sempre as pessoas de lá, apoiando e fazendo. E, depois, os trabalhos básicos que surgiam durante o dia na comunidade. [voluntário 2]

O **voluntário 3** refere a importância do acompanhamento das obras e a articulação entre as equipas missionárias (cessante e nova).

> Continuo a ter o “calcanhar de Aquiles” que são as obras. Eu fui com um objetivo delineado que incluía as obras. Isto a título muito pessoal mas relacionado com o projeto. Isto das obras era um bocado ambicioso porque fazer as obras iria permitir que começássemos a alargar o Salama! a missões de curta duração: de 1, 2 ou 3 meses. Enquanto isto não avançar – e, agora, a nossa casa está a precisar mesmo de obras de beneficiação, de reforço estrutural – vou sempre sentir que há uma parte do projeto Salama! para a qual estou em falta e que está em falta para comigo. [voluntário 3]

6.3. Eficiência

A avaliação da eficiência (relação processual entre recursos e resultados), assim como a da eficácia (relação produtivista entre objetivos e resultados), do Salama! não foi uma questão respondida por todos os entrevistados pois, tal como é referido pelos que responderam, seria precoce aferir e/ou medir estes dois parâmetros.

Assim, entende-se eficiência como a medida segundo a qual os recursos (fundos, peritos, tempo, etc.) são convertidos em resultados de forma mais económica (IPAD, 2005).

O **bispo** refere que o primeiro ano da missão da equipa em Pemba é ainda inaugural, mas o trabalho realizado é reconhecido e a paróquia de Ocua é hoje identificada com o projeto, na arquidiocese de Braga. Revela que a Igreja de Braga se apropriou do projeto.

> Bom, como eu disse, é muito inicial o programa, mas eu penso que tem tudo para dar certo. Primeiro porque há boa vontade das pessoas. Da parte da nossa diocese há uma abertura muito grande e da arquidiocese de Braga a mesma coisa. A arquidiocese de Braga está aos poucos se apropriando do projeto. Quando se fala de Pemba em Braga, não é mais uma palavra estranha, não é um lugar estranho e desconhecido. Todo o mundo já sabe que Pemba é uma diocese de Moçambique, que a arquidiocese de Braga tem um projeto, e eu fico muito contente de ouvir alguns padres dizer: “Ocua é a paróquia 552, acho que é esse o número, de Braga.” Então, isso é muito bonito, a arquidiocese de Braga assumindo a paróquia de Santa Cecília de Ocua como mais uma paróquia sua. E oxalá nós cheguemos ao ponto de dizer também lá em Pemba “A nossa vigésima quinta, não sei, ou vigésima sexta paróquia está lá em Braga.” Oxalá cheguemos a isso. [bispo de Pemba]

A **coordenadora** refere que os resultados disponíveis não permitem, neste momento, quantificar a eficiência do projeto. No entanto, da observação de algumas atividades (a abertura do ano pastoral, com a reunião do Conselho Pastoral) e das reuniões com a equipa, depreende-se que o rumo do trabalho realizado segue a orientação correta.

> Com os resultados atingidos, neste momento, ainda não se pode medir muito bem a eficiência do programa. Julgamos que, em termos de resultados, os que nos interessam mais são aqueles que vão de pessoa a pessoa, que influenciam as pessoas e as comunidades, de uma forma positiva, e esses são um bocadinho difíceis de medir. Mas a avaliar por aquilo que vi agora, nomeadamente, com a abertura do ano pastoral que foi em janeiro, na altura tivemos uma reunião do Conselho Pastoral, com representantes de todas as comunidades, e pareceu-me que a mensagem está a passar de uma forma interessante; que há uma mobilização dos recursos, quer materiais, quer humanos. Portanto, acho que o projeto para já, e sem conseguir quantificar, que está a ser eficiente, que está a ir na linha correta. [coordenadora]

O **voluntário 2** refere não serem ainda visíveis os resultados do projeto, dado o curto espaço de tempo decorrido (doze meses) desde a instalação da equipa. Ainda não há um projeto que tenha sido iniciado e concluído. O projeto mais adiantado é o das machambas, mas cujo modelo de gestão ainda está por definir.

> Resultados, resultados não os há. É a mesma coisa que chegar a Portugal e falar do projeto como um fim, não é fácil. Porque eu sei que ele continua e o que nós fizemos lá foi um início. Se calhar, nem se chegou ao corpo do trabalho. Foi um “abrir a porta de”. Falar como uma porta final é muito difícil porque as coisas estão a acontecer. [voluntário 2]

6.4. Eficácia

Define-se eficácia como a medida segundo a qual os objetivos da intervenção de desenvolvimento foram atingidos, ou se espera serem alcançados, tendo em consideração a sua importância relativa. Este termo também é utilizado como sistema de medida global (ou como apreciação) do mérito e do valor de uma atividade; medida segundo a qual uma intervenção atingiu, ou se espera que atinja, os seus principais objetivos pertinentes, de forma eficaz e sustentável, e com impacto positivo em termos de desenvolvimento institucional (IPAD, 2005).

A **coordenadora** refere que os objetivos estão a ser alcançados, ainda que, alguns projetos não tenham, até então, atingido resultados parciais. Relativamente aos recursos humanos, reforça que o número de três elementos por equipa missionária é razoável para a eficácia da equipa.

> A nível de eficácia, eu acho que, tendo em conta tudo aquilo que já fui dizendo, os objetivos estão a ser cumpridos, acho que não há nenhum objetivo que ainda não tenha sido tocado, ou trabalhado e abordado. Nem todos têm tido resultados. Mas em termos de relação dos recursos, quer financeiros, quer mesmo os recursos humanos e os materiais, acho que está a ter também uma boa eficiência, na perspetiva de que julgamos que o número de três pessoas que será, para já, o suficiente. Os recursos que têm sido gastos neste projeto, que são da arquidiocese de Braga, também estão a ser aplicados de uma forma correta. Temos mais dois ou três projetos que têm outro tipo de financiamento, mas sim, acho que estão a ser aplicados de forma eficiente. [coordenadora]

O **voluntário 1** refere que é prematuro avaliar o projeto nesta fase, ainda bastante inicial (levantamento de questões mais emergentes, arranque dos projetos). Mantém uma perspetiva otimista sobre o trabalho realizado embora considera não ser possível, neste momento, afirmar a eficácia do projeto.

> Acho que ainda é um pouco cedo para avaliar. Muito cedo! Mas, como já disse, tem tudo para dar certo. Ainda estamos numa fase muito inicial em que estamos a levantar as questões mais emergentes e a começar a trabalhar nos projetos. Neste momento, não podemos dizer se é eficaz. Mas a médio-longo prazo penso que sim. Se continuarmos a trabalhar, será eficaz. [voluntário 1]

O quadro 8 faz uma síntese das principais ideias sobre a eficiência e a eficácia do projeto Salama!, pelas *vozes* dos entrevistados que se referiram a este ponto.

Quadro 8: Síntese das principais vozes dos entrevistados relativamente à eficiência e à eficácia do Salama!.

Entrevistados	Eficiência	Eficácia
Bispo	*Bom, como eu disse, é muito inicial o programa, mas eu penso que tem tudo para dar certo. Primeiro porque há boa vontade das pessoas.*	-
Coordenadora	*Com os resultados atingidos, neste momento, ainda não se pode medir muito bem a eficiência do programa.*	*A nível de eficácia, eu acho que, tendo em conta tudo aquilo que já fui dizendo, os objetivos estão a ser cumpridos, acho que não há nenhum objetivo que ainda não tenha sido tocado, ou trabalhado e abordado.*
Voluntário 1	-	*Acho que ainda é um pouco cedo para avaliar. Muito cedo! Mas, como já disse, tem tudo para dar certo.*
Voluntário 2	*Resultados, resultados não os há. É a mesma coisa que chegar a Portugal e falar do projeto como um fim, não é fácil. Porque eu sei que ele continua e o que nós fizemos lá foi um início.*	-

6.5. Cooperação

Dentro da cooperação, desenvolve-se o conceito de cooperação missionária, de desenvolvimento e de cooperação para o desenvolvimento, através das opiniões dos entrevistados, e também de que forma é que se verifica este desenvolvimento, quer na diocese de Pemba, quer na arquidiocese de Braga. Aflora-se também uma referência ao colonialismo, que se considera pertinente neste ponto, tendo em conta as várias fases do desenvolvimento e contexto histórico de Moçambique como ex-colónia portuguesa.

O **voluntário 2** refere a cooperação como método “mais interessante” para desenvolver um projeto desta natureza. Em áreas como a saúde e a educação (escola), o investimento deverá ser o de reforçar ou integrar as áreas que estão em implementação, ao invés de criar áreas novas.

> Mais alguma vertente, a própria saúde pode ser interessante. Embora, eu ache que ela deva existir sempre em cooperação – assim como a escola – com aquilo que já existe. Não querer fazer nada de novo, não querer assumir as coisas sozinhos porque estamos a falar de países e zonas onde já começa a existir alguma coisa. Fazer uma coisa nova pode não ser a melhor solução. Por isso, a cooperação, a mim, parece-me ser sempre o mais interessante. [voluntário 2]

O **voluntário 4** refere a dimensão da mobilidade que é facilitada pela cooperação entre as duas dioceses: “Nas dioceses de Braga e Pemba começam a interagir uns com os outros, a ter à vontade e disponibilidade para falar e fazer deslocações, o que também reforça a parceria e a cooperação.”

6.5.1. Cooperação missionária

Sobre a cooperação missionária, com a exceção de um, todos os entrevistados referiram aspetos que se enquadram neste ponto, mesmo sem referir a expressão em si.

O **bispo** refere que o projeto vai contribuir para um efetiva cooperação missionária, uma vez que as duas dioceses estão empenhadas em dar o seu contributo para o seu desenvolvimento, cada uma na medida daquilo que pode, mas sobretudo numa dimensão de partilha, de dádiva e de gratuidade, inspirada pelas palavras da Bíblia.

> Com toda a certeza, vai contribuir para uma efetiva cooperação porque, como eu próprio disse, vai ser uma riqueza para as duas Igrejas. O projeto Salama!, como dissemos no início, ele está aberto. Então, nós vamos construindo, vamos avaliando, vamos mudando alguma estratégia, e eu penso que com isso as duas Igrejas vão crescer. Graças a Deus, de nossa parte há abertura, e da parte de Braga, sobretudo da parte do senhor D. Jorge, há muita abertura para isso. Eu penso que tem contribuído sim para o desenvolvimento das duas dioceses. Há uma mais-valia porque, quando é uma cooperação missionária, só essa visão de Igreja, de Evangelho, já faz toda a diferença, porque há muitas organizações governamentais que estão lá. [...] A cooperação missionária é diferente, porque o trabalho é gratuito para quem vai, vai porque é convocado a partir da Palavra de Deus, a partir do Evangelho. Os missionários que têm ido, por exemplo, leigos, eles fazem uma rutura, eles deixam o seu trabalho, deixam de ganhar dinheiro com a sua profissão, e vão de uma forma gratuita, a prestar um serviço, é muito diferente. Faz muita diferença isso. [bispo de Pemba]

A **coordenadora** enumera que o projeto está definido de modo a que as dioceses de Pemba e de Braga beneficiem com ele, nomeadamente: na partilha de bens materiais e de experiências, vivências e conhecimentos de ambas as partes, no intercâmbio de pessoas, quer de voluntariado de longa, quer de curta duração.

> O projeto Salama! foi pensado como um projeto de cooperação missionária para o desenvolvimento entre as duas dioceses, entre a arquidiocese de Braga e a diocese de Pemba, em Moçambique. Sendo um projeto de cooperação, foi pensado nesta perspetiva de que ambas as dioceses teriam a ganhar com este projeto e não numa perspetiva mais assistencialista, de que a arquidiocese de Braga contribuiria de uma forma assistencialista, ia dizer entre aspas mas acho que é mesmo sem aspas, para a diocese de Pemba. Então, pensamos este projeto muito na partilha de, eventualmente de alguns bens materiais, mas muito numa partilha de experiências, vivências, de conhecimentos

> que existem em ambas as dioceses e que ambos são válidos e no crescimento, e no que isso pode significar de crescimento para as duas dioceses. Esse intercâmbio também parte do intercâmbio de pessoas de ambas as partes, ou seja, pretende-se que a diocese de Pemba envie pessoas para Braga e que Braga também envie uma equipa missionária para a diocese de Pemba. [coordenadora]

O **padre 1** refere a necessidade de mudar o paradigma da cooperação (ímpeto paternalista), por isso o projeto intitula-se de cooperação missionária, isto é, as vivências e aprendizagens que ambas as dioceses poderão retirar da dinâmica criada e não um movimento de mobilidade assente na ajuda material e envio de cooperantes. Outro aspeto sublinhado é o da educação para o desenvolvimento, direcionado, em larga medida, para a catequese da infância e tendo como foco, por exemplo, das assimetrias (desigualdades) mundiais.

> Repare que esta cooperação entre Braga e Pemba, e muitas vezes tento insistir nisto, não é para duplicarmos o modelo de ‘nós vamos ajudar quem precisa’. Nós vamos cooperar. Aliás, foi propositada a palavra cooperação missionária, porque o objetivo não é a questão só de ir pessoas para lá. Isso é a parte mecânica da coisa. É o que é que nós podemos aprender uns com os outros? E é este modelo que mudou, na minha perspetiva, nos últimos 15 anos, que é o período em que eu trabalho nesta área um bocadinho mais. Mudou, mas ainda temos que forçar, ainda é por forçar, ou seja, o ímpeto paternalista ainda está muito dentro de nós, mas dá-me a impressão de que, de facto, efetivamente, está a mudar a perspetiva de desenvolvimento. E estão a mudar os atores porque, eclesiasticamente, temos menos efetivos, e cada vez se nota, as estatísticas o comprovam que há cada vez mais leigos comprometidos que estão dispostos a contribuir para estas cooperações, e portanto, mudam os efetivos, os agentes, muda a postura perante outra cultura e muda, portanto, o final dessa especialização e uma abertura da Igreja como naturalmente missionária.
> Um segundo elemento que pode ter de novo, tem a ver com o sensibilizarmos, logo a partir da infância, e por isso nós estamos a associar ao projeto Salama!, a questão da infância missionária, de ajudarmos que desde pequenos, sejamos muito conscientes das assimetrias. As crianças hoje todas têm telemóvel, qualquer jovem tem acesso às redes sociais, mas uma coisa é falarmos, vermos um filme da Síria outra coisa é conhecermos o ritmo diário de uma criança da Síria. Uma coisa é nós falarmos de Moçambique e vermos imagens de umas cheias, por exemplo, outra coisa é nós sabermos que uma criança faz 15km para ir à escola. E este projeto também acho que tem esta abertura de não somente a sairmos, a estarmos não somente na nossa área cómoda da religião mas irmos à área social, e portanto, para ser um projeto educativo, para escolas, para catequeses. [padre 1]

O **padre 2** realça a dimensão diocesana do projeto que é bastante diferente de um projeto de uma congregação religiosa ou um instituto missionário, cujos carismas são evidentemente missionários.

> Mas sim, vê-se muito bem essa cooperação em tão pouco tempo e com a particularidade de não ser um conjunto de dioceses, de não ser uma congregação, não é alguém de carisma diretamente missionário. São arquidiocesanos de Braga – que é uma realidade completamente diferente, que se propuseram a cumprir um projeto e ele está a ser cumprido. [padre 2]

O **voluntário 1** refere que o projeto tem tudo para ser bem-sucedido. Foi estudado, implementado e redefinido, após o primeiro ano de execução. A cooperação missionária para o desenvolvimento, na sua perspetiva, o desenvolvimento ocorre na área das missões, da cooperação missionária e não apenas nas missões católicas, como em outras (evangélicas) em que se assume a educação e a saúde como um investimento no futuro, sublinhando que o desenvolvimento ocorre também no intercâmbio entre as várias culturas. Do ponto de vista do acordo missionário, previsto para dez anos, tem neste momento uma tónica maior na vertente Braga para Pemba, mais unidirecional, mas que no futuro começará a ser bidirecional: de Pemba para Braga.

> Temos o desenvolvimento e temos a cooperação missionária e penso que, neste momento, pelo menos do que vi em Pemba, o desenvolvimento se dá todo a partir da cooperação missionária. Não só da Igreja Católica mas de outras igrejas que estão no terreno e apostam fortemente na educação, na saúde... Penso que, neste momento, é o futuro. Porque nós podemos ter organizações laicas que estão viradas para o desenvolvimento, como o caso dos Médicos Sem Fronteiras ou os Médicos do Mundo, e depois termos a cooperação missionária, como, por exemplo, o projeto Salama! que, no fundo, faz o trabalho de desenvolvimento e faz também um trabalho mais por trás. Um trabalho pastoral. E eu penso que o desenvolvimento também passa pela educação, não só a nível religioso, mas pela educação deste intercâmbio entre várias culturas. Eu não lidei só com pessoas cristãs. Lidei também com muçulmanos. E isto enriquece-nos porque nos ajuda a perceber o outro e ajuda-nos a perceber outros comportamentos. Dada a realidade que vi em Pemba, estes dois conceitos são inseparáveis. O desenvolvimento de quem está lá passa todo pelas cooperações missionárias dos diversos institutos religiosos, de projetos ligados à missão e à cooperação missionária. [voluntário 1]

O **voluntário 2** refere que a grande vantagem do projeto é o empenho local, em Braga, motivado pelo trabalho realizado em Pemba. As duas Igrejas beneficiarão da partilha de esforços e de recursos.

> Eu fui conhecendo o projeto e ele é aliciante, antes de mais, cativa por esta envolvência. Primeiro, pela entidade arquidiocese de Braga. Como cristão e como alguém que pratica, e bastante envolvido com a comunidade local, na paróquia, em Braga, o Projeto Salama! é cativante por esta troca de “coisas”. Sejam pessoas, sejam até objetos, sejam materiais, seja o que for. Até mesmo de emoções! Este sentimento de que não estamos limitados ao “aqui” mas que existe algo “lá” e que nós podemos estar em relação contínua, é apaixonante, acho eu! Acho que é isso que me move. Mas isso acho que tem que ver com o percurso que venho fazendo, com a vertente missionária e que me cativa hoje. Havia uma frase que eu dizia no meu grupo Diálogos, onde sempre caminhei e continuo a caminhar, “nós quando nos envolvemos com a vertente missionária, é algo que nos preenche na vida! Sem a qual a vida não seria igual.”. E é isso que me move e em que acredito. Está a iniciar. Mas acho que sim. O grande ganho que a arquidiocese de Braga pode ter é esta envolvência e é a própria transformação cá. Quanto mais nos envolvemos lá mais nos transformamos cá. [voluntário 2]

O **voluntário 4** refere que o trabalho realizado contribui bastante para o desenvolvimento da diocese e que dada a carência de padres na diocese, têm sido as equipas missionárias e padres oriundos do estrangeiro, sobretudo dos PLOP, a contribuírem para a ajuda e evangelização á diocese de Pemba.

> Sim, claro que contribui para o desenvolvimento da diocese. Como nós sabemos, a diocese de Pemba tem uma grande falência a nível de padres. Graças às equipas missionárias e aos padres todos que vêm de outros países, principalmente dos PLOP, tem contribuído imenso para a ajuda das comunidades, para a evangelização em si. [voluntário 4]

Em síntese, pode-se considerar que, segundo os entrevistados, a cooperação missionária é a que parte do Evangelho e que implica a gratuidade do trabalho, quer na evangelização, quer na pastoral social, e que desta cooperação missionária, ambas as Igrejas de Braga e de Pemba se enriquecem, especialmente pelas partilhas espirituais.

6.5.2. Desenvolvimento

Sobre o desenvolvimento, apenas os padres se referiram ao mesmo, quer como conceito, quer como contributo e forma para tal.

O **padre 1** refere que, na sua perspetiva, desenvolvimento é aprender a pensar. O conceito de desenvolvimento assenta no pilar da educação e que a igreja tem essa função: educar para o desenvolvimento, através do evangelho, cultivando e ensinando a cultivar o sentido crítico. O desenvolvimento por sua vez significa ensinar a pensar, ensinar a ter pensamento crítico.

6. Estudo de caso do “Salama!”

> Eu, primeiro, não sei falar de África, não sei falar de Moçambique, não sei falar de Pemba. Sei falar qualquer coisinha da paróquia de Santa Cecília de Ocua. Porque é uma realidade muito própria. E portanto, sobre Santa Cecília de Ocua e desenvolvimento, portanto, centrar-me-ia neste conceito que é o conceito de desenvolvimento, os técnicos lá o saberão muito melhor do que eu, pode assentar em muitos pilares. Sem dúvida, para mim, o conceito de desenvolvimento assenta sobretudo no pilar da educação. E que não tem que ver obrigatoriamente com se tem isto e não tem aquilo. Tem a ver com, reduzindo isto a uma linguagem muito simples, ensinar a pensar. Ensinar a ter sentido crítico. E isto vale para Santa Cecília de Ocua, mas vale, se calhar também aqui entre nós. Em Santa Cecília de Ocua, de facto, estamos num contexto do interior, num contexto rural, em que as pessoas se habituaram a estar descuidadas, em relação à Igreja, em relação ao estado, a estar muito por conta própria. E isto pode parecer um bocadinho arrogante, mas acho que o défice maior é de sentido crítico. Que as pessoas sejam capazes de pensar pela sua própria cabeça o que lhes está a acontecer. Um problema concreto de Santa Cecília de Ocua, neste momento, chama-se os megaprojetos relacionados com a terra, ou seja, empresas estrangeiras que chegam, compram a terra a preço de saldo, dão o que aparentemente é uma grande benesse, um grande dinheiro, ficam com as terras, centenas de quilómetros, e o agricultor que vivia naquelas terras, durante um mês vive com o que lhe dão, mas a seguir não tem com que viver. Há aquele êxtase pelo dinheiro, aquele deslumbramento por uma quantia de dinheiro mas no mês seguinte não tem o que comer e nem tem onde viver. Repare, este é um fenómeno que afeta cristãos e não cristãos, portanto, é um fenómeno transversal. O que é que nós podemos falar em ponto de vista de educação? Ensinar estas pessoas a perceber qual é o valor da terra, a perceber o que é que é desenvolvimento, se quisermos utilizando a palavra, o chavão sustentado, ou seja, que isto tem de ser sustentável para futuro, ou seja, eu tenho que pensar no meu filho, eu tenho que pensar na comida de amanhã, tenho que pensar se consigo levá-los à escola. Portanto, eu acho que o trabalho da Igreja, do ponto de vista, neste momento, e sobretudo em Santa Cecília de Ocua, tem de ter muito de ensinar a pensar nas coisas. Mais do que dar-lhe uma cartilha, ou um catecismo, de facto o Evangelho serve também para isso, podemos educar através do ensinar a pensar. Do ensinar a ter espírito crítico. [...] Mais do que a questão se damos ou não damos, mesmo num nível mais elevado, se conseguimos que as crianças vão à escola ou não vão à escola, parece-me que o serviço da Igreja neste momento, à educação, e a educação para o desenvolvimento nessa palavrinha, passa muito por ajudar a ser a plataforma de pensamento crítico. Pensamento crítico no sentido construtivo. E portanto, desenvolvimento, na minha perspetiva, em Moçambique, como em Braga, neste momento, se quisesse que fazer aqui uma ligação direta, eu faria, desenvolvimento, aprender a pensar. O meu conceito de desenvolvimento, neste momento, prende-se com aprender a pensar. [padre 1]

O **padre 2** refere que a presença da equipa missionária manifesta o contributo para o desenvolvimento, sendo diferente o momento presente em que a paróquia de Ocua passa a ter uma equipa missionária a trabalhar na pastoral, do que no passado, em que tinha um responsável paroquial.

> Eu acho que estamos cá para contribuir para esse desenvolvimento. Sem dúvida que ter aqui uma equipa missionária é muito diferente de ter uma pessoa que é responsável paroquial. Como dizia no início, efetivamente, a diferença que eu posso fazer enquanto padre é celebrar a Eucaristia e o sacramento da reconciliação. Porque, tudo o resto, eles fazem melhor do que eu! [padre 2]

6.5.3. Desenvolvimento em Pemba

Sobre a contribuição para o desenvolvimento em Pemba, todos os entrevistados se referiram a esta categoria de análise.

O **bispo** refere que a presença da equipa missionária contribui para o desenvolvimento da comunidade através das oportunidades de formação que são disponibilizadas; a preocupação da equipa com a educação formal e não formal (disponibilizada às mulheres, aos jovens e aos adolescentes), e especificamente com a educação das raparigas (abandono escolar e maternidade precoce). No seu entender, a quantificação deste desenvolvimento, não sendo possível neste momento, terá condições para se realizar no futuro.

> Contribui no desenvolvimento da comunidade local porque, em primeiro lugar, como eu disse, a presença e a formação que pode ser oferecida às pessoas. A equipa missionária tem-se preocupado muito com a educação, por exemplo, a educação formal e não formal. Quando falamos de educação não formal é toda essa educação que a paróquia oferece para as mulheres, para os jovens, para os adolescentes, etc. E a educação formal também é preocupação da equipa. Por exemplo, a educação das raparigas, das meninas, porque as meninas em Moçambique ficam mães muito cedo. Então os missionários, não só esses, mas em geral na diocese tem essa preocupação com a educação das meninas, que elas estudem que elas frequentem o máximo possível a escola, isso também está colaborando para o desenvolvimento, e a outros níveis também. Eu penso que quantificar ainda não é possível esse trabalho, mas isso eu acho que mais à frente nós vamos ter condição para isso. A presença dos missionários ali na missão vai fazer uma grande diferença na vida daquela comunidade. [bispo de Pemba]

A **coordenadora** considera que o trabalho realizado contribui para o desenvolvimento das comunidades de Braga e concretamente da comunidade de Ocua, onde é visível uma pastoral organizada, através das várias comissões das áreas pastorais, já descritas (cf. 4.2.), e dos representantes das várias zonas pastorais. Acrescenta ainda que o próprio trabalho missionário em rede proporciona um maior desenvolvimento local e que esta é uma das áreas a apostar futuramente.

> Acho que o trabalho que se realiza em Pemba contribui para o desenvolvimento das comunidades. Como falei há pouco, nós vemos que a pastoral está organizada, que

> existem as comissões, que existem os representantes, que as coisas vão funcionando. Se calhar a questão financeira acaba por ser sempre a mais crítica, apesar de que, parece-nos que as pessoas, às vezes, fazem milagres em termos financeiros, o que é também uma coisa muito interessante. [coordenadora]

O **padre 1** refere que a igreja de Pemba é uma igreja jovem, conta sessenta anos de história, mas que aprendeu a viver com as vicissitudes da história: a guerra colonial (entre 1964 e 1974, e após a independência a guerra civil até 1992). Estes factos afetaram também o dinamismo doutrinal, com perda de consistência doutrinal (ausência de catecismos e perda da tradição oral) mas por outro lado houve um aumento da responsabilização individual e comunitária, permanência de equipas de acolhimento de doentes e de estrangeiros. Por outro lado, na igreja de Braga refere que existe, provavelmente, uma solidez doutrinal exagerada e uma responsabilidade individual diminuta, se não ausente.

> A Igreja moçambicana é uma Igreja com 60 anos, portanto, é uma Igreja nova. Segundo aspeto, é uma Igreja que de 75 a 92 esteve em guerra, e os missionários impedidos de chegar às missões. Portanto, é uma Igreja que aprendeu, passando a expressão, a virar-se sozinha durante um grande período de tempo. E isso significa várias coisas: provavelmente a perda de algum dinamismo doutrinal, mas por outro lado, o ganho da grande responsabilização individual. Foi muito curioso quando chegamos agora, em Ocua nenhuma comunidade tinha catecismos. Não havia um catecismo em 100 km. E, portanto, o que eles tinham era tradição oral, a parábola do ‘Filho Pródigo’ já não era bem a parábola do ‘Filho Pródigo’ já tinha umas nuances ali pelo meio, ou seja, perdeu-se do ponto de vista da solidez doutrinal, mas ao mesmo tempo encontramos equipas formadas para acolher os doentes, equipas formadas para acolher o estrangeiro, estrangeiro é aquele que chega de fora, o vindouro. E portanto, a grande diferença é que falta, por exemplo, à Igreja de Pemba solidez doutrinal, falta, sem dúvida. Mas, a responsabilidade individual é altíssima. Se quisermos passar para o nosso contexto, por exemplo, de Braga temos, provavelmente, uma solidez doutrinal, quem sabe até exagerada, e uma responsabilidade individual diminuta, se não ausente. Este é um dado absolutamente evidente. [padre 1]

O **padre 2 c**onsidera que o grande desafio passa por capacitar as pessoas e refere ser possível quantificar o desenvolvimento através, por exemplo, do registo da participação em assembleias paroquiais; da assinatura da revista “Vida Nova” que se dedica à formação e informação católica em Moçambique; do crescimento de comunidades cristãs, de dezasseis, iniciais, para dezoito, dado o aumento verificado de cristãos batizados. Partilha ainda a convicção de que com o trabalho realizado pela equipa missionária, no espaço de dez anos, a comunidade possa vir a ser autónoma.

> Podemos contabilizar algumas melhoras como, por exemplo, a participação nas reuniões; o número de pessoas que vão participando nas formações - que não sabemos qual é mas aumenta de ano para ano... Este ano, por exemplo, aumentou a assinatura da revista “Vida Nova”, que é única revista que existe de formação/informação na área católica, em Moçambique, em 20 ou 30 assinaturas. Portanto, há pequenos passos que se notam, ainda que, às vezes, fiquemos com a sensação de que, se nos formos embora, terão muita facilidade em voltar ao que era antigamente. Então, o grande desafio passa por nós conseguirmos ajudar, efetivamente, a capacitar as pessoas. Sabendo que essa capacitação não se faz num ano nem em dois. Portanto, é um trabalho a médio e longo prazo. São muito importantes os números, até para nós termos uma capacidade de comparação. Por exemplo, participei pela primeira vez na assembleia diocesana, que é de três em três anos, e uma das notas que deixei foi: seria muito importante essa capacidade de contabilizar - porque falaram de vários itens na diocese e foi por alto. Temos várias paróquias que têm assembleia, que têm adoração eucarística, temos algumas paróquias que têm CAEP, há coisas que são contabilizáveis. [...] Nós recebemos 16 zonas, agora já são 17 e, em princípio, a próxima equipa vai ter 18 zonas. A equipa anterior fez um trabalho, que era um sonho anterior e tem que ver com a diocese, de ajudar a comprar um terreno onde nascerá uma futura paróquia. Portanto, há todo um trabalho que está a ser feito! É lento! [...] Mas, sim, decididamente, sim, a presença de uma equipa missionária e do projeto Salama!, estou convencido que ajuda e estou convencido, tenho esperança, que daqui a 10 anos a paróquia consiga ser autónoma. É, talvez, a maior batalha porque as questões de dinheiro são muito desafiantes. Se os CAEP funcionarem, se as comunidades contribuírem - e há zonas que trabalham melhor que outras, a paróquia vai conseguir ser autónoma. Isso vai permitir que, no futuro, se possa entregar a paróquia à diocese. Quem vier, seguindo a linha do trabalho que foi feito, e se as pessoas estiverem capacitadas e se conseguirem segurar, manterem-se firmes, a paróquia vai ter essa autonomia. Por exemplo, desde que estamos cá, já houve umas mudanças de zonais – que são estas pessoas que fazem a ligação direta com a equipa missionária. Isso aconteceu não propriamente por influência da equipa missionária, mas em coordenação com a equipa missionária. Puseram a funcionar aquilo que é o sistema da força da assembleia da comunidade. [...] Tudo isso não acontece sem passar pelo conselho pastoral, quer para reportar o que foi feito quer para o conselho pastoral mandatar a zona, ou aqueles zonais, para irem ter com um zonal e resolver a situação. Depois, no conselho pastoral seguinte - que, neste momento, ainda não é um conselho pastoral efetivo mas que funciona com as premissas do conselho pastoral, decide-se. Portanto, tudo isso, antes da equipa missionária e o projeto Salama! estarem aqui, não existia. Já existiu, já funcionou mas, depois, por diversas circunstâncias, sobretudo por não haver uma assistência de um pároco, algumas coisas foram-se perdendo! Ainda que seja preciso valorizar muito o trabalho da pessoa que esteve cá, do paroquial – que até é uma experiência a aprender na nossa diocese; a paróquia não deixou de ter a cura pastoral e quem estava a coordenar era um casal de leigos. [padre 2]

O **voluntário 1** refere ser inexistente, na área geográfica de Ocua, o acesso à educação e à saúde. Apenas um grupo muito limitado de crianças mais velhas consegue aceder à

escola, tendo de percorrer cerca de duas horas, de bicicleta, para a frequentarem, fora da comunidade. Os adultos dedicam-se à agricultura de subsistência. Na dimensão bidirecional do protocolo, sugere que o projeto poderá permitir que estudantes universitários de Pemba se desloquem a Braga para desenvolver estágios e vice-versa; assim como a participação de seminaristas da arquidiocese de Braga que poderiam, também eles, integrar o projeto, promovendo a dimensão missionária das suas formações.

> Não há acesso à educação, não há acesso à saúde, não há acesso a nada, a qualquer tipo de desenvolvimento! Os adultos limitam-se a ir para as chamadas machambas, para o campo, semear aquilo que podem ou não colher... E vão viver durante o ano em função do que colherem! Quando acabar, não há outra solução se não viver daquilo que as árvores derem – a fruta da época. E as crianças, como já disse, andam por ali, as mais novas! Há a sorte de uma ou outra poder frequentar a escola e, para isso, tem de andar duas horas de bicicleta para cada lado! E até, posteriormente, de estudantes da Universidade de lá, ligados a projetos diocesanos. Virão para aqui ter formação ou estágios. Isso seria uma mais-valia porque nos enriqueceria a nós e, obviamente, a eles – que depois levavam de cá para lá. Acho que estamos ainda num mundo, numa sociedade muito fechada e não temos consciência das desigualdades! E, sobretudo, não estamos abertos a pensar que nós também podemos ganhar imenso, podemos aprender imenso, com eles. Não tem de ser unidirecional. Antes pelo contrário! Seria bastante benéfico ser bidirecional. Neste caso, a vinda de seminaristas de lá para cá, no próximo ano, não beneficiaria apenas os mesmos mas, sobretudo, os de cá! Pela partilha de experiências e a nível de consciencialização. Eu só tenho perceção do que é o outro lado quando lido com ele, quando convivo, quando estou perto e partilhamos vivências, histórias... Isso abriria também o mundo dos próprios seminaristas em formação. Não só consciencializaria para o ser missionário no futuro – por ventura, poderia abrir o desejo de o ser, mas mesmo como padre diocesano e estando cá. No fundo, eu acho que ganhariam outra visão do mundo. E isto também é evangelizar. Isto é missão. A nossa missão não tem de ser só lá! A missão é também cá. Por exemplo, a simples questão da água. Ter consciência de que cá abrimos a torneira e lá têm de andar quilómetros, debaixo de um sol abrasador, com um balde à cabeça e os filhos na barriga e nas costas e na mão para ter água. Se conseguíssemos isto em 5 anos seria muito bom! [voluntário 1]

O **voluntário 2** considera que o facto de se tratar de um projeto pastoral gerará, naturalmente, mais-valias para as duas Igrejas (Braga e Pemba). Em concreto para Pemba e o exemplo do projeto das machambas, em Ocua, leva a intuir que este será benéfico para os membros das comunidades, quer praticantes, quer não praticantes. Refere que existem, no entanto, algumas tradições que constituem dificuldades, para o desenvolvimento nomeadamente as raparigas serem pouco motivadas a estudar. Na sua opinião a educação permitiria aumentar perspetivas de futuro e desenvolver o sentido crítico.

> Quando falo, por exemplo, de ter a linha diretora da questão pastoral, tudo isso vai acontecer naturalmente. Eu, agora, falava do exemplo das machambas – vai ser algo que vai ser bom para a paróquia, vai dar uso ao terreno e vai ser bom para todos os paroquianos, mesmo não sendo praticantes. Poderá ajudar, de uma forma organizada, no sentido de poderem usar as coisas, tirar proveito disso e, até, estando organizados na produção, a terem maior produtividade. [...] Porque, primeiro, estamos a falar de um sítio onde as coisas são completamente diferentes, onde as tradições são completamente diferentes, e tal como nós temos aqui a nossa tradição, lá existe a deles e temos de respeitar, embora haja muitas coisas com as quais não concorde. E temos de ter noção de que mudar não é de um momento para o outro, nem 3 anos. São gerações, acredito. Uma dificuldade que identifiquei e que acho que a Missão pode fazer tem que ver com a educação: a questão das meninas e do acompanhamento escolar – até os meninos, mas mais elas, o persistir para não desistirem. Isto está relacionado com a tradição que hão-de estudar até engravidarem, por exemplo, ou até chegarem à idade em que o tio – porque é o tio que manda na família – acha que deve casar. São muito pouco incentivadas a estudar porque não veem resultados. Qual é a imagem que uma mulher tem? - acredito eu, a partir da visão do que vivi lá. Nasce, cresce e começa a perceber que uma mulher, no fundo, serve para encontrar um marido, que até possa oferecer uma outra coisa mais, e a vida dela está “feita”. A educação permitiria abrir horizontes e ser um bocado mais crítica, no sentido de ser capaz de avaliar o que é melhor para a vida dela. [voluntário 2]

O **voluntário 3** considera ser notório o contributo da equipa missionária para o desenvolvimento em Pemba. Refere que o apoio dado em áreas como a pastoral (evangelização), a educação (ministrando explicações de matemática, física e inglês) e a saúde (acompanhamento de situações emergentes) transformam uma comunidade.

> Acho e é absolutamente notório. Nós levamos uma noção muito importante para lá, que nos foi dita por várias pessoas durante a formação, que é: nós não vamos para lá para salvar África. Nós não vamos com essa pretensão nem tão pouco com a de salvar Mahipa. Nós vamos com a pretensão de tocar as pessoas que quiserem ser tocadas. De formar, de algum modo, a nível evangélico, a nível católico, a nível humano... Até a nível letivo, por assim dizer. Eu já dei explicações de matemática, [o voluntário 4] já deu explicações de física, já demos explicações de inglês... Nós vamos com a expectativa de ajudarmos naquilo que pudermos, fazer a diferença que pudermos fazer. E nota-se que as pessoas (nos valorizam) quando precisavam de algum tipo de ajuda, seja desde a coisa mais corriqueira que podemos fazer, que é dar uma boleia porque temos um carro e eles não e porque estamos a caminho (...) todos os gestos, por mais insignificantes que nos pareçam a nós, mudam um bocadinho de uma vida. Mudando uma vida podem mudar gerações. [...] E é assim que nós, como equipa, gostamos de pensar. É óbvio que mudámos a comunidade, sim. Basta ver a felicidade deles quando chegamos! Mesmo quando vamos às comunidades mais afastadas, onde só chegamos uma vez por ano, é mesmo como se estivesse Cristo a chegar no meio deles. A felicidade deles é indescritível e é algo de impagável. [voluntário 3]

O **voluntário 4** refere que se começa a verificar sinais de desenvolvimento na região onde atua a equipa missionária. Existe uma maior interação entre as equipas missionárias de outras comunidades missionárias, de missões católicas vizinhas, resultante da promoção de encontros e do trabalho entre equipas.

> É um bocado complicado quantificar o desenvolvimento. Mas falando do nosso projeto, nós, em 2 anos de projeto e de equipas presentes, vimos que a zona de Mahipa desenvolveu muito e que contribuímos para que a diocese de Pemba ficasse desenvolvida na parte mais a sul da diocese. Apesar de sermos da parte centro, somos a última paróquia da diocese, e começa-se a ver que há um certo desenvolvimento e as pessoas começam a interagir com as outras paróquias e com todas as comunidades e já começam a criar contactos. [...] Há interligação entre equipas missionárias e equipas permanentes que estão cá, que antigamente não havia! [voluntário 4]

Parece evidente que, para a maioria dos entrevistados, o desenvolvimento de Pemba deverá ser feito, em grande parte, apostando na educação e na formação de sentido crítico e autonomia nas comunidades.

6.5.4. Desenvolvimento em Braga

Sobre a categoria de análise do desenvolvimento em Braga, este também foi referido no discurso de todos os entrevistados.

O **bispo** considera que, numa primeira fase, a diocese de Pemba enviará seminaristas para formação, no Seminário Conciliar de Braga e na Universidade Católica. Essa receção motivará um encontro e uma adequação de culturas diferentes, moçambicana e portuguesa, e deste exercício surgirá a perceção de uma dinâmica de outra Igreja, com modos de agir diferentes, gerando uma nova capacitação para a Igreja de Braga, neste âmbito concreto. Numa segunda fase, serão enviados leigos para receberem formação e numa fase seguinte será enviado um padre para colaborar pastoralmente na arquidiocese de Braga. No presente, a arquidiocese de Braga trata a realidade de Pemba com proximidade e conhecimento, refere, mas, reforça que a diocese de Pemba terá um tempo em que igualmente tratará Braga com conhecimento e proximidade. O movimento e a interação de uma Igreja mais antiga, como a de Braga, mais clerical, muito centrada nas funções do padre e uma Igreja muito jovem como a de Pemba que não dependente apenas dos padres, mas é mais ministerial, esta outra visão ajudará a gerar outras perspetivas de paróquia.

> Eu penso que vai ajudar muito a arquidiocese de Braga porque é uma Igreja já bastante antiga, é uma Igreja como no resto da Europa, uma Igreja ainda muito clerical, muito centralizada no padre. E daí eu penso que uma contribuição para a arquidiocese de Braga na medida que partem missionários daqui para lá, vão conhecer uma outra Igreja. Uma Igreja mais jovem, uma Igreja que não depende só dos padres, ou não depende totalmente dos padres, a visão de paróquia muda, aquilo que para nós lá é uma comunidade, aqui é uma paróquia. Nós, quando alguém aqui em Braga ouve dizer que paróquia de Santa Cecília de Ocua tem 97 comunidades, aqui seriam 97 paróquias. [bispo de Pemba]

A **coordenadora** considera que este projeto está a contribuir para o desenvolvimento missionário da arquidiocese de Braga, evidenciado pelo interesse de vários grupos da arquidiocese, apesar de, no primeiro ano da equipa missionária, a avaliação apontar para uma maior necessidade de investimento na área da divulgação e comunicação geral do projeto.

> Em termos de desenvolvimento missionário da arquidiocese de Braga, eu tenho notado bastantes diferenças e bastantes melhorias, através do conhecimento deste projeto, do trabalho do Centro Missionário mas especificamente do projeto Salama!. Nós temos divulgado muito o projeto pelas redes sociais. No primeiro ano, talvez por uma questão da equipa missionária, a própria equipa missionária que lá estava reconheceu que tinha investido pouco em termos de comunicação, e foi uma das coisas que foi muito debatida com esta segunda equipa missionária, as questões da comunicação. E acontece que realmente, em termos de comunicação, o projeto tem sido mais comunicado, e que também tem ajudado a haver pessoas que seguem o projeto e que acompanham e que participam e que comentam, mas também, e para além disso, isso sim, com a equipa que lá estava o ano passado, houve uma série de convites para apresentarmos o projeto Salama! e para esta sensibilização missionária. Portanto, acho que este projeto está a contribuir para o desenvolvimento missionário da arquidiocese de Braga.
> Relativamente às atividades que realizo, é importante também ir aumentando a equipa de apoio ao Salama! em Portugal, em Braga, porque o trabalho também vai aumentando. Os desafios vão aumentando e acho que é importante haver uma equipa maior. Poderá surgir das pessoas que regressam, se se verificar que elas têm perfil, ou até com outras pessoas que estiveram no terreno, mesmo que não tenha sido no Salama!, e que queiram apoiar este projeto. [coordenadora]

O **padre 1** refere que da conclusão do Concilio Ecuménico Vaticano II sobressaía a afirmação da corresponsabilidade dos bispos pela Igreja como um todo. Sendo esta uma das dimensões que este projeto quer evidenciar: a corresponsabilidade entre Igrejas, a universalidade da missão da Igreja, a consciencialização de um modelo de Igreja (Braga) que está a esgotar-se e precisa de renovar-se, podendo essa renovação decorrer de um processo de encontro com outra Igreja que se encontra numa fase primitiva (Pemba).

> O Concílio Vaticano II já há tantos anos atrás, por volta de 65, quando terminou, dizia que um bispo é bispo da Igreja toda, é responsável por um território mas é bispo da Igreja toda. Já todos os documentos relacionados sobretudo com a formação dos padres dizem que os padres são formados para a Igreja e não para uma geografia. Portanto, esta é uma dimensão do projeto que nós queremos salientar, que é este forçar deste raciocínio pequenino e perigoso de ‘nós aqui também precisamos’. Isto entre aspas. ‘Nós aqui também precisamos’ é um modelo mesquinho mas que está em voga e que nós queremos forçar. E forçar, não para dizer ‘nós não precisamos aqui’, não é esse modelo, mas vamos fazer uma proporção, a esta nossa frase. Muitas vezes insisto numa questão de números dizendo: Braga tem 400 padres, Pemba que tem 600 km e tem 15 padres. Portanto, não é para dizer ‘nós temos muitos’, não é essa a questão. A questão é: vamos ser proporcionais da nossa leitura da realidade. E nós, efetivamente, o nosso modelo está a esgotar-se, provavelmente, já se esgotou, e nós ainda continuamos a insistir nele. E o que é que tem de novo esta cooperação com Pemba? Não é de novo mas é de renovado, de tentar aproximar a Igreja que nós temos a uma Igreja primitiva, uma Igreja que não tem fronteiras, aliás, que se direciona em primeiro lugar para as fronteiras. E esse é um primeiro elemento que acho que tem de novo. [padre 1]

O **padre 2** considera que o projeto precisa de maior divulgação e que a área da comunicação associada ao projeto melhorou com o regresso da primeira equipa missionária a Braga e que esta resultou num aumento, por exemplo, dos apadrinhamentos de catequistas, por parte da arquidiocese de Braga. Do mesmo modo, a visita do arcebispo de Braga a Pemba teve um impacto bastante positivo na equipa missionária e na missão em geral, e considera, também, que esta visita foi importante para o próprio arcebispo.

> Esse é um grande desafio porque continuo com a sensação de que a grande maioria da arquidiocese de Braga ainda não está a abraçar este projeto. Mas tudo o que disse, anteriormente, vale também para a arquidiocese: é algo recente, é algo jovem, tem dois anos. [...] Por exemplo, o projeto de apadrinhamento de catequistas que, do ano passado para este ano já teve um aumento, tem que ver com isso, com as pessoas perceberem as melhorias. A melhoria que conseguimos fazer este ano de comunicação e de mostra do que se vai fazendo aqui mas, o segredo, como em tudo, é o passa-a-palavra. Portanto, a equipa do CMAB e do Salama!, que esteja em Portugal, vai ter que batalhar muito e voltar a insistir, divulgar e falar. [...] Foi bom para a equipa missionária que está cá mas acho que foi muito bom, também, para o D. Jorge ter feito a visita ao terreno. Não digo todos os anos mas, sempre que possível, a equipa do CMAB devia fazer o esforço – como fez este ano, de trazer um membro ou coordenar as coisas para vir um membro da equipa da comunicação. Ter como objetivo todos os anos enviar cá alguém da arquidiocese. Talvez procurar, se possível, agendar o programa para que quem vem possa fazer alguma formação cá. Mesmo que seja um dia de formação vale a pena. Para o ano, se se chegar à conclusão que conseguimos mobilizar a Cáritas, ou o departamento da catequese, ou qualquer que seja o departamento, acompanhar alguém... [padre 2]

O **voluntário 1** refere que será tanto a diocese de Pemba a beneficiar do projeto como a arquidiocese de Braga, uma vez que o enriquecimento originado pelo projeto, nos elementos da equipa missionária, será multiplicado na diocese de origem dos missionários. Sublinha, em particular, um aumento da consciencialização da problemática das desigualdades mundiais.

> Eu penso que nós temos tanto a beneficiar como eles do outro lado. Isto é uma experiência que nos enriquece imenso! E por mais que estejamos habituados a ver aquelas imagens na televisão e as reportagens sobre a realidade no outro canto do mundo, acho que só estando lá é que percebemos o porquê das coisas. Isto, depois, é uma mensagem que passa para os nossos amigos, para as nossas famílias. Isto enriquece porque consciencializa-nos para a diferença que existe no mundo.
> A nível diocesano, eu acho que só temos a ganhar! No fundo, o objetivo geral da arquidiocese é a evangelização, e isto consciencializa mesmo para isso, a nível de outras realidades. Mesmo, agora, havendo a possibilidade de pessoas de lá virem para cá e trazer a cultura de lá e trazer a realidade de lá para cá. Penso que só têm a ganhar! [...]
> A nível diocesano também seria muito bom trazer a experiência dos seminaristas, comparar estas realidades. Ver o que é que é ser seminarista lá e ver o que é que é ser seminarista cá, as oportunidades que têm. No fundo, é consciencializar para as desigualdades. Acho que esse tem de ser mesmo o primeiro trabalho cá. Porque se não tivermos essa consciência, nunca vamos ser capazes de fazer um projeto adaptado às necessidades reais, quer de cá, quer de lá. O primeiro passo é essa consciencialização. [voluntário 1]

O **voluntário 2** considera que a arquidiocese de Braga terá muito proveito com este projeto ao verificar que a palavra que é anunciada, muitas vezes, nas paróquias e nos grupos, essa palavra tem concretização num projeto que envia missionários para outra Igreja distante, em Pemba. Deste modo conclui que o maior crescimento que a arquidiocese de Braga poderá obter será um crescimento missionário.

> Acho que a arquidiocese de Braga tem muito a ganhar com isto. Aliás, uma das coisas que me motivou sempre foi esse envolvimento a nível de arquidiocese. Claro que, na arquidiocese, sou uma migalha. Mas acho que este projeto – e como alguém já há alguns anos ligado à vertente missionária – pode tornar a arquidiocese de Braga uma porta aberta. Quer dizer, aquele discurso que ouvimos do altar mas que não passa. Uma experiência como esta, concreta, com a equipa missionária que vai ou com a receção de alguém que poderá vir... Eu acho que, quantas mais experiências fizermos durante este tempo de projeto de “relação com”, mais temos a aprender com isso. Mesmo que seja para chegar ao fim e dizer: isto não. Mas quantas mais coisas se fizerem, mais intercâmbios, claro de uma forma pensada e equilibrada, mais nós, arquidiocese de Braga, temos a crescer. O maior crescimento será nesse sentido missionário. [voluntário 2]

6. Estudo de caso do “Salama!”

O **voluntário 3** considera que o trabalho desenvolvido em Pemba poderia resultar em maiores benefícios na arquidiocese de Braga, na área do trabalho pastoral dos leigos missionários. No entanto, refere que os leigos regressados da primeira missão em Pemba estão subaproveitados e que seria necessário uma maior divulgação do projeto em Braga. Conclui, afirmando que o projeto deveria ser visto não só como algo que a arquidiocese de Braga desenvolve em Pemba, mas também como algo que a arquidiocese de Braga faz para si, em prole da sua missão e também o que a diocese de Pemba pode fazer pela arquidiocese de Braga.

> Acho que o que nós fazemos lá podia ter muito fruto aqui. Nós estamos dispostos e temos as ferramentas. A equipa anterior, que já regressou - pelo que conheço d[o voluntário 1] e d[o voluntário 2], são seres humanos de exceção; [o voluntário 1], além de ser missionária é enfermeira, portanto, poderia ser absolutamente capitalizada - está subaproveitada! Numa cidade que é conhecida por ser tão ligada à Igreja, com tantos bispos e padres, acho que se sabe muito pouco deste projeto. Acho que se sabe muito pouco da equipa que regressou, da equipa que está lá. Acho que se aproveita muito pouco os ensinamentos. [...] Gostava só de dizer que acho que foi muito importante, mas mesmo muito, a ida de D. Jorge a Pemba, a Ocua, concretamente, este ano. Há que ver a idade que tem o nosso arcebispo e há que perceber toda a carga simbólica que a ida do nosso Pastor máximo no outubro missionário tem. Foi um manifestar máximo de como a arquidiocese quer que o Salama! funcione. Agora, eu gostava que as restantes forças na arquidiocese – e digo isto com bastante inquietação porque o D. Jorge será arcebispo por apenas mais 2 anos – e as que virão num futuro não muito distante que tivessem este carinho e afeto que D. Jorge tem pelo Salama!. Eu sei que este projeto não é o que temos de mais fulcral mas gostava que passasse a ser visto como algo que podia enriquecer a arquidiocese. Para já, é visto como algo muito bonito que a arquidiocese faz em prol de outra diocese. Gostava que passasse a ser visto como algo muito bonito que a arquidiocese pode fazer em prol de si mesma! E que outra diocese pode fazer em prol da arquidiocese de Braga. [voluntário 3]

O **voluntário 4** refere que houve uma evolução do primeiro para o segundo ano do projeto, no que diz respeito à área da comunicação do próprio Centro Missionário. No presente há alguma consciência de que se pode desenvolver algum trabalho na área missionária, mesmo sem se ser enviado para a missão. Conclui, reforçando que nota que existe um grande desenvolvimento na equipa missionária, em Braga, através do trabalho desenvolvido em Pemba.

> Quando eu andei à procura de projetos para fazer voluntariado, não conhecia o Centro Missionário. Mas agora, com a nossa parte de desenvolvimento da comunicação do próprio Centro Missionário, já há um vasto leque de pessoas que começa a ficar interessado, a fazer perguntas, vão às formações… No caso dos meus amigos, por

> exemplo, começam a perceber que, afinal, há outras coisas que se podem fazer, que podem ajudar, mesmo não vindo para a Missão. Conseguem ser missionários lá, fazendo alguns projetos e ajudando noutras coisas no Centro Missionário. Sinto um grande desenvolvimento a nível das equipas missionárias lá, através de cá. [voluntário 4]

6.5.5. Comparativo Braga e Pemba

Alguns dos entrevistados, nomeadamente o bispo de Pemba, os padres e o voluntário 3, referem este comparativo entre Braga e Pemba, assinalando as semelhanças e as diferenças.

O **bispo** sublinha que é inerente à missão a dinâmica da reciprocidade (dar e receber, quem dá também recebe) e, deste modo, entre as duas Igrejas (Braga e Pemba) concretiza-se esta dinâmica. A Igreja de Braga contribui com a sua história, a experiência secular, o número significativo de padres, com formação sistematizada e disponível para partilhar e a Igreja de Pemba com juventude, com muitos desafios pastorais e uma dependência significativa dos leigos. Destaca ainda que esta visão de Igreja, da diocese de Pemba, pode ajudar a Igreja de Braga.

> O projeto, desde o início, foi pensado, não como cooperação de uma Igreja que tem para uma Igreja que não tem, mas uma cooperação mútua. Quer dizer, na missão ninguém vai só para dar, vai para dar e para receber. E essa cooperação eu penso que as duas Igrejas têm muito a ajudar uma à outra. Uma com a experiência, com a história que tem, que é Braga, com o número de padres que tem, com a formação que têm e outra, Pemba, que é uma Igreja jovem, com apenas 60 anos de diocese, mas uma Igreja com muitos desafios pastorais. Então, penso que nós estamos ainda muito no começo e penso que ambos vamos crescer ainda muito. [...] Então, eu penso que a arquidiocese de Braga vai ganhar muito com isso também porque aqueles que vão para lá, leigos ou padres, vão ter uma outra visão de Igreja e isso só enriquece a nossa Igreja. Lá, por exemplo, ela depende muito dos leigos. Uma comunidade pode receber a visita de um padre por ano ou até uma vez a cada dois anos. E é uma Igreja ministerial em Moçambique. Ela depende dos leigos. Então, nós temos animadores de comunidade, animadores da palavra, ministros extraordinários da sagrada comunhão, vários ministérios e serviços, que coloca toda a Igreja em movimento, a partir dos leigos. O padre vem para garantir a eucaristia. Para ajudar na formação, e os missionários em geral, para a ajudar na formação destes ministérios, desses serviços na Igreja diocesana. Penso que essa outra visão de Igreja pode ajudar também a Igreja de Braga. [bispo de Pemba]

O **padre 1** refere que o sentido de pertença a um grupo, a uma comunidade, neste caso à Igreja de Pemba, assim como o sentido de corresponsabilidade, são realidades que proporcionam aprendizagens importantes à Igreja de Braga. E por outro lado, a Igreja de

Pemba tem a aprender algum sentido doutrinal e também de liberdade do outro. Concluindo que o projeto pode ser, de facto, um projeto de cooperação.

> Um outro dado que é o sentido de pertença que, de facto, no contexto moçambicano, no contexto de Pemba, o sentido de pertença a uma Igreja é um sentido co-responsabilizador e é muito forte. Ou melhor, é imprescindível, não existe pessoa individual existe grupo, existe pertença, neste caso, à Igreja, portanto, temos uma Igreja altamente co-responsável, e temos aqui um modelo altamente individualista. Estou a levantar algumas diferenças, diferenças evidentes. Obviamente que não vou falar de edifícios, não vou falar de dinâmicas pastorais, estou a falar de traços genéricos. Há diferenças evidentes. E nós teremos a ganhar, provavelmente, com essa questão da responsabilidade individual, teremos a ganhar com eles do sentido de pertença. Eles terão a ganhar connosco, se calhar, algum sentido doutrinal, se calhar, algum sentido do respeitar a liberdade do outro, porque o sentido de pertença também pode ser um sufoco. E também é. E portanto, há diferenças estruturais das quais, eu gosto muito de referir isto, não acho que os moçambicanos sejam perfeitos, não tenho qualquer ideia cor-de-rosa da realidade de Pemba mas também não a tenho daqui. Eu considero que, efetivamente, isto pode ser uma cooperação. E é esse o sentido que nós queremos dar ao projeto. [padre 1]

O **padre 2** refere que o trabalho desenvolvido, até ao presente, é notório: a abertura do posto de saúde, as duas equipas missionárias enviadas, as visitas dos dois bispos às duas dioceses, respetivamente, a perspetiva futura de receção de equipas de voluntários para projetos de curta duração e o envio de dois seminaristas para formação na arquidiocese de Braga. Considera, assim, que com metas cumpridas num tão curto espaço de tempo, existe efetivamente, entre as duas dioceses a concretização de um projeto de cooperação.

> A ponte está estendida. A verdade é que, em dois anos, fazer o que já fizemos é muito bom! Termos, por exemplo, já concretizado a abertura do posto de saúde com duas equipas missionárias com dois sacerdotes e quatro leigos; o bispo da arquidiocese de Braga ter vindo visitar a paróquia, o bispo da diocese de Pemba ter ido visitar a arquidiocese de Braga, havendo esta possibilidade de dois seminaristas irem para o seminário de Braga – que era um dos objetivos; ao fim de dois anos, é muito bom! Agora, temos muitas outras coisas! Esta visita da equipa coordenadora e da comunicação social da arquidiocese de Braga, ao projeto, vai abrir outras perspetivas. Porque, por exemplo, sabendo que é difícil enviar para aqui gente, todas as congregações que temos aqui, ou os projetos que visitámos, estão muito abertos a receber voluntários por curta duração. Sem perdermos o objetivo principal que é a paróquia de Santa Cecília de Ocua, e uma missão de média-longa duração, poderemos abrir uma derivação – à qual não conseguimos responder, neste momento, que é a missão de curta duração. [...] Penso que isso é mais fácil, neste momento, de concretizar – sermos uma plataforma de apoio e de criar parcerias com as congregações que estão cá, do que nós criarmos estruturas e condições para termos a curta duração. [padre 2]

O **voluntário 3** considera que é mais óbvia a vantagem do protocolo para a diocese de Pemba do que para a arquidiocese de Braga. No entanto, sublinha o enorme potencial do contributo que os missionários da equipa, regressados a Braga, poderiam dar, assim como o de diocesanos de Pemba poderiam dar à Igreja de Braga.

> Contribui, para a diocese de Pemba. Para a arquidiocese de Braga não estou muito crente! Estou um pouco cética, até! Por várias razões. Primeiro, vamos sempre achar que, se vier alguém de lá, esse alguém vai querer ficar aqui porque as condições de vida aqui são melhores. Enquanto nos deveríamos preocupar em trazer a pessoa para cá e mostrar-lhe o que ela pode ganhar aqui, com o que pode enriquecer aqui para depois ser um instrumento incrível lá! [...] Isto não contribui para que essa cooperação seja “bidual” e, honestamente, acho que a arquidiocese de Braga perde muito. Entendo que a arquidiocese de Braga tenha ferramentas adquiridas ao longo de muitos e muitos anos e que se sinta na obrigação quase de partilhá-las, que tenha uma obrigação quase pedagógica de educar outras dioceses, até porque a diocese de Pemba é quase como se estivesse a recomeçar nestes últimos 4 anos. Mas acho um bocado pobre não aproveitar esta experiência tão rica que os missionários trazem e que podia ter se trouxesse gente de lá! [voluntário 3]

Neste ponto, os entrevistados são unânimes em afirmar que ambas as dioceses têm algo para partilhar e que nesta cooperação missionária para o desenvolvimento, ambas ficam a ganhar, principalmente no que diz respeito a partilhas espirituais e humanas.

6.5.6. Cooperação para o desenvolvimento

Sobre a cooperação para o desenvolvimento, apenas metade dos entrevistados se pronunciaram: o bispo, a coordenadora e os voluntários 1 e 2.

O **bispo** começa por citar o fundador da congregação missionária Combonianos: “salvar África com África”, para afirmar a esperança de uma autossuficiência de África. Sublinha também a importância da não criação de dependência, conselho que dá a todos os missionários ao chegarem à sua diocese, e a importância de se promover a descoberta das capacidades dos destinatários dos projetos. Acrescenta que, embora haja um movimento inicial de Braga para Pemba, que manifesta uma maior capacidade financeira, o modelo de desenvolvimento deverá ser assente no “fazer com os outros” e não no “fazer para os outros”. Em suma, que se concretize num envolvimento das pessoas nos projetos, diligenciando um desenvolvimento não paternalista.

> Bom, toda a cooperação é mesmo uma cooperação. Há um missionário que é fundador dos combonianos, que usava uma expressão muito forte, que eu acho interessante, que é “salvar África, com África”. Vai chegar um dia que os próprios africanos vão ter nas

> mãos África. E eles próprios vão se desenvolver e vão ser autossuficientes. A cooperação nunca vai acabar, porque é muito rico o entrançamento entre os povos, a cooperação, mas essa cooperação que acontece agora, o peso maior é sempre para quem vai, para quem tem possibilidade, para quem tem capacidade financeira. Isso é ruim de dizer mas é a realidade. Então, eu penso que a cooperação para o desenvolvimento é muito importante mas que seja um desenvolvimento não paternalista. Eu costumo dizer aos missionários, não deem nada para o povo aqui. Ninguém tem que criar dependência. Ajudem a eles descobrirem que eles têm capacidade, envolva-os em todos os projetos. Ninguém vai fazer para os outros mas fazer com os outros. Então, é muito importante o envolvimento das pessoas no local em qualquer tipo de projeto ou em qualquer tipo de parceria. [bispo de Pemba]

A **coordenadora** refere que ainda não há uma efetiva e reciproca cooperação missionária para o desenvolvimento. No entanto, considera que já foram dados passos relevantes, até ao presente (envio da equipa missionária para Ocua). Sublinha, a título de exemplo, que a dimensão da sustentabilidade da missão de Ocua é uma das dimensões que precisa de ser implementada, estando o projeto numa fase de algum assistencialismo.

> Sim, eu acho que realmente esta cooperação para o desenvolvimento está a funcionar, que existe uma cooperação, que é missionária, e que pretende contribuir para o desenvolvimento, e que está a caminhar nesse sentido. Neste momento, não se pode dizer que satisfaça, por exemplo, aquele critério que se pretende da cooperação para o desenvolvimento, que é ela ser sustentável. Neste momento não é sustentável. Lá está, tem ainda alguns pontos de assistencialismo que nós preferíamos que não tivesse. Mas acho que é um caminho e que está no bom caminho. [coordenadora]

O **voluntario 1** alarga o conceito de cooperação para o desenvolvimento para além das geografias deste projeto (Braga e Pemba), salientando que o desenvolvimento passa pela cooperação.

> No que eu poder ajudar, terei imenso prazer! Porque eu acho que o desenvolvimento passa pela cooperação, neste momento. Acho que, como cidadã do mundo, tenho uma responsabilidade perante eles para que sinta o dever de o fazer! Não nos podemos limitar ao nosso limite geográfico e ao desenvolvimento geográfico da nossa sociedade. [voluntário 1]

O **voluntário 2** considera ser ainda prematuro fazer a avaliação da componente da cooperação para o desenvolvimento, no entanto refere três áreas onde é importante reforçar o trabalho iniciado: a saúde, a educação e o trabalho social com as mulheres.

> Talvez seja cedo para avaliar, mais uma vez! A maior avaliação que posso fazer é a nível de futuro. Tem pernas para andar: seja no caso da educação, no caso da saúde, até no

> caso social das mulheres – que foi um trabalho que se iniciou mas que não se faz de um dia para o outro, nem num ano. É algo que é para ficar, para amadurecer. [voluntário 2]

6.5.7. Colonialismo

Tal como já foi referido, apesar de nesta categoria de análise constar apenas o discurso do bispo, considera-se importante destacar o colonialismo como uma categoria, dada a sua influência nas questões da cooperação para o desenvolvimento.

O **bispo** considera que a presença da equipa missionária contribui também para uma nova etapa nas relações entre as novas gerações de moçambicanos e Portugal e os portugueses, a par das populações mais antigas que viveram, no tempo do colonialismo e nos quais ainda subsistem preconceitos. Refere ainda que, no tempo presente, Moçambique atravessa uma segunda colonização que considera mais prejudicial que a primeira. Esta segunda colonização assume contornos de uma invasão, por parte de empresas multinacionais, no território de Moçambique, onde a população permanece pobre. Esta equipa missionária, também neste últimos aspeto, traz um contributo novo e uma colaboração e uma presença nova.

> Um aspeto muito importante que eu acho que tem colaborado é, em primeiro lugar, em Moçambique e nos países que foram colonizados por Portugal, quando se fala em Portugal, ou em portugueses, vem ao pensamento colónia. Porque é muito recente, Moçambique tem 42 anos de independência. Então, a ida de portugueses para um trabalho desses ajuda a ter uma outra visão de Portugal e dos portugueses. Porque é claro, e isso é normal, há ainda preconceitos. Os mais velhos ainda lembram o tempo da colónia; então, a juventude atual não conheceu bem nada disso, está aberta, tem a cabeça arejada; então encontrando ali a colaboração de missionários portugueses, eu penso que essa é a primeira contribuição. Formar uma nova etapa. É uma nova etapa. Moçambique está passando por uma segunda colonização, que eu penso que é pior do que a primeira, que é uma total invasão, quem sabe das suas riquezas, de multinacionais, grandes empresas que têm causado, nesse momento, danos porque Moçambique não está a beneficiar de quase nada. A população continua pobre. Então, a primeira contribuição eu penso que é essa, uma colaboração diferente, uma presença diferente. [bispo de Pemba]

Em síntese, da análise de conteúdo destacam-se, no discurso dos entrevistados, as cinco categorias de análise seguintes: cooperação, cooperação missionária, desenvolvimento, cooperação para o desenvolvimento e colonialismo, pela centralidade que estas categorias de análise representam para a presente investigação.

Realiza-se a identificação dessas categorias de análise, na presença ou ausência das mesmas, nos respetivos discursos de todos os entrevistados e assinalado o número de vezes que cada entrevistado utilizou cada categoria ao longo da respetiva entrevista. Os resultados desta análise apresentam-se no quadro 9.

A categoria **cooperação** constitui-se na única que se encontra presente em todos os discursos dos entrevistados. A utilização desta categoria foi feita dezoito vezes pela coordenadora do projeto; foi utilizada catorze vezes, quer pelo bispo, quer pelo padre 1; seguindo-se o voluntário 1 que utilizou o conceito onze vezes e os restantes voluntários entre três e cinco vezes.

A **cooperação missionária** tem uma média de três utilizações por entrevistado verificando-se, no entanto, uma oscilação entre a utilização máxima, de dez vezes por parte da coordenadora, e a mínima de duas utilizações, sendo que dois dos entrevistados, que são dois voluntários, não utilizaram esta categoria. Provavelmente a junção destes dois conceitos: cooperação e missionária, nem sempre ocorre de forma linear na linguagem frequente, em contexto eclesial, isto é, a utilização comum do conceito de missão e missões fecha, em si mesmo, a necessidade de um outro conceito, como que em prefixação ou sufixação. Pode-se dizer que no conceito de missão está como que subentendido o conceito de cooperação, o que poderá levar a uma ausência ou esquecimento deste outro vasto conceito.

A categoria **desenvolvimento** foi, de todos, e em termos parciais, o mais utilizado: dezanove vezes pelo padre 1, quinze pelo voluntário 1 e dez vezes pelo bispo de Pemba, seguindo-se a coordenadora que utilizou esta categoria nove vezes. Sendo este um dos conceitos fundamentais na análise do projeto Salama!, é evidente a sua incidência sobretudo nos responsáveis do projeto: o bispo, o padre 1, um dos mentores do projeto e que esteve na origem das relações entre as duas dioceses e a coordenadora do projeto, responsável pela elaboração e execução mesmo.

Quadro 9: Frequência das cinco categorias de análise: cooperação, cooperação missionária, desenvolvimento, cooperação para o desenvolvimento e colonialismo, nos discursos de cada um dos entrevistados.

Entrevistados	Categorias	Ausente	Presente	Nº de vezes utilizada na entrevista
Bispo	**Cooperação**	-	x	14
Coordenadora		-	x	18
Padre 1		-	x	14
Padre 2		-	x	03
Voluntário 1		-	x	11
Voluntário 2		-	x	05
Voluntária 3		-	x	03
Voluntário 4		-	x	03
Bispo	**Cooperação missionária**	-	x	03
Coordenadora		-	x	10
Padre 1		-	x	03
Padre 2		-	x	02
Voluntária 1		-	x	04
Voluntário 2		-	x	02
Voluntária 3		x	-	-
Voluntário 4		x	-	-
Bispo	**Desenvolvimento**	-	x	10
Coordenadora		-	x	09
Padre 1		-	x	19
Padre 2		-	x	01
Voluntária 1		-	x	15
Voluntário 2		-	x	01
Voluntária 3		x	-	-
Voluntário 4		-	x	07
Bispo	**Cooperação para o desenvolvimento**	-	x	01
Coordenadora		-	x	04
Padre 1		-	x	03
Padre 2		x	-	-
Voluntária 1		-	x	01
Voluntário 2		x	-	-
Voluntária 3		x	-	-
Voluntário 4		x	-	-
Bispo	**Colonialismo**	-	x	01
Coordenadora		x	-	-
Padre 1		x	-	-
Padre 2		x	-	-
Voluntária 1		x	-	-
Voluntário 2		x	-	-
Voluntária 3		x	-	-
Voluntário 4		x	-	-

6. Estudo de caso do “Salama!”

A categoria **cooperação para o desenvolvimento** foi citada num total de nove vezes, sendo que apenas quatro entrevistados a utilizaram. Nos restantes quatro entrevistados esta categoria esteve ausente, podendo inferir-se que este é um conceito com o qual alguns dos entrevistados estão pouco familiarizados, à semelhança do que acontece com a categoria anterior de cooperação missionária. Deste modo, a categoria de cooperação é muitas vezes utilizada como categoria síntese, dispensando outras qualificações, ficando a cooperação para o desenvolvimento em aberto.

A categoria **colonialismo** foi abordada apenas pelo bispo de Pemba, dada a sua biografia, idade, experiência e vivências pessoais: é natural do Brasil, onde, pela sua vivência e formação, defende a *teologia da libertação*, e é missionário em Moçambique, mesmo antes de ser bispo da diocese de Pemba, onde também aí já defendia as causas dos mais desfavorecidos, nomeadamente no que diz respeito às questões de posse de terra, facto que o coloca numa posição única perante os restantes entrevistados. Por estas diversas razões e sobretudo uma, a de ser o único entrevistado que reside em Moçambique onde o colonialismo marca ainda, no presente, a realidade moçambicana de país que foi colónia portuguesa. Considera-se, assim, relevante para este estudo esta categoria, dada a natureza histórica das relações entre Moçambique e Portugal e a influência da categoria do colonialismo nas restantes categorias, na atualidade.

6.6. Futuro do projeto Salama!

Neste ponto pretende-se analisar a opinião dos entrevistados acerca do futuro do projeto Salama!, quais os aspetos que eventualmente considerem necessário alterar, que atividades manteriam no plano e que novas ideias e atividades trariam ao projeto.

6.6.1. Aspetos a modificar

Relativamente aos aspetos a modificar, estes foram enumerados por cinco dos oito entrevistados.

O **bispo** refere que, da avaliação realizada com a primeira equipa missionária, constatou-se que o tempo de missão com a duração de um ano é diminuto. Uma vez que a adaptação à cultura e à língua exigem bastante tempo, o ideal seria dois a três anos de missão para cada equipa missionária. Este é uma aspeto importante no que diz respeito à perspetiva de projetar atividades futuras.

> Um dos aspetos que nós já começamos a avaliar, quando digo nós, digo nós de Pemba e os de Braga, sobretudo a equipa missionária, é esse de que um ano é um tempo bom mas é pouco. Os próprios missionários, a primeira equipa que foi, avaliou assim, que é pouco. Então, nós já temos falado sobre isso, quando encontrarmos missionários disponíveis, para ficarem dois, três anos, será melhor ainda. E se não for possível está ótimo um ano. Mas se for possível, eu penso que isso ajudaria muito. Porque quando alguém chega num outro lugar, um outro continente, uma outra Igreja, há uma outra cosmovisão, a cultura, a língua, para você se apropriar disso, leva um certo tempo. Então, o que tem acontecido é que quando os missionários já estão um pouco mais à vontade, que percebem que já conhecem um pouco a paróquia, a realidade, saem, vem outra equipa. E então, eu penso que um dos aspetos é esse, que relativamente às atividades do futuro, que nós temos que repensar. Mas, como disse, há outras que nós podemos avaliar e aos poucos vamos vendo. [bispo de Pemba]

O **padre 2** considera a necessidade e a importância de visitas de elementos da pastoral da arquidiocese de Braga para o futuro do projeto, a fim de haver um maior envolvimento por parte destas estruturas. A visita do arcebispo de Braga, da coordenadora do projeto e de um elemento da equipa do departamento da comunicação, já realizadas, permitiriam uma melhor divulgação do projeto e um incentivo para o trabalho que está a ser desenvolvido.

> De resto, acho que, talvez, o que precisemos é de continuar a sensibilizar a arquidiocese de Braga. Nesse sentido, as visitas mútuas têm ajudado. Foi bom para a equipa missionária que está cá mas acho que foi muito bom, também, para o D. Jorge ter feito a visita ao terreno. Não digo todos os anos mas, sempre que possível, a equipa do CMAB devia fazer o esforço – como fez este ano, de trazer um membro ou coordenar as coisas para vir um membro da equipa da comunicação. Ter como objetivo todos os anos enviar cá alguém da diocese. Talvez procurar, se possível, agendar o programa para que quem vem possa fazer alguma formação cá. Mesmo que seja um dia de formação vale a pena. Para o ano, se se chegar à conclusão que conseguimos mobilizar a Cáritas, ou o departamento da catequese, ou qualquer que seja o departamento, acompanhar alguém. [padre 2]

O **voluntário 2** refere que o projeto se encontra na fase inicial de implementação, sendo precoce a apresentação de propostas de alteração. No entanto, sublinha a importância de avaliação e de redefinição de prioridades, dadas as inúmeras carências do território. No termo do primeiro ano do projeto, as áreas mais trabalhadas foram as da catequese e a implementação dos conselhos para os assuntos económicos.

> Eu creio que ainda se está a desenhar. Para alterar, não vejo grandes coisas. Já falei sobre essa perspetiva: o projeto está a crescer e acho que há muita coisa para fazer. O esforço que acho que será necessário fazer neste momento, e sempre, é perceber qual é

> o principal agora. Porque, ao chegar a Ocua, ficamos com a sensação de que está tudo por fazer, ou melhor, que há necessidade de fazer mais. Acho que é preciso capacidade de refletir e perceber qual é a prioridade, uma vez que não se pode responder a tudo ao mesmo tempo. Por exemplo, o trabalho e o empenho maiores que tivemos durante o ano em que estivemos lá, acabou por ser na área da catequese e com o que tinha que ver com o desejo da própria diocese que estava a implementar os conselhos económicos. Foram, então escolhidas 2 áreas para não estar a “pincelar” em cada uma e não se fazer nada. Acho que é esse o trabalho que deve ser feito. Há bastantes carências mas tem de se escolher, de forma a depois se poder dar continuidade. No caso da catequese, formar alguns para que depois eles possam dar continuidade. [voluntário 2]

O **voluntário 3** refere que o essencial é a comunicação e a divulgação do projeto e que, no presente, esta área tem melhorado. Considera que, numa primeira fase, o projeto era pouco conhecido por falta de divulgação, associando esta falta de comunicação e informação também à existência de uma imagem irreal do que é um missionário, sendo necessário desmistificar esta imagem sobretudo para os mais jovens.

> Essencial é a comunicação. É quase redundante o que estou a dizer mas é essencial promover o projeto. Digo isto desde o início. (...)
> Acho que não há divulgação suficiente e isso faz com que não haja jovens suficientes a saber! Se calhar, há por aí muitos jovens inquietos que acham que é só patético ter um chamamento missionário no século XXI. [voluntario 3]

O **voluntário 4** considera que o trabalho desenvolvido implica bastante perseverança e uma constante coordenação e que o projeto tem perspetivas de futuro. No entanto, para o alargamento dos projetos, deverá aumentar-se o número de pessoas das comunidades envolvidas.

> Dá para ter as duas visões: a boa e a má. Sei que há pessoas que, desde o início, se mostraram interessadas e estão a levar avante todas as atividades onde nós as inserimos e onde estamos inseridos. Há outras que só estão a retardar todo o processo porque como, antigamente, se fazia de uma maneira só vão fazer daquela maneira. Não querem saber das ajudas, não querem saber de nada! As pessoas das comunidades que estão mais interessadas já começam a revoltar-se sobre isso. E alguns já começam a mudar de ideias após as “assentadas” – como eles dizem! [voluntário 4]

6.6.2. Atividades a continuar

Sobre as atividades a continuar, estas foram igualmente enumeradas por quatro dos oito entrevistados.

A **coordenadora** considera que deverá ser o essencial a prevalecer na programação futura do projeto, sendo imprescindível a disponibilidade de voluntários para dar continuidade

ao projeto e, por outro lado, estabelecer novas parcerias e iniciar projetos que aguardam uma oportunidade para implementação.

> Continuar a haver voluntários disponíveis e equipas missionárias, padres e leigos, para assumirem a paróquia, que é uma dificuldade; não temos tido nas formações muitas pessoas o que acaba por ser um desafio. Também, realizar quando houver condições logísticas, o voluntariado de curta duração. Pôr em andamento as outras parcerias, nomeadamente, com os escuteiros, a questão das férias missionárias dos sacerdotes, todos esses projetos que falei, não estão esquecidos mas precisam de ser agilizados. [coordenadora]

O **padre 2** refere que, sendo um projeto de média e longa duração, que se encontra no segundo ano de implementação, as atividades serão essencialmente de manter durante alguns anos, sobretudo nas áreas da formação e capacitação. Após esse período será necessário uma avaliação global do projeto. Destaca como uma importante característica tratar-se de um projeto em aberto.

> O futuro será, mais do que nunca, bem alicerçado no passado. Porque, como o projeto foi apresentado em 2015, foi assinado o acordo, ainda está no início. Portanto, não vale a pena procurar nada de novo. Tudo, esse levantamento, tem de ser sempre reavaliado e procurar concretizá-lo. Depois, naturalmente, quem está cá, até pela sua personalidade, a sua especificidade, pode ter uma ou outra situação pontual. Mas, no fundo, o que eu acho é que devemos estar conscientes de que o nosso trabalho é de médio-longo prazo. Então, todos os anos vamos repetir. Vamos repetir seja formação, seja capacitação. Ninguém fica capacitado num ano, em dois, em três. Então, ter essa consciência, todos os anos conseguir fazer uma avaliação boa e conseguir passar essa informação para todo o projeto, para quem vem para cá, quem está lá. Havendo novas oportunidades, havendo alguma parceria que surja e possa abrir novos caminhos não as enjeitar. [padre 2]

O **voluntário 1** coloca a resposta no âmbito pessoal, afirmando que mantem a vontade de voltar a esta missão. No entanto, considera que, no presente, apenas tem disponibilidade para apoiar o projeto a partir de Braga. Os laços que criou durante o primeiro ano desta missão prevalecem e mantém a intenção de continuar a acompanhar famílias com quem trabalhou no projeto.

> Claro que o bichinho ficou! A vontade de voltar ficou. Seja por um curto período... Isso depois, a longo-prazo, logo se vê, quais as minhas possibilidades! Mas, sem dúvida, quero muito continuar a ser uma missionária cá. Ou seja, poder participar na cooperação para o desenvolvimento a partir de cá! No que eu poder ajudar, terei imenso prazer! Porque eu acho que o desenvolvimento passa pela cooperação, neste momento. Acho que, como cidadã do mundo, tenho uma responsabilidade perante eles para que sinta o dever de o fazer! Não nos podemos limitar ao nosso limite geográfico e ao

> desenvolvimento geográfico da nossa sociedade. Penso que terei essa possibilidade e quero muito estar presente! Obviamente, ficaram laços do outro lado que quero manter e quero acompanhar. Famílias com quem fiz uma relação bastante boa e terei todo o prazer em acompanhá-los naquilo que puder! Mesmo a nível do projeto Salama!, dos projetos de cooperação. [voluntário 1]

O **voluntário 4** refere que, após a auscultação de opiniões e a avaliação feita pelos destinatários, considera ser positiva a continuidade, uma vez que todos os projetos implementados decorreram de forma satisfatória.

> Uma pessoa quando implementa as estratégias é para serem bem implementadas. Claro que, depois de algumas opiniões que eles possam dar, uma pessoa pensa, reflete um bocadinho e, se for preciso, molda-se mas sem fugir da *guideline*, da linha reta, essencial do projeto. Mas todas as atividades funcionam bem, independentemente, de haver alguns reveses, ou não. [voluntário 4]

6.6.3. Atividades novas

O **bispo** considera que o projeto tem abundantes áreas a explorar e que as equipas missionárias, à medida que se envolvem na missão, vão identificando as novas áreas prioritárias. Refere ainda que as formas de cooperar são diversas e que as áreas a desenvolver são também numerosas (educação, saúde, juventude, mulher e desenvolvimento integral).

> Bom, nós temos muitos sonhos, porque à medida que a gente vai conhecendo mais a realidade, nós vamos percebendo que há muitas maneiras de cooperar. Então, relativamente ao futuro, eu sonho com o envolvimento maior de mais parceiros. Que aqueles três que vão estar lá, como missionários, eles possam respaldar não só pela arquidiocese de Braga, mas por outros parceiros, para determinados projetos de desenvolvimento, projetos sociais, que à medida que os missionários vão estando lá, vão percebendo as necessidades e que possamos fazer uma rede de parceiros para ajudar em alguns aspetos. Isso não tem nada a ver com paternalismo, mas é a possibilidade de proporcionar às pessoas um crescimento para que depois elas próprias possam ajudar outras pessoas, ajudar a própria família. Então, em várias áreas, na área da educação, na área da saúde, na área do desenvolvimento integral, na área da juventude, na área das mulheres, eu penso que é um caminho todo aberto pela frente. [bispo de Pemba]

O **padre 1** considera que o projeto poderá alargar-se no futuro através da abertura a outras parcerias com a arquidiocese de Braga, situação que está prevista no contrato entre as duas dioceses. Sublinha ainda a equipa missionária procura integrar as preocupações a igreja local de Pemba sendo uma dessas preocupações a juventude (jovens sem projeto de vida, desempregados, etc.).

> Na minha intuição, e é somente isso, eu acho que o projeto vai começar a ganhar outras asas. Uma das coisas que nós sempre fomos alertados, desde o início, é que nós temos de integrar as preocupações da Igreja local. Portanto, nós não levamos as nossas preocupações para lá mas queremos integrar as preocupações da Igreja local. A Igreja local, a Igreja de Pemba acaba de fazer a assembleia diocesana. A assembleia diocesana são os representantes de todas as paróquias, quatro representantes de cada paróquia, que durante uma série de dias traçam os planos pastorais dos próximos anos. Uma das preocupações do D. Luiz, que ainda a semana passada esteve aqui connosco, e da diocese é os jovens. Naquele contexto, os jovens estão muito entregues a si mesmos, entregues muitas vezes à ociosidade ou a coisas piores e, portanto, se a diocese assume como uma das suas preocupações os jovens, provavelmente, podem acontecer e estão previstos já, esforços comuns nesta atenção aos jovens. E portanto, provavelmente, esta cooperação missionária vai começar a alargar-se. Se neste momento está centrada ainda em Santa Cecília de Ocua, provavelmente há outros dinamismos que vão surgir naturalmente. Estamos a tentar fazer esforços na área da saúde para outros âmbitos, não para a paróquia de Santa Cecília de Ocua. Estamos a tentar fazer esforços na área da comunicação social. E portanto, a minha intuição, não é mais que isso, é que esta cooperação vai começar a alargar-se a outras dimensões. As dimensões que provavelmente já não dependerão diretamente de nós. Podem ser estruturas, aliás, está previsto no acordo de cooperação, que haja estruturas de Braga que diretamente até façam parcerias, troca de experiências com outras estruturas da diocese de Pemba. [padre 1]

O **voluntário 2** refere o projeto da “escolinha” como a próxima prioridade para a equipa missionária que se seguir. Contudo, sublinha que a abertura da “escolinha” terá que ocorrer num contexto sustentável, quando a população local tiver condições para manter a escolinha numa perspetiva de futuro.

> A questão da escolinha, como falei logo de início. As coisas têm de ser bem feitas, dar um passo de cada vez para que um dia, se se abrir, as coisas possam permanecer. Mesmo acabando o projeto e Braga saindo de cena. Fazer as coisas de forma a que, ao longo dos anos, as coisas tenham um desenvolvimento tal que possam ter continuidade. Que eu acho que é o interessante deste projeto em tudo o que se faz lá: ter com esta vertente. Fazer algo em que se possa ser útil mas, pouco a pouco, ir libertando essa responsabilidade de forma às pessoas locais assumirem as coisas e darem continuidade no dia em que não se esteja ou o próprio projeto não esteja. [voluntário 2]

O voluntário 3 considera que um dos objetivos deverá ser o trabalho de promoção do projeto Salama! junto da faixa etária dos 16 aos 22 anos, de modo a que haja um número significativo de candidatos à missão em Ocua.

> Porque quando eu vou às escolas falar – por exemplo, a semana passada fui aos meninos do 8.º ano, e aos seminários, falo muito da infância missionária e acho que é um tema muito importante para despoletar, acho que deveríamos atacar na adolescência. Não é a

> faixa etária que nos convém numa fase imediata – nós precisamos de jovens para ir agora em missão, a médio e longo prazo. Nós precisamos despertar agora adolescentes que daqui a 10 anos queiram ir em missão connosco. Pensando assim, mais à frente, há uma necessidade muito grande de fazer algo como um acantonamento, uma convivência como se faz no grupo de jovens – tenho muito o exemplo da pastoral de Jovens de S. Vitor, que foi onde me formei para esta realidade. Acho que devíamos procurar atividades que despertassem uma faixa etária entre os 16 e os 22 anos. [voluntário 3]

A síntese da análise às respostas acerca do futuro do projeto: os aspetos a modificar, as atividades a manter e aquelas que poderiam ser introduzidas em próximos planos de atividades, encontram-se expostos no quadro 10.

Quadro 10: Síntese das principais ideias/vozes dos entrevistados relativamente ao futuro do Salama!, nomeadamente os aspetos e atividades a modificar, a continuar e a introduzir.

Futuro do projeto	Entrevistados	Ideias/*voz* dos entrevistados
Aspetos a modificar	**Bispo**	Periodicidade mais alargada das equipas missionárias *“(...) quando encontrarmos missionários disponíveis, para ficarem dois, três anos, será melhor ainda.”*
	Padre 2	Visitas com agentes da pastoral de Braga e comunicação do projeto *“(...) sempre que possível, a equipa do CMAB devia fazer o esforço – como fez este ano, de trazer um membro ou coordenar as coisas para vir um membro da equipa da comunicação.”*
	Voluntário 2	Estabelecer prioridades de projetos *“Acho que é preciso capacidade de refletir e perceber qual é a prioridade, uma vez que não se pode responder a tudo ao mesmo tempo.”*
	Voluntário 3	Divulgação insuficiente do projeto *“Acho que não há divulgação suficiente e isso faz com que não haja jovens suficientes a saber!”*
	Voluntário 4	Mudança de mentalidade das comunidades locais *“Há outras [pessoas] que só estão a retardar todo o processo porque como, antigamente, se fazia de uma maneira só vão fazer daquela maneira.”*
Atividades a continuar	**Coordenadora**	Prevalecer o essencial para as equipas missionárias *“Continuar a haver voluntários disponíveis e equipas missionárias, padres e leigos, para assumirem a paróquia (...)”*
	Padre 2	Manter plano pastoral paroquial *“(...) acho que não há nada de novo a não ser ler bem o projeto inicial e procurar concretizar aquilo que foram as*

		linhas, os objetivos, as possibilidades que foram identificadas no início.”
	Voluntário 1	Continuar o projeto como voluntária a partir de Braga *“Mas, sem dúvida, quero muito continuar a ser uma missionária cá. Ou seja, poder participar na cooperação para o desenvolvimento a partir de cá!”*
	Voluntário 4	Avaliar e implementar as mudanças com a participação local *“Claro que, depois de algumas opiniões que eles possam dar, (...) se for preciso, molda-se, mas sem fugir da guideline, da linha reta, essencial do projeto.*”
Atividades novas	**Bispo**	Identificar uma rede de parceiros *“(...) em várias áreas, na área da educação, na área da saúde, na área do desenvolvimento integral, na área da juventude, na área das mulheres etc., eu penso que é um caminho todo aberto pela frente.”*
	Padre 1	Abertura a outras parcerias na área da juventude *“Uma das preocupações do D. Luiz, que ainda a semana passada esteve aqui connosco, e da diocese é os jovens.”*
	Padre 2	O projeto “escolinha” tem de avançar com sustentabilidade *“A questão da escolinha, como falei logo de início. As coisas têm de ser bem-feitas, dar um passo de cada vez para que um dia, se se abrir, as coisas possam permanecer.”*
	Voluntário 3	Promover atividades para a adolescência de Braga *“Nós precisamos despertar agora adolescentes que daqui a 10 anos queiram ir em missão connosco.”*

Este quadro de questões torna-se essencial para uma avaliação futura do projeto, não sendo, neste momento, o período mais adequado para a sua realização, dado tratar-se de um projeto ainda muito recente.

6.7. Avaliação

Aos entrevistados foi colocada a questão acerca da avaliação geral do projeto Salama! e das componentes, em específico, da cooperação para o desenvolvimento.

6.7.1. Avaliação da cooperação para o desenvolvimento

Sobre a avaliação desta cooperação para o desenvolvimento, apenas três dos entrevistados se referiram a ela nos seus discursos.

O **Bispo** considera ser necessário um maior protagonismo das populações locais para que haja efetiva cooperação para o desenvolvimento. Sublinha o papel da cooperação para o desenvolvimento, mas ressalva que esta tem que ser um desenvolvimento “não

paternalista”. Manifesta, por último, a esperança de que o futuro do continente africano terá de ser definido pelos próprios africanos.

> Bom, toda a cooperação é mesmo uma cooperação. Há um missionário que é fundador dos combonianos, que usava uma expressão muito forte, que eu acho interessante, que é “salvar África, com África”. Vai chegar um dia que os próprios africanos vão ter nas mãos África. E eles próprios vão se desenvolver e vão ser autossuficientes. A cooperação nunca vai acabar, porque é muito rico o entrançamento entre os povos, a cooperação, mas essa cooperação que acontece agora, o peso maior é sempre para quem vai, para quem tem possibilidade, para quem tem capacidade financeira. Isso é ruim de dizer mas é a realidade. Então, eu penso que a cooperação para o desenvolvimento é muito importante mas que seja um desenvolvimento não paternalista. Eu costumo dizer aos missionários, não deem nada para o povo aqui. Ninguém tem que criar dependência. Ajudem a eles descobrirem que eles têm capacidade, envolva-os em todos os projetos. Ninguém vai lá fazer para os outros mas fazer com os outros. Então, é muito importante o envolvimento das pessoas no local em qualquer tipo de projeto ou em qualquer tipo de parceria. [bispo de Pemba]

O **padre 1** considera que o Salama! é um projeto de cooperação para o desenvolvimento, de inspiração cristã. No entanto, receia que possa haver um desvio a este padrão, cedendo a uma tendência paternalista e assistencialista, a uma tentação de exibir resultados, com o objetivo de serem premiados. Considera a dimensão da categoria tempo, fundamental para o desenvolvimento, dimensão que poderá dissipar-se numa ascensão motivada pela obtenção de resultados imediatos.

> Quero acreditar que sim, se bem que eu volto um bocadinho atrás. Eu não sei se já descolamos do modelo paternalista e assistencialista. Ainda tenho algumas dúvidas sobre isso. Quero acreditar profundamente que sim, que o projeto Salama! é um projeto de cooperação para o desenvolvimento cristão, sobre este carisma cristão. Temo, confesso que temo, aquilo que já dizia atrás, temo esta deriva assistencialista, porque, mesmo quando eu oiço falar, e tenho amigos de cooperações internacionais e entre países, eu continuo a assistir a uma coisa que é terrível que é nós termos que ter troféus, pessoalmente, e se calhar institucionalmente. [padre 1]

O **voluntário 1** considera que o trabalho desenvolvido se integra no quadro de um projeto de cooperação para o desenvolvimento, destacando o papel da tenacidade inerente à atividade educativa e ao exemplo pessoal do missionário.

> Eu penso que sim! Às vezes é preciso zangar-nos com as pessoas para educar, no sentido de as chamar à atenção, e eu fazia isso, para as fazer ver que, de facto, não tinha de ser assim. E dava o meu próprio exemplo. Tudo bem que vim de outro contexto mas dizia mesmo: “Eu tenho 28 anos e não tenho filhos. E não tenho nenhuma feitiçaria. Porque

> eu estudei, porque eu quis estudar.”. Obviamente, eu tendo outros recursos mas fazendo-as ver que, de facto, isso era possível! [voluntário 1]

6.7.2. Avaliação do projeto Salama!

Sobre a avaliação do projeto salama!, apenas é incluída no discurso do padre 1.

O **padre 1** refere que o projeto ainda não chegou á fase de avaliação. Um conjunto de condicionantes ajustaram as etapas anteriores (avaria, por um longo período de tempo, da viatura da equipa, impossibilitaram a presença, no local da missão, por três meses), mas a concretização do arranque do projeto, a coerência na sua execução, evidenciam a exequibilidade do projeto e sua continuidade.

> Eu acho que ainda é muito cedo para fazer a avaliação porque se colocássemos os ses, obviamente, se o nosso carro não tivesse avariado definitivamente ao fim de um mês, teria sido diferente. Porque tivemos que ficar quase três meses enclausurados porque o carro avariou. Mas isto, eu não sei muito bem gerir ses. Ou seja, efetivamente, foi não somente possível, mas foi, acho que, coerente como nós desejávamos. Portanto, não diria que faria diferente, porque isso implica ses e os ses são condicionantes que nós agora não podermos alterar. E portanto, não faria mudanças estruturais ao que fizemos. [padre 1]

As questões colocadas não pretenderam efetuar uma avaliação intermédia do projeto, mas obter a opinião dos entrevistados sobre o mesmo. O registo dessas opiniões encontram-se sintetizadas no quadro 11.

Quadro 11: Síntese das principais ideias/vozes dos entrevistados relativamente à avaliação da cooperação para o desenvolvimento e do Salama!.

Avaliação	Entrevistados	Ideias/voz dos entrevistados
Cooperação para o desenvolvimento	**Bispo**	Efetivar a cooperação equilibrada de Braga e Pemba *“A cooperação nunca vai acabar, porque é muito rico o entrançamento entre os povos, a cooperação, mas essa cooperação que acontece agora, o peso maior é sempre para quem vai, para quem tem possibilidade, para quem tem capacidade financeira. Isso é ruim de dizer mas é a realidade.”*
	Padre 1	Modelar uma nova cooperação *“Eu não sei se já descolamos do modelo paternalista e assistencialista.”*
	Voluntário 1	Promover a mudança *“Às vezes é preciso zangar-nos com as pessoas para educar, no sentido de as chamar à atenção, e eu fazia isso, para as fazer ver que, de facto, não tinha de ser assim.”*

Projeto Salama!	**Padre 1**	Contingências iniciais *“Eu acho que ainda é muito cedo para fazer a avaliação, porque se colocássemos os ses, obviamente, se o nosso carro não tivesse avariado definitivamente ao fim de um mês, teria sido diferente.”*

6.8. Diálogo com outras religiões

Dada a particularidade de a Igreja diocesana de Pemba conviver com outras religiões, maioritariamente com a muçulmana, no espaço do seu território geográfico, foi colocada a questão, ao seu bispo, acerca do diálogo e relações com outras religiões, questão que também é abordada pelo voluntário 4 em uma das suas respostas.

O **bispo** refere que o diálogo com outras religiões é uma área muito bem-sucedida no trabalho realizado pela diocese (escolas, serviços de saúde, serviços sociais), não existindo qualquer aceção de pessoas nas missões católicas da diocese. Os atendimentos são realizados de forma universal, ocorrendo, em algumas situações, um maior número de atendimentos a muçulmanos do que a católicos. Refere, porém, o aparecimento, a norte da diocese, de um grupo com características extremistas, que se intitula muçulmano, mas que, efetivamente, não o é, tratando-se de um caso isolado. Conclui reafirmando que o relacionamento entre as várias religiões é, em geral, muito positivo.

> Bom, isso a gente pode dizer com orgulho, com um santo orgulho, que as missões católicas nunca fizeram aceção de pessoas. A presença de uma comunidade católica, de missionários católicos é sempre aberta a atender todos em geral. Então, é comum nas missões nós atendemos muitas vezes mais muçulmanos do que católicos. É muito comum nas escolas, nos centros de saúde, nos trabalhos sociais, etc. E em Moçambique nós não temos ainda, e oxalá não tenhamos, problema entre as religiões. Nós temos um bom relacionamento com muçulmanos. Como bispo, por exemplo, eu vou visitar toda a diocese e cada vez que eu vou em qualquer aldeia para celebrar, para crismar, estão lá na missa os muçulmanos, e às vezes os chefes das mesquitas deles. Eles estão lá e até oferecem presentes. Então, o relacionamento é muito bom. Ultimamente tem aparecido um grupo radical, justamente na nossa diocese, na área norte, que se dizem muçulmanos mas que na verdade não são, e são um pouco extremistas. Mas isso é um caso isolado. Em geral, o relacionamento é muito bom. As missões católicas, as paróquias são abertas a todos. Em várias áreas, tanto na paróquia, mesmo na universidade. A pastoral universidade é aberta, não é só para os católicos, é aberta a todos. [bispo de Pemba]

O **voluntário 4** refere que a maioria da população é muçulmana e que são notórias as diferenças (religiosas e culturais) entre as comunidades de uma e de outra confissão, não existindo a articulação devida, dado que algumas áreas são desenvolvidas pelos

muçulmanos e outras pelos católicos. No entanto, a comunidade cristã católica tem vindo a aumentar. Refere um exemplo de um matrimónio ocorrido entre um muçulmano e uma católica que veio posteriormente a resultar em divórcio, tendo a mulher feito o retorno à comunidade cristã.

> Em Cabo Delgado, na diocese de Pemba, a maior parte são muçulmanos, poucos são os cristãos. Nós temos visto, através dos censos que se vão fazendo ao longo do ano, ou de ano para ano, as comunidades cristãs têm vindo a crescer. Há até várias pessoas que não tinham nenhuma religião, que seguiam religiões tribais, como também pessoas de outras religiões – no caso muçulmanos, que se interessam pela religião cristã e também começam a entrar para as comunidades. Tenho um caso lá em Mahipa, que é a Maribela, que é muçulmana porque teve um matrimónio muçulmano com um senhor, já foi cristã e, como se divorciou, quer voltar para a religião cristã. Ela diz que é lá que se identifica, sabe o que é viver na comunidade, porque a maior parte dos amigos, a família, toda a gente que ela conhece, são cristãos.
> Depois, também, há a parte da separação das religiões. A muçulmana consegue fazer algumas coisas enquanto a cristã consegue fazer outras e não há um cruzamento devido às divergências religiosas e, também, culturais. Aqui, a cultura tem um peso muito grande, ainda! [voluntário 4]

6.9. Diocese de Pemba

Neste ponto foram reunidos um conjunto de aspetos abordados pelos entrevistados sobre áreas de trabalho e temáticas relacionadas com a diocese de Pemba, não integradas em outras categorias de análise, mas relevantes para este estudo, como é o caso da educação, da juventude, da mulher e dos recursos naturais.

6.9.1. Educação

O **bispo** refere que, embora sejam muitas as necessidades da diocese, a educação é a prioridade a desenvolver: educação de crianças, de jovens e de adultos, educação de cariz formal e não formal.

> São tantas as necessidades que é até difícil escolher prioridades. Mas eu penso que nós poderíamos dizer que sem educação nada vai à frente. Então, uma das prioridades é a educação. Nós temos investido na educação das crianças, dos jovens. Nós temos várias escolas que são comunitárias. São escolas cujo prédio está dentro de alguma missão, e a Igreja Católica tem a direção e o governo paga aos professores. Nós temos investido bastante, na medida do possível, na educação. De retomar escolas que estavam com o governo mas que são da Igreja Católica. Então, penso que uma prioridade é essa, a educação, tanto formal como não formal. [bispo de Pemba]

O **voluntário 2** considera que ainda não se sentiu o impacto do trabalho realizado na área da educação e que este representa uma grande mais-valia para a sociedade. Exemplifica com o facto de notar, nas visitas a outras missões, a diferença positiva de um jovem que frequentou a “escolinha” de uma missão, face a um outro que não a frequentou. Conclui realçando a função da escola como instrumento de mudança na sociedade.

> A nível da educação, eu acho que ainda não teve impacto. Creio que se estão a dar passos nesse sentido e que será uma grande mais-valia. Notava-se muito, quando íamos visitar outras missões, que há muito a “história” das próprias missões terem uma escolinha ou terem um internato, por exemplo. Notava-se uma diferença muito grande quando encontrávamos um jovem que esteve numa escolinha de uma missão e aquele que não esteve, infelizmente! Tudo bem que, neste momento, existem bastantes escolas públicas – têm crescido, mas o “produto” é um bocadinho escasso nas pessoas, acho eu! Por uma série de dificuldades que acredito que existam. E, realmente, este compromisso que a Igreja faz em assumir uma escola nota-se. Acho que é uma ferramenta muito importante.
> Acredito que tem muito por onde andar. Eu falo na questão da escola porque seria fundamental para mudar alguma coisa a nível de sociedade. [voluntário 2]

6.9.2. Juventude

O **bispo** considera que outra importante prioridade é o trabalho com a juventude, uma vez que a percentagem da população jovem é bastante elevada. Cita um estudo de uma empresa recentemente instalada na província de Cabo Delgado, segundo o qual quarenta e sete porcento da população situa-se entre a faixa etária dos zero aos quinze anos de idade, se for analisada a faixa etária até aos vinte e cinco anos é provável que seja de setenta por cento.

> Outra prioridade é a juventude como um todo. A maior parte da população de Moçambique em geral, e da nossa diocese em particular, é formada pela juventude. Houve uma pesquisa de uma empresa que se estabeleceu em Pemba por causa do gás e petróleo, uma empresa italiana chamada ENI. Eles fizeram uma pesquisa e descobriram que 47% da população de Cabo Delgado tem de 0 a 15 anos. Imagina, 47%, quase 50% tem menos de 15 anos. Então, você pega até 25 anos, pode ser que sejam 70%, então é uma população jovem. Uma outra prioridade é o trabalho com a juventude, entre outras. [bispo de Pemba]

O **voluntário 4** refere o trabalho realizado com jovens na missão, quer ao nível académico (apoio ao estudo), quer ao nível da animação pastoral (dinamização dos grupo de jovens, promoção da participação das meninas).

> Também, mesmo para os rapazes. Os meninos de Mahipa, do pouco que nós sabemos, em algumas matérias conseguiram tirar boas notas este ano. Nunca mais me irei

> esquecer do caso do Alberto, que chorou à minha frente, a dizer que entendeu química pela primeira vez na vida! Eu fiquei com o “coração na mão”, a pensar “eu não acredito que ele disse isto”! Mas, ainda bem!
> Por exemplo, tínhamos o projeto do grupo de jovens que, quando começamos a dinamizar os jovens, tento puxar tanto meninos como meninas mas só vêm os meninos. Ando a insistir com as meninas mais próximas do nosso grupo para chamarem todas as que queiram participar, para criarem o grupo… Já marquei reuniões com os responsáveis dos grupos de jovens, com os animadores, com os zonais… Porque uma coisa interessante é que nas aldeias mais remotas, nas comunidades mais remotas, esses grupos têm um grande impacto – nós já vimos nas nossas saídas, nas nossas celebrações. Enquanto na nossa sede, está nas “ruas da amargura”! [voluntário 4]

6.9.3. Mulher

O **bispo** considera que, do trabalho realizado na diocese, merece destaque a área da educação, e particularmente a educação para as mulheres numa linha de promoção e empoderamento (dar voz às mulheres, promover a autoestima).

> Educação em geral nas paróquias, educação para as mulheres, para empoderar as mulheres, para que elas saibam o valor que têm, para saberem que elas podem falar, que elas devem perder o medo, a educação da juventude, educação dos casais, educação em todos os níveis, formal e não formal. Essa é uma das prioridades. [bispo de Pemba]

O voluntário 1 refere que a experiência mais marcante foi ter constatado, com surpresa, o estatuto que a mulher desempenha e por consequência também as adolescentes. Acrescenta que ser menina é, como que, impeditivo de sonhar, projetar (assumem as responsabilidades da vida doméstica, do acompanhamento dos irmãos mais novos, muito precocemente, prejudicando o percurso escolar e, em algumas situações, inviabilizando-o).

> A nível pessoal, o que mais me marcou foi mesmo o estatuto da mulher. Principalmente, das jovens adolescentes. Para mim, foi como um choque, porque lá o ser menina é quase impeditivo de sonhar a todos os níveis, quer pelas responsabilidades que têm na casa, quer pela quase obrigação de não ir à escola porque têm que fazer as lides da casa e olhar pelos irmãos mais novos e desde novas que têm de engravidar e ter filhos – porque se assim não for está a fugir à regra cultural! Isso marcou-me bastante. Como mulher, foi um constrangimento. Foi difícil de lidar, de início, a nível interior! [voluntário 1]

6.9.4. Recursos naturais

O **bispo** considera que, apesar das oportunidades encontradas com a prospeção de minerais no território de Cabo Delgado, estas implicam, por outro lado, um trabalho de

acolhimento daqueles que migram de outras regiões do país e do estrangeiro para procurar trabalho.

> Uma outra prioridade que nós temos no momento é com relação às minas. A nossa a diocese abrange uma província inteira de Cabo Delgado, que é uma província muito rica em minérios, em vários tipos e também em hidrocarbonetos, gás e petróleo, temos rubis, ouro, pedras semi-preciosas, grafite, mármore, etc. É um desafio muito grande porque nós recebemos pessoas de outras províncias, muita gente de outros países. Então, temos lá muitas minas a céu aberto, nós até chamamos uma comunidade religiosa só para trabalhar nas minas, para atender toda aquela gente que está ali. Tem sido uma das prioridades da diocese, entre outras, as prioridades são muitas. [bispo de Pemba]

As categorias educação, juventude, mulher e recursos naturais foram consideradas, para além das estabelecidas previamente, pelos entrevistados, como prioridades para a diocese de Pemba. A categoria **educação** quer na sua dimensão formal, quer na dimensão informal foi considerada prioritária pelo bispo. Também na área da educação, a evolução do projeto escolinha foi referido pelo voluntário 2 como diferenciador na intervenção com as crianças e jovens, comparativamente a outras de outras missões que não tiveram essa aprendizagem.

A categoria **juventude** reveste-se de uma enorme importância, dada a realidade estatística da população moçambicana, bastante jovem, o bispo de Pemba considera esta como uma importante prioridade no trabalho a desenvolver na diocese, aliás, como também já foi referido atrás pelo padre 1, foi definida como prioridade pastoral numa assembleia diocesana. Na mesma área, o voluntário 4 considera que o trabalho de apoio escolar aos jovens, a par da animação pastoral, deve ser promovido e que os resultados desse trabalho têm sido positivos.

Também na área da educação, mas orientada para as **mulheres**, o bispo considera que deverá existir como que uma descriminação positiva no sentido de apoiar a formação das mulheres, a sua autoestima, o seu poder para maior participação, de modo a melhorar o seu papel na sociedade, começando pela educação das meninas, como refere também o voluntário 1.

A categoria **recursos naturais** surge como uma questão emergente, dado que se prende com a nova realidade da província de Cabo Delgado, da descoberta de um conjunto de recursos minerais e outros, que transformam a realidade social e económica da região. Esta será uma das prioridades para o trabalho a implementar no futuro próximo.

Considerações finais

Neste capítulo conclusivo pretende-se tecer algumas considerações sobre este estudo, problematizando e elaborando ligações com a literatura, partindo dos objetivos definidos e apresentados para este trabalho. Considera-se pertinente sistematizar as principais ideias e conclusões que advêm desta investigação e, ao mesmo tempo, registar os desafios que o projeto Salama! originou, assim como as reflexões suscitadas a partir do quadro empírico definido.

Sendo o conceito de *cooperação missionária para o desenvolvimento* relativamente recente e parcamente explorado, especialmente no meio académico, considera-se pertinente abordá-lo em articulação com os conceitos de cooperação missionária, cooperação para o desenvolvimento e com o próprio conceito de desenvolvimento.

A *cooperação missionária*, entendida no contexto da missão ou da missionação, é um conceito amplamente utilizado em vários documentos oficiais da Igreja Católica, desde o Concílio Vaticano II até ao atual Pontificado do Papa Francisco. Na pesquisa realizada constata-se que o conceito é utilizado em expressões em que assume o significado de "missão", de "pastoral" e de "doutrina social da Igreja", que são analisadas e referidas neste estudo, pelos entrevistados.

Na evolução histórica do conceito de *desenvolvimento*, verifica-se que a sua utilização e as aceções que assume, não são consensuais, sendo que se lhe atribuem conteúdos tão diversos quanto as diversas áreas em que é empregue, da economia, à geografia humana ou às dinâmicas das comunidades, facto que também se constata neste estudo. Deste mesmo conceito deriva o de educação para o desenvolvimento, que Manuela Mesa descreve em cinco gerações, podendo elas coexistir entre si, facto evidenciado nas *vozes* dos entrevistados nesta pesquisa, e no qual se constata o quão pertinente esta análise em cinco gerações permitiu enquadrar os oito entrevistados, na particularidade de um grupo tão heterogéneo.

A *cooperação para o desenvolvimento* é atualmente dominada pela *Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*, que definiu 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) globais, a atingir até 2030. Estes 17 objetivos permitiram-nos como que cruzar as atividades implementadas pelo Salama! como parâmetro de aferição de desenvolvimento, verificando-se que 15 dos ODS estão presentes nas atividades executadas no projeto.

Considerações finais

O estudo tem como **objetivo geral** compreender de que forma é que a cooperação missionária pode contribuir para o desenvolvimento, através do projeto de cooperação missionária Salama!.

Discutem-se, primeiramente, os **objetivos específicos** definidos: relacionar de que forma é que a cooperação missionária do Salama! pode contribuir para o desenvolvimento na diocese de Pemba, em Moçambique; e compreender de que forma é que a arquidiocese de Braga se apropria da cooperação missionária do Salama!; para, posteriormente, chegar ao objetivo geral.

Antes da abordagem ao primeiro objetivo específico, torna-se relevante considerar que, nas *vozes* dos entrevistados, se evidencia que o Salama! é um projeto de cooperação missionária, sendo de destacar que nem todos os entrevistados abordam o conceito de cooperação missionária como um todo, isto é, pode deduzir-se que para alguns entrevistados a dimensão missionária é por si só cooperação, dada a sua componente de reciprocidade, gratuidade, partilha de dons espirituais e materiais.

Em síntese, para estes entrevistados, o conceito de missão consiste em dar e receber e a evangelização é a missão de todo o crente desde o dia do seu batismo, e esta consiste na transmissão da mensagem de total gratuidade, dos ensinamentos e do dom da vida de Jesus Cristo, narrada nos evangelhos [AG 1] (Concílio Vaticano II, 1965b).

No entanto, para outros entrevistados do grupo dos envolvidos no projeto, a dimensão da cooperação poderá ser entendida como um conceito pertencente a um contexto laico, isto é, um conceito menos utilizado no contexto eclesial, uma vez que a noção de missão, ou missionária, poderá abarcar igualmente o significado de cooperação. Assim, o conceito naturalmente utilizado poderá ser o de missão, missionária, evangelização.

Neste contexto poderá questionar-se: qual a perspetiva das outras comunidades, aquelas que não fazem parte da comunidade católica? O que é para elas esta cooperação missionária?

As respostas a estas questões são encontradas na afirmação do bispo de Pemba ao referir o acolhimento que tem nas visitas pastorais, por parte de comunidades muçulmanas e também do voluntário 1, apontando o exemplo dos contactos que teve com outras comunidades, nomeadamente a muçulmana, e o enriquecimento que estes contactos trazem ao projeto. Neste sentido, pode-se também juntar que, por exemplo, a implementação do projeto do posto de saúde será, naturalmente, aberto a todos. Da

mesma forma, o voluntário 2 refere o interesse que outras comunidades religiosas, muçulmanas e outras, têm manifestado pelo projeto Salama!, em geral.

Uma outra questão prévia surge na utilização do conceito de trabalho ou atividade pastoral e trabalho social. Nos discursos dos entrevistados é notório que, tendencialmente, os elementos ligados à hierarquia da Igreja, bispo e padres, utilizam mais o conceito de pastoral e os leigos referem, em determinadas situações, o trabalho social, sendo este último a referência a um conjunto de atividades de âmbito, não propriamente sagrado, para usar o binómio: sagrado e profano (por exemplo do contexto e pensamento do filósofo e sociólogo Émilie Durkheim no qual as tensões entre o sagrado e o profano são uma constante) que, no entanto, é sintetizado pelo conceito que junta os dois elementos: pastoral social.

Tratando-se de um projeto confessional surge uma outra questão: a do voluntariado missionário e de qual o seu elemento diferenciador?

A resposta envolve um quadro motivacional composto por um conjunto de valores em que o maior relevo recai na dimensão confessional (dádiva, partilha, gratuidade, segundo o modelo e a pessoa de Jesus Cristo). O bispo de Pemba refere precisamente esta questão salientando, positivamente, que os valores do Evangelho constituem uma mais-valia na atividade de cooperação. Numa outra perspetiva, refere, as inúmeras ONGD, no contexto moçambicano, que implementam um trabalho positivo, mas que por vezes num ambiente de competição mutua que acaba por prejudicar os objetivos definidos.

A diferença entre missão, voluntariado missionário, evangelização (valores: fé, espiritualidade, sentido da vida) e voluntariado laico encontra-se no quadro de valores como a fé, espiritualidade, a busca do sentido da vida através da mediação da Igreja Católica. Em suma, é-se voluntário missionário por causa de um conjunto de valores que conferem um determinado sentido ou sentidos à vida do próprio (Nunes, 2008). O bispo de Pemba refere também um outro elemento diferenciador no voluntariado desenvolvido no âmbito da missão católica: o facto do quadro axiológico católico se encontrar enquadrado na dádiva, na gratuidade, em que o voluntário não procura retorno para si.

Após esta contextualização, centra-se estas considerações finais na análise dos objetivos específicos acima referidos:

Objetivo I - Relacionar de que forma é que a cooperação missionária do Salama! pode contribuir para o desenvolvimento na diocese de Pemba, em Moçambique;

Pode-se abordar uma questão, como que subliminar a este primeiro objetivo especifico: é o Salama! um projeto de cooperação missionária para o desenvolvimento?

Efetivamente a cooperação missionária do projeto Salama!, embora envolva apenas a missão de Ocua, apenas uma missão da diocese de Pemba, é, no entanto, um sinal da efetivação de um projeto inédito, nos dois contextos de Braga e Pemba. No contexto da organização territorial e jurídica eclesial, em cada diocese, enquanto "porção" do povo de Deus, está incluída a Igreja toda, uma vez que cada Igreja Local (diocese) é depositária da totalidade do mistério da Igreja [CD 11] (Paulo VI, 1965). Toda a diocese de Pemba recebe, desta forma, a partir de Ocua, a dinâmica desta cooperação, participando dela através da comunhão das várias comunidades e paróquias.

E de que forma esta cooperação missionária é concretizada, como é que este protocolo de cooperação missionária se efetiva entre as duas dioceses?

Constatou-se a evidência, ao longo do estudo, que este é um projeto de âmbito pastoral, toda a ação motivada pelo projeto tem como fim a evangelização, sendo esta a forma de concretização deste protocolo. No entanto, no vasto campo do entendimento pastoral, compreendendo as mais evidentes, como a pastoral da catequese, a litúrgica, ou a organização interna das comunidades através da promoção das comissões para os assuntos económicos, mas também a formação na área da dignidade humana; na área das questões da igualdade de género, o destaque da discriminação positiva para as mulheres e no mesmo âmbito da promoção das raparigas; na área da saúde, o projeto do aleitamento materno; na educação através do projeto da escolinha e do incentivo escolar às raparigas e o apoio ao estudo, em geral através de atividades pedagógicas; e na sustentabilidade da comunidade, com o projeto da machamba comunitária, entre outros. Nestas áreas, os voluntários desenvolvem as ações de cooperação previstas no projeto.

Coloca-se então uma outra questão, comum a parcerias e projetos de cooperação semelhantes ao Salama!: a sustentabilidade, podendo aferir-se que o princípio da sustentabilidade, como que presidiu à seleção dos projetos implementados. Assim, cada área foi selecionada atendendo à sua sustentabilidade. A título de exemplo, a reativação da escolinha ainda não ocorreu pois a comunidade ainda não assumiu totalmente a sua necessidade e o modo de gestão, assim como o posto de saúde, reabriu apenas quando

houve condições para ser integrado na Rede de Cuidados Primários do Distrito de Chiúre, ao qual pertence Ocua.

Pode-se, desta forma, inferir que o modelo de desenvolvimento implementado pelo projeto Salama! integra as componentes do Desenvolvimento Comunitário Local, pela forma como envolve as comunidades locais, quer de Braga, quer de Pemba, nas várias fases do processo, da fase do diagnóstico à fase da implementação, atenta às pessoas e centrando os objetivos nas necessidades básicas das populações. Este modelo de Desenvolvimento Comunitário Local é balizado, no Salama!, pelos ODS, no que se pode considerar uma síntese entre a perspetiva local e a global, não sendo esta uma perspetiva consensual uma vez que alguns investigadores consideram que os ODS e as suas metas são um propósito positivo no compromisso para com o bem-estar de todos, mas deficitário como programa de ação (Macamo, 2019).

Se fosse necessário redefinir um conceito de desenvolvimento a partir das *vozes* dos entrevistados deste trabalho, dir-se-ia que para o projeto Salama! desenvolvimento é: algo que "assenta sobretudo no pilar da educação"; "ensinar a pensar. Ensinar a ter sentido crítico"; a presença e o contributo de uma equipa missionária; "a formação que pode ser oferecida às pessoas; o trabalho que se realiza em Pemba contribui para o desenvolvimento das comunidades; capacitar as pessoas; o acesso à educação e à saúde; a educação: a questão das meninas; as pessoas começam a interagir com as outras paróquias e com todas as comunidades".

É unânime entre os entrevistados que a educação é uma área prioritária, também na cooperação missionária para o desenvolvimento, uma forma, se não a principal forma de chegar ao desenvolvimento, o que corrobora com os documentos da UNESCO que apresentam a educação como o ponto estratégico que permite o acesso a uma mudança inevitável de mentalidades e atitudes na sociedade (ONU, 2002).

Porém, uma outra característica distingue o Salama! de outros projetos de cooperação é o facto de este ser maioritariamente financiado pela arquidiocese de Braga. Este facto poderá ser um ponto forte na medida em que, por exemplo, outras ONGD portuguesas, de cariz confessional, referem que o facto de serem financiados por agências de cooperação leva a que não tenham a autonomia necessária para realizarem as atividades que consideram pertinentes, como por exemplo a disponibilidade para a pastoral que

gostariam de exercer, face ao estrito cumprimento dos objetivos estabelecidos pelas referidas agências.

Objetivo II - Compreender de que forma é que a arquidiocese de Braga se apropria da cooperação missionária do Salama!.

O bispo de Pemba responde de forma afirmativa a esta questão, considerando que a forma como os diocesanos de Braga se referem a este projeto, e em concreto à comunidade de Ocua, é reveladora do grau de apropriação desta parceria por parte da arquidiocese de Braga.

No entanto, pode-se eventualmente considerar que existe um lado menos visível, o de Braga, no que diz respeito aos resultados de ambas as dioceses, dado o ponto de convergência colocado no vetor de Braga para Pemba. Ou, numa outra perspetiva, será que um dos lados é o doador e o outro é apenas o recetor? Não serão ambos doadores e recetores? Se considerarmos outros tipos de cooperação, poderá eventualmente acontecer, por exemplo, em projetos financiados por agências de cooperação, esta relação de equilíbrios. No entanto, tratando-se de um projeto de cooperação missionária, existe um quadro de valores diferentes, os valores espirituais e evangélicos, como valores fundantes desta parceria, alinhados com alguns dos princípios da Declaração de Paris sobre a Eficácia da Cooperação, dos quais se destaca a harmonização, o alinhamento, a apropriação e a responsabilidade mútua (Santos, 2015), notando-se, no entanto, que a orientação para resultados é uma das áreas que necessita de ser melhorada no contexto do projeto.

A questão levantada neste segundo objetivo específico relaciona-se também com o modelo de educação para o desenvolvimento adotado por cada voluntário missionário do Salama! e até por uma maioria da população correspondente à arquidiocese de Braga, elementos dos quais este estudo não dispõe, mas no que diz respeito ao Salama! pode-se afirmar que há coexistência de vários modelos no projeto. Deste modo, parece que os intervenientes no projeto poderão ter conceções de educação para o desenvolvimento, de desenvolvimento e de cooperação, diversas. Por exemplo, a perspetiva de algum ou alguns dos intervenientes no projeto podem situar-se numa fase em que o enfoque é a perspetiva caritativo-assistencial na qual os valores dominantes são: a compaixão, a caridade, o eurocentrismo, o providencialismo, a sensibilização, adotando uma estratégia

de ação assente no assistencialismo, ou outros voluntários que se posicionam numa fase em que se cultivam os valores do sentido da cidadania global, a igualdade dos direitos e a responsabilidade global (Mesa, 2011, 2014).

No entanto, existem três entrevistados (bispo, coordenadora e padre 1) que referem, perentoriamente, que um modelo assistencialista/paternalista não serve, de todo, aos objetivos do projeto Salama!, ou seja, que pretendem afastar o projeto desta primeira geração da educação para o desenvolvimento descrita por Mesa (2011, 2014).

É notório, por outro lado, o posicionamento de todos os intervenientes no projeto, na atenção à promoção da educação como elemento fundamental para o desenvolvimento e sobretudo que esse desenvolvimento não ocorra unicamente a partir do exterior. Recebendo as influências que decorram das trocas com o exterior, é necessário que se estabeleça sempre, como que um diálogo entre a cultura local e do país, com essas influências do exterior (Santos, 2015).

Nos registos dos entrevistados, esta reflexão, a partir da arquidiocese de Braga, não é das mais referidas. Um dos entrevistados refere, porém, que uma das aprendizagens mais significativas que a arquidiocese de Braga poderá fazer com a diocese de Pemba, prende-se com o facto desta última ser uma igreja assente no modelo ministerial, em que os leigos assumem as várias comissões pastorais, devido à grande escassez de padres. Ora, esta cultura de uma igreja ministerial laical poderá ser útil à arquidiocese de Braga, não só num possível cenário de diminuição de padres, mas também por uma maior aproximação ao modelo eclesial definido no Concilio Vaticano II [LG 13] (Concílio Vaticano II, 1964).

Por fim, retoma-se o objetivo geral do estudo: ***Compreender de que forma é que a cooperação missionária pode contribuir para o desenvolvimento, através do projeto de cooperação missionária Salama!***

Como foi referido anteriormente, considera-se que o projeto Salama! adota o modelo de Desenvolvimento Comunitário Local centrado nos ODS, cuja evidência é verificada nos projetos implementados pelas equipas de voluntários, em contexto de missão de cooperação missionária em Ocua. Assim sendo, a promoção das machambas comunitárias, o projeto de reabertura da escolinha, a reabilitação do posto de saúde e a sua inscrição na Rede de Cuidados Primários do Distrito de Chiúre, a dinamização pastoral nos âmbitos: social, litúrgica e de organização comunitária (conselhos locais para

os assuntos económicos), entre muitas outras ações, promovem o desenvolvimento da comunidade de Ocua e da diocese de Pemba. A esse propósito, elaborou-se o esquema da figura 5, onde se estabelece a interligação entre cada um dos dezassete ODS às ações promovidas pelo projeto Salama!.

Figura 5: relação entre os ODS e as atividades desenvolvidas pelo Salama!.

Esta relação foi estabelecida com base nos discursos dos entrevistados e nos documentos do projeto onde se afere que quinze dos dezassete ODS são transversais ao projeto Salama!

Recomendações para o Salama!

Depois de toda a análise realizada, considera-se importante tecer algumas recomendações para o projeto Salama!: realização de um relatório de avaliação do projeto Salama! a partir da apreciação de entrevistas aos destinatários do projeto; constituição de uma ONGD que se estabeleça como plataforma de diálogo universal com congéneres locais e internacionais e que de igual forma se possa candidatar a financiamento externo nacional e internacional; e implementação de cursos livres e escolas de verão sobre a temática da educação para o desenvolvimento e cooperação, em parceria entre a arquidiocese de

Braga e as universidades essencialmente do distrito de Braga (Universidade do Minho e Universidade Católica Portuguesa).

Recomendações para estudos futuros

Do trabalho realizado surgem as seguintes propostas para estudos futuros sobre a temática em análise: auscultar os destinatários do projeto Salama! (grupos da diocese de Pemba, em Moçambique), a fim de haver um equilíbrio nas *vozes* dos entrevistados; realizar um plano de ação para divulgação de aprendizagens do Salama! na arquidiocese de Braga; e avaliar os efeitos e os impactos do projeto Salama! nas dioceses de Pemba e Braga, com base no diagnóstico do projeto.

Como nota final regista-se o percurso, como que de uma viagem, em que o tempo da sua duração é aquele que os encontros, ao longo da mesma, provocaram. Neste caso, a viagem valeu pelo processo e pelos resultados. Arriscando a afirmar que o saber académico estabelece ligações de saberes que formam, como que pontes, e essas pontes são extensíveis, alongam-se cada vez mais, a cada pergunta que se coloca e que desafia a procurar um esboço de resposta.

Os sentidos encontrados entre Viana do Castelo e Bissau, entre o Porto, Braga e Maputo e depois a diocese de Pemba, permitem um movimento reflexivo, o registo de notas de campo e a memória. A cooperação missionária e a educação para o desenvolvimento conquistaram um espaço novo, estabeleceram uma marca no investigador. E o que fica escrito é apenas uma parte do tributo aos que sabem que sozinhos não mudam o mundo, mas que o podem deixar um pouco melhor.

Fontes

Orais

Bispo (2018). *Entrevista concedida a João Pedro Chantre*. Viana do Castelo, 09 jan. 2018. 1 arquivo .mp3 (40 min.). [A entrevista encontra-se transcrita na íntegra no Apêndice 2.1. deste estudo].

Coordenadora (2018). *Entrevista concedida a João Pedro Chantre.* Viana do Castelo, 19 fev. 2018. 1 arquivo .mp3 (46 min.). [A entrevista encontra-se transcrita na íntegra no Apêndice 2.2. deste estudo].

Padre 1 (2018). *Entrevista concedida a João Pedro Chantre.* Braga, 20 jan. 2018. 1 arquivo .mp3 (44 min.). [A entrevista encontra-se transcrita na íntegra no Apêndice 2.3. deste estudo].

Padre 2 (2018). *Entrevista concedida a João Pedro Chantre.* Ocua, 07 fev. 2018. 1 arquivo .mp3 (62 min.). [A entrevista encontra-se transcrita na íntegra no Apêndice 2.4. deste estudo].

Voluntário 1 (2018). *Entrevista concedida a João Pedro Chantre.* Braga, 27 jan. 2018. 1 arquivo .mp3 (45 min.). [A entrevista encontra-se transcrita na íntegra no Apêndice 2.5. deste estudo].

Voluntário 2 (2018). *Entrevista concedida a João Pedro Chantre.* Braga, 21 jan. 2018. 1 arquivo .mp3 (51 min.). [A entrevista encontra-se transcrita na íntegra no Apêndice 2.6. deste estudo].

Voluntário 3 (2018). *Entrevista concedida a João Pedro Chantre.* Braga, 20 jan. 2018. 1 arquivo .mp3 (55 min.). [A entrevista encontra-se transcrita na íntegra no Apêndice 2.7. deste estudo].

Voluntário 4 (2018). *Entrevista concedida a João Pedro Chantre.* Pemba, 09 fev. 2018. 1 arquivo .mp3 (29 min.). [A entrevista encontra-se transcrita na íntegra no Apêndice 2.8. deste estudo].

Fontes

Escritas

African Development Bank Group (ADBG) (2011). *Republic of Mozambique: Country Strategy Paper 2011-2015*. d/l: African Development Bank Group. [disponível em http://www.afdb.org/fileadmin/uploads/afdb/Documents/Policy-Documents/Mozambique%20-%202011-15%20CSP.pdf, consultado a 05 de novembro de 2014]

Arquidiocese de Braga & Diocese de Pemba (AB & DP) (2014). *Acordo de Cooperação Missionária entre as Dioceses de Braga e Pemba*. Braga: AB.

Associação Nacional das Empresas Metalúrgicas e Electromecânicas (ANEME) (2018). *Estudo de Moçambique, província de Cabo Delgado: levantamento e caracterização das empresas comerciais e industriais*. Lisboa: ANEME. [disponível em https://www.aneme.pt/site/wp-content/uploads/2018/09/Estudo_CABO-DELGADO_2017.pdf, consultado a 10 de fevereiro de 2019]

Banco Mundial Moçambique (2018). *Moçambique: aspectos gerais*. [disponível em http://www.worldbank.org/pt/country/mozambique/overview, consultado a 09 de fevereiro de 2019]

Banco Mundial & Instituto Nacional de Estatística (BM & INE) (s/d). *Moçambique Outrora e Agora: Um Atlas de Estatísticas Socioeconómicas 1997–2007*. Washington, DC: Banco Mundial. [disponível em http://documents.worldbank.org/curated/pt/917351468287773924/pdf/877330WP0PORTU0esen000December02012.pdf, consultado a 10 de fevereiro de 2019]

Bento XVI (2009). Carta Encíclica *Caritas in Veritate* sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade. Lisboa: Paulus.

Centro de Informação Regional das Nações Unidas para a Europa Ocidental (UNRIC) (2016). *Guia sobre Desenvolvimento Sustentável: 17 objetivos para transformar o nosso mundo*. s/l: UNRIC. [disponível em

https://www.unric.org/pt/images/stories/2016/ods_2edicao_web_pages.pdf, consultado a 30 de março de 2019]

Comissão da União Africana (2015). *Agenda 2063 - A África Que Queremos. Quadro estratégico comum para o crescimento inclusivo e o desenvolvimento sustentável. Plano de Implementação para a Primeira Década - 2014-2023*. s/l: s/e. [disponível em https://www.uneca.org/sites/default/files/uploaded-documents/CoM/com2016/agenda_2063_final_revised_first_ten_year_implementation_plan_12_10_15_portuguese.pdf, consultado a 13 dezembro 2016]

Comissão da União Africana (2015). *Agenda 2063 - A África Que Queremos. Versão Popular*. Addis Abeba: União Africana. [disponível em https://au.int/sites/default/files/pages/3657-file-agenda2063_popular_version_po.pdf, consultado a 13 dezembro 2016]

Concílio Vaticano II (1964). Constituição dogmática *Lumen gentium* sobre a Igreja. Vaticano: s/e. [disponível em http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html, consultado a 25 de março de 2019]

Concílio Vaticano II (1965a). Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no Mundo Contemporâneo. Vaticano: s/e. [disponível em http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html, consultado a 25 de março de 2019]

Concílio Vaticano II (1965b). Decreto *Ad Gentes* sobre a atividade missionária da Igreja. Vaticano: s/e. [disponível em http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html, consultado a 25 de março de 2019]

Concílio Vaticano II (1965c). Decreto *Christus Dominus* sobre o múnus pastoral dos bispos na Igreja. Vaticano: s/e. [disponível em http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_christus-dominus_po.html, consultado a 30 de julho de 2019].

Fontes

Conferência Episcopal de Moçambique (CEM) (1977). *Primeira Assembleia Nacional de Pastoral - conclusões*. Maputo: CEM.

Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) (2010). *Carta Pastoral: «Como Eu vos fiz, fazei vós também» Para um rosto missionário da Igreja em Portugal.* Lisboa: CEP. [disponível em http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/para-um-rosto-missionario-da-igreja-em-portugal/, consultado a 20 de março de 2017]

Diocese de Pemba (2015). *Conclusões da XI assembleia diocesana de pastoral: Plano de Acção Evangelizadora 2015 – 2017.* Pemba: Secretariado de Coordenação Pastoral.

Diocese de Pemba (2018). *Plano Diocesano de Pastoral 2018-2010.* Pemba: Secretariado de coordenação pastoral.

Diocese de Pemba (no prelo). *Testemunhas duma memória viva! História da evangelização na Província de Cabo Delgado.* Pemba: s/e.

Francisco (2013). Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do evangelho no mundo actual. Vaticano: s/e. [disponível em https://m.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium_po.pdf, consultado a 20 de fevereiro de 2019]

Francisco (2015). Carta encíclica *Laudato Si* sobre o cuidado da casa comum. Vaticano: s/e. [disponível em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html, consultado a 20 de fevereiro de 2019]

Governo da Província de Cabo Delgado (2017). *População*. [disponível em http://www.cabodelgado.gov.mz/por/A-Provincia/Populacao, consultado a 16 de fevereiro de 2019]

GovNet (2015, 28 abril). *Portal do Governo da Província de Cabo Delgado*. [disponível em http://www.cabodelgado.gov.mz/cabodelgado, consultado a 28 de abril de

2015]

Instituto Nacional de Estatística (INE) (2017). *Divulgação dos Resultados Preliminares - IV Recenseamento Geral da População e Habitação (RGPH) 2017*. Maputo: INE. [disponível em http://www.ine.gov.mz/operacoes-estatisticas/censos/censo-2007/censo-2017/divulgacao-de-resultados-preliminares-do-iv-rgph-2017.pdf/view, consultado a 10 de fevereiro de 2019]

Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento (IPAD) (2005). *Glossário da Cooperação para o Desenvolvimento.* Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE). [disponível em https://www.instituto-camoes.pt/images/cooperacao/av_au_glossario_coop.pdf, consultado a 25 de junho de 2019]

João Paulo II (1990). Carta encíclica *Redemptoris missio* sobre a validade permanente do mandato missionário. Vaticano: s/e. [disponível em http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html, consultado a 12 de março de 2019]

Ministério da Planificação e Desenvolvimento (MPD) (2010). *Relatório sobre os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio de 2010.* Maputo: MPD. [disponível em http://www.mpd.gov.mz/index.php/documentos/instrumentos-de-gestao/objectivos-de-desenvolvimento-do-milenio-odm/2010/281-relatorio-sobre-odms-2010/file, consultado a 05 de novembro de 2014]

Organização das Nações Unidas (ONU) (2000). *Declaração do Milénio das Nações Unidas.* Nova Iorque: ONU. [disponível em https://www.unric.org/html/portuguese/uninfo/DecdoMil.pdf, consultado a 15 de março de 2019]

Organização das Nações Unidas (ONU) (2002). *Resolução adotada pela Assembléia Geral 57/254. Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável.* Rio de Janeiro: ONU. [disponível em http://www.mma.gov.br/informma/item/8074-resolu%C3%A7%C3%A3o-da-onu.html, consultado a 13 de abril de 2019]

Fontes

Organização das Nações Unidas (ONU) (2005). *Estratégia da CEE/ONU para a educação para o desenvolvimento sustentável.* Lisboa: Instituto do Ambiente. [disponível em https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Areas_Tematicas/estrategia_ceeeonuparads.pdf, consultado a 25 de março de 2019]

Organização das Nações Unidas (ONU) (2015). *Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável.* Nova Iorque: ONU. [disponível em http://www.forumdascidades.pt/sites/default/files/objetivos_de_desenvolvimento_sustentavel_1.pdf, consultado a 17 de março de 2019]

Paulo VI (1965) Decreto *Christus Dominus* sobre o múnus pastoral dos bispos na Igreja. Vaticano: s/e. [disponível em http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_christus-dominus_po.html, consultado a 25 de julho 2019]

Paulo VI (1967). Carta Encíclica *Populorum progressio* sobre o desenvolvimento dos povos. Vaticano: s/e. [disponível em http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html, consultado a 10 de fevereiro de 2019]

Paulo VI (1975). Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi* sobre a evangelização no mundo contemporâneo. Vaticano: s/e. [disponível em http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html, consultado a 10 de fevereiro de 2019]

Pio XII (1957). Carta Encíclica *Fidei Donum* sobre a situação das missões católicas particularmente da África. Vaticano: s/e [disponível em https://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_21041957_fidei-donum.html, consultado a 30 de março de 2019]

Plataforma ONGD (2017). *Relatório Aid Watch Portugal 2017 – A Cooperação Portuguesa no início da era pós-2015.* Lisboa: Plataforma ONGD. [disponível em http://backoffice.plataformaongd.pt/documentacao/site/Repositorio/Documentos

/Publicacoes/aidwatchPT_2017.pdf, consultado a 13 de dezembro 2017]

Portal do Governo de Moçambique (2015a). *História de Moçambique*. Maputo: Governo de Moçambique. [disponível em http://www.portaldogoverno.gov.mz/por/Mocambique/Historia-de-Mocambique, consultado a 28 de fevereiro de 2019]

Portal do Governo de Moçambique (2015b). *Geografia de Moçambique*. Maputo: Governo de Moçambique. [disponível em http://www.portaldogoverno.gov.mz/por/Mocambique/Geografia-de-Mocambique, consultado a 28 de fevereiro de 2019]

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) (2003). *Relatório do Desenvolvimento Humano 2003. Objectivos de Desenvolvimento do Milénio: Um pacto entre nações para eliminar a pobreza.* Lisboa: Mensagem. [disponível em http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2003-portuguese.pdf, consultado a 13 de setembro 2016]

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) (2014). *Relatório de Desenvolvimento Humano 2014. Sustentar o Progresso Humano: Reduzir as Vulnerabilidades e Reforçar a Resiliência*. New York: PNUD. [disponível em http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2014_pt_web.pdf, consultado a 05 de novembro de 2014]

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) (2016). *Relatório Africano de Desenvolvimento Humano 2016. Acelerar a igualdade de género e o empoderamento das mulheres em África. RESUMO*. New York: PNUD. [disponível em https://www.undp.org/content/dam/rba/docs/Reports/HDR%20Reports/AfHDR2016_Sum%C3%A1rio%20Executivo%20PT.PDF, consultado a 05 de novembro de 2018]

República de Moçambique (2004). *Constituição da República*. Maputo: Moçambique. [disponível em http://www.portaldogoverno.gov.mz/por/Media/Files/Constituicao-da-

Republica-PDF, consultado a 10 de fevereiro de 2019]

UNESCO (2017). *UNESCO Moçambique: relatório anual 2017*. Maputo: UNESCO. [disponível em https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000265472_por, consultado a 09 de fevereiro de 2019]

UNFPA (2017). *Suplemento do Relatório sobre o Estado da População Mundial, 2017 - Moçambique. Mundos distantes: Saúde Reprodutiva e Direitos numa Era de Desigualdade.* Maputo: UNFPA Moçambique. [disponível em https://mozambique.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/UNFPA%20Suplemento%202017%20PT.pdf, consultado a 09 de fevereiro de 2019]

UNICEF (2014). *Committing to child survival: a promise renewed. Progress report 2014.* New York: UNICEF. [disponível em http://files.unicef.org/publications/files/APR_2014_web_15Sept14.pdf, consultado a 04 de outubro de 2014]

UNICEF Moçambique (2014). *Relatório Anual 2013. Moçambique.* Maputo: UNICEF Moçambique. [disponível em http://relatorioanual.unicef.org.mz/UNICEF-Mozambique-Annual-Report-2013.pdf, consultado a 05 de novembro de 2014]

Referências bibliográficas

Amado, João (2013). A investigação em educação e seus paradigmas. In. João Amado (coord.) *Manual de investigação qualitativa em educação*. (pp.19-72) Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Amado, João; Costa, António Pedro & Crusoé, Nilma (2013). A técnica da análise de conteúdo. In. João Amado (coord.) *Manual de investigação qualitativa em educação*. (pp. 301-351) Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Amado, João & Ferreira, Sónia (2013). A entrevista na investigação educacional. In. João Amado (coord.) *Manual de investigação qualitativa em educação*. (pp. 207-232) Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Amado, João & Freire, Isabel (2013). Estudo de caso na investigação em educação. In. João Amado (coord.) *Manual de investigação qualitativa em educação*. (pp. 121-143) Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Amaro, Roque (2004). Desenvolvimento – um conceito ultrapassado ou em renovação? – da teoria à prática e da prática à teoria. *Cadernos de Estudos Africanos*, 4, Lisboa, Centro de Estudos Africanos, ISCTE, 37-70.

BERA – British Educational Research Association (2011). *Ethical Guidelines for Educational Research*. [disponível em http://content.yudu.com/Library/A1t9gr/BERAEthicalGuideline/resources/index.htm?referrerUrl=http%25253A%25252F%25252Fwww.yudu.com%25252Fitem%25252Fdetails%25252F375952%25252FBERA-Ethical-Guidelines-2011, consultado a 17 de junho de 2013]

Bogdan, Robert & Biklen, Sari (1996). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Brydon, Lynne (2006). Ethical Practices in Doing Development Research. In Vandana Desai & Robert B. Potter (Ed.), *Doing Development Research* (pp. 25-33). London: SAGE Publications.

Referências Bibliográficas

Capela, José (2010). *Moçambique pela sua história*. Vila Nova de Famalicão: Edições Humus.

Cardoso, Sónia (2007). Demografia africana: o caso da fecundidade em Moçambique. *Análise Social*, vol. XLII (183), 485-514. [disponível em https://www.researchgate.net/publication/262700265_Demografia_africana_O_caso_da_fecundidade_em_Mocambique, consultado a 10 de fevereiro de 2019]

Carmo, Hermano & Ferreira, Manuela Malheiro (1998). *Metodologia da investigação: Guia para Auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Cohen, Louis; Manion, Lauwrence & Morrison, Keith (2009). *Research Methods in Education* (6.ª ed.). Nova Iorque: Routledge.

Contrim, Teresa & Curto, Pedro Ramada (2011). *Moçambique.* Alfragide: Editora Caderno.

Esteva, Gustavo (2011). Para além do desenvolvimento: a boa vida. In. *CIDAC & Mó de Vida. A agonia de um mito: como reformular o "desenvolvimento"?* (pp. 5-15). Lisboa: CIDAC & Mó de Vida.

Esteves, Manuela (2006). "Análise de Conteúdo". In Jorge Ávila de Lima & José Augusto Pacheco (orgs.). *Fazer Investigação. Contributos para a Elaboração de Dissertações e Teses.* Porto: Porto Editora.

Estrela, Albano (1994). *Teoria e prática de observação de classes: uma estratégia de formação de professores.* 4.ª edição. Porto: Porto Editora.

Galvão, Henrique Noronha (1995). Do Mistério aos Ministérios da Igreja. Significado Teológico dos Estados Eclesiais. *Didaskalia*, **XXV**, 505-451. [disponível em https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/17819/1/V0250102-505-530.pdf, consultado a 30 de abril de 2019]

Gonçalves, Perpétua (2000), *(Dados para a) História da língua portuguesa em Moçambique*. Maputo: s/e.

Gonçalves, Perpétua (2012). Lusofonia em Moçambique: com ou sem Glotofagia? Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique). *II Congresso Internacional de Língua Histórica.* São Paulo. [disponível em http://www.catedraportugues.uem.mz/lib/docs/lusofonia_em_mocambique.pdf, consultado a 16 de setembro de 2014]

Lapão, Manuel Clarote (2011). Génese e evolução da cooperação multilateral e da Ajuda Pública ao Desenvolvimento. In Luís Carvalho Rodrigues; José França Martins & Tiago de Matos Fernandes (orgs.). *Manual de cooperação para o desenvolvimento.* (pp. 69-89). Oeiras: INA Editora.

Libreria Editrice Vaticana (2005). *Biografia de sua santidade Bento XVI.* Vaticano: Libreria Editrice Vaticana. [disponível em https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/elezione/documents/biografia.html, consultado a 20 de março de 2019]

L'Osservatore Romano (2014). Perfil biográfico de João Paulo II (1920-2005). *L'Osservatore Romano*, **18**. Vaticano: s/e. [disponível em: http://www.vatican.va/special/canonizzazione-27042014/documents/biografia_gpii_canonizzazione_po.html, consultado a 25 de abril de 2019]

Luzia, Zé (2013). *Igrejas de Moçambique: Diocese de Pemba*. [disponível em http://igrejasdemocambique.blogspot.pt/p/diocese-de-pemba.html, consultado a 13 de abril de 2015]

Macamo, Elísio (2019, 01 agosto). OPINIÃO – E se a África rejeitasse os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável? *Público*. [disponível em https://www.publico.pt/2019/08/01/mundo/opiniao/africa-rejeitasse-objectivos-desenvolvimento-sustentavel-1881616, consultado a 03 de agosto de 2019]

Meneses, Ana Paula (2018, 18 junho). OPINIÃO – Porquê o retorno da violência armada em Moçambique? *Público*. [disponível em https://www.publico.pt/2018/06/08/mundo/opiniao/porque-o-retorno-da-violencia-armada-em-mocambique-1833551#gs.8VOzPCts, consultado a 08 de junho de 2018]

Mesa, Manuela (2011). Reflexiones sobre el modelo de las cinco Generaciones de Educación para el Desarrollo. *Educación Global Research*, **0**, 161-167. [sisponível em http://educacionglobalresearch.net/wp-content/uploads/09-Comentario-Manuela-Mesa.pdf, consultado a 03 de agosto de 2019]

Mesa, Manuela (2014). Precedentes y Evolución de la Educación para el Desarrollo: un modelo de cinco generaciones. *Sinergias – diálogos educativos para a transformação social*, **1**, 24-56. [disponível em http://www.sinergiased.org/index.php/revista/item/52-manuela-mesa-precedentes-y-evolucion-de-la-educacion-para-es-desarrollo-un-modelo-de-cinco-generaciones, consultado a 30 de março de 2019]

Michailof, Serge & Bonnel, Alexis (2012). *A Nossa Casa Arde a Sul*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa: Tinta-da-China.

Morgado, José Carlos (2012). *Estudo de caso na investigação em educação*. Santo Tirso: De Facto Editores.

Nunes, José (2008). *Teologia da Missão: Notas e Perspectivas*. Lisboa: Obras Missionárias Pontifícias.

Porto-Gonçalves, Carlos Walter (2011). Do desenvolvimento à autonomia: a reinvenção dos territórios. *In. CIDAC & Mó de Vida. A agonia de um mito: como reformular o "desenvolvimento"?* (pp. 27-33). Lisboa: CIDAC & Mó de Vida.

Rodrigues, Luís Carvalho (2011). As pessoas e suas comunidades. In Luís Carvalho Rodrigues; José França Martins & Tiago de Matos Fernandes (orgs.). *Manual de cooperação para o desenvolvimento.* (pp. 13-57). Oeiras: INA Editora.

Rodrik, Dani (2012, 17 setembro). OPINIÃO - Após os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio. *Público*. [disponível em https://www.publico.pt/2012/09/17/economia/opiniao/apos-os-objectivos-de-desenvolvimento-do-milenio-1563414, consultado a 10 de julho de 2018]

Santos, Júlio Gonçalves (2015). Educação, Cooperação e Desenvolvimento: desafiar as fronteiras e aprender a escutar o Sul. In Fernando Ilídio Ferreira, Germán Vargas

Callejas & Orlando Freitas (org.). *Educação, Desenvolvimento e Ação Local Comunitária*. (pp. 97-109). Setúbal: Instituto das Comunidades Educativas.

Silva, Manuela (2012). O Desenvolvimento e a Ética. *Africana Studia*, **18**, 11-17.

Silva, Manuela (2016a). Desenvolvimento: de que falamos? *Sinergias – diálogos educativos para a transformação social*, **4**, 33-35 [disponível em http://www.sinergiased.org/index.php/revista/item/103-desenvolvimento, consultado a 30 de março de 2019]

Silva, Margarida (2016b). *Cooperação em Educação: atores, estratégias e formação para o desenvolvimento.* Dissertação de mestrado. Lisboa: Instituto da Educação da Universidade de Lisboa. [disponível em https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/34160/1/ulfpie053050_tm.pdf, consultado a 30 de julho de 2019]

Souza, Ney de (2005). Do Concílio Vaticano I ao Concílio Vaticano II: o caminho intermediário. *Revista de Teologia e Cultura / Journal of Theology & Culture*, **2**, 1-36, São Paulo: Paulinas. [disponível em https://ciberteologia.com.br/assets/pdf/post/contexto-e-desenvolvimento-historico-do-concilio-vaticano-ii.pdf, consultado a 30 de março de 2019]

Tortosa, José María (2011). Maldesenvolvimento como Mal Viver. In. CIDAC & Mó de Vida. *A agonia de um mito: como reformular o "desenvolvimento"?* (pp. 45-52). Lisboa: CIDAC & Mó de Vida.

Yin, Robert (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2.ª ed. Porto Alegre : Bookman.

Apêndices

Apêndice 1. Guião das entrevistas semiestruturadas

U.PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Guião de entrevista

O guião de entrevista apresentado é a base de *entrevistas semiestruturadas* para realizar a ***Pessoas diretamente ligadas ao Projeto Salama! Cooperação Missionária Braga-Pemba*** que se encontram a trabalhar na Diocese de Pemba, em Moçambique e na Arquidiocese de Braga.

Objetivo geral: Compreender de que forma é que a cooperação missionária pode contribuir para o desenvolvimento, através do projeto de cooperação missionária Salama!. **Objetivos específicos:** - Relacionar de que forma é que a cooperação missionária do Salama! pode contribuir para o desenvolvimento na Diocese de Pemba, em Moçambique. - Compreender de que forma é que a Arquidiocese de Braga se apropria da cooperação missionária do Salama!.
Introdutores Assegurar as questões de ordem ética (confidencialidade dos dados).
Bloco 0. Dados do/a entrevistado/a 0.1. Género 0.2. Idade 0.3. Formação académica 0.4. Percurso profissional/religioso 0.5. Situação familiar 0.6. Residência em Portugal/Moçambique 0.7. Como conheceu e aderiu à cooperação internacional? E à cooperação missionária? E ao projeto Salama!? 0.8. Como se descreve, em poucas palavras, no âmbito do Salama!?
Bloco 1. Expectativas 1.1. Que expectativas tinha em relação ao que foi projetado para o Salama!? 1.2. O que foi diferente do que previu? A que níveis? 1.3. O que tiveram de ajustar relativamente ao previsto?
Bloco 2. Trabalho realizado durante a missão 2.1. Que trabalho realiza atualmente no Salama!? 2.2. Considera que este trabalho é o mais adequado?

2.2.1. Se não, como acha que deveria ser diferente? 2.3. Que trabalho previsto não foi realizado? 2.4. Como avalia a eficiência (relação processual entre recursos e resultados) do programa? 2.5. Como avalia a eficácia (relação produtivista entre objetivos e resultados) do programa?
Bloco 3. Cooperação missionária para o desenvolvimento 3.1. Considera que o trabalho que realiza contribui para o desenvolvimento na Diocese de Pemba? Porquê? A que níveis? É possível quantificar esse trabalho? 3.2. Considera que o trabalho que realiza contribui para o desenvolvimento missionário na Arquidiocese de Braga? Porquê? A que níveis? 3.3. Considera que o Salama! Contribui para uma efetiva cooperação missionária para o desenvolvimento entre as dioceses de Braga e de Pemba?
Bloco 4. Futuro 4.1. O que considera essencial realizar no futuro relativamente às atividades que realiza? 4.2. O que considera essencial realizar no futuro relativamente ao Salama!? 4.3. Como avalia a cooperação para o desenvolvimento em geral?
Bloco 5. Conclusão 5.1. O que gostaria de acrescentar a esta entrevista sobre um ou mais temas que não foi/foram perguntados? 5.2. Pode justificar e enquadrar a sua declaração feita em 5.1.? [Agradecer a disponibilidade do/a entrevistado/a].

Apêndice 2. Entrevistas

2.1. Entrevista ao bispo de Pemba (B)

E – Quais são as expectativas e como é que viu o nascer deste projeto de cooperação entre a sua diocese de Pemba, em Moçambique e a arquidiocese de Braga aqui em Portugal?

B – Eu vi esse projeto com muita alegria. Desde a minha nomeação como bispo eu me lembrei da passagem de dois padres da arquidiocese de Braga por Pemba, onde eu trabalhava como missionário e percebi que agora com essa responsabilidade de bispo, a partir de 2013, eu podia vir a Braga e propor ao arcebispo uma parceria. Foi um pouco ousado da minha parte, uma diocese da África propor a uma grande arquidiocese, uma diocese tão antiga como é Braga, uma parceria mas eu tentei e o arcebispo foi muito recetivo e viu que poderia ser bom para as duas Igrejas. Ele acentuou muito isso, que seria bom a Igreja antiga de Braga ter essa parceria com uma diocese nova como é a de Pemba. E a partir daí, dessa primeira conversa, e depois em conversa também com os padres que já tinham passado por lá, com o Centro Missionário que estava iniciando naquela época na arquidiocese de Braga, nós fomos aprofundando essa possibilidade até chegarmos a uma segunda vinda minha aqui para a assinatura do acordo. A minha expectativa é muito boa com relação ao projeto. Uma coisa é termos alinhavado o projeto no papel e outra coisa é quando sai do papel. Então, graças a Deus, o projeto já saiu do papel. Já estamos na segunda equipa que já está a trabalhar em Pemba e agora partimos para uma fase segunda que é enviar pessoas de Pemba para cá. Então, eu vejo como uma expectativa muito boa, este projeto tem tudo para dar certo. E de ser uma oportunidade de crescimento para as duas Igrejas particulares.

E – Foi o contacto com esses dois padres jovens que estiveram na Diocese de Pemba que fez surgir esta perspetiva de criar este projeto?

B – Com certeza, porque a passagem do Pe. Jorge e do Pe. João em Pemba foi muito importante para a Igreja de Pemba. E na época eu trabalhava lá como padre e tínhamos um ótimo relacionamento, eu com eles, conversávamos bastante. Eu penso que essa amizade, essa parceria que na época estabelecemos lá, me deu essa tranquilidade para vir aqui bater à porta da arquidiocese de Braga. Porque sabia que aqui havia parceiros com quem poderia contar. Então, o Pe. Jorge e o Pe. João Torres são pessoas especiais nesse acordo, nesse projeto.

E – Houve alguma questão que tenha previsto e que entretanto foi alterada no projeto ou o projeto é muito aberto e com todas as perspetivas de mudança? Como é que tem visto a execução, visto que já houve uma primeira equipa que esteve na missão em Pemba?

B – Eu penso que o projeto tem umas linhas gerais que nós estabelecemos no início, e isso está escrito no acordo que nós assinamos, mas é um projeto que está em aberto. Graças a Deus, o D. Jorge tem uma cabeça muito arejada, tem uma visão pastoral muito ampla, e eu penso que outras oportunidades vão surgir durante o desenvolvimento do projeto que vão poder ser acrescentadas, porque o projeto, o acordo está um pouco aberto, então possibilita que haja em algum momento a introdução de novos elementos e de termos um outro tipo de postura. É bastante flexível o projeto. É, ao mesmo tempo, um acordo por dez anos renováveis. Mas é um acordo aberto. Graças a Deus, temos esse bom entendimento e temos visto porque, como a gente costuma dizer, a teoria e a prática são diferentes, então, à medida que estamos desenvolvendo o projeto temos percebido necessidades e temos essa possibilidade de introduzir algum elemento novo ou de mudar alguma coisa que tínhamos planeado.

E – Quais são as grandes áreas que neste momento, passado a avaliação desta primeira equipa, quais são as grandes áreas que foram trabalhadas e quais também são aquelas que no futuro são importantes serem aprofundadas?

B – Bom, a primeira área de todas e a mais importante é a evangelização, então uma cooperação pastoral. Tanto é que o projeto não está circunscrito apenas a uma paróquia mas ele tem uma paróquia como base, que é a paróquia de Santa Cecília de Ocua. Então, a equipa que vai atende, pastoralmente, a esta paróquia. Então, o primeiro objetivo é a evangelização. Agora, o projeto tem uma componente de desenvolvimento, de educação não-formal. De formação, de uma maneira geral, em todas as áreas. A partir do momento em que os missionários estão ali, eles vão percebendo as necessidades e vão investindo na formação de pessoas. Eu penso que o fundamental do projeto é formar pessoas, resgatar dignidade, ajudar as pessoas a levantarem a cabeça, acreditarem nas próprias potencialidades. Enfim, ajudar as pessoas a se descobrirem e a se valorizarem e a darem passos no sentido da sua própria auto-promoção. Então, nesse sentido, eu penso que o projeto está aberto. Ele é um projeto de evangelização, é um projeto voltado para a pastoral, de desenvolvimento social, ele é aberto a várias áreas.

E – Algum aspeto que tenha sido ajustado, no projeto, naquilo que estava inicialmente acordado?

B – Eu penso que nós não paramos ainda para analisar isso. Mas eu penso que muita coisa já foi ajustada. Mesmo alguém, quando vai de um lugar para o outro, de um continente para outro, só pisando mesmo a terra, conhecendo um pouco a realidade, isso leva um certo tempo, já vai ajustando, vai ajustando a mentalidade, a visão de mundo, vai medindo as forças que tem porque a gente vai com um sonho, com ideais, e quando chega lá, a gente percebe "não, isso aqui agora não, tem que mudar, tem que ir por outro caminho". Então, muitas coisas que foram começadas já foram ajustadas. Mesmo porque cada ano vai uma equipa diferente, e as equipas, claro, são formadas por pessoas diferentes, com uma visão diferente. Então, isso vai-se ajustando de acordo com as pessoas. Claro que há um projeto inicial, há uma visão global que deve ser seguida, mas vai-se adaptando. Então, eu penso que muitas coisas já se foi adaptando, foi mudando, à medida que o projeto foi caminhando. Estamos ainda no começo e já houve mudanças. Então, imagina quantas mudanças haverá para a frente.

E – Que trabalhos foram já realizados em concreto neste momento, ao fim deste tempo, desta primeira equipa?

B – Bom, foram muitos os trabalhos. Como é que eu posso dizer, primeiro o atendimento em si na paróquia, pastoral. O facto das pessoas poderem ter o atendimento de um grupo missionário, de ter a eucaristia nas comunidades, porque há comunidades que ficam muito tempo sem a visita pastoral do padre ou de um missionário. Então, primeiro lugar é isso, a pastoral, a evangelização. Mas também, no aspeto formação: formação para mulheres, formação para catequistas, formação para famílias, formação para juventude, para adolescentes. Terceiro aspeto social: os missionários estando ali, vão conhecendo a realidade e vão dando resposta de acordo com as necessidades da comunidade. Resposta na área da saúde, por exemplo, na missão há uns tempos atrás, quando estavam lá as irmãs, foi construído um pequeno posto de saúde, e quando saíram as irmãs, o posto fechou. Então, a primeira equipa que chegou tratou de reabilitar o posto de saúde, e ele voltou a funcionar agora com a segunda equipa. Com a primeira não conseguiu mas na primeira equipa havia [o voluntário 1] que é uma enfermeira, ajudou muito nessa área, cuidou muito de crianças, de adultos, encaminhou para o hospital, levou ao hospital, curou, atendia ali na própria área missão, muitos doentes. Então, esse aspeto social foi muito forte. Mesmo crianças desnutridas

que foram atendidas, foram ajudadas as mães a como tratar com as crianças, como agir em determinadas situações. Então, o aspeto social também foi muito forte, desde o começo.

E – Considera que o trabalho desenvolvido foi, neste momento, o mais adequado ou haverá mais alguma coisa a desenvolver?

B – Os desafios são tantos que é difícil quantificar. Há desafios em várias áreas. Eu diria que o que foi feito até agora foi o possível. Aquilo que foi possível de acordo com a capacidade da equipa. Mas a equipa claro que vê mais longe, as equipas missionárias são pessoas preparadas e com visões diferentes, com formações diferentes e veem mais longe. Só que também eles têm a capacidade de perceber que não podem abarcar tudo. Então, pouco a pouco eles vão vendo em que áreas é que eles podem ajudar, quais são as mais urgentes, as mais necessárias, e têm ajudado. Eu me esqueci de dizer atrás que uma outra colaboração que a equipa deu, em especial o [padre 1], por ter formação que tem, de correção de textos da própria diocese de Pemba, material que se fez lá diretório, livro. Então, ele com o conhecimento do português e o conhecimento que tem de Teologia, ele pôde ajudar bastante nisso também.

E – Acha que alguma questão neste trabalho desenvolvido que podia ser de forma diferente?

B – Eu penso que sim. Todos nós que temos um pouco de capacidade crítica, em algum momento, pensamos assim: "Bom, se eu fizesse de novo, eu faria diferente. Ou eu teria começado por outro aspeto". Eu penso que todos nós temos essa capacidade de perceber isso. Eu, como bispo, já estou muito contente com o que foi feito até agora, pela equipa missionária. O primeiro grupo que era o [padre 1], [o voluntário 1] e [o voluntário 2] trabalharam muito bem, deixaram saudades na população dali, não só na paróquia de Ocua mas na diocese, um ótimo relacionamento com todos. A equipa que está agora, da mesma forma, tem trabalhado, tem se esmerado, tem dado o melhor de si e com certeza também vai deixar marcas. Penso que cada equipa que vai chegando vai levando em conta aquilo que os outros já fizeram, não vai para começar nada, mas vai para dar continuidade àquilo que os outros já fizeram.

E – Há alguma área do projeto que não tenha ainda sido tocada nesta primeira etapa do projeto e que ache que seja importante ser desenvolvida agora no futuro?

B – O projeto, desde o início, foi pensado, não como cooperação de uma Igreja que tem para uma Igreja que não tem, mas uma cooperação mútua. Quer dizer, na missão ninguém vai só para dar, vai para dar e para receber. E essa cooperação eu penso que as duas Igrejas têm muito a ajudar uma à outra. Uma com a experiência, com a história que tem, que é Braga, com o número de padres que tem, com a formação que têm e outra, Pemba, que é uma Igreja jovem, com apenas 60 anos de diocese, mas uma Igreja com muitos desafios pastorais. Então, penso que nós estamos ainda muito no começo e penso que ambos vamos crescer ainda muito. Um aspeto que desde o início foi falado mas não foi cumprido e que agora nós estamos tratando disso é justamente de enviar gente para cá. Braga já enviou para lá, já é o segundo grupo, e Pemba, ainda estamos tratando de enviar o primeiro grupo. Ainda que enviemos, numa primeira fase, dois seminaristas, que virão aqui para estudar, mas eu penso que a presença deles, de uma outra cultura num seminário pode ajudar também o próprio seminário, os seminaristas e os formadores a perceber a dinâmica de uma outra Igreja, e eu penso que isso vai gerar capacidade para os dois lados. Então, nós temos ainda a intenção, e para isso nós visitamos a universidade, o diretor da universidade, e de enviar leigos também para formação e, futuramente, espero que no futuro próximo, possamos

enviar algum padre para vir trabalhar aqui, aprender e também dar um pouco, colaborar com a Igreja de Braga. Isso está no horizonte mas vamos dando passo por passo.

E – Como é que avalia a eficiência do projeto Salama!?

B – Bom, como eu disse, é muito inicial o programa, mas eu penso que tem tudo para dar certo. Primeiro porque há boa vontade das pessoas. Da parte da nossa diocese há uma abertura muito grande e da arquidiocese de Braga a mesma coisa. A arquidiocese de Braga está aos poucos se apropriando do projeto. Quando se fala de Pemba em Braga, não é mais uma palavra estranha, não é um lugar estranho e desconhecido. Todo o mundo já sabe que Pemba é uma diocese de Moçambique, que a arquidiocese de Braga tem um projeto, e eu fico muito contente de ouvir alguns padres dizer: "Ocua é a paróquia 552, acho que é esse o número, de Braga." Então, isso é muito bonito, a arquidiocese de Braga assumindo a paróquia de Santa Cecília de Ocua como mais uma paróquia sua. E oxalá nós cheguemos ao ponto de dizer também lá em Pemba "A nossa vigésima quinta, não sei, ou vigésima sexta paróquia está lá em Braga." Oxalá cheguemos a isso.

E – Considera que o trabalho realizado no âmbito do projeto Salama! contribui para o desenvolvimento da comunidade local, de Pemba? Porquê e em que níveis é que se poderá verificar esse desenvolvimento?

B – Um aspeto muito importante que eu acho que tem colaborado é, em primeiro lugar, em Moçambique e nos países que foram colonizados por Portugal, quando se fala em Portugal, ou em portugueses, vem ao pensamento colónia. Porque é muito recente, Moçambique tem 42 anos de independência. Então, a ida de portugueses para um trabalho desses ajuda a ter uma outra visão de Portugal e dos portugueses. Porque é claro, e isso é normal, há ainda preconceitos. Os mais velhos ainda lembram o tempo da colónia; então, a juventude atual não conheceu bem nada disso, está aberta, tem a cabeça arejada; então encontrando ali a colaboração de missionários portugueses, eu penso que essa é a primeira contribuição. Formar uma nova etapa. É uma nova etapa. Moçambique está passando por uma segunda colonização, que eu penso que é pior do que a primeira, que é uma total invasão, quem sabe das suas riquezas, de multinacionais, grandes empresas que têm causado, nesse momento, danos porque Moçambique não está a beneficiar de quase nada. A população continua pobre. Então, a primeira contribuição eu penso que é essa, uma colaboração diferente, uma presença diferente. Contribui no desenvolvimento da comunidade local porque, em primeiro lugar, como eu disse, a presença e a formação que pode ser oferecida às pessoas. A equipa missionária tem-se preocupado muito com a educação, por exemplo, a educação formal e não formal. Quando falamos de educação não formal é toda essa educação que a paróquia oferece para as mulheres, para os jovens, para os adolescentes, etc. E a educação formal também é preocupação da equipa. Por exemplo, a educação das raparigas, das meninas, porque as meninas em Moçambique ficam mães muito cedo. Então os missionários, não só esses, mas em geral na diocese têm essa preocupação com a educação das meninas, que elas estudem, que frequentem o máximo possível a escola, isso também está colaborando para o desenvolvimento, e a outros níveis também. Eu penso que quantificar ainda não é possível esse trabalho mas isso eu acho que mais à frente nós vamos ter condição para isso. A presença dos missionários ali na missão vai fazer uma grande diferença na vida daquela comunidade.

E – Em concreto, no que diz respeito ao desenvolvimento missionário da arquidiocese de Braga, já tocou nessa questão há pouco quando falou da vinda dos seminaristas, mas quer-nos abrir também algumas pistas naquilo que é a sua perspetiva de fora, daquilo que a arquidiocese de Braga poderá também receber deste protocolo?

B – Eu penso que vai ajudar muito a arquidiocese de Braga porque é uma Igreja já bastante antiga, é uma Igreja como no resto da Europa, uma Igreja ainda muito clerical, muito centralizada no padre. E daí eu penso que uma contribuição para a arquidiocese de Braga na medida que partem missionários daqui para lá, vão conhecer uma outra Igreja. Uma Igreja mais jovem, uma Igreja que não depende só dos padres, ou não depende totalmente dos padres, a visão de paróquia muda, aquilo que para nós lá é uma comunidade, aqui é uma paróquia. Nós, quando alguém aqui em Braga ouve dizer que paróquia de Santa Cecília de Ocua tem 97 comunidades, aqui seriam 97 paróquias. O que é aqui um… Como é que se chama grupo de paróquias?

E – Arciprestado.

B – É! O que é um Arciprestado aqui, para nós é uma paróquia. Um Arciprestado aqui pode ter 20 paróquias ou 25 paróquias. As nossas paróquias lá têm 80, 100, 120, 140 comunidades. Comparando com aqui, seriam 140 paróquias. Então, eu penso que a arquidiocese de Braga vai ganhar muito com isso também porque aqueles que vão para lá, leigos ou padres, vão ter uma outra visão de Igreja e isso só enriquece a nossa Igreja. Lá, por exemplo, ela depende muito dos leigos. Uma comunidade pode receber a visita de um padre por ano ou até uma vez a cada dois anos. E é uma Igreja ministerial em Moçambique. Ela depende dos leigos. Então, nós temos animadores de comunidade, animadores da palavra, ministros extraordinários da sagrada comunhão, vários ministérios e serviços, que coloca toda a Igreja em movimento, a partir dos leigos. O padre vem para garantir a eucaristia. Para ajudar na formação, e os missionários em geral, para a ajudar na formação destes ministérios, desses serviços na Igreja diocesana. Penso que essa outra visão de Igreja pode ajudar também a Igreja de Braga.

E – Ainda relacionado com esta questão é, considera que o Salama! contribui para uma efetiva cooperação missionária para o desenvolvimento entre as dioceses de Braga e Pemba? De alguma forma, aquilo que já falámos, mas aqui em síntese.

B – Com toda a certeza, vai contribuir para uma efetiva cooperação porque, como eu próprio disse, vai ser uma riqueza para as duas Igrejas. O projeto Salama!, como dissemos no início, ele está aberto. Então, nós vamos construindo, vamos avaliando, vamos mudando alguma estratégia, e eu penso que com isso as duas Igrejas vão crescer. Graças a Deus, de nossa parte há abertura, e da parte de Braga, sobretudo da parte do senhor D. Jorge, há muita abertura para isso. Eu penso que tem contribuído sim para o desenvolvimento das duas dioceses.

E – O que considera essencial realizar no futuro, relativamente às atividades que já foram realizadas?

B – Um dos aspetos que nós já começamos a avaliar, quando digo nós, digo nós de Pemba e os de Braga, sobretudo a equipa missionária, é esse de que um ano é um tempo bom mas é pouco. Os próprios missionários, a primeira equipa que foi, avaliou assim, que é pouco. Então, nós já temos falado sobre isso, quando encontrarmos missionários disponíveis, para ficarem dois, três anos, será melhor ainda. E se não for possível está ótimo um ano. Mas se for possível, eu penso que isso ajudaria muito. Porque quando alguém chega num outro lugar, um outro continente, uma outra Igreja, há uma outra cosmovisão, a cultura, a língua, para você se apropriar disso, leva um certo tempo. Então, o que tem acontecido é que quando os missionários já estão um pouco mais à vontade, que percebem que já conhecem um pouco a paróquia, a realidade, saem, vem outra equipa. E então, eu penso que um dos aspetos é esse, que relativamente às atividades do futuro,

que nós temos que repensar. Mas, como disse, há outras que nós podemos avaliar e aos poucos vamos vendo.

E – O que é que considera essencial realizar no futuro, relativamente ao Salama!, ou dito de outra forma, como é que vê no futuro o desenvolvimento deste projeto?

B – Bom, nós temos muitos sonhos, porque à medida que a gente vai conhecendo mais a realidade, nós vamos percebendo que há muitas maneiras de cooperar. Então, relativamente ao futuro, eu sonho com o envolvimento maior de mais parceiros. Que aqueles três que vão estar lá, como missionários, eles possam respaldar não só pela arquidiocese de Braga, mas por outros parceiros, para determinados projetos de desenvolvimento, projetos sociais, que à medida que os missionários vão estando lá, vão percebendo as necessidades e que possamos fazer uma rede de parceiros para ajudar em alguns aspetos. Isso não tem nada a ver com paternalismo, mas é a possibilidade de proporcionar às pessoas um crescimento para que depois elas próprias possam ajudar outras pessoas, ajudar a própria família. Então, em várias áreas, na área da educação, na área da saúde, na área do desenvolvimento integral, na área da juventude, na área das mulheres, eu penso que é um caminho todo aberto pela frente.

E – E como é que avalia a cooperação para o desenvolvimento em geral?

B – Bom, toda a cooperação é mesmo uma cooperação. Há um missionário que é fundador dos combonianos, que usava uma expressão muito forte, que eu acho interessante, que é "salvar África, com África". Vai chegar um dia que os próprios africanos vão ter nas mãos África. E eles próprios vão se desenvolver e vão ser autossuficientes. A cooperação nunca vai acabar, porque é muito rico o entrançamento entre os povos, a cooperação, mas essa cooperação que acontece agora, o peso maior é sempre para quem vai, para quem tem possibilidade, para quem tem capacidade financeira. Isso é ruim de dizer mas é a realidade. Então, eu penso que a cooperação para o desenvolvimento é muito importante mas que seja um desenvolvimento não paternalista. Eu costumo dizer aos missionários, não deem nada para o povo aqui. Ninguém tem que criar dependência. Ajudem a eles descobrirem que eles têm capacidade, envolva-os em todos os projetos. Ninguém vai lá fazer para os outros mas fazer com os outros. Então, é muito importante o envolvimento das pessoas no local em qualquer tipo de projeto ou em qualquer tipo de parceria.

E – Acha que há uma mais-valia daquela que nós podemos considerar ser esta cooperação missionária, ou seja, o que é que a realidade missionária traz a este conceito de cooperação e de desenvolvimento, de alguma forma?

B – Há uma mais-valia porque, quando é uma cooperação missionária, só essa visão de Igreja, de Evangelho, já faz toda a diferença, porque há muitas organizações governamentais que estão lá. E às vezes batendo cabeça. Cada uma quer fazer melhor que a outra, as organizações não-governamentais têm a sua importância, mas algumas não têm por trás o Evangelho, então isso faz toda a diferença. Nós podemos encontrar um cooperante que faz o seu trabalho mas tem outras preocupações, está preocupado com o seu bem-estar. Quer fazer o seu pé-de-meia, trabalhar durante alguns anos numa organização para depois voltar à sua terra e ter uma estabilidade, etc. A cooperação missionária é diferente, porque o trabalho é gratuito para quem vai, vai porque é convocado a partir da Palavra de Deus, a partir do Evangelho. Os missionários que têm ido, por exemplo, leigos, eles fazem uma rutura, eles deixam o seu trabalho, deixam de ganhar dinheiro com a sua profissão, e vão de uma forma gratuita, a prestar um serviço, é muito diferente. Faz muita diferença isso. Não sei se responde à sua pergunta mas eu acho que este diferencial é muito

forte. Não estou diminuindo em nada o trabalho das organizações não-governamentais mas eu penso que o ponto de partida, o objetivo final é outro e a cooperação missionária, ela tem esse diferencial que faz toda a diferença.

E – No contexto específico de Moçambique, em que há uma comunidade católica mas existe também uma outra comunidade muçulmana e até outras Igrejas, como é que se faz este diálogo, como é que se faz esta convivência, como é que se vive a cidadania nesta realidade?

B – Bom, isso a gente pode dizer com orgulho, com um santo orgulho, que as missões católicas nunca fizeram aceção de pessoas. A presença de uma comunidade católica, de missionários católicos é sempre aberta a atender todos em geral. Então, é comum nas missões nós atendemos muitas vezes mais muçulmanos do que católicos. É muito comum nas escolas, nos centros de saúde, nos trabalhos sociais, etc. E em Moçambique nós não temos ainda, e oxalá não tenhamos, problema entre as religiões. Nós temos um bom relacionamento com muçulmanos. Como bispo, por exemplo, eu vou visitar toda a diocese e cada vez que eu vou em qualquer aldeia para celebrar, para crismar, estão lá na missa os muçulmanos, e às vezes os chefes das mesquitas. Eles estão lá e até oferecem presentes. Então, o relacionamento é muito bom. Ultimamente tem aparecido um grupo radical, justamente na nossa diocese, na área norte, que se dizem muçulmanos mas que na verdade não são, e são um pouco extremistas. Mas isso é um caso isolado. Em geral, o relacionamento é muito bom. As missões católicas, as paróquias são abertas a todos. Em várias áreas, tanto na paróquia, mesmo na universidade. A pastoral universidade é aberta, não é só para os católicos, é aberta a todos.

E – Na sua diocese de Pemba, quais são as principais prioridades neste momento?

B – São tantas as necessidades que é até difícil escolher prioridades. Mas eu penso que nós poderíamos dizer que sem educação nada vai à frente. Então, uma das prioridades é a educação. Nós temos investido na educação das crianças, dos jovens. Nós temos várias escolas que são comunitárias. São escolas cujo prédio está dentro de alguma missão, e a Igreja Católica tem a direção e o governo paga aos professores. Nós temos investido bastante, na medida do possível, na educação. De retomar escolas que estavam com o governo mas que são da Igreja Católica. Então, penso que uma prioridade é essa, a educação, tanto formal como não formal. Educação em geral nas paróquias, educação para as mulheres, para empoderar as mulheres, para que elas saibam o valor que têm, para saberem que elas podem falar, que elas devem perder o medo, a educação da juventude, educação dos casais, educação em todos os níveis, formal e não formal. Essa é uma das prioridades. Uma outra prioridade que nós temos no momento é com relação às minas. A nossa a diocese abrange uma província inteira de Cabo Delgado, que é uma província muito rica em minérios, em vários tipos e também em hidrocarbonetos, gás e petróleo, temos rubis, ouro, pedras semi-preciosas, grafite, mármore, etc. É um desafio muito grande porque nós recebemos pessoas de outras províncias, muita gente de outros países. Então, temos lá muitas minas a céu aberto, nós até chamamos uma comunidade religiosa só para trabalhar nas minas, para atender toda aquela gente que está ali. Tem sido uma das prioridades da diocese, entre outras, as prioridades são muitas. Outra prioridade é a juventude como um todo. A maior parte da população de Moçambique em geral, e da nossa Diocese em particular, é formada pela juventude. Houve uma pesquisa de uma empresa que se estabeleceu em Pemba por causa do gás e petróleo, uma empresa italiana chamada ENI. Eles fizeram uma pesquisa e descobriram que 47% da população de Cabo Delgado tem de 0 a 15 anos. Imagina, 47%, quase 50% tem menos de 15 anos. Então, vocês pega até 25 anos, pode ser que sejam 70%, então é uma população jovem. Uma outra prioridade é o trabalho com a juventude, entre outras.

E – Há alguma questão que queira referir neste contexto, deste projeto?

B – Bom, eu gostaria que esse projeto fosse cada vez mais abraçado pelos dois lados, porque está numa fase inicial, que toda a arquidiocese de Braga, na medida do possível, conhecesse o projeto, e procurasse envolver-se no projeto. Porque, nós podemos ser missionários de muitas formas. As três formas mais conhecidas, que são mais usuais são essas: Eu posso ser missionário usando os joelhos, ou seja, rezando pelas missões, é uma forma de participar. A outra forma de ser missionário, usando as mãos, partilhando aquilo que eu tenho para a missão. E a outra forma é usando os pés, quer dizer, me propondo a ir. Sejam padres, seja irmã, seja leigo, leiga, se propor a ir para missão, fazendo essa experiência, de missão *ad gentes*, de ir para outro lugar, para outro continente, para outra cultura, para outro povo, para recomeçar, é um constante recomeçar. A missão é um recomeço também constante. Aquela imagem do livro da Sagrada Escritura quando Deus pede para Moisés tirar as sandálias, aqui é um lugar sagrado. Quando você vai numa outra cultura, é precisa tirar as sandálias. Despir-se de preconceitos, despir-se de tantas coisas que às vezes impede a aproximação o diálogo em comunhão. Então, nós somos chamados a isso, indo lá ou ficando aqui, abrir-se, despir-se de preconceito, de pré-visões, para que todos possam crescer. Eu penso que esse projeto, esse acordo, vai fazer crescer as duas Igrejas com certeza.

E – Muito obrigado Senhor [bispo] por esta entrevista. Muito obrigado.

B – Obrigado eu.

2.2. Entrevista à coordenadora do projeto Salama! (C)

E – Entrevista [coordenadora]

C – Eu sou a [coordenadora], tenho trinta e oito anos, estou a fazer doutoramento em Ciências da Educação, sendo que a minha tese é precisamente sobre os processos de cooperação para o desenvolvimento, de que forma é que eles afetam a formação de professores. Trabalho em cooperação para o desenvolvimento na área da educação há doze anos e neste momento resido em Portugal, onde estou a coordenar o projeto Salama!.

E – E em relação ao projeto Salama!, como é que aconteceu no teu percurso?

C – Então, no início de 2014 convidaram-me para fazer parte do Centro Missionário da Arquidiocese de Braga (CMAB), foi a coordenadora Marta Vilas Boas, na altura, mas já por indicação do Pe. Jorge Vilaça, na perspetiva de coordenar este projeto Salama!. Na altura não era Salama! ainda. No fundo, para cooperar, para trabalhar e levar para a frente esta cooperação missionária que já há algum tempo se queria que existisse entre a arquidiocese de Braga e a diocese de Pemba, em Moçambique. Foi nessa altura que eu conheci o projeto Salama!, o Centro Missionário e a ideia desta cooperação missionária. Depois, a partir daí, foi uma construção muito na linha de pensamento do que já havia deste projeto, que tinha a ver com o Pe. Jorge Vilaça e o Pe. João Torres, o trabalho que eles fizeram na diocese de Pemba, entre os anos de 2003 e 2005, e que é daí que nasce esta cooperação, mas também de uma visão de cooperação missionária para o desenvolvimento.

E – Como é que descreve, em poucas palavras, o âmbito do projeto, como é que é o teu envolvimento?

C – Eu, neste momento, estou a coordenar o projeto Salama!. O projeto Salama! foi pensado como um projeto de cooperação missionária para o desenvolvimento entre as duas dioceses, entre a arquidiocese de Braga e a diocese de Pemba, em Moçambique. Sendo um projeto de cooperação, foi pensado nesta perspetiva de que ambas as dioceses teriam a ganhar com este projeto e não numa perspetiva mais assistencialista, de que a arquidiocese de Braga contribuiria de uma forma assistencialista, ia dizer entre aspas mas acho que é mesmo sem aspas, para a diocese de Pemba. Então, pensamos este projeto muito na partilha de, eventualmente de alguns bens materiais, mas muito numa partilha de experiências, vivências, de conhecimentos que existem em ambas as dioceses e que ambos são válidos e no crescimento, e no que isso pode significar de crescimento para as duas dioceses. Esse intercâmbio também parte do intercâmbio de pessoas de ambas as partes, ou seja, pretende-se que a diocese de Pemba envie pessoas para Braga e que Braga também envie uma equipa missionária para a diocese de Pemba. E talvez esse seja até o principal desafio do projeto, é ter uma equipa missionária a tempo inteiro na diocese de Pemba, assumindo assim uma paróquia nesta diocese. É o mais desafiante porque implica que haja voluntários, pensamos uma equipa missionária de três voluntários, com um padre e dois leigos, que estejam durante um ano, a tempo inteiro a trabalhar nesta paróquia, quer na parte da pastoral, quer também em alguns projetos sociais. E isso é um grande desafio, primeiro ter pessoas disponíveis para estar e fazer este trabalho, e depois também uma convivência num meio que é rural, a paróquia que foi assumida pela equipa missionária da arquidiocese de Braga é a paróquia de Santa Cecília de Ocua, que fica num sítio isolado, no meio rural, onde não há grandes escapes. O feedback que vamos tendo das equipas é que as pessoas gostam imenso de lá estar, mas a verdade é que não havendo escapes, há uma série de questões, até nas próprias relações entre as pessoas, que acabam por ser

um grande desafio. Talvez para mim, como coordenadora deste projeto, o maior desafio. O projeto, para além deste grande desafio que é a equipa missionária, tem uma série de outras atividades que contemplam o voluntariado de curta duração, ou seja, missões específicas para fazer trabalhos muito concretos durante, no mínimo, um mês e menos de um ano. Tem também o intercâmbio de seminaristas e de padres entre nas duas dioceses. O envio de seminaristas é uma das atividades que irá acontecer já este ano: em princípio em setembro virão para a arquidiocese de Braga dois seminaristas da diocese de Pemba fazer a sua formação em Teologia e em Filosofia. Em termos de partilhas, apostar na comunicação entre as duas dioceses, ou seja, utilizar os meios de comunicação disponíveis em ambas as dioceses, sendo que na diocese de Pemba será a rádio, e na arquidiocese de Braga são as redes sociais, os sites, todas as divulgações que estão inerentes ao departamento de comunicação da arquidiocese, e aproveitá-las para divulgar este projeto. Depois temos também a parte da formação, ou seja, a vinda de pessoas da diocese de Pemba para Braga e ao contrário, também poderão, eventualmente, ir estagiários da arquidiocese de Braga para Pemba, não só seminaristas mas também outros leigos que trabalhem em áreas como a comunicação social, que foi uma das áreas de formação que foi apontada pelo bispo de Pemba como importante e necessária. Depois, também, eventualmente, haver padres que façam intercâmbios nas férias, no fundo como sensibilização missionária para ambas as dioceses, ou seja, haver párocos de Pemba que vão passar as suas férias a Braga e párocos de Braga que vão passar as férias a Pemba. E, eventualmente, também a troca de alguns bens materiais. Também intercâmbios entre movimentos, como por exemplo, haver intercâmbio entre os escuteiros, entre as Cáritas, entre a pastoral universitária. Também está contemplado o apoio, pensamos que poderá ser interessante haver ONG portuguesas, com as quais tenhamos parceria e contactos, e que já acontece, já foram feitos os primeiros contactos com uma ONG que está a trabalhar especificamente em Pemba, que é a Helpo, e há alguns contactos entre a equipa missionária e a coordenação da Helpo. E julgo que, em traços largos, é isto, não sendo uma descrição muito sintética, nem em poucas palavras, mas o Salama! está mais ou menos pensado desta forma.

E – Que expectativas é que tinhas em relação ao que foi projetado para o Salama!?

C – O protocolo de cooperação entre as duas dioceses foi celebrado em outubro de 2014, quando o bispo de Pemba, D. Luiz Fernando Lisboa, esteve em Braga, assinamos o protocolo de cooperação missionária, entre os bispos, portanto, entre as dioceses. Na altura prevíamos que o projeto, obviamente, começasse o mais rapidamente possível. Previmos uma missão que imaginamos que podia ocorrer logo no início de 2015, não foi muito mais tarde, foi em março de 2015. Houve uma missão de diagnóstico do projeto, em que foi escrito um projeto que descreve a situação da diocese, das ONG, as missões, como é que funciona em termos de pastoral e em que é que nós poderíamos colaborar. Na verdade, todas estas atividades que eu descrevi anteriormente constam nesse projeto e todas elas continuam a fazer sentido. Claro que entretanto surgiram outros projetos, em termos de missão, e outras ideias surgirão, mas as expectativas nessa altura seriam de que, sendo feita a missão em março de 2015, que eventualmente em setembro de 2015 nós conseguíssemos ter uma equipa no terreno. Nós fizemos uma primeira uma formação de voluntários em julho de 2015, na altura aparecerem três voluntários, percebemos que um deles não teria perfil para uma missão de longa duração e os outros dois, eventualmente, teriam, mas foi um processo demasiado rápido não houve propriamente tempo de discernimento. Nós pensamos melhor e decidimos que iríamos começar uma outra formação, que seria mesmo importante as pessoas fazerem esse discernimento, e portanto, de uma forma mais prolongada ao longo do tempo e recomeçamos uma formação em novembro ou dezembro de 2015, que depois veio a terminar em março ou abril de 2016, e daí saiu a primeira equipa missionária. Portanto, nós achámos que conseguiríamos ter uma equipa missionária um ano antes, o que acabou por não

acontecer. Isso foi um bocado diferente do previsto, ou foi uma expectativa que foi projetada e que acabou por ser diferente.

E – E em termos de previsões, daquilo que estava previsto, alguma coisa que tenha sido diferente, provavelmente muita coisa foi diferente do que estava previsto?

C – Em termos do que foi previsto, quando a equipa missionária chegou ao terreno houve alguns problemas logísticos, nomeadamente, com a casa. A equipa chegou ao terreno em agosto de 2016, nessa mesma semana foram visitar a paróquia, a indicação que tínhamos era que a casa estaria pronta a habitar e na verdade a casa, para além de muito suja, precisava de algumas obras, ou seja, para além de um banho precisava de alguns arranjos. Então isso acabou por atrasar a integração e permanência da equipa na paróquia, na comunidade, que acabou por acontecer só em outubro, ou seja, de agosto até outubro a equipa ia aos fins-de-semana, de quinta a domingo, fazer a pastoral e fazer as celebrações, mas também ia fazendo essa limpeza e essa recuperação da casa. Entretanto, um processo que ia acontecendo em paralelo e que foi uma das coisas pedidas pela direção distrital de saúde do Chiúre, que é o distrito onde se integra a paróquia de Santa Cecília de Ocua, foi a abertura do posto de saúde, porque realmente era uma necessidade muito grande e então a equipa missionária ficou responsável também pelas obras da casa, do espaço que já existia. Eles fizeram essa remodelação e as instalações do posto de saúde estavam prontas a abrir em janeiro/fevereiro de 2017. O combinado era que a Direção Provincial de Saúde colocaria lá um enfermeiro e um assistente e, eventualmente, um médico durante alguns dias da semana, para que o posto de saúde funcionasse. Essa equipa missionária tinha uma enfermeira, que eventualmente poderia ter aberto o posto de saúde. O que foi dito foi que ela não teria autorização para exercer o seu curso de enfermagem ali, a nível de qualquer trabalho do Estado. E, não se sabe muito bem porquê, isso agora pode ser uma interpretação antropológica ou outra, a verdade é que o posto de saúde só abriu três dias depois de a equipa missionária que lá estava ter vindo embora, ou seja, só abriu em agosto de 2017, já com a equipa missionária seguinte, a que neste momento lá está, e agora está a funcionar normalmente. Mas pronto, não se percebeu muito bem porque é que, havendo este interesse tão grande da Direção Provincial e Distrital de Saúde, porque é que só abriu tanto tempo depois. Em termos de expectativas, há também uma escolinha, sendo que escolinha em Moçambique é um pré-escolar, entre os 3 e os 5/6 anos, antes da idade escolar, que faria muito sentido, que existiu nessa missão católica até 2012, quando estavam lá as irmãs Missionárias da Boa Nova e que entretanto, quando elas saíram da missão, se fechou. Essa escolinha continua a fazer sentido porque tem dezenas de crianças ali à volta da missão que enquanto os seus pais vão às lavras, às machambas, as crianças ficam ali, sem nada para fazer. A questão é a sustentabilidade da escolinha e, neste momento, as pessoas dizem 'sim, faz sentido haver escolinha', mas então qual é que vai ser a sustentabilidade? As pessoas encolhem os ombros, ou seja, as pessoas estão à espera que seja a missão a tratar de tudo; e uma das coisas que nós temos falado é que a escolinha não pode depender da missão porque se depender da missão, um dia que não haja missionários, a escolinha volta a acabar. Não faz muito sentido. E portanto, embora, nós achemos que é uma prioridade, e que as próprias mamãs, as próprias famílias achem que é uma prioridade, há essa questão da sustentabilidade, e há outra questão também, que é o facto de naquela zona não haver pessoas com formação para essa área, nem sequer com formação, com a 12ª classe, porque as monitoras das escolinhas geralmente têm… convém que, pelo menos, saibam ler e escrever. E outra coisa também é que, nós achamos que, por uma questão de coerência até com o próprio projeto, que promove, que tenta promover a mulher, que acaba por ter um papel muito inferior em Moçambique, mas achamos que deviam ser mulheres as monitoras, mas isso acaba por ser mais difícil ainda porque se não há homens com formação, mulheres muito menos. E também por essa razão do cuidado, de ser a mulher a cuidadora, nós temos também essa

dificuldade. Portanto, não é que não esteja dentro do previsto, mas a verdade é que poderá demorar mais tempo se realmente for necessário que as pessoas se apropriem. Em termos de ajustamento à realidade, acho que isso é importante. Nós pensamos que as coisas não vão acontecer quando a equipa missionária quer, mas sim quando as pessoas estiverem preparadas. Assim como um outro projeto que está dentro dos planos da equipa missionária, que é a machamba: à volta da missão católica há um terreno enorme, que estava a ser trabalhado pelas pessoas que moravam ali perto, que agora a paróquia vedou, e está a fazer, no fundo não é uma cooperativa mas é o sistema: o terreno foi todo lavrado, houve um trator que no ano passado, por volta de agosto ou setembro, foi lavrar para que as pessoas o pudessem cultivar. A ideia é que as pessoas, depois de cultivarem o terreno, deem uma parte da cultura para a missão, para poder ser um sustento para a escolinha mas também para tornar a missão e a paróquia sustentável. No fundo, para que se possa contribuir para a missão não ser totalmente dependente de fundos externos.

E – E em relação ao trabalho que realizaste, e que realizas ainda, no âmbito do Salama!?

C – Basicamente o que eu faço, como coordenadora do projeto, é em primeiro lugar, toda a parte da gestão dos recursos humanos do projeto, estou a coordenar a formação, a seleção, o envio e toda a permanência dos recursos, das pessoas, durante o tempo de permanência e depois também no pós-missão. É uma das coisas que já referi que é um grande desafio, mas também é uma das coisas a melhorar. Estive em Moçambique no final de janeiro, início de fevereiro, e foi uma das coisas que falamos com um outro grupo de leigos que lá está a trabalhar e que querem aperfeiçoar essa parte, da seleção das pessoas e do acompanhamento e foi interessante também poder partilhar algumas ideias. Acho que já fazemos algum trabalho interessante nessa área mas há sempre coisas a melhorar. E porque é muito importante em todos os contextos que as pessoas estejam bem, mas quando se está a uns milhares de quilómetros de distância e em meios inóspitos e que não são os nossos, mesmo em termos físicos exigentes por causa do calor, da humidade e de um trabalho que as pessoas não estão habituadas a fazer, é um desafio. Faço também todos os contactos institucionais do projeto, quer em termos de procura de financiamentos, de parcerias, de novos projetos, novas ideias, tentando acompanhar também o trabalho que os voluntários fazem no terreno.

E – Considera que este trabalho é o mais adequado?

C – Sim, embora eu não faço este trabalho sozinha, como é óbvio. No ano passado talvez tenha estado um bocado sozinha, embora sempre com o apoio da equipa do Centro Missionário, mas este ano, tal como antes do [padre 1] ter ido para Moçambique, faço o trabalho em estreita ligação com ele, quer o pensar o projeto, quer depois esta parte do acompanhamento. Acho que tentamos fazer o mais adequado, mas claro, há sempre coisas que podem melhorar e ser diferentes como esta do acompanhamento dos voluntários e de, eventualmente, poder haver uma equipa externa ao CMAB, e até de psicoterapeutas, de pessoas ligadas a esta área do desenvolvimento pessoal, que possam acompanhar mensalmente, ter reuniões mensais com as pessoas por Skype, que era uma das ideias de uma das voluntárias que nós tínhamos falado tinha dado, e que acho que pode ser muito interessante. Outra coisa que também achamos que pode ser interessante, e essa ainda é mais fácil, é haver alguém na diocese de Pemba que faça uma espécie de assistência espiritual aos voluntários, ou seja, que cada voluntário possa ter aquela pessoa como referência. Ainda que não seja o assistente espiritual, no fundo, é uma ligação, e aí pode ser essa pessoa a assistente espiritual ou então em ligação com essa pessoa ela pode escolher outro assistente espiritual. E achamos que isso é muito importante, pelas questões que já falei dos escapes. Em termos de projeto, o que é que poderá ser diferente? O que se faz nos projetos acaba por ter muito a ver com

as pessoas que lá estão, ou seja, com a visão das pessoas que lá estão. Embora nós na formação falámos, e no projeto é que clara a linha a seguir, mas as pessoas que chegam lá e vêm as pessoas mais próximas, com situações muito concretas de pobreza e de miséria e acham que não podem estar sem dar resposta a essas questões. Mas lá está, depende muito da forma como a pessoa vê isso, se é de uma forma mais de desenvolvimento como um todo, ou se vê de uma forma um bocado mais assistencialista, de 'ai, eu vou ajudar estas pessoas que estão aqui à minha volta' e às vezes sem ter a noção de que por trás dessa pessoa e do comportamento dessa pessoa, há uma questão cultural. E isso acaba por influenciar muito, a perspetiva de cada pessoa que vai, de cada voluntário, quer padre, quer leigo, acaba por influenciar muito os projetos e aquilo que a própria equipa missionária faz. Embora haja, tal como como já disse, a referência do documento do projeto, que agora também vamos fazer uma avaliação. Não é uma avaliação, é uma monitorização, se continua ou não a fazer sentido o projeto, acaba por ser um fio condutor. Agora, a forma como as pessoas percebem esse documento e o que elas fazem no dia-a-dia e os projetos que desenvolvem, acaba por ter muito a ver com cada pessoa, e também com as oportunidades que vão surgindo. Por exemplo, a questão que falei há um bocado, da ligação com a Helpo, surgiu porque houve um domingo em que se encontraram todos num churrasco e perceberam que havia sinergias entre os trabalhos, entre aquilo que faziam e que até podiam apoiar-se e acho que isso também pode ser interessante.

E – Alguma área do projeto que não foi realizada, ou neste momento todas as áreas que estavam previstas estão em execução?

SP – Acho que, pelo menos, está tudo em andamento. Já falei da questão da escolinha mas acho que, no fundo, está em andamento, continua a ser pensada.

E – Como é que avalia a eficiência do programa?

C – Com os resultados atingidos, neste momento, ainda não se pode medir muito bem a eficiência do programa. Julgamos que, em termos de resultados, os que nos interessam mais são aqueles que vão de pessoa a pessoa, que influenciam as pessoas e as comunidades, de uma forma positiva, e esses são um bocadinho difíceis de medir. Mas a avaliar por aquilo que vi agora, nomeadamente, com a abertura do ano pastoral que foi em janeiro, na altura tivemos uma reunião do Conselho Pastoral, com representantes de todas as comunidades, e pareceu-me que a mensagem está a passar de uma forma interessante; que há uma mobilização dos recursos, quer materiais, quer humanos. Portanto, acho que o projeto para já, e sem conseguir quantificar, que está a ser eficiente, que está a ir na linha correta.

E – E a nível da eficácia, como é que avalia?

C – A nível de eficácia, eu acho que, tendo em conta tudo aquilo que já fui dizendo, os objetivos estão a ser cumpridos, acho que não há nenhum objetivo que ainda não tenha sido tocado, ou trabalhado e abordado. Nem todos têm tido resultados. Mas em termos de relação dos recursos, quer financeiros, quer mesmo os recursos humanos e os materiais, acho que está a ter também uma boa eficiência, na perspetiva de que julgamos que o número de três pessoas que será, para já, o suficiente. Os recursos que têm sido gastos neste projeto, que são da arquidiocese de Braga, também estão a ser aplicados de uma forma correta. Temos mais dois ou três projetos que têm outro tipo de financiamento, mas sim, acho que estão a ser aplicados de forma eficiente.

E – Consideras que o trabalho que realizaste é um trabalho que moveu e contribuiu para o desenvolvimento da comunidade local, tanto na diocese, aqui pode-se analisar, na arquidiocese de Braga e também na diocese de Pemba?

C – A minha intervenção a nível da diocese de Pemba é indireta, embora esteja em estreita ligação na coordenação, quer com a equipa missionária, quer mesmo com o bispo de Pemba. Acho que o trabalho que se realiza em Pemba contribui para o desenvolvimento das comunidades. Como falei há pouco, nós vemos que a pastoral está organizada, que existem as comissões, que existem os representantes, que as coisas vão funcionando. Se calhar a questão financeira acaba por ser sempre a mais crítica, apesar de que, parece-nos que as pessoas, às vezes, fazem milagres em termos financeiros, o que é também uma coisa muito interessante. Em termos de desenvolvimento missionário da arquidiocese de Braga, eu tenho notado bastantes diferenças e bastantes melhorias, através do conhecimento deste projeto, do trabalho do Centro Missionário mas especificamente do projeto Salama!. Nós temos divulgado muito o projeto pelas redes sociais. No primeiro ano, talvez por uma questão da equipa missionária, a própria equipa missionária que lá estava reconheceu que tinha investido pouco em termos de comunicação, e foi uma das coisas que foi muito debatida com esta segunda equipa missionária, as questões da comunicação. E acontece que realmente, em termos de comunicação, o projeto tem sido mais comunicado, e que também tem ajudado a haver pessoas que seguem o projeto e que acompanham e que participam e que comentam, mas também, e para além disso, isso sim, com a equipa que lá estava o ano passado, houve uma série de convites para apresentarmos o projeto Salama! e para esta sensibilização missionária. Portanto, acho que este projeto está a contribuir para o desenvolvimento missionário da arquidiocese de Braga.

E – E relativamente à questão da cooperação missionária, consideras que o Salama! contribuiu para uma efetiva cooperação missionária para o desenvolvimento nas duas dioceses?

C – Efetivamente acho que ainda não, que ainda não há uma efetiva cooperação missionária para o desenvolvimento entre as duas dioceses.

E – O que é que falta, então?

C – Acho que já há alguma troca de experiências mas, por exemplo, em termos da diocese de Pemba, há especificamente a paróquia que está a ser assumida, mas em termos de diocese não. Por exemplo, inicialmente, em março de 2015, quando nós fomos a Pemba, havia uma equipa missionária, que foi destacada e que se foi perdendo. E, na verdade, a cooperação missionária acaba por ser muito centrada, neste momento, na paróquia de Santa Cecília de Ocua, e isso já é muito interessante, porque no fundo é o que a diocese de Pemba precisa desta equipa missionária, é estar naquela paróquia, como até precisaria de mais equipas missionárias e está a trabalhar nesse sentido. Mas esta ligação, esta cooperação missionária para o desenvolvimento entre as duas dioceses, na verdade, eu acho que ainda não existe. Eu acho que já foram dados bons passos, mas é um caminho a fazer, que ainda não foi totalmente feito.

E – Relativamente ao futuro, o que consideras essencial realizar no futuro relativamente às atividades do Salama!?

C – Continuar a haver voluntários disponíveis e equipas missionárias, padres e leigos, para assumirem a paróquia, que é uma dificuldade; não temos tido nas formações muitas pessoas o que acaba por ser um desafio. Também, realizar quando houver condições logísticas, o voluntariado

de curta duração. Pôr em andamento as outras parcerias, nomeadamente, com os escuteiros, a questão das férias missionárias dos sacerdotes, todos esses projetos que falei, não estão esquecidos mas precisam de ser agilizados.

E – E relativamente também ao futuro do Salama!, de alguma forma já tocaste nessa questão. Na questão anterior falávamos, em geral, das atividades. Aqui, relativamente ao Salama!, da formação, de haver disponibilidade de voluntários para ir substituindo a equipa que está no terreno?

C – Relativamente às atividades que realizo, é importante também ir aumentando a equipa de apoio ao Salama! em Portugal, em Braga, porque o trabalho também vai aumentando. Os desafios vão aumentando e acho que é importante haver uma equipa maior. Poderá surgir das pessoas que regressam, se se verificar que elas têm perfil, ou até com outras pessoas que estiveram no terreno, mesmo que não tenha sido no Salama!, e que queiram apoiar este projeto.

E – E o apoio lá, será uma área também a desenvolver?

C – Sim, terá de ser pelos missionários, porque acho que é importante ter uma rede, até entre os próprios missionários acabam por, e é uma avaliação que as pessoas da equipa missionária está fazem, que as pessoas acabam por estar muito viradas para o seu próprio trabalho e não haver este espírito de missão entre as várias pessoas que lá estão. Portanto, acho que pode ser também um trabalho, aliás, queremos que seja também um aspeto a desenvolver.

E – Queres fazer neste momento algum ponto de avaliação relativamente à cooperação para o desenvolvimento, em geral?

C – Sim, eu acho que realmente esta cooperação para o desenvolvimento está a funcionar, que existe uma cooperação, que é missionária, e que pretende contribuir para o desenvolvimento, e que está a caminhar nesse sentido. Neste momento, não se pode dizer que satisfaça, por exemplo, aquele critério que se pretende da cooperação para o desenvolvimento, que é ela ser sustentável. Neste momento não é sustentável. Lá está, tem ainda alguns pontos de assistencialismo que nós preferíamos que não tivesse. Mas acho que é um caminho e que está no bom caminho.

E – E em jeito de conclusão, o que é que gostarias de acrescentar a esta entrevista, alguma questão que entretanto te lembres?

C – Não, acho que não.

E – Ok, muito obrigada, então, pela entrevista.

C – Nada por isso!

2.3. Entrevista ao padre 1 (P1)

E – A situação familiar, neste caso como é padre…

P1 – É celibatário. Residência em Portugal.

E – Como aderiu à cooperação internacional e à cooperação missionária?

P1 – Faz parte, não só do carisma da consagração, como também faz parte, obviamente, de um projeto pessoal que também está associado, sem dúvida. Ao projeto Salama! acabamos por involuntariamente ser um ator-gatilho do projeto. A primeira vez que entrei neste projeto mais amplo, ainda não era o projeto Salama!, e portanto, acabamos por ser um ator-gatilho para uma cooperação entre a arquidiocese de Braga e a diocese de Pemba.

E – Como se descreve em poucas palavras no âmbito do Salama!?

P1 – Como um agente deste projeto, não somente do ponto de vista de trabalho efetivo, de envio efetivo mas agora também neste background deste projeto.

E – Mas como é que, a certa altura, houve um apelo, colocou esta questão da missão, na sua agenda?

P1 – Há aqui dois planos: o primeiro, e sem dúvida um plano que tem a ver com a história pessoal, ou seja, eu sou filho de um militar, um militar obrigado, que passou três anos da sua vida na Guiné-Bissau, e portanto, cresci a ouvir falar de um país que não era o meu, cresci a ver fotografias de um país que não era o meu, e portanto, de alguma maneira, cresci sempre delugarizado, com um outro país também na cabeça, que não fazia a mínima onde ficava. E portanto, há aqui uma componente pessoal, de crescimento e de educação muito forte. Depois, associa-se aqui, também, a dimensão da descoberta vocacional, que acaba por fazer coincidir estes dois elementos, ou seja, não somente as histórias que eu ouvia desde miúdo, associam-se aqui também as questões da vocação, da consagração, da abertura ao mundo, que isso despertava. Porventura, sempre tive também muito a ligação com os missionários combonianos, que estão lá na minha terra e este pano de fundo foi sempre de haver um mundo maior. Quando, efetivamente, fui ordenado padre isso colocou-se como uma premissa, ou seja, com 25 anos é muito cedo para nós, provavelmente, sermos ordenados padres, mas isso é um pressuposto já que está aqui, mas há um outro dado que é o de querer começar a minha vida não na minha realidade. Sentia que ou era ali naquele momento que faria isso ou depois me habituaria como toda a gente se habituava. Aliás, ouve-se ainda hoje dos colegas mais velhos, dos padres mais velhos dizerem: "eu gostava de ter feito mas no tempo certo não fiz, e agora já não consigo fazer". E, portanto, no momento da ordenação automaticamente pedi, eu e um outro sacerdote, pedimos para fazer uma experiência de missão *ad gentes*, assim chamado tecnicamente, e que a nossa arquidiocese abraçou, tranquilamente. Aliás, eu nessa altura fui com a Sociedade Missionária da Boa Nova, que são padres diocesanos, não é um instituto religioso, são padres diocesanos que existem para dinamizar a vertente missionária dos padres diocesanos. Nessa altura um acordo entre a arquidiocese de Braga e a Sociedade Missionária da Boa Nova fez, absolutamente aleatoriamente, com que fossemos parar a Pemba. Portanto, acabamos por ser um ator-gatilho de uma relação entre Braga e Pemba mas involuntariamente.

E – Do ponto de vista da sua perspetiva da missão, há uma alteração na perspetiva histórica da missão, ou seja, olhando para aquilo que também estudou do que era esta missão *ad gentes* e hoje, século XX e século XXI, o que é que acha que terá mudado?

P1 – O que mudou, e aliás muda sobretudo com o Concílio Vaticano II, é o fim da especialização da missão, ou seja, a missão *ad gentes* era uma coisa reservada a alguns: alguns institutos, algumas pessoas e o padrão, o paradigma alterou-se quando os documentos começam a falar que toda a Igreja é missionária, este paradigma é desmontado. Efetivamente, na prática, o que vemos do ponto de vista histórico, sobretudo com estas ex-colónias, foi a descolagem da perspetiva política, à perspetiva religiosa, porque, historicamente, houve aí uma colagem, não a cem porcento, mas uma colagem com algumas evidências históricas. E este paradigma ampliou-se, ou seja, a palavra católico assume, de facto, a sua etimologia mais forte que é esta abertura a toda a Igreja, e eu acho que é um dado que ainda está em explosão ou, se calhar, em implosão até, que é a Igreja baixar fronteiras, baixar aqueles muros que foi construindo, do nós, do tu lá, do nós cá e, de facto, de partirmos estes muros. Eu acho, muito sucintamente, que é a linha da mudança do paradigma, que é o fim da especialização da missão e a Igreja que regressa aos seus inícios e que tenta derrubar as fronteiras. Parece-me que foi a grande alteração. Depois, do ponto de vista mais prático, nota-se, eu noto, pelo menos, mesmo até nos últimos anos, quando digo últimos anos, últimos 10, 20 anos, que se está a quebrar, finalmente, ainda com muitas resistências, o modelo paternalista, que foi o modelo que vigorou, entre nós portugueses, foi o modelo colonial, e é o modelo que ainda se nota, ainda é preciso forçá-lo. Portanto, não somente o modelo 'dar autonomia', que isso aí é uma coisa política e óbvia nos países de língua lusófona, mas agora acho que começa aos pouquinhos a perceber-se que é preciso suscitar, do ponto de vista religioso, do ponto de vista social, é preciso suscitar as forças interiores a cada povo, e não propriamente importar ou exportar modelos. Repare que esta cooperação entre Braga e Pemba, e muitas vezes tento insistir nisto, não é para duplicarmos o modelo de 'nós vamos ajudar quem precisa'. Nós vamos cooperar, aliás, foi propositada a palavra cooperação missionária, porque o objetivo não é a questão só de ir pessoas para lá. Isso é a parte mecânica da coisa. É, o que é que nós podemos aprender uns com os outros? E é este modelo que mudou, na minha perspetiva, nos últimos 15 anos, que é o período em que eu trabalho nesta área um bocadinho mais. Mudou mas ainda temos que forçar, ainda é por forçar, ou seja, o ímpeto paternalista ainda está muito dentro de nós, mas dá-me a impressão de que, de facto, efetivamente, está a mudar a perspetiva de desenvolvimento. E estão a mudar os atores porque, eclesiasticamente, temos menos efetivos, e cada vez se nota, as estatísticas o comprovam que há cada vez mais leigos comprometidos que estão dispostos a contribuir para estas cooperações, e portanto, mudam os efetivos, os agentes, muda a postura perante outra cultura e muda, portanto, o final dessa especialização e uma abertura da Igreja como naturalmente missionária.

E – Como esteve na origem deste projeto Salama!, o que é que acha que este projeto tem de novo, ou o que é que, na conceção do projeto, os autores dele quiseram colocar como elemento novo? De uma forma geral.

P1 – Um elemento novo, não diria que é novo mas é um elemento que está adormecido. O Concílio Vaticano II já há tantos anos atrás, por volta de 65, quando terminou, dizia que um bispo é bispo da Igreja toda, é responsável por um território mas é bispo da Igreja toda. Já todos os documentos relacionados sobretudo com a formação dos padres dizem que os padres são formados para a Igreja e não para uma geografia. Portanto, esta é uma dimensão do projeto que nós queremos salientar, que é este forçar deste raciocínio pequenino e perigoso de 'nós aqui também precisamos'. Isto entre aspas. 'Nós aqui também precisamos' é um modelo mesquinho mas que

está em voga e que nós queremos forçar. E forçar, não para dizer 'nós não precisamos aqui', não é esse modelo, mas vamos fazer uma proporção, a esta nossa frase. Muitas vezes insisto numa questão de números dizendo: Braga tem 400 padres, Pemba que tem 600 km e tem 15 padres. Portanto, não é para dizer 'nós temos muitos', não é essa a questão. A questão é: vamos ser proporcionais da nossa leitura da realidade. E nós, efetivamente, o nosso modelo está a esgotar-se, provavelmente, já se esgotou, e nós ainda continuamos a insistir nele. E o que é que tem de novo esta cooperação com Pemba? Não é de novo mas é de renovado, de tentar aproximar a Igreja que nós temos a uma Igreja primitiva, uma Igreja que não tem fronteiras, aliás, que se direciona em primeiro lugar para as fronteiras. E esse é um primeiro elemento que acho que tem de novo. Um segundo elemento que pode ter de novo tem a ver com o sensibilizarmos, logo a partir da infância, e por isso nós estamos a associar ao projeto Salama!, a questão da infância missionária, de ajudarmos que desde pequenos, sejamos muito conscientes das assimetrias. As crianças hoje todas têm telemóvel, qualquer jovem tem acesso às redes sociais, mas uma coisa é falarmos, vermos um filme da Síria outra coisa é conhecermos o ritmo diário de uma criança da Síria. Uma coisa é nós falarmos de Moçambique e vermos imagens de umas cheias, por exemplo, outra coisa é nós sabermos que uma criança faz 15km para ir à escola. E este projeto também acho que tem esta abertura de não somente a sairmos, a estarmos não somente na nossa área cómoda da religião mas irmos à área social, e portanto, para ser um projeto educativo, para escolas, para catequeses. Porque há um dado que me parece evidente, é que nós do ponto de vista, por exemplo, da catequese, estamos a fazer percursos de catequese que não convertem, que não mudam. Mas o extraordinário é que quando nós começamos a falar, por exemplo, neste caso concreto, desta cooperação, quando começamos a falar do que é a vida de uma criança em Ocua, na paróquia congénere da arquidiocese de Braga, quando nós começamos a falar da vida de uma criança de Ocua, as crianças experimentam as grandes diferenças, as grandes assimetrias. E portanto, este projeto, além de ser um projeto religioso, além de ser um projeto entre duas Igrejas, pode ser ao mesmo tempo, um projeto de educação. E de educação para aqui e de educação para Pemba. E portanto, pode ser um projeto não somente restrito à dimensão religiosa, eclesial mas pode ser um projeto mais amplo e um projeto de educação, como se diz hoje, educação para o desenvolvimento. Penso que é isso que pode ter um pouco de novo. É um caminho difícil, provavelmente lento, dificilmente quantificável, mas eu acho que está a acontecer, sublimemente, está a acontecer uma abertura a estas diferenças culturais, religiosas, e este é um dado muito importante. Do ponto de vista de construção de uma Igreja, Pemba tem um molde completamente diferente. E nós teremos a ganhar com isso, porque é uma Igreja recente, é uma Igreja que tem 60 anos, a nossa Igreja tem 900, e portanto, há aqui um estímulo de uma Igreja nova de qual vamos beneficiar.

E – Falou destas diferenças, quer especificar? Há algum ponto que ache importante neste contexto?

P1 – A Igreja moçambicana é uma Igreja com 60 anos, portanto, é uma Igreja nova. Segundo aspeto, é uma Igreja que de 75 a 92 esteve em guerra, e os missionários impedidos de chegar às missões. Portanto, é uma Igreja que aprendeu, passando a expressão, a virar-se sozinha durante um grande período de tempo. E isso significa várias coisas: provavelmente a perda de algum dinamismo doutrinal, mas por outro lado, o ganho da grande responsabilização individual. Foi muito curioso quando chegamos agora, em Ocua nenhuma comunidade tinha catecismos. Não havia um catecismo em 100 km. E, portanto, o que eles tinham era tradição oral, a parábola do 'Filho Pródigo' já não era bem a parábola do 'Filho Pródigo' já tinha umas nuances ali pelo meio, ou seja, perdeu-se do ponto de vista da solidez doutrinal, mas ao mesmo tempo encontramos equipas formadas para acolher os doentes, equipas formadas para acolher o estrangeiro,

estrangeiro é aquele que chega de fora, o vindouro. E portanto, a grande diferença é que falta, por exemplo, à Igreja de Pemba solidez doutrinal, falta, sem dúvida. Mas, a responsabilidade individual é altíssima. Se quisermos passar para o nosso contexto, por exemplo, de Braga temos, provavelmente, uma solidez doutrinal, quem sabe até exagerada, e uma responsabilidade individual diminuta, se não ausente. Este é um dado absolutamente evidente. Um outro dado que é o sentido de pertença que, de facto, no contexto moçambicano, no contexto de Pemba, o sentido de pertença a uma Igreja é um sentido co-responsabilizador e é muito forte. Ou melhor, é imprescindível, não existe pessoa individual existe grupo, existe pertença, neste caso, à Igreja, portanto, temos uma Igreja altamente co-responsável, e temos aqui um modelo altamente individualista. Estou a levantar algumas diferenças, diferenças evidentes. Obviamente que não vou falar de edifícios, não vou falar de dinâmicas pastorais, estou a falar de traços genéricos. Há diferenças evidentes. E nós teremos a ganhar, provavelmente, com essa questão da responsabilidade individual, teremos a ganhar com eles do sentido de pertença. Eles terão a ganhar connosco, se calhar, algum sentido doutrinal, se calhar, algum sentido do respeitar a liberdade do outro, porque o sentido de pertença também pode ser um sufoco. E também é. E portanto, há diferenças estruturais das quais, eu gosto muito de referir isto, não acho que os moçambicanos sejam perfeitos, não tenho qualquer ideia cor-de-rosa da realidade de Pemba mas também não a tenho daqui. Eu considero que, efetivamente, isto pode ser uma cooperação. E é esse o sentido que nós queremos dar ao projeto.

E – Fale-nos um bocadinho das suas expectativas, as iniciais, as que traz agora depois da missão.

P1 – As expectativas iniciais, confesso que eram, pelo facto de já ter estado lá numa experiência anterior, quase nenhumas. Ou seja, ia bastante livre. Não fazia a mínima ideia por onde poderia caminhar. Principalmente porque levar expectativas ocidentais para um país africano acho que é um pouco irracional. Ou seja, o impacto cultural é muito grande. Atenção, eu já tinha lá estado, estive noutro local e o impacto cultural é, sem dúvida, um choque violentíssimo. As expectativas eram de tentar caminhar com quem aparecesse. E portanto, as expectativas iniciais eram de abertura total ao que aparecesse. As expectativas no final de um ano de presença lá, as expectativas já se centravam não tanto no que nós conseguimos porque o nosso trabalho do primeiro ano foi um trabalho de sujar muito as mãos, literalmente, não metaforicamente. As expectativas quando saímos foi de fazer uma passagem pacífica à equipa que chegou, à equipa que nos substituiu. Neste momento as expectativas que eu tenho são muito de não trair, em primeiro lugar, a origem do projeto. Porque há esse receio, confesso, pessoalmente tenho receio de trair a origem do projeto. E segundo lugar, sermos capazes de hoje não trairmos o conceito de desenvolvimento. É muito fácil, e com este trabalho ainda mais, nós seduzirmos as pessoas aqui. Por exemplo, um dado objetivo e prático: nós pedimos apadrinhamentos de catequistas, nós no espaço de um ano, e atenção que o valor é um pouco alto, até do ponto de vista económico, estive ontem a fazer as contas e nós já atingimos 200 apadrinhamentos. Portanto, é muito fácil seduzir as pessoas aqui para este projeto. Mas seduzi-las mas voltando ao modelo anterior, paternalista e assistencialista. E portanto, confesso que neste momento as minhas expectativas são olhar muitas vezes para trás, não são expectativas para a frente. São expectativas para trás e ver o que nos deu origem, o que nos empurrou desde início ainda é o que se mantém? É este o caminho que queremos traçar? As minhas expectativas não são muito centradas à frente porque confesso que sou um bocadinho imediatista, e não faço projetos a longo prazo, não tenho grandes esperanças futuras. Portanto, se quisermos falar do ponto de vista das expectativas, manter este projeto no seu carisma original. Se quisermos, a minha expectativa é conseguirmos, enquanto equipa, mantermos o traço original.

E – Há um conceito que se sente na forma como foi respondendo, que é esta questão do desenvolvimento. Quer-nos precisar um bocadinho nessa questão?

P1 – Atenção, eu acho que há aqui um pormenor que vale a pena mencionar: eu, primeiro, não sei falar de África, não sei falar de Moçambique, não sei falar de Pemba. Sei falar qualquer coisinha da paróquia de Santa Cecília de Ocua. Porque é uma realidade muito própria. E portanto, de sobre Santa Cecília de Ocua e desenvolvimento, centrar-me-ia neste conceito que é o conceito de desenvolvimento, os técnicos lá o saberão muito melhor do que eu, pode assentar em muitos pilares. Sem dúvida, para mim, o conceito de desenvolvimento assenta sobretudo no pilar da educação. E que não tem que ver obrigatoriamente com se tem isto e não tem aquilo. Tem a ver com, reduzindo isto a uma linguagem muito simples, ensinar a pensar. Ensinar a ter sentido crítico. E isto vale para Santa Cecília de Ocua, mas vale, se calhar também aqui entre nós. Em Santa Cecília de Ocua, de facto, estamos num contexto do interior, num contexto rural, em que as pessoas se habituaram a estar descuidadas, em relação à Igreja, em relação ao Estado, a estar muito por conta própria. E isto pode parecer um bocadinho arrogante, mas acho que o défice maior é de sentido crítico. Que as pessoas sejam capazes de pensar pela sua própria cabeça o que lhes está a acontecer. Um problema concreto de Santa Cecília de Ocua, neste momento, chama-se os mega projetos relacionados com a terra, ou seja, empresas estrangeiras que chegam, compram a terra a preço de saldo, dão o que aparentemente é uma grande benesse, um grande dinheiro, ficam com as terras, centenas de quilómetros, e o agricultor que vivia naquelas terras, durante um mês vive com o que lhe dão, mas a seguir não tem com que viver. Há aquele êxtase pelo dinheiro, aquele deslumbramento por uma quantia de dinheiro mas no mês seguinte não tem o que comer e nem tem onde viver. Repare, este é um fenómeno que afeta cristãos e não cristãos, portanto, é um fenómeno transversal. O que é que nós podemos falar em ponto de vista de educação? Ensinar estas pessoas a perceber qual é o valor da terra, a perceber o que é que é desenvolvimento, se quisermos utilizando a palavra, o chavão sustentado, ou seja, que isto tem de ser sustentável para futuro, ou seja, eu tenho que pensar no meu filho, eu tenho que pensar na comida de amanhã, tenho que pensar se consigo levá-los à escola. Portanto, eu acho que o trabalho da Igreja, do ponto de vista, neste momento, e sobretudo em Santa Cecília de Ocua, tem de ter muito de ensinar a pensar nas coisas. Mais do que dar-lhe uma cartilha, ou um catecismo, de facto o Evangelho serve também para isso, podemos educar através do ensinar a pensar. Do ensinar a ter espírito crítico. Porque, muito curiosamente por exemplo, na formação de catequistas lá, que ainda há pouco falava, a gente dizia muitas vezes, 'o que é que vocês acham desta situação da terra?' E as pessoas diziam claramente, 'Achamos que isto não pode acontecer'. 'Sim, mas não pode acontecer mas então, porque é que acontece?' 'Porque eles nos dão dinheiro.' 'Sim, então, e qual é o problema, então? Será que a culpa é deles só?' 'Não, é nós que aceitamos o dinheiro para comprar bicicleta.' 'Pois, a bicicleta avaria vocês comem o quê?' Repare, todo este discurso de desmontar raciocínios imediatos ou imediatistas, é um trabalho de desenvolvimento, na minha perspetiva. Mais do que a questão se damos ou não damos, mesmo num nível mais elevado, se conseguimos que as crianças vão à escola ou não vão à escola, parece-me que o serviço da Igreja neste momento, à educação, e a educação para o desenvolvimento nessa palavrinha, passa muito por ajudar a ser a plataforma de pensamento crítico. Pensamento crítico no sentido construtivo. E portanto, desenvolvimento, na minha perspetiva, em Moçambique, como em Braga, neste momento, se quisesse que fazer aqui uma ligação direta, eu faria, desenvolvimento, aprender a pensar. O meu conceito de desenvolvimento, neste momento, prende-se com aprender a pensar. Porque, aqui se calhar temos que ensinar uma criança diante de um tablet a pensar, a medir prós, contras, a ser um utilizador responsável e inteligente. Lá é exatamente a mesma coisa com outras realidades. Portanto, desenvolvimento para mim, aprender a pensar.

E – Do trabalho realizado, o que é que nos quer sublinhar daquilo que foi da sua experiência?

P1 – Há a dimensão de estruturas e, portanto, de cimento e betão armado, há a dimensão, se calhar, menos quantificável, de educação para o desenvolvimento. Do ponto de vista das estruturas, há duas coisas evidentes, que foi tornar uma casa habitável, e que é um trabalho de sujar as mãos e é um trabalho que, efetivamente, deu muito trabalho. Portanto, tornar uma casa habitável, minimamente confortável, estamos a falar de uma casa que não tinha água nem luz. É uma casa que neste momento tem as condições mínimas de habitabilidade. Uma outra dimensão tem a ver com um projeto que nós alimentávamos que era a abertura do posto de saúde de Mahipa, na paróquia de Ocua. Aconteceu, efetivamente, mas já com uma mudança que me parece importante. Todas as comunidades pagaram a reconstrução. Foi um trabalho que demorou a ser concretizado, numa das dimensões, voluntariamente. As pessoas diziam, 'nós precisamos que nós temos o...' E eu disse 'sim, precisam sim. Mas primeiro quem é que o estragou? Quem é que roubou os fios? Quem é que partiu as portas? Quem é que partiu os vidros? Quem é que partiu o telhado?' E, portanto, durante meses, as pessoas reclamavam o seu espaço, de saúde e a gente simplesmente lhe dizia, 'primeiro vamos avaliar o que é que aconteceu.' Porque é que ninguém protegeu, porque toda a gente viu a roubar. Mas, porque é que os cristãos não se reuniram e disseram 'tu não roubas'. E, portanto, houve aqui um trabalho de educação e que efetivamente se torna doloroso porque a gente vê as pessoas a morrerem sem os cuidados de saúde básicos. E a gente a continuar a dizer, 'não, primeiro vamos pensar porque é que isto correu mal.' E portanto, mas havendo baixas efetivas. Quando achamos que esse trabalho estava feito, de facto, partimos para, fomos à caixa da paróquia, que é o conselho económico da paróquia, e dissemos 'bem, agora vamos pegar no nosso dinheirinho', que era quase tudo o que tínhamos, 'e agora vamos reconstruir o nosso posto de saúde, e vamos divulgar em toda a nossa paróquia quanto é que se vai gastar.' E foi divulgado em todas as reuniões quanto é que se gastou na recuperação do posto de saúde, que é um valor que eles nunca viram na vida, que foi à volta de 45 mil meticais, é um dinheirão naquele contexto, mas nós fazíamos questão de dizer em todas as zonas, em todas as comunidades, vocês gastaram, não é nós, vocês gastaram 45 mil meticais, que dá para construir dez casas. E as pessoas ficavam muito admiradas e acreditamos, ou queremos acreditar, que foi num processo pedagógico. Portanto, o que é que fizemos do ponto de vista de estruturas, estamos a falar. Do ponto de vista da formação, como diria há pouco, como estava a dizer há pouco, a solidez doutrinal em Ocua, que esteve abandonada a si mesma durante tanto tempo, ainda que com várias intervenções de religiosos, a solidez doutrinal está um pouco esfumada, vamos dizer assim. E portanto, a primeira coisa que nós começamos a fazer, aliás, desde que lá chegamos, a nossa palavra era formação, formação, formação. Em dois níveis, a formação do ponto de vista catequético, para os catequistas, para as lideranças assim chamado e para os conselhos económicos, que era uma prioridade da diocese de Pemba, porque nós assumimos as prioridades da diocese de Pemba. E outra área que é a formação para a saúde, sobretudo das mamãs. Porque efetivamente não adianta ter medicamentos para distribuir quando as mães não percebem a importância de amamentar. Não adianta termos vacinas para isto e para aquilo quando as mães não percebem que é preciso ferver a água para dar às suas crianças. E portanto, o facto de termos na equipa anterior uma enfermeira, o facto de termos um arquiteto catequista e o facto de termos um padre facilitou esse âmbito da formação. E portanto, a nossa insistência, se quisermos de uma primeira área estruturas físicas, da casa de acolhimento para a equipa missionária, e do posto de saúde, segundo nível formação, formação, formação. E se quisermos, do ponto de vista estatístico, só podemos fazer estatística nestas duas dimensões, que é dimensões de formação e dimensões de estruturas. Foi o nosso trabalho durante um ano.

E – Há alguma coisa que faria diferente, nesta avaliação que faz?

P1 – Eu acho que ainda é muito cedo para fazer a avaliação porque se colocássemos os ses, obviamente, se o nosso carro não tivesse avariado definitivamente ao fim de um mês, teria sido diferente. Porque tivemos que ficar quase três meses enclausurados porque o carro avariou. Mas isto, eu não sei muito bem gerir ses. Ou seja, efetivamente, foi não somente possível, mas foi, acho que, coerente como nós desejávamos. Portanto, não diria que faria diferente, porque isso implica ses e os ses são condicionantes que nós agora não podermos alterar. E portanto, não faria mudanças estruturais ao que fizemos.

E – Cooperação missionária para o desenvolvimento, já fomos tocando nessa questão. Como é que vê o futuro? Se conseguisse projetar o futuro do projeto?

P1 – Na minha intuição, e é somente isso, eu acho que o projeto vai começar a ganhar outras asas. Uma das coisas que nós sempre fomos alertados, desde o início, é que nós temos de integrar as preocupações da Igreja local. Portanto, nós não levamos as nossas preocupações para lá mas queremos integrar as preocupações da Igreja local. A Igreja local, a Igreja de Pemba acaba de fazer a assembleia diocesana. A assembleia diocesana são os representantes de todas as paróquias, quatro representantes de cada paróquia, que durante uma série de dias traçam os planos pastorais dos próximos anos. Uma das preocupações do D. Luiz, que ainda a semana passada esteve aqui connosco, e da diocese é os jovens. Naquele contexto, os jovens estão muito entregues a si mesmos, entregues muitas vezes à ociosidade ou a coisas piores e, portanto, se a diocese assume como uma das suas preocupações os jovens, provavelmente, podem acontecer e estão previstos já, esforços comuns nesta atenção aos jovens. E portanto, provavelmente, esta cooperação missionária vai começar a alargar-se. Se neste momento está centrada ainda em Santa Cecília de Ocua, provavelmente há outros dinamismos que vão surgir naturalmente. Estamos a tentar fazer esforços na área da saúde para outros âmbitos, não para a paróquia de Santa Cecília de Ocua. Estamos a tentar fazer esforços na área da comunicação social. E portanto, a minha intuição, não é mais que isso, é que esta cooperação vai começar a alargar-se a outras dimensões. As dimensões que provavelmente já não dependerão diretamente de nós. Podem ser estruturas, aliás, está previsto no acordo de cooperação, que haja estruturas de Braga que diretamente até façam parcerias, troca de experiências com outras estruturas da diocese de Pemba. E portanto, a minha perspetiva, a minha intuição é que isto vá naturalmente, sem forçar ritmos, vai ganhar outras asas, que vai ganhar outros pontos de contacto. E portanto, a minha, é a minha intuição mas posso estar profundamente enganado.

E – O contributo do projeto Salama!, acha que é um contributo para este objetivo de cooperação missionária para o desenvolvimento? Está nesse caminho, não é?

P1 – Quero acreditar que sim, se bem que eu volto um bocadinho atrás. Eu não sei se já descolamos do modelo paternalista e assistencialista. Ainda tenho algumas dúvidas sobre isso. E portanto, quero acreditar profundamente que sim, que o projeto Salama! é um projeto de cooperação para o desenvolvimento cristão, sobre este carisma cristão. Temo, confesso que temo, aquilo que já dizia atrás, temo esta deriva assistencialista, porque, mesmo quando eu oiço falar, e tenho amigos de cooperações internacionais e entre países, eu continuo a assistir a uma coisa que é terrível que é nós termos que ter troféus, pessoalmente, e se calhar institucionalmente. Não gosto de troféus. Ou seja, dizer nós conseguimos fazer isto e aquilo. Nós já conseguimos fazer ‘aqueloutro’. E dá-me a impressão que a educação, que esta questão do desenvolvimento, e da cooperação para o desenvolvimento, que às vezes ainda andamos todos à procura de troféus. Andamos a ver quem conseguiu fazer mais, quem conseguiu avançar mais. E perdemos uma

dimensão importante do desenvolvimento, que é o tempo. E a lentidão. Nós crescemos lentamente, não crescemos por decreto nem por troféus. Respondendo diretamente à pergunta, creio que o Salama! é um projeto de cooperação para o desenvolvimento sobre o signo cristão. Temo, e repito muitas vezes, que não consigamos, como não conseguem outras instituições, descolarmos da vertente assistencialista.

E – E o lado da Arquidiocese de Braga, o que é que muda esta cooperação?

P1 – Acho que há aqui várias dimensões a equacionar. Uma primeira dimensão, e eu levanto dados, achei muito bonito que os seminaristas do seminário maior, por eles próprios, sem termos feito qualquer tipo de publicidade, tenham apadrinhado um conjunto de catequistas em Pemba. Ou seja, por iniciativa própria, e depois de tantas vezes ouvirem falar da temática já da missão, em diversos contextos, começam a perceber que a arquidiocese de Braga tem outras fronteiras. E para mim é importante, confesso, enquanto padre, mexendo-me no ambiente eclesiástico, não me parece que o movimento natural dos seminários, da formação, não me parece que a tendência natural, a orientação natural esteja a ir para uma Igreja mais aberta. E por isso, quando vi este dado, fiquei contente, ou seja, houve um conjunto de seminaristas que, por iniciativa própria, quiseram abrir-se à missão. E portanto, este é um dado para mim é simbólico. Não é estatisticamente relevante, mas para mim é simbólico. Um outro dado engraçado que a gente vai ouvindo conforme vai andando para trás e para a frente, é as pessoas referirem-se a Ocua, já uma palavra que não é propriamente fácil para nós, não significa nada para nós, do ponto de vista etimológico, as pessoas referirem-se a Ocua e a referir-se a Pemba naturalmente, utilizarem a palavra Pemba e Ocua como uma coisa normal. O que para mim é simbólico, porque o coração já começa a pulsar com outro continente. Volto a dizer, estatisticamente não é relevante mas para mim é simbólico. E portanto, quando eu vejo conselhos presbiterais, de anos consecutivos, a falarem de, sem que alguém tenha levado o assunto como batalha, a dizer 'não vamos atender à necessidade x da diocese de Pemba', quando eu vejo os seminários a pensarem em apadrinhamento, quando eu vejo outras pessoas a falarem de Ocua e de Pemba como se fosse ali a casa ao lado, ainda que estatisticamente possa não ser relevante, para mim, estamos a falar de um projeto que tem na prática, ano e meio, dois anos, temporalmente ainda é muito recente. O que é que mudou? Provavelmente, não mudou nada, provavelmente, pode mudar tudo, no sentido em que as pessoas começam a, aos pouquinhos a não somente do ponto de vista eclesiástico, e do ponto de vista burocrático, as pessoas começam a achar normal que se fale de Pemba no jornal. As pessoas começam a achar, até há uma expressão curiosa que é a expressão 552. O D. Luiz ficou muito admirado na semana passada quando andou por cá e quando em diversos sítios lhe falaram da paróquia 552. Ainda que esse número seja um bocado possessivo, mas pronto. Isso é um outro dado. Mas as pessoas referem-se ao 552. A arquidiocese de Braga tem 551 paróquias e tem a 552 em Moçambique. O que é que mudou efetivamente? Efetivamente não mudou nada. Na sensibilidade, acho que mudou porque começa a surgir um afeto. E como nós sabemos na nossa vida tudo nos entra por aí. Quando afetivamente estamos ligados, depois outras coisas podem-se surgir. Portanto, neste momento estamos naquele momento de troca de afetos, e esse afeto já começa a sentir-se, não somente pela visita, do ponto de vista simbólico, do Sr. D. Jorge em outubro passado a Pemba, como na visita em janeiro deste ano do D. Luiz a Braga. Portanto, os afetos começam a trocar-se. Neste momento está para partir uma missão de Braga a Pemba. No final deste ano virão seminaristas de Pemba para Braga, portanto, o corredor Braga-Pemba começa a ser um corredor naturalíssimo. E portanto, os afetos começam a ser trocados sem grandes complexos, sem achar que é uma coisa extraordinária. Provavelmente foi a única coisa que mudou ainda. Pemba já deixou de ser extraordinário.

2.4. Entrevista ao padre 2 (P2)

P2 – [padre 2], natural de Refoios de Basto, concelho de Cabeceiras de Basto, arciprestado de Cabeceiras de Basto, arquidiocese de Braga. Fui ordenado em 2005 e, durante 10 anos, trabalhei no arciprestado de Vila Nova de Famalicão, em três paróquias: Santo Adrião, Cavalões e Brufe. Ao fim desses 10 anos, fiz uma paragem e estive 2 anos em Salamanca, a fazer a licenciatura em Teologia Dogmática. Durante esse tempo, fui acompanhando o projeto *Salama!*, desde o início mas, sobretudo, a equipa que estava e o [padre 1]. E surgiu a possibilidade de eu vir fazer a experiência de um ano no projeto. Surgiu de uma conversa muito simples com o [padre 1]. Por altura de novembro, quando costumava oferecer presentes solidários, perguntei ao [padre 1] se era preciso alguma coisa para Santa Cecília de Ocua? E a primeira coisa que ele me respondeu foi: "bom, bom era se desses um ano da tua vida aqui!". A partir daí, comecei a pensar nisso e a pôr, seriamente, essa possibilidade. Visto que não estava preso a nenhuma paróquia nem a nenhum projeto, então seria a altura ideal para fazer esta experiência. Fui-me mentalizando, sobretudo, nesta dimensão de um ano. Porque não tendo eu uma formação, propriamente, missionária, sendo de um cariz diocesano, nota-se a diferença. Então, mentalizei-me de que um ano é possível aguentar. Foi nesse sentido que acabei por, depois, apresentar essa disponibilidade ao D. Jorge, conversei com alguns padres amigos, algumas pessoas, fazer a reflexão, fazer a formação possível - que não foi, talvez, a necessária, deveria ter sido mais, de minha parte. Como não estava em Braga a formação acabou por ser quase limitada ao eneagrama. Então, apresentei-me, as coisas orientaram-se e, penso que, para a arquidiocese de Braga também foi fácil no sentido em que não estava em nenhuma paróquia. Estando numa paróquia, seria mais difícil. Apesar de, por exemplo, o [padre 1] estar num serviço e sair. Portanto, tudo se arranja a partir do momento em que haja vontade. Penso que, nesse sentido, o D. Jorge também está bastante envolvido e não será por aí que não haverá candidatos para trabalhar cá na paróquia.

E – Em relação ao projeto *Salama!*, sobre o que foi projetado ou sobre o que leu, o que sabia do projeto, que expectativas é que tinha?

P2 – Posso dizer que não tinha grandes expectativas, no sentido em que acho que em projetos destes, até para não haver frustrações, não é muito oportuno criar expectativas. Eu fiquei bem impressionado com o projeto, do que conheci da internet e das pessoas que estavam a trabalhar. A partir do momento em que me chegou às mãos o projeto e o levantamento que tinha sido feito anteriormente, partilhei com alguns amigos que estavam na casa onde eu estava, em Salamanca – gente com muita experiência na área vocacional e todos acharam o projeto muito bem organizado, inclusive eu. Isso animou-me também a fazer a experiência. Depois, na minha mentalização, talvez pela experiência que eu tenho já de pároco – apesar de serem apenas 10 anos, a teoria que tenho e tento pôr em prática é saber que aquilo que eu poderia fazer de essencial é celebrar a eucaristia e o sacramento da reconciliação e tudo o mais eu iria aprender. Porque, efetivamente, é tudo diferente: contexto, cultura, realidade… Não saberia como me iria adaptar. Acho que isso, agora, passados 6 meses me tem ajudado. Enfim, há que procurar ter paciência – que é um treino grande que se tem de fazer aqui! E procurar, sobretudo, acompanhar, caminhar com as pessoas sabendo que as realidades não dependem de nós para mudar! E também sinto, por exemplo, que esta dimensão de estar um ano me ajuda a estar mais tranquilo. Porque, efetivamente, e acho que também é uma mais-valia do projeto *Salama!*, independentemente de ser 1 ano ou de serem 3, de facto, as coisas não estão somente nas minhas costas. Eu estou de passagem. Então, tento dar o máximo, enquanto cá estou. Quando sair, outros virão e irão continuar o projeto. Foi assim que aconteceu connosco. Chegámos a meio do ano, o que foi uma mais-valia – não foi preciso pensar em pastorais, em projetos, foi pegar no que estava feito e

executar. Naturalmente que, quando começámos a executar e a pensar - porque nada é feito sem ser pensado, podemos pôr o nosso cunho pessoal. Mas essa dimensão de um projeto, de uma ideia que vai para além das pessoas, mas que é um fio condutor, acho que é uma mais-valia do projeto *Salama!*.

E – O que é que foi diferente do que o que previu?

P2 – Como eu não criei muitas expectativas, não encontrei grandes diferenças. Posso dizer que, ao chegar aqui, por exemplo, me senti acolhido! Um dos grandes *handicaps* que eu acho que os sacerdotes de Braga pensam tem que ver com as condições. E eu, por exemplo, não fazia ideia que vinha cuidar da roupa – quer dizer, fazia ideia porque estava nos procedimentos. Eu, no seminário, sempre cuidei das minhas coisas mas não a tanto pormenor! A lavagem da roupa nunca passou! Mas, no mês que eu estive aqui de transição, os outros fizeram e nós fazíamos também! Acho que há um trabalho de humildade, também, e que nos ajuda a reorganizar a nossa vida. E, depois, como dizia a equipa anterior, e eu acho que é um bocadinho isso, quem vem tem de ouvir e ver a experiência anterior e, a partir daí, fazer a sua experiência. Naturalmente que aqui temos várias possibilidades. Não tem de ser como os outros fizeram. Portanto, na transição entre equipas, sempre nos disseram "nós fizemos assim, agora, vocês fazem da melhor forma que acharem". E isso é também um trabalho grande – que é trabalho de equipa. Nesse sentido, o que eu queria dizer é que o que me ajudou foi, ao chegar a casa, sentir-me em casa! A casa tem as condições mínimas – não fazemos ideia de como é, apesar de quem está cá a descrever. Uma coisa é viver numa realidade, mesmo que seja uma realidade mais de interior – por exemplo, na nossa arquidiocese de Braga, normalmente, as nossas residências paroquiais têm mais do que o mínimo de condições... Como vinha de mente aberta para me adaptar, para uma ou outra dificuldade, acho que é isso: uma pessoa adapta-se. Depois, dentro do que há aqui, e olhando para a realidade à nossa volta, nós sentimos que, de facto, não nos falta nada! Nesse sentido, acho que é importante sermos comedidos na forma como vivemos com o povo para, também, não provocar. Não sei se provocaria ou não mas se eles não têm quase nada e nós, na nossa realidade, comparativamente com a deles, temos muito, temos de ter um bocadinho de cuidado. Nesse sentido, temos alguns resguardos. Aqui em casa é um espaço muito pessoal e o convívio com as pessoas não é propriamente aqui dentro, também por causa disso. Temos alguma coisa que pode servir de tentação para eles. A forma como estamos com eles lá fora, os objetos eletrónicos, convém ter algum cuidado para que não sejam uma tentação e, ao mesmo tempo, também, respeitar porque é uma realidade muito diferente. Então, não faz sentido termos atitudes quase exibicionistas – pode magoar-se as pessoas no sentido de dizerem "os missionários têm, nós nunca vamos conseguir ter"! Para mim, por um lado, isso tem sido um trabalho de humildade, de simplicidade, de deixar algumas coisas para trás, ainda nunca me tenha sentido muito materialista. Mas acho que esse será o grande desafio de quem venha para cá. Se calhar, para leigos e padres – que não deixam de o ser, às vezes dizemos "padres e pessoas", a capacidade de trabalhar a humildade e o desprendimento. Aqui não temos muita coisa que tínhamos lá, de conforto – coisas que não são essenciais mas ajudam a ter uma boa qualidade de vida. Se calhar, há muita gente que é capaz de não abdicar de muitas coisas que tinha e que aqui não vai ter. Mas isso, de facto, não é o essencial. Eu, quando entrei, pela primeira vez, na casa da Missão de Santa Cecília de Ocua, senti-me em casa. O espaço é agradável, temos o mínimo de condições. Temos de fazer coisas que em nossa casa não fazíamos e que lá na nossa arquidiocese não acontecem, como esta questão de termos de levar a água para lavar a louça dentro de casa, mas também recorda o tempo dos meus avós. Os meus avós tiveram de fazer isso. Recorda um bocadinho o passado da minha infância e a vida dos meus avós e dos meus pais. A grande dificuldade que pode acontecer é as pessoas terem um choque, sobretudo com as condições materiais e a dificuldade de se desprenderem e a humildade

de acolher as condições que temos. No fundo são boas, muito boas, comparativamente com as das pessoas que vivem aqui.

E – Já falou um pouco do que tiveram que ajustar, relativamente ao previsto, tem alguma coisa a acrescentar?

P2 – Eu acho que o que acontece é que nós – digo muitas vezes – nós padecemos e temos a vantagem de sermos um projeto ainda muito jovem. Nós temos dois anos. Não podemos ter a ambição de querer ter a mesma operatividade como quem já está aqui há muito tempo! Olhando para o nosso projeto, a maior parte das equipas missionárias que está cá aponta logo como dificuldade, pelo menos duas coisas: uma é a curta duração das equipas – mas somos a segunda equipa, pode haver uma equipa que queira ficar mais tempo, isso não está proibido nem sabemos se vai acontecer; a outra – a que se deverá olhar com atenção, que é a transição. Isto é, efetivamente, uma transição mais alargada poderia beneficiar o projeto. Por exemplo, se uma pessoa vier em janeiro e as outras duas em julho, ou de outra forma qualquer. Mas como disse, temos dois anos de projeto, nós ainda só fizemos uma transição. Na minha opinião, e apesar de ter sido eu a fazer a transição, até acho que correu bastante bem e, se calhar, se tivéssemos vindo os três poderia ajudar mais. Mas é como tudo, depende de cada elemento e da personalidade da equipa mas, por princípio, concordo com essa nota de que as equipas missionárias que estão cá dão. Realmente, a transição se fosse mais faseada ajudava. Talvez, até mais externamente. No fundo, a própria paróquia e os missionários, a própria diocese, iriam ter sempre aqui um elo de ligação, não mudava a equipa sempre ao mesmo tempo. Sendo assim, já sabemos, e volto a repetir o que disse, que a força do projeto *Salama!* é o próprio projeto, não são as pessoas. Então, o projeto está delineado e quem vem encaixa-se. Venham três, venham dois, venha um, encaixa-se e já sabe, mais ou menos, o ritmo. Naturalmente que, depois, é personalizado por quem vem. Mas há um ritmo que já está a ser construído e executado pelas equipas que foram passando por cá. Para mim, não é dificuldade - embora, se calhar, para algumas pessoas seja fazer um bocadinho cópia do que foi feito. Mas aqui, no momento, o essencial que a paróquia precisa é quase isso. Porque sabemos que para implementar um procedimento, para ajudar a criar um grupo, um ano, dois, três não chegam, Então, talvez o principal trabalho das equipas do projeto *Salama!* vá ser repetir os programas pastorais anteriores, com um ou outro ajuste, com um ou outro objetivo a colocar todos os anos mas repetir, insistir, para que as coisas possam entrar. E isso demorará quatro ou cinco anos. A equipa anterior – o [padre 1], repassou um pouco isso e concordo, perfeitamente! Nós, nos próximos quatro, cinco anos não precisamos de inventar muito mais. Nem podemos! Temos de ser realistas e insistir no mesmo porque demora quatro ou cinco anos a ser uma realidade estável. Então, sobretudo os dois objetivos, da formação da catequese e dos conselhos de assuntos económicos das comunidades e paróquia acho que são essenciais. Quem vier, para a frente, vai ter essa experiência. Ainda que as coisas já estejam a funcionar muito melhor, insistir. Porque, senão, depois, podemo-nos dispersar e perdermo-nos. Aqui já sinto essa dificuldade – o programa pastoral já tem muitas metas, muitas linhas de ação, ainda que seja para três anos, e já tenha algumas comissões a funcionar bem. A nível diocesano estão a insistir connosco para fazer e não sei até que ponto é bom porque ainda não temos umas a funcionar e as pessoas também não são muitas. As pessoas a quem podemos pedir serviços ministeriais não são muitas. Se as começamos a sobrecarregar podemos perder o objetivo principal, que é de facto a formação e a capacitação das pessoas.

E – Qual é que é o seu trabalho no projeto *Salama!*?

P2 – Eu, enquanto pároco, sou pároco de uma comunidade como era em Portugal. Tenho de

presidir a um conselho de assuntos económicos, tenho de animar a pastoral, tenho de fazer um trabalho de agenda. Sabendo de antemão que como a paróquia está num recomeço, digamos assim, numa reorganização, numa aprendizagem de muitos pontos, o pároco tem de fazer um trabalho mais de formação, juntamente com a equipa missionária, do que um trabalho como, por exemplo, o que eu tinha nas paróquias de Famalicão onde já havia muitas coisas que estavam assumidas. No entanto, no fundo, aqui o trabalho é esse: de pároco e de pastor. Tendo claro que aqui em Santa Cecília de Ocua como em Famalicão, como em todo o lado, em Braga e em Moçambique, nós não podemos formar cristãos se não atendermos à pessoa. Há algo que é paralelo. Nós, aqui, ajudamos as pessoas na área da saúde – muitas vezes ajudamos ou vamos levar ao hospital, em situações mais complicadas. Procuramos capacitar as pessoas para as suas decisões na sua vida cívica, na educação. Naturalmente que aquilo que nós vamos procurando ajudar as comunidades quando as vamos visitar parte também sempre da sua realidade socioeconómica. Porque somos cristãos, porque somos católicos, é muito importante que saibamos atender, ajudar, pôr o cunho de Jesus Cristo aqui. Portanto, não difere muito do trabalho que fazia enquanto pároco. Naturalmente, difere porque a vida é muito mais tranquila, enquanto que no contexto da arquidiocese de Braga os horários, a responsabilidade, a multiplicação de reuniões e de celebrações está muito presente. Quando eu tinha três paróquias naturalmente – uma delas era cidade, celebrava, de quinze em quinze dias, quatro celebrações ao domingo. Aqui, é uma celebração ao domingo. É verdade que tenho uma paróquia, mas é verdade que aqui nós beneficiamos da dimensão ministerial da Igreja estar já bastante bem implementada. Não precisa de muita formação, precisa de reorganização mas está muito bem implementada. Então, cada comunidade tem a sua celebração da palavra. Enquanto equipa missionária, e eu enquanto pároco, normalmente, celebro aqui na Sede. Se não celebrar na Sede, alguém faz a celebração da palavra e eu vou celebrar a outra comunidade. Por uma questão de organização, por uma questão de realismo, habitualmente, só fazemos uma celebração e é sempre muito cedo. Depois, se formos visitar a comunidade, essa visita começa por as pessoas nos acolherem, fazemos um espaço de confissões antes da celebração, temos a celebração. No final da celebração, pode haver um espaço mais de acolhimento. O grupo de jovens faz, por exemplo, uma exibição de uma peça de teatro, algumas canções… Tentamos fazer uma assembleia da comunidade, que é quando conversamos com os responsáveis da comunidade e, depois, no final há almoço. Depois, regressamos. Algumas comunidades são aqui muito próximas da Sede, algumas são longe! Então, o próprio ritmo das comunidades não ajuda a que se faça uma celebração de tarde - algumas pessoas podem ser de mais longe. Então, tudo se concentra no início da manhã e é por isso que, habitualmente, é só uma celebração. Mesmo que nós façamos uma visita a uma comunidade num dia da semana, começa muito cedo – que é o ritmo que as pessoas têm, para tudo ser organizado durante a manhã. No final da manhã, já vão para as suas casas, para a sua vida e nós regressamos!

Para além do trabalho que temos da paróquia, procuramos, também, agilizar essas visitas que é uma forma de, por um lado, as comunidades terem a celebração da eucaristia – não é possível fazer uma por ano para todas as comunidades, por outro, conhecer no terreno cada realidade e ouvir da boca das pessoas as suas preocupações, as alegrias e mostrar que há uma equipa missionária.

Depois, dentro daquilo que já falei, a aposta, este ano, é continuar aquilo que foi feito o ano passado que é a formação para os conselhos de assuntos económicos. Nesse sentido, temos, ao longo do ano, duas reuniões descentralizadas. Em vez de chamarmos as pessoas aqui, a paróquia está dividida em três centros de formação. A equipa vai aos centros e, em três encontros, abrangemos a paróquia toda. Na formação de catequistas, sim, faz-se aqui porque temos programados três cursos de iniciação para catequistas, que decorrem durante a semana. Chamamos os catequistas – este ano, dividimos esses cursos também pelas três zonas: o primeiro curso será para uma zona, o segundo para outra e o terceiro para outra. Teremos a capacidade de

receber à volta de trinta pessoas, por cada curso, para formar na catequese. O ano passado acontecerem os três. Foi direcionado de outra forma mas a ideia é proporcionar a toda a gente, à paróquia, a todas as comunidades. Ao ser aqui na Sede, é onde temos condições para as pessoas. Vêm, ficam cá, têm alojamento e, durante todo o dia, a formação – de segunda a sábado, terminando no domingo com a Eucaristia de envio, por assim dizer!
No fundo, posso dizer que a nossa semana é relativamente tranquila. À quinta-feira temos dia de atendimento, por orientação para as comunidades - nesse dia, por norma, a equipa missionária está cá, da parte de tarde temos a oração do terço e Eucaristia. Ao domingo, também, habitualmente, temos a Eucaristia aqui na Sede. Segunda-feira é, por norma, um dia livre, não temos nada marcado. Sem ser fechado, do que já vimos do ritmo semanal que podemos ter, a terça e a sexta-feira seriam os dias para fazer visitas às comunidades e o domingo, quando não celebramos aqui na Sede. Quarta e quinta-feira seria mais para estar por aqui, por exemplo da parte da manhã, é quando está concentrado o atendimento das mamãs que vêm buscar o leite, no projeto do aleitamento, e a semana está feita! O sábado é por aqui. Normalmente, a catequese decorre às segundas, terças e sábados mas está coordenada pelos catequistas – foi assim no ano passado, este ano, ainda vamos ver como é que as coisas acontecem. Então, a nossa semana é um pouco assim. Depois, vamos adaptando - já temos este esquema no sentido que vamos concentrando nos outros dias e deixando, por exemplo, a terça e a sexta e, eventualmente, a segunda, para as tais saídas às comunidades. Assim, vamo-nos organizando. Neste momento, como é tempo de trabalho nas *machambas*, nas sementeiras, temos estado mais por casa. Estamos em janeiro, fevereiro e foi tempo, também, de trabalhar o programa pastoral paroquial, a partir do programa diocesano que recebemos e, a partir de agora, executar.

E – E acha que este trabalho é o mais adequado ou acha que poderia ser algo diferente, conhecendo já um pouco da realidade?

P2 – Eu, acho que o que pode acontecer é: neste momento, o projeto *Salama!* já tem uma capacitação, porque teve uma equipa cá que já regressou a Portugal, para a execução de diferentes projetos. Sabendo de antemão que as equipas que mandam para aqui têm de vir de espírito aberto e para fazer tudo, não sei se, no futuro, não pode ser possível, por exemplo, direcionar a partir da formação os próprios voluntários para algo mais concreto. Porque, por exemplo, este ano, uma das conclusões a que nós chegamos – e isto depende muito da forma como cada um vê o trabalho de equipa, é que nós não conseguimos chegar todos a tudo! Se, efetivamente, temos alguém que está formado na área de educação pode-se partir do princípio que essa pessoa vem para cá trabalhar muito nessa área. Ainda que isso não queira dizer que não possa fazer de tudo um pouco e não possa ajudar na formação da catequese, que quando falámos em educação não me referia a educação religiosa. Então, para mim, a mais-valia é a partir da formação e da equipa que está a coordenar o CMAB, em Portugal, ir orientando e direcionando. Não fechando porque depois há a realidade. A equipa pode chegar aqui e chegar a uma conclusão completamente diferente. Mas ainda temos de ir mais atrás um pouco, que é depende de cada voluntário. Esse é, talvez, o grande desafio que é preciso o CMAB trabalhar - nos seis meses é muito difícil compreender como é aquele voluntário, quais são as suas expectativas e, depois, formá-lo. Portanto, se calhar, algumas pessoas poderiam fazer dois anos de formação, ou haver aqui um trabalho diferente! Isto, de ano para ano, vai funcionando e, depois, depende muito de como as pessoas conseguem executar, dependendo daquilo que foi a sua formação e do que é a sua forma de ser. Acho que é muito interessante o calendário que foi feito e que, agora, de certa forma, está a ser revisto porque já está tudo executado - pelo menos, as principais coisas, o que está lá têm de ser os extras que a equipa *Salama!*, que está em Ocua, está a fazer. O principal é a pastoral, a partir daí, podem-se fazer outras coisas. Naturalmente que se pode chegar ao momento em que há uma pessoa que não

está propriamente dirigida para a pastoral, em que faça um apoio e esteja dirigida para um outro projeto. Por exemplo, este projeto da machamba precisaria de uma pessoa a tempo inteiro. O projeto da *escolinha*, provavelmente, precisará de uma pessoa a tempo inteiro. Outros projetos... Quer dizer, pode vir alguém da equipa em que fique a colaborar muito mais diretamente com a diocese. Que seria o caso do que se aconteceu com [o voluntário 2] e [o voluntário 3]: "como sois arquitetos podeis ajudar a diocese em algumas sobras" – só que, depois, as coisas não se operacionalizam!
De qualquer das formas, eu acho que a mais-valia, e é preciso incutir em todos, é a polivalência. Eu sou padre e não tenho problema em pegar numa vassoura, lavar a louça e ter de fazer aquilo que tiver de fazer! Claro que há coisas que tenho mais dificuldade. Na nossa equipa, na área da saúde não tenho feito muito. Não é que tenha muito jeito para isso mas, quer [o voluntário 4] quer [o voluntário 3], se dispõem muito para isso. Por outro lado, a pastoral tem ficado muito mais comigo, porque eles não têm grande experiência nesse lado! Aí, é perfeitamente possível, não há problema nenhum porque um sacerdote consegue-se ajustar. Agora, tem de ficar claro que – e ao longo do tempo vai-se clarificando, por exemplo, nestes cursos de catequese, uma pessoa sozinha não consegue. A grande vantagem que temos é que as comunidades religiosas que temos aqui, as paróquias vizinhas e o trabalho, também, que se pode fazer na zona pastoral. É uma coisa que aqui está a começar – a diocese tem noção disso, o D. Luiz também, que é esta interajuda entre as equipas missionárias em todos os âmbitos. No âmbito de acolhimento e no âmbito humano-missionário, chamemos-lhe assim, somos muito jovens e não temos experiência missionária e quem cá está já tem experiência missionária e, depois, também no âmbito pastoral. Nesse sentido já existem, por exemplo, encontros quase trimestrais ou bimestrais da Zona Pastoral do Centro. Nesses encontros temos de ter a capacidade de falar, de pedir, de colocar dúvidas, de pedir ajuda! Ainda agora que foi o dia dos consagrados, lancei o desafio à reunião da Pastoral do Centro e houve uns passionistas que estão no Metoro e as salesianas que estão em Chiúre vieram cá animar o dia! O ano passado isso não se fez! É uma novidade, relativamente ao ano passado mas foi uma coisa que lembrou, propusemos e, se calhar, esta proposta que eu fiz, para o ano vai despertar que estes missionários que já estão cá há mais tempo dinamizem uma coisa diferente aqui nas paróquias da região Centro. Não temos de estar sempre à espera que venham trazer as coisas, temos que ir desafiando um pouco. Se calhar, isso depende de mim, que tenho muito mais experiência pastoral que a restante equipa missionária. Outras coisas, eu tenho de saber aprender com eles e apoiá-los, por exemplo, no que diz respeito ao apoio na saúde, no apoio à comissão da mulher e outras dinâmicas para as quais não estou tão sensibilizado e eles estão mais.

E – Há algum trabalho previsto que acha que não foi realizado? Dentro daquilo que conhece do projeto?

P2 – Eu acho que não. Efetivamente, a vantagem do nosso projeto é a abertura! Nós não viemos com metas muito fechadas porque, também, não se podem ter aqui. Nem em Portugal quanto mais em Moçambique! Naturalmente, temos alguma limitação aqui na casa e no acolhimento de missões de curta duração. Mas eu não sei até que ponto, quanto tivermos missões de curta duração, uma equipa missionária de três pessoas tem capacidade para coordenar tudo isto. Neste momento, parece-me que uma equipa missionária com três pessoas consegue agilizar a pastoral do dia-a-dia de uma paróquia e tudo o resto, problemas de acompanhamento de saúde, um ou outro projeto, na coordenação com a diocese. Tudo o que seja para além disso, como as missões de curta duração, exigirá, talvez, outra logística que não seja somente dependente e articulada com a equipa missionária.
Relativamente aos projetos, como digo, quando nós viemos para cá, eu não fiquei com a ideia de que havia algum objetivo. Havia algumas linhas. Nós queríamos abrir a escolinha mas não quer

dizer que fosse a nossa equipa. A escolinha é um objetivo e, portanto, como digo, convém capacitar-nos de que é necessária. Até porque se nós não a abrirmos pode ser aberta pelo Governo e perder-se uma oportunidade na paróquia. Mas, também, não vale a pena dar um passo maior que a perna. Se não tivermos capacidade para abrir uma escolinha e, sobretudo, para a manter – para não a abrir e fechar depois de algum tempo ou abrir e ter problemas! Tem de haver uma coordenação muito grande entre a equipa que está cá e a coordenação na arquidiocese de Braga. Neste momento, como digo, acho que tem uma grande vantagem que é: teve uma equipa que esteve cá, no terreno, e conhece a realidade. A realidade não vai mudar dentro de três, quatro, cinco anos. Portanto, quem está a coordenar, nomeadamente, o [padre 1], com a opinião d[o voluntário 1] e d[o voluntário 2], eventualmente, quando voltarmos, pode dar algumas dicas que ajudem quem está no terreno e está ainda a conhecer e não tem um contexto tão abrangente como quem esteve cá um ano ou mais tempo. Neste momento, o projeto *Salama!* tem a vantagem de tudo o que se tem proposto fazer, estar numa linha de abertura. Neste momento, acho que sim, a escolinha terá de estar como uma prioridade – ainda que a médio, longo-prazo, porque nos apercebemos que não é tão simples quanto isso abrir, e outra, com a qual conseguiríamos ajudar muito a transformar a face da economia de Mahipa, seria a *machamba.* Mas que me parece que ultrapassa muito aquilo que são as nossas capacidades enquanto equipa pastoral. Nós não entendemos a forma cultural e tradicional de fazerem e trabalharem a *machamba.* E é muito fácil dizer que se fazia uma cooperativa e começava a funcionar bem mas não sei se entendem o que é trabalhar em cooperativa e se sabem trabalhar em cooperativa. Pelo que vejo, também em Portugal, muitas vezes, as cooperativas dão grandes problemas!

E – Por acaso, acho que têm alguma experiência de trabalho em cooperativa. Mas não será da mesma forma que em Portugal.

P2 – A minha dúvida é entregar, diretamente, por exemplo, a um grupo deles? Ou estar alguém aqui, dois, três anos e trabalhar com eles a cooperativa e, depois, começar a passá-la para eles? No fundo, nós estamos a fazer isso. Os responsáveis do conselho económico, com a equipa missionária, escolheram três pessoas do grupo todo para fazer de elo de ligação. Porque, por exemplo, o conselho económico não tem terreno lá e não vai andar no terreno. Então, quem está no terreno que vá acompanhando. Só que isto precisava de ser uma coisa quase diária, no sentido de incentivar. O que nós temos tentado fazer não tem funcionado muito bem porque as pessoas não vêm às reuniões, ainda não assinaram todos os contratos... Como na *machamba* choveu muito, cresceu muito capim e está a estragar as sementes, apercebemo-nos de que algumas pessoas não estão a cultivar a *machamba* porque primeiro foram cultivar outras *machambas* e depois é que vão cultivar esta e a ideia era cultivar e primeiro aqui. Mas isso tem uma lógica – eles vão primeiro para a que está longe e, depois, no fim, como é mais fácil, trabalham a que está perto. Enquanto o técnico da agricultura distrital quer incentivar as pessoas a começar por aqui, no sentido de que, de facto, há um terreno muito grande e isso incentiva a um trabalho mais comunitário. Mas isso, enfim, é uma limitação. Pode, por exemplo, acontecer que um dos membros da equipa missionária tenha mais conhecimentos de agricultura e se consiga envolver e apoiar mais concretamente. Neste momento, não temos! E há uma questão que é a económica, que a equipa missionária, no fundo, ajudou e o projeto *Salama!,* porque a paróquia não tinha capacidade para lavrar o terreno. Foi uma coisa feita a meias com o projeto Salama! – e é para isso que também estamos cá, para ajudar, para apoiar! Está na mensagem da Quaresma a falar que a parte do contributo penitencial será para a paróquia de Santa Cecília de Ocua para ajudar a capacitar nas estruturas no apoio à pastoral. A *machamba* é uma estrutura e um apoio à pastoral.

E – Passando para outra área, que é a dos resultados do projeto, considera que o trabalho que

realiza contribui para o desenvolvimento da diocese de Pemba, nomeadamente, desta paróquia? Porquê, a que níveis e se é possível quantificar este trabalho em termos de desenvolvimento?

P2 – Eu acho que estamos cá para contribuir para esse desenvolvimento. Sem dúvida que ter aqui uma equipa missionária é muito diferente de ter uma pessoa que é responsável paroquial. Como dizia no início, efetivamente, a diferença que eu posso fazer enquanto padre é celebrar a Eucaristia e o sacramento da reconciliação. Porque, tudo o resto, eles fazem melhor do que eu!
Se nós podemos contabilizar? Acho que sim. Podemos contabilizar algumas melhoras como, por exemplo, a participação nas reuniões; o número de pessoas que vão participando nas formações - que não sabemos qual é mas aumenta de ano para ano... Este ano, por exemplo, aumentou a assinatura da revista "Vida Nova", que é única revista que existe de formação/ informação na área católica, em Moçambique, em 20 ou 30 assinaturas. Portanto, há pequenos passos que se notam, ainda que, às vezes, fiquemos com a sensação de que, se nos formos embora, terão muita facilidade em voltar ao que era antigamente. Então, o grande desafio passa por nós conseguirmos ajudar, efetivamente, a capacitar as pessoas. Sabendo que essa capacitação não se faz num ano nem em dois. Portanto, é um trabalho a médio e longo prazo. São muito importantes os números, até para nós termos uma capacidade de comparação. Por exemplo, participei pela primeira vez na assembleia diocesana, que é de três em três anos, e uma das notas que deixei foi: seria muito importante essa capacidade de contabilizar - porque falaram de vários itens na diocese e foi por alto. Temos várias paróquias que têm assembleia, que têm adoração eucarística, temos algumas paróquias que têm CAEP, há coisas que são contabilizáveis. Então, com a ajuda da coordenação do CMAB, nós poderíamos criar uma grelha, por exemplo. Ou, então, fazer essa recolha de números que nos permitam, em alguns itens, fazer a comparação de ano para ano. Como a questão da formação dos catequistas, que é relativamente fácil – ainda que os cursos estejam dimensionados para um número limite, que é o exequível! Mas, é verdade que, desde que a equipa missionária chegou, já cresceram algumas comunidades. Por exemplo, desde que chegou a equipa anterior e esta já foram divididas duas ou três zonas. Portanto, foi uma zona e, agora, há duas zonas ou, pelo menos, mais uma zona que vai ser dividida. Nós recebemos 16 zonas, agora já são 17 e, em princípio, a próxima equipa vai ter 18 zonas. A equipa anterior fez um trabalho, que era um sonho anterior e tem que ver com a diocese, de ajudar a comprar um terreno onde nascerá uma futura paróquia. Portanto, há todo um trabalho que está a ser feito! É lento! Quem está mais a coordenar desde a diocese, deverá tentar fazer uma coisa mais científica onde se possa numerar coisas concretas para que daqui a cinco anos consigamos ter números. Se calhar, será mais fácil, cada ano, o relatório ajudar a fazer isso – responder a um relatório, que é da equipa missionária, do que daqui a cinco anos termos de ir buscar os arquivos e contabilizar os números. Mas, sim, decididamente, sim, a presença de uma equipa missionária e do projeto *Salama!*, estou convencido que ajuda e estou convencido, tenho esperança, que daqui a 10 anos a paróquia consiga ser autónoma. É, talvez, a maior batalha porque as questões de dinheiro são muito desafiantes. Se os CAEP funcionarem, se as comunidades contribuírem - e há zonas que trabalham melhor que outras, a paróquia vai conseguir ser autónoma. Isso vai permitir que, no futuro, se possa entregar a paróquia à diocese. Quem vier, seguindo a linha do trabalho que foi feito, e se as pessoas estiverem capacitadas e se conseguirem segurar, manterem-se firmes, a paróquia vai ter essa autonomia. Por exemplo, desde que estamos cá, já houve umas mudanças de *zonais* – que são estas pessoas que fazem a ligação direta com a equipa missionária. Isso aconteceu não propriamente por influência da equipa missionária mas, em coordenação com a equipa missionária, puseram a funcionar aquilo que é o sistema da força da assembleia da comunidade. Por exemplo, o *zonal* tem de ser uma assembleia de zona, onde chegam à conclusão que o *zonal* precisa de descansar, já não consegue cumprir a sua tarefa ou até está doente, e eles próprios coordenam a apresentação de candidaturas de outras pessoas nessa zona e, depois, é a eleição. A

equipa missionária vai apoiando e vai, depois, recebendo. Tudo isso não acontece sem passar pelo conselho pastoral, quer para reportar o que foi feito quer para o conselho pastoral mandatar a zona, ou aqueles *zonais*, para irem ter com um *zonal* e resolver a situação. Depois, no conselho pastoral seguinte - que, neste momento, ainda não é um conselho pastoral efetivo mas que funciona com as premissas do conselho pastoral, decide-se. Portanto, tudo isso, antes da equipa missionária e o projeto *Salama!* estarem aqui, não existia. Já existiu, já funcionou mas, depois, por diversas circunstâncias, sobretudo por não haver uma assistência de um pároco, algumas coisas foram-se perdendo! Ainda que seja preciso valorizar muito o trabalho da pessoa que esteve cá, do paroquial – que até é uma experiência a aprender na nossa diocese; a paróquia não deixou de ter a cura pastoral e quem estava a coordenar era um casal de leigos.
Voltando a tentar responder à pergunta, a presença do projeto *Salama!* aqui é positiva. Penso que poderá trazer bons frutos para a animação missionária. Mas, continuo a dizer, mesmo nos 10 anos em que está assinado o protocolo, a nossa grande tarefa será, sobretudo, semear bem! E, eventualmente, nestes 10 anos, vamos ver um pouco do caule. Talvez não vamos colher frutos. Vamos colhendo frutos imediatos. É verdade que nós temos uma ou outra pessoa, uma série de pessoas que trabalham bem, que são colaboradoras mas isso fica abafado no meio da grandeza da paróquia. Mas já conseguimos apontar números e projetos que estão executados desde que a equipa chegou! Por exemplo, o posto de saúde. Foi um objetivo do projeto *Salama!* e, no final do primeiro ano, estava concretizado. O que não é tão pouco porque é muito significativo para estas aldeias terem um posto de saúde. Depois, o seu funcionamento e tudo o que está à volta dele, já não depende só de nós. O lavrar da *machamba*, que foi algo a que a equipa se propôs no ano passado, foi concretizado este ano. Portanto, há coisas muito concretas que conseguimos contabilizar. Se calhar, cabe-nos fazer uma grelha, até para autoavaliação, para ir apontando essas coisas.

E – Considera que o trabalho que realiza contribui para o desenvolvimento missionário da arquidiocese de Braga, porquê e a que níveis?

P2 – Esse é um grande desafio porque continuo com a sensação de que a grande maioria da arquidiocese de Braga ainda não está a abraçar este projeto. Mas tudo o que disse, anteriormente, vale também para a arquidiocese: é algo recente, é algo jovem, tem dois anos. Tenho esta sensação do lado de cá e de quem está ligado a mim. Naturalmente que as pessoas das paróquias onde eu trabalhei, da minha paróquia, da minha família, dos meus amigos, se empolgaram com este projeto. Claro que isso faz com que outros se possam empolgar. Tenho a sensação de que, como já há uma equipa que esteve cá, voltou e já dá testemunho, o projeto está mais abrangente. Acho que temos de voltar a insistir e, se calhar, não é preciso fazer muitas coisas novas. É insistir dentro daquilo que já se fez há dois anos e este ano. Por exemplo, o projeto de apadrinhamento de catequistas que, do ano passado para este ano já teve um aumento, tem que ver com isso, com as pessoas perceberem as melhorias. A melhoria que conseguimos fazer este ano de comunicação e de mostra do que se vai fazendo aqui mas, o segredo, como em tudo, é o passa-a-palavra. Portanto, a equipa do CMAB e do *Salama!*, que esteja em Portugal, vai ter que batalhar muito e voltar a insistir, divulgar e falar. Para além de utilizar os meios gerais, utilizar muito o passa-a-palavra. Se calhar, vai ser preciso falar diretamente com alguns párocos ou arciprestados. Não sei até que ponto não seria bom ir escolhendo os arciprestados – que é o isso que se está a fazer, onde se faz a ação missionária para ficarem mais sensibilizados. Num ano, apostamos num arciprestado, no outro noutro arciprestado onde se vai fazer a ação missionária da Semana das Missões. Ao fim de dez, quinze anos passar nos arciprestados todos.
Acho que sim, que as pessoas estão mais sensibilizadas mas, como digo, o meu leque de observação está um pouco limitado porque é limitado às pessoas que convivem comigo! Que é

verdade que, antes, não estavam sensibilizadas para o projeto e que agora estão porque eu estou cá. Sinto que ao voltar, onde quer que esteja, serei, também, um divulgador deste projeto. O que poderá ser mais credível, mais fácil, porque estive cá, apesar de antes já o divulgar e partilhar sem estar aqui. Aí, entramos num campo que é muito difícil porque tem que ver com a adesão pessoal de cada um, seja padre ou seja leigo. As pessoas podem conhecer – e acho que não falta divulgação porque o CMAB divulga, envia *emails*, envia cartas, informação, mas recebem muita informação! Então, acho que devemos continuar a apostar nos arciprestados, nos sacerdotes e, depois, tentar a equipa missionária arciprestal, paroquial, os catequistas – que são um grupo muito grande e sensível a esta área. Para mim, o principal seria, de facto, a divulgação do projeto, o conhecimento do projeto. A partir daí, tudo o resto acontecerá: o apoio, mais material ou mais humano. Se as pessoas não conhecem, vão continuar a dar a outros projetos que existem, que são válidos, mas podiam ajudar mais o da sua arquidiocese – que já existe e é muito concreto.

E – Considera que o *Salama!* contribui para uma efetiva cooperação missionária para o desenvolvimento entre as duas dioceses?

P2 – Sim, acho que sim. A ponte está estendida. A verdade é que, em dois anos, fazer o que já fizemos é muito bom! Termos, por exemplo, já concretizado a abertura do posto de saúde com duas equipas missionárias com dois sacerdotes e quatro leigos; o arcebispo de Braga ter vindo visitar a paróquia, o bispo da diocese de Pemba ter ido visitar a arquidiocese de Braga, havendo esta possibilidade de dois seminaristas irem para o seminário de Braga - que era um dos objetivos; ao fim de dois anos, é muito bom! Agora, temos muitas outras coisas! Esta visita da equipa coordenadora e da comunicação social da arquidiocese de Braga, ao projeto, vai abrir outras perspetivas. Porque, por exemplo, sabendo que é difícil enviar para aqui gente, todas as congregações que temos aqui, ou os projetos que visitámos, estão muito abertos a receber voluntários por curta duração. Sem perdermos o objetivo principal que é a paróquia de Santa Cecília de Ocua, e uma missão de média-longa duração, poderemos abrir uma derivação – à qual não conseguimos responder, neste momento, que é a missão de curta duração. E, então, nós sermos gente que seleciona e depois encaminha para projetos da gente que já está cá. No momento, não temos capacidade mas reaproveitar essa gente. Essa gente, depois de fazer a curta duração, até pode animar-se e vir para a longa duração para a paróquia de Santa Cecília de Ocua. Penso que isso é mais fácil, neste momento, de concretizar - sermos uma plataforma de apoio e de criar parcerias com as congregações que estão cá, do que nós criarmos estruturas e condições para termos a curta duração. Nesse sentido, já está outro elemento da cooperação missionária. Penso que tem mais-valia – e isto é falta de humildade, o nosso projeto, que é arquidiocesano de Braga, do que os outros projetos que estão cá. São todos, ou congregações missionárias - que é o carisma deles, ou então, por exemplo, um projeto muito interessante, também, que pode servir de inspiração para Portugal, para a Conferência Episcopal, que é o Regional brasileiro – são quarenta dioceses que se juntaram e enviaram para cá missionários. Mas isso, é uma estrutura muito maior que uma diocese estar a agarrar uma paróquia, estar a agarrar este sonho, que se vai concretizando, de a paróquia de Santa Cecília de Ocua ser a paróquia 552. Acho que já se pode dizer isso, ainda que possamos chegar a uma altura e não ter equipa missionária para enviar. Mesmo assim, não vai deixar de haver esta ligação. Sem dúvida que a cooperação missionária está muito presente. Por exemplo, a concretização que fizemos dos presentes solidários. Todos os projetos a que nos temos proposto têm sido concretizados. Agora, há muito para fazer e acho que ninguém vem para cá convencido de que vai fazer tudo!
Mas, sim, vê-se muito bem essa cooperação em tão pouco tempo e com a particularidade de não ser um conjunto de dioceses, de não ser uma congregação, não é alguém de carisma diretamente missionário. São arquidiocesanos de Braga – que é uma realidade completamente diferente, que

se propuseram a cumprir um projeto e ele está a ser cumprido.

E – Em termos de futuro, o que é que considera essencial realizar, no que depende de si e relativamente ao *Salama!?*

P2 – O futuro será, mais do que nunca, bem alicerçado no passado. Porque, como o projeto foi apresentado em 2015, foi assinado o acordo, ainda está no início. Portanto, não vale a pena procurar nada de novo. Tudo, esse levantamento, tem de ser sempre reavaliado e procurar concretizá-lo. Depois, naturalmente, quem está cá, até pela sua personalidade, a sua especificidade, pode ter uma ou outra situação pontual. Mas, no fundo, o que eu acho é que devemos estar conscientes de que o nosso trabalho é de médio-longo prazo. Então, todos os anos vamos repetir. Vamos repetir seja formação, seja capacitação. Ninguém fica capacitado num ano, em dois, em três. Então, ter essa consciência, todos os anos conseguir fazer uma avaliação boa e conseguir passar essa informação para todo o projeto, para quem vem para cá, quem está lá. Havendo novas oportunidades, havendo alguma parceria que surja e possa abrir novos caminhos não as enjeitar.
Para mim, o futuro, sem ser estar agarrado ao passado, é construir os alicerces. Estamos ainda na fase da sementeira – acho que é uma imagem mais bonita. Temos de fazer uma boa sementeira. Essa sementeira vai legar talvez os dez anos, realisticamente. Depois, o contrato pode ser renovado. Então, não será fazer nada de muito novo nem de extraordinário mas é concretizar. Também acho que há um desafio grande, a questão das obras. De facto, fazem falta! Mas não sei até que ponto não vão limitar muito o trabalho da equipa que as tiver. Primeiro, não é nada bom estar em casa e ter obras e, segundo, as obras aqui precisam de ser muito acompanhadas. Há dias falava, em Pemba, com o Padre Edilberto, que está a fazer obras, e ele diz que não há hipótese, que temos de estar lá a acompanhar muito. Claro que não vamos deixar de fazer a pastoral mas é mais uma carga para quem apanhar as obras. Apesar de as obras de que precisamos aqui não me parece que sejam extraordinárias, até são capazes de ser rápidas. Quem estiver aqui, estando de espírito aberto consegue executar tudo o que há para executar. Não indo mais depressa vai mais devagar e, naturalmente que, o espírito de grupo é fundamental ou ajuda muito a que as coisas corram mais facilmente e não haja mais dificuldades.
Nesse sentido, voltando à pergunta, acho que não há nada de novo a não ser ler bem o projeto inicial e procurar concretizar aquilo que foram as linhas, os objetivos, as possibilidades que foram identificadas no início. E ter noção de que temos dois anos no terreno e que somos uma criança que ainda está a gatinhar. Isso também é muito importante. Não podemos almejar fazer como uma congregação que está cá há cinco, dez anos e perceber que nós não somos uma congregação. Não temos as estruturas que tem uma congregação, não temos estruturas missionárias. Somos uma diocese que, mesmo assim, já tem um *background* muito bom e um trabalho muito interessante. A partir daí vai depender muito das pessoas e das equipas que tivermos aqui. Porque pode estar tudo preparado e, depois, não conseguirem ou podem estar cá e conseguirem ir além do que estava previsto. Portanto, o projeto está sempre em aberto, tendo um alicerce seguro. A partir daí, conseguimos movimentar mais para um lado ou para o outro. Vai-se crescendo.
Acho que não há nada de novo, a não ser o reforço. Uma coisa que dizia ao D. Jorge, acho que seria bom, por exemplo, estarem cá dois sacerdotes. Mas isso também dependerá muito das pessoas e, se tiverem dificuldade de trabalharem em conjunto, pode não ser bom. Mas ajudaria no sentido em que as visitas às comunidades e a animação pastoral poderia ser mais efetiva. Mas, uma equipa missionária de três pessoas é perfeitamente razoável para a pastoral que Santa Cecília de Ocua tem. Tendo mais gente, quer sacerdotes quer leigos, no fundo, se o trabalho feito por três for feito por seis, multiplicam o trabalho por dois. Em vez de uma visita, fazem duas; em vez de fazerem um curso fazem dois. Naturalmente que, quanto maior a estrutura, haverá outras coisas.

E aí, cabe a quem está a coordenar, pensar bem se vale a pena alargar muito ou não e ir devagarinho. Neste momento, o nosso ritmo é este. Então, vamos sedimentar, fortificar, vamos para a frente e logo se verá.
De resto, acho que, talvez, o que precisemos é de continuar a sensibilizar a arquidiocese de Braga. Nesse sentido, as visitas mútuas têm ajudado. Foi bom para a equipa missionária que está cá mas acho que foi muito bom, também, para o D. Jorge ter feito a visita ao terreno. Não digo todos os anos mas, sempre que possível, a equipa do CMAB devia fazer o esforço – como fez este ano, de trazer um membro ou coordenar as coisas para vir um membro da equipa da comunicação. Ter como objetivo todos os anos enviar cá alguém da arquidiocese. Talvez procurar, se possível, agendar o programa para que quem vem possa fazer alguma formação cá. Mesmo que seja um dia de formação vale a pena. Para o ano, se se chegar à conclusão que conseguimos mobilizar a Cáritas, ou o departamento da catequese, ou qualquer que seja o departamento, acompanhar alguém... Todos os anos deveria vir alguém. Se não vier o bispo titular porque é que não vem o auxiliar ou o vigário paroquial? Coisas que aqui se falaram que poderiam ser interessantes, que estão no projeto ou, pelo menos, em ideia, e que é, por exemplo, o intercâmbio que tem que ver com as missões de mais curta dimensão, conseguir mobilizar algum padre de lá que venha fazer as suas férias cá e que troca com um padre de cá. Isto é uma estrutura que precisa de ser montada, bem pensada, porque implica despesas e, no fundo, seria um pouco férias-trabalho mas era interessante. Quem diz um padre diz um grupo de leigos mais empenhado. Mas esta visita que acontece agora acho que devia entrar quase como obrigatória todos os anos. Uma espécie de visita quer da equipa CMAB – não tem de ser sempre a coordenadora, quer de alguém de algum secretariado, de algum departamento. Aí, acrescentava um bocadinho mais: combinado com tempo pode-se juntar alguém e partilhar experiências, fazer uma reunião, um dia de formação. Porque a pessoa que vier cá, naturalmente que, vai olhar para o projeto *Salama!* já com outros olhos. E não sairá daqui sem levar alguns compromissos para, a partir de lá, se envolver. Por muito que daqui ou lá se diga aos escuteiros, catequese, que temos o *Salama!*, apoiem, etc. outra coisa é trazer cá. Por exemplo, o contacto com os escuteiros será um passo. Já se começou aqui, com a visita da comunicação social, agora, é escolher outros e trazê-los cá, sempre que possível.

E – Obrigada!

P2 – De nada!

2.5. Entrevista ao voluntário 1 (V1)

E – Como é que surgiu esta ideia de integrares um projeto de cooperação missionária?

V1 – Sempre tive o desejo de fazer uma missão, quer fosse do âmbito missionário, mais ligada à Igreja, ou então mais ligada à saúde em específico sem qualquer outro tipo de cooperação para além da área da saúde, ou mesmo de educação. Sempre tive isso dentro de mim e fui procurando, também, outros projetos a nível social. Mesmo em Portugal, fui integrando. Entretanto, os meus dois párocos tinham feito a missão durante dois anos em Moçambique, no mesmo sítio para onde eu fui. Ao ouvir aquelas histórias, o meu entusiasmo cresceu ainda mais! Formei-me, tirei a licenciatura. Entretanto, tive uma oportunidade de ir para Moçambique, após o término da minha licenciatura. Entretanto, também, chamaram-me para ir trabalhar para Londres – já me tinha candidatado. Talvez não fosse a melhor a altura para ir, mas o desejo em mim nunca saiu – mesmo em Londres. Fui fazendo formação na área do desenvolvimento, mais ligada à saúde, obviamente, mas incluía essas questões, já com a ideia de um dia me juntar a uma organização e ir. Entretanto, surgiu esta questão do projeto *Salama!* – que naquele momento foi bastante oportuna – e disse que era aquilo que queria fazer e lancei-me!

E – Como é que acabaste por aderir ao projeto?

V1 – Sabia que existia o Centro Missionário, que estava a pensar desenvolver esse projeto, fui mantendo contacto através de um elemento do CMAB – neste caso, o [padre 1] – e expus o meu desejo de ir. A partir daí, foi passo-a-passo, a nível de burocracias e de mudança de vida e de ir. E foi.

E – Como é que descreves, pela tua experiência, o projeto *Salama!*? Uma coisa foi o projeto que tu viste em papel, como é que descreves o projeto no fim desta experiência?

V1 – Tem tudo para dar certo. É um projeto que está a nascer! Obviamente, ainda está a ser reestruturado e definido, por ser o início. Nós fomos a primeira equipa a partir. Ou seja, nós começámos do zero, a todos os níveis: logística para coisas básicas do dia-a-dia, alimentação em casa, reestruturação das infraestruturas, assim como, na área dos projetos que quereríamos desenvolver. Já tinha sido feito um diagnóstico da situação mas, no entanto, estando no terreno por um período mais prolongado é que vemos as reais necessidades da população. Depois de uma relação de maior proximidade com a população, também ficamos a conhecer melhor a realidade. Penso que, durante este primeiro ano também se levantaram outras questões oportunas a nível do desenvolvimento do projeto – o que é que seria interessante fazer? O que é que seria oportuno desenvolver mais rapidamente? Penso que esta segunda equipa poderá dar continuidade a essas ideias que foram pensadas. Sendo esta uma cooperação definida a 10 anos, penso que tem tudo para dar certo.

E – Quais eram as tuas expectativas, inicialmente?

V1 – Eu não sou uma pessoa que cria grandes expectativas. Vou e não é o "depois logo se vê" mas gosto de ter as coisas bem assentes e bem reais. Sabia que, como em todos os cantos do mundo, há coisas boas e coisas más. Tinha ouvido várias histórias, boas e más e menos boas e menos más, e nunca fui com o sentido heroico de que vou para lá e vou mudar aquilo e vou sair de lá com trabalho feito. Nunca pensei assim! Por uma questão de não ir contra aquilo que sempre idealizei! Ou seja, sou uma pessoa que gosta de ver a realidade primeiro e daí ver o que é possível

fazer e criar as minhas expectativas. Mas, em tudo, superou! Superou e acho que foi mesmo por isso. Ou seja, ouvimos histórias muito boas mas as pessoas são diferentes. As pessoas têm outros defeitos, outras qualidades, têm um estilo de vida diferente, nós aprendemos com isso e eles aprendem connosco. É a partir desta relação que vamos criando as nossas expectativas e vemos, de facto, o que é que podemos fazer.

E – Houve algo que correu completamente diferente a alguma previsão que poderás ter feito?

V1 – Não. Eu penso que como fomos a primeira equipa não levávamos objetivos a serem cumpridos no primeiro ano. Nós fomos abrir caminho para os outros. Houve bastantes atrasos, também a nível burocrático. Por exemplo, quando operacionalizámos o posto de saúde, a nível de reestruturação das infraestruturas e, obviamente, por ser um sítio bastante remoto não é fácil termos lá uma empresa, montar um estaleiro para que se façam a obras a curto-médio prazo. Assim como, devido a toda a burocracia inerente ao processo de reconstrução do posto de saúde, as coisas não ocorrem de um momento para o outro! Se isto aqui não acontece, lá muito menos! Até pela distância do sítio onde nós estávamos. É um sítio bastante remoto, de bastante difícil acesso a tudo: quer à saúde quer a nível de gabinetes mais centrais – teríamos de ir à capital da província.

E – Houve algumas áreas que sofreram algum ajuste a nível de projeto ou, como tu disseste há pouco, a equipa foi abrir caminho? Lançaram a semente?

V1 – Nós lançámos a semente. Houve situações que ficaram estruturadas e no bom caminho. Por exemplo, a questão do posto de saúde – foi difícil conseguirmos ter toda a burocracia tratada, mas conseguimos. Quando saímos, o posto de saúde já estava prestes a abrir e a funcionar. Neste momento está integrado na Rede de Cuidados Primários do Distrito de Chiúre, ao qual pertence Ocua.
A nível da pastoral, que seria sempre o nosso objetivo - e foi, tínhamos como objetivo definido para o primeiro ano organizar os conselhos económicos das comunidades, de forma a permitir uma autossustentabilidade da paróquia e, também, a entreajuda. Ou seja, criar um fundo comunitário para ajuda mútua em situações de luto, de perda, de catástrofe. Não só a nível da sustentabilidade da paróquia, em si, mas também de fazer ver que não é por serem pobres que não se podem ajudar uns aos outros. Também tínhamos como objetivo primordial organizar a catequese porque a paróquia estava desassistida há dois anos. Obviamente, as atividades pastorais foram-se desmembrando... Conseguimos organizar a catequese. Ainda não está totalmente bem definida. Mas nunca esperávamos que o estivesse ao fim de um ano. Porque é preciso tempo. A própria distância entre as comunidades assim o faz. A nossa comunidade mais remota ficaria a mais de 100 km, ou seja, é bastante difícil o acesso às comunidades. Em tempo de chuva é mesmo intransitável!
Penso que para os objetivos que nós tínhamos conseguimos lançar a semente. E conseguimos fazer alguma coisa. Mas o mais importante de tudo é que conseguimos abrir caminho e conseguimos deixar o básico feito ou pelo menos estável e acessível para quem viesse a seguir continuar o trabalho. Nós não vamos lá para fazer a curto-médio prazo e apresentar números e objetivos e materializar os resultados. Acho que o essencial conseguimos fazer. Que foi estar com eles e lançar-lhes caminhos de esperança e de começar uma organização, quer a nível pastoral, quer a nível de saúde, quer a nível de educação – também apostámos muito no incentivo à educação das meninas. Penso que, agora, esse trabalho tem de ser continuado e lançámos ideias, como já disse, para os que vêm a seguir. Uma área emergente é, sem dúvida, a educação. Quer a nível da pré-escola quer a nível de incentivo e acompanhamento aos maiores, já da escola básica

e secundária.

E – Consideras que o trabalho desenvolvido foi o mais adequado ao momento da equipa?

V1 – Foi porque quando nós chegamos não tínhamos nada! A primeira barreira é logo a língua. A segunda barreira é a distância que temos da capital, 165 km. Em terceiro lugar, a própria casa não estava habitável. Nós não tínhamos água canalizada, nós não tínhamos uma casa pronta a dormir, nós não sabíamos onde comprar as coisas para nos alimentarmos naquela área, a 165 km da capital. Ou seja, por uma questão até de sobrevivência, primeiro tivemos de fazer essa parte estável. Depois, é que poderíamos começar a trabalhar na comunidade e nos projetos em si.
Depois, fomos começando a tratar as questões que gostaríamos de começar a trabalhar e penso que para o primeiro ano foi bom!

E – Alguma prioridade que tenhas projetado a determinada altura do teu percurso em Ocua ficou por concretizar?

V1 – A nível de saúde, eu acho que há tudo por fazer! Tudo. Principalmente, e mais do que o âmbito curativo, a nível de educação para a saúde. A literacia no campo da saúde é reduzida! É reduzida a zero ou até a negativos, digamos. As pessoas não têm noção do quanto a lavagem das mãos pode prevenir a morte de uma criança, sobretudo! Ou seja, não há educação, há as questões de que o comprimido é que cura e tomando o comprimido vou ficar bem e já não tenho de fazer mais nada! Ou seja, a educação para a saúde, a promoção da saúde e a prevenção da doença. Ou seja, na minha área há tudo para fazer. Tudo! Até mesmo a formação dos próprios profissionais que estão a trabalhar.
A nível de projeto, tirando a parte pastoral, diria que o mais importante – e isto também é pastoral – é a área da educação. É uma zona bastante rural, as crianças passam o dia a brincar umas com as outras sem qualquer tipo de atividades para fazer, sem qualquer tipo de consciência de, por exemplo, se estou a brincar e meto as mãos à boca tenho de lavar primeiro. Não há qualquer tipo de hábitos de higiene de nada! Nem na altura de comer. E de regras. As crianças estão abandonadas e não falam a língua oficial do país, que é o português. Eu penso que um pré-escolar, como havia no tempo das Irmãs, é fundamental em tudo, quer em questões de hábitos alimentares, quer em questões de higiene, quer em questões de regras, em tudo! Porque eu vi mesmo: quem fala português são as pessoas que estudaram e que conviveram com os portugueses no tempo colonial ou, então, aquelas crianças adolescentes que frequentaram a escolinha no tempo das Irmãs. Até na própria escola onde deveria ser lecionado em português, como língua oficial, não o é. Em casa, também, não falam português. Ou seja, o que elas falam de português é por terem andado na escolinha com as Irmãs, em que era estritamente proibido falar *macua.* Tinham regras, tinham de ir limpos para a escola, tinham de ir com as mãos lavadas, tinham de tomar banho todos os dias. Ou seja, havia regras em todos os sentidos! Penso que o desenvolvimento de um país passa pela educação e acho que, neste momento, é a área mais emergente em Ocua.

E – Há pouco, quando falaste da tua formação, disseste que foste trabalhar para Londres e que tentaste aproveitar para desenvolver conhecimento em mais áreas. Queres falar dessa tua experiência?

V1 – Estando num hospital central, em Londres, eu tinha uma população bastante imigrante, quer asiáticos, quer africanos... Ou seja, sentia, por isso, necessidade de ter mais conhecimento sobre doenças tipicamente tropicais. Porque, a qualquer momento, entrava uma pessoa com sintomas de malária ou de febre tifoide, que tinha viajado recentemente dessas regiões, que tinha ido a casa

passar férias ou tinha viajado, simplesmente, por lazer. Só por isso, senti necessidade de aprofundar os meus conhecimentos nessa área. E, depois, juntei o útil ao agradável. Ou seja, preparar-me, a nível de conhecimentos, para um dia fazer uma missão – que sempre quis fazer! Então, estava a trabalhar e candidatei-me à universidade em Londres, a chamada *London School of Hygiene and Tropical Medicine*, e tirei uma pós-graduação na área da medicina tropical, onde se abordam não só as questões da doença e da promoção da saúde, ou a nível de catástrofe ou de ações humanitárias, mas também a nível de educação para a saúde, no sentido de não podermos chegar lá e montarmos um hospital de campanha e vamos salvar as pessoas! No sentido, por exemplo, de como começar do nada e formar as pessoas na área da educação para a saúde. E isso abriu-nos bastante a mentalidade. A diretora do curso, enfermeira, era uma pessoa que toda a vida trabalhou em ações humanitárias pela Cruz Vermelha Internacional. Ou seja, ela mais que ninguém, sabia do que estava a falar. Mesmo os professores que nos lecionavam são pessoas que estão no terreno. Não falavam a partir dos livros, juntavam o conhecimento que tinham produzido no local, no terreno, e do qual tinham lançado cientificamente os resultados e juntavam às próprias vivências. Foi um curso bastante rico em todos os sentidos e preparou-me e gostei imenso! Foi daquelas decisões da minha vida mais acertadas.

E – Como é que tu vês dois conceitos que são importantes: a cooperação missionária e o desenvolvimento? Queres nos fazer alguma reflexão a esse nível, depois desta tua experiência?

V1 – No fundo são dois conceitos interligados mas que podem ser até bastante divergentes. Temos o desenvolvimento e temos a cooperação missionária e penso que, neste momento, pelo menos do que vi em Pemba, o desenvolvimento se dá todo a partir da cooperação missionária. Não só da Igreja Católica mas de outras igrejas que estão no terreno e apostam fortemente na educação, na saúde... Penso que, neste momento, é o futuro. Porque nós podemos ter organizações laicas que estão viradas para o desenvolvimento, como o caso dos Médicos Sem Fronteiras ou os Médicos do Mundo, e depois termos a cooperação missionária, como, por exemplo, o projeto *Salama!* que, no fundo, faz o trabalho de desenvolvimento e faz também um trabalho mais por trás. Um trabalho pastoral. E eu penso que o desenvolvimento também passa pela educação, não só a nível religioso mas pela educação deste intercâmbio entre várias culturas. Eu não lidei só com pessoas cristãs. Lidei também com muçulmanos. E isto enriquece-nos porque nos ajuda a perceber o outro e ajuda-nos a perceber outros comportamentos. Dada a realidade que vi em Pemba, estes dois conceitos são inseparáveis. O desenvolvimento de quem está lá passa todo pelas cooperações missionárias dos diversos institutos religiosos, de projetos ligados à missão e à cooperação missionária.

E – Como é que avalias a eficiência deste projeto?

V1 – Acho que ainda é um pouco cedo para avaliar. Muito cedo! Mas, como já disse, tem tudo para dar certo. Ainda estamos numa fase muito inicial em que estamos a levantar as questões mais emergentes e a começar a trabalhar nos projetos. Neste momento, não podemos dizer se é eficaz. Mas a médio-longo prazo penso que sim. Se continuarmos a trabalhar, será eficaz.

E – Se tivesses de identificar um constrangimento, a nível pessoal e depois a nível geral, qual é que apontarias?

V1 – A nível pessoal, o que mais me marcou foi mesmo o estatuto da mulher. Principalmente, das jovens adolescentes. Para mim, foi como um choque, porque lá o ser menina é quase impeditivo de sonhar a todos os níveis, quer pelas responsabilidades que têm na casa, quer pela

quase obrigação de não ir à escola porque têm que fazer as lides da casa e olhar pelos irmãos mais novos e desde novas que têm de engravidar e ter filhos – porque se assim não for está a fugir à regra cultural! Isso marcou-me bastante. Como mulher, foi um constrangimento. Foi difícil de lidar, de início, a nível interior!
A nível geral do projeto, o constrangimento penso que é mesmo o difícil acesso. Nós estamos numa zona rural e quando estamos doentes, se nos sentirmos bastante mal, o hospital mais próximo fica a 37 km. Desde coisas básicas - até descobrirmos onde se poderia adquiri-las foi difícil, teríamos de ir à cidade todas as semanas. Inicialmente, a parte toda da logística foi um constrangimento. Mas, sobretudo, o difícil acesso a questões de saúde; o difícil acesso a haver uma questão burocrática resolvida, por exemplo, neste caso para operacionalizar o posto de saúde as etapas que é preciso passar. Aqui, também o é! Mas, lá por diferentes razões ainda o é mais! E, depois, levantamos a questão: isto é para interesse do povo deles porque é que não nos facilitam a vida? E isso é um pouco difícil de gerir interiormente. Mas, depois, lá conseguimos...

E – Achas que o projeto contribui de forma inequívoca para o desenvolvimento local?

V1 – Sem dúvida! Porque é um sítio onde não há nada! Não há acesso à educação, não há acesso à saúde, não há acesso a nada, a qualquer tipo de desenvolvimento! Os adultos limitam-se a ir para as chamadas *machambas*, para o campo, semear aquilo que podem ou não colher... E vão viver durante o ano em função do que colherem! Quando acabar, não há outra solução se não viver daquilo que as árvores derem – a fruta da época. E as crianças, como já disse, andam por ali, as mais novas! Há a sorte de uma ou outra poder frequentar a escola e, para isso, tem de andar duas horas de bicicleta para cada lado! Ali, não há nada! E penso que a presença missionária, a todos os níveis, incentiva ao espírito crítico sobre as coisas. O porquê de fazer assim e não fazer de outra maneira? O porquê de aceitar isto quando está errado? Porque é que nos resignamos? Para além de sermos uma presença de esperança, estamos aqui para ajudar a crescer - mutuamente, obviamente. A questão do incentivo ao estudo das meninas. Tínhamos um grupo que pertencia ao grupo coral das raparigas e eu fiz questão de me aproximar delas e de estar com elas e de fazer ver que há outro mundo para além de engravidar aos treze anos e abandonar a escola! Fazer ver que é possível elas estudarem – com muito esforço, obviamente. A vida delas não se tem de resignar a ter filhos aos treze anos e a cuidar dos filhos e a ir para o campo. Fazer ver que é preciso questionar as coisas. É preciso pensar e não aceitar o que nos dizem só porque sim. Isso foi o que me chocou tremendamente, principalmente, em relação às adolescentes, raparigas. O estatuto delas é bastante chocante! Se o da mulher adulta já o é... Então, como crianças indefesas, que não têm outra opção, não conhecem outra realidade, aceitar isso porque é assim, porque sempre foi assim... Para nós, que vamos de uma cultura ocidental e bastante desenvolvida é bastante chocante!

E – Achas que poderá ter mudado alguma coisa, ao fim deste ano e alguns meses de projeto?

V1 – Eu penso que sim! Às vezes é preciso zangar-nos com as pessoas para educar, no sentido de as chamar à atenção, e eu fazia isso, para as fazer ver que, de facto, não tinha de ser assim. E dava o meu próprio exemplo. Tudo bem que vim de outro contexto mas dizia mesmo: "Eu tenho 28 anos e não tenho filhos. E não tenho nenhuma feitiçaria. Porque eu estudei, porque eu quis estudar.". Obviamente, eu tendo outros recursos mas fazendo-as ver que, de facto, isso era possível!
Algumas acabaram por dizer: "Não, [voluntário 1], eu não quero engravidar. Eu não quero ter filhos!". Houve uma no grupo que acabou por engravidar e as meninas diziam "eu, não quero que me aconteça aquilo que lhe aconteceu!". No fundo, podemos ver que há ali qualquer coisa – uma

ideia diferente na cabeça delas. Obviamente que a pressão cultural é bastante grande e não digo que não irá acontecer. Muito provavelmente, sim! A própria mudança de mentalidades não se faz de um momento para o outro. E isto tem de ser trabalhado aos poucos. Provavelmente, a geração daqui a 50 anos já vai ser diferente. Temos de começar a trabalhar e semear para colher daqui a uns anos, nestes contextos. Não há outra forma! Mas penso que sim. Que, pelo menos a ideia ficou.

E – Este é um projeto de cooperação, uma parceria entre duas dioceses, temo-nos centrado no lado de Moçambique, na diocese de Pemba, na comunidade de Ocua. E Braga? No que é que a arquidiocese de Braga pode beneficiar com este projeto?

V1 – Eu penso que nós temos tanto a beneficiar como eles do outro lado. Isto é uma experiência que nos enriquece imenso! E por mais que estejamos habituados a ver aquelas imagens na televisão e as reportagens sobre a realidade no outro canto do mundo, acho que só estando lá é que percebemos o porquê das coisas. Isto, depois, é uma mensagem que passa para os nossos amigos, para as nossas famílias. Isto enriquece porque consciencializa-nos para a diferença que existe no mundo.
A nível diocesano, eu acho que só temos a ganhar! No fundo, o objetivo geral da arquidiocese é a evangelização, e isto consciencializa mesmo para isso, a nível de outras realidades. Mesmo, agora, havendo a possibilidade de pessoas de lá virem para cá e trazer a cultura de lá e trazer a realidade de lá para cá. Penso que só têm a ganhar! Por exemplo, a própria visão que eles têm da vida. Aqui, a nós, a vida passa-nos um pouco ao lado! Andamos a correr de um lado para o outro... Uma coisa que aprendi lá foi a viver mais o dia, a pensar mais no agora. E a pensar no hoje. Nós aqui fazemos mil e um planos... para amanhã, para a semana, daqui a 2 anos quero estar a fazer isto... Andamos a correr de um lado para o outro, com a vida cronometrada, diariamente! Lá, temos tempo para as pessoas. E isso é fascinante, não haver relógio. Quer dizer, temos relógio. Mas se não for ao meio-dia é ao meio-dia e meia. E isso não tem qualquer tipo de implicação e passamos a viver o dia de forma diferente. Passamos a dar valor à relação que temos com as pessoas, no dia-a-dia. Passamos a dar valor ao saborear o dia! Nem que seja, simplesmente, estar cá fora na varanda a olhar para as estrelas. Isso é daquelas coisas que, se trouxéssemos para cá - como eu trouxe, de facto, depois de ter tido esta experiência, víamos a vida de forma diferente. É engraçado que, por exemplo, no Natal não consegui tolerar aquele consumismo todo! Meteu-me bastante confusão porque saboreei durante um ano o que é estar fora do materialismo e viver a parte do sentimentalismo e da relação e da proximidade! Saborear o momento, saborear o dia. Penso que se conseguíssemos trazer isto para cá já seria muito bom! As pessoas andariam muito mais felizes. Coisa que aqui é difícil pela própria cultura ocidental.
A nível diocesano também seria muito bom trazer a experiência dos seminaristas, comparar estas realidades. Ver o que é que é ser seminarista lá e ver o que é que é ser seminarista cá, as oportunidades que têm. No fundo, é consciencializar para as desigualdades. Acho que esse tem de ser mesmo o primeiro trabalho cá. Porque se não tivermos essa consciência, nunca vamos ser capazes de fazer um projeto adaptado às necessidades reais, quer de cá, quer de lá. O primeiro passo é essa consciencialização.

E – É talvez óbvia a resposta mas há cooperação missionária entre as dioceses?

V1 – Neste momento, está mais unidirecional. Mas como é o segundo ano do projeto - entre aspas, tirando a parte da projeção do próprio acordo de cooperação. Obviamente, isto é no sentido de deixar de ser unidirecional, ou seja, de Braga para Pemba, para ser igual! Nos dois sentidos. Penso que a partir deste ano estão, de facto, a começar a trabalhar do lado de cá, também, para que

possamos usufruir das riquezas de lá. Neste momento, a cooperação é unidirecional mas poderá vir a ser de igual parte. Já assumimos a paróquia de Santa Cecília de Ocua por inteiro, como se fosse a nossa!

E – Do lado da arquidiocese de Braga, há algumas pistas que te tenham ficado, de forma concreta, de haver um benefício, em Braga, desta cooperação? Tocaste em alguma coisa nesse sentido, há pouco... Há um projeto de seminaristas que virão?

V1 – Sim. E até, posteriormente, de estudantes da Universidade de lá, ligados a projetos diocesanos. Virão para aqui ter formação ou estágios. Isso seria uma mais-valia porque nos enriqueceria a nós e, obviamente, a eles – que depois levavam de cá para lá. Acho que estamos ainda num mundo, numa sociedade muito fechada e não temos consciência das desigualdades! E, sobretudo, não estamos abertos a pensar que nós também podemos ganhar imenso, podemos aprender imenso, com eles. Não tem de ser unidirecional. Antes pelo contrário! Seria bastante benéfico ser bidirecional. Neste caso, a vinda de seminaristas de lá para cá, no próximo ano, não beneficiaria apenas os mesmos mas, sobretudo, os de cá! Pela partilha de experiências e a nível de consciencialização. Eu só tenho perceção do que é o outro lado quando lido com ele, quando convivo, quando estou perto e partilhamos vivências, histórias... Isso abriria também o mundo dos próprios seminaristas em formação. Não só consciencializaria para o ser missionário no futuro – por ventura, poderia abrir o desejo de o ser, mas mesmo como padre diocesano e estando cá. No fundo, eu acho que ganhariam outra visão do mundo. E isto também é evangelizar. Isto é missão. A nossa missão não tem de ser só lá! A missão é também cá. Por exemplo, a simples questão da água. Ter consciência de que cá abrimos a torneira e lá têm de andar quilómetros, debaixo de um sol abrasador, com um balde à cabeça e os filhos na barriga e nas costas e na mão para ter água. Se conseguíssemos isto em 5 anos seria muito bom!

E – Olha, e o futuro? Como é que tu vês o projeto? Que perspetivas é que tu acharias que era importante manter nesta cooperação? Já nos falaste do teu presente, que és uma pessoa muito do presente e que foi uma das coisas que descobriste nesta experiência, a nível pessoal…

V1 – Claro que o bichinho ficou! A vontade de voltar ficou. Seja por um curto período... Isso depois, a longo-prazo, logo se vê, quais as minhas possibilidades! Mas, sem dúvida, quero muito continuar a ser uma missionária cá. Ou seja, poder participar na cooperação para o desenvolvimento a partir de cá! No que eu poder ajudar, terei imenso prazer! Porque eu acho que o desenvolvimento passa pela cooperação, neste momento. Acho que, como cidadã do mundo, tenho uma responsabilidade perante eles para que sinta o dever de o fazer! Não nos podemos limitar ao nosso limite geográfico e ao desenvolvimento geográfico da nossa sociedade. Penso que terei essa possibilidade e quero muito estar presente! Obviamente, ficaram laços do outro lado que quero manter e quero acompanhar. Famílias com quem fiz uma relação bastante boa e terei todo o prazer em acompanhá-los naquilo que puder! Mesmo a nível do projeto *Salama!*, dos projetos de cooperação.

E – Se tivesses que indicar uma agenda para o projeto *Salama!* qual é que seria?

V1 – A nível de projeto e de áreas de intervenção? A educação. Sem dúvida! E falo na educação não só a nível de pré-escolar, em que se aprende os números e as letras, as regras de comportamento, mas, englobando já, a educação para a saúde. Porque as Irmãs faziam-no! De facto, vê-se a diferença. Pequena mas vê-se! Penso que o mais emergente, neste momento, é a educação! Era abrir a "escolinha" que equivale aqui à pré-escola e fazer um projeto de

acompanhamento ao estudo. Ou mesmo, a nível de cursos profissionais. Por exemplo, não têm consciência de que lavrando a terra a cultura será mais abundante. Terá, por ventura, melhor qualidade. E educação a todo o nível, desde escola básica... Desde educação a nível mais técnico ou educação a nível de saúde. Educação a nível de regras e comportamento, educação a nível de pensamento crítico. Engloba tudo! E uma "escolinha" tem essa função! Penso que se começássemos por aí, começávamos a mudar aos poucos a mentalidade. Porque é difícil mudarmos a mentalidade dos mais velhos... E não se faz, como já disse, a mudança de hoje para amanhã. Nem de hoje a um mês, nem de hoje a um ano! Mas penso que, daqui a uns anos, começaríamos a ter frutos! A educação é, sem dúvida, o primeiro passo para o desenvolvimento de qualquer país.

E – Há alguma questão que achas que não tenhamos tocado nesta nossa conversa, que aches que seja importante?

V1 – Talvez o porquê de não haver assim tanta gente disponível a ir.
Eu, como estive noutro país em que o voluntariado e as questões sociais são muito valorizadas, noto a diferença cá! Lá, por exemplo, é muito comum os adolescentes no final do 12.º ano – o equivalente lá – fazerem o chamado *gap year*. Dedicam esse ano ou ao voluntariado ou vão para outros países para viajar ou, então, conciliam as duas coisas – o voluntariado com a viagem. Mesmo na própria candidatura à universidade a percentagem das notas dos exames é uma coisa reduzida – o que conta imenso são as entrevistas e o próprio currículo da pessoa. Perguntam mesmo: "o que é que tu fizeste de âmbito social até hoje?". Porque lá há esta consciência e esta valorização do sair da minha zona de conforto e sair de mim para os outros. E aqui não temos esta consciência. Ou seja, isto não é valorizado. Ou no fundo é pela sociedade mas a nível de desenvolvimento pessoal e profissional não o é, como é lá. Eu penso que isto é, de facto, um fator de restrição ao partir! À decisão de o fazer. Sobretudo pelos jovens que não têm famílias. Porque se assim não fosse, eu tenho a certeza que haveria muito mais pessoas a tomar a decisão: "Vou largar tudo e vou!". Penso que teremos de trabalhar um pouco a nossa sociedade cá – e como já disse, através da consciencialização das necessidades que existem no outro lado do mundo para podermos, de facto, valorizar isso. E abrirmos a nossa mentalidade a estas questões e que isto seja, no fundo, o incentivo à participação dos jovens ou dos adultos que tiverem disponibilidade para partir e ter esta experiência que é, de facto, enriquecedora. Eu digo, eles deram-me mais a mim do que eu lhes dei a eles.
Isto é uma diferença muito grande que noto do outro contexto de Inglaterra. Penso que isto faz falta para que possamos abrir os horizontes e haver mais pessoas dispostas. Vontade, eu acredito que não falta! Eu própria testemunho isso quando conto às pessoas que fui, que estive em Moçambique em voluntariado missionário. As pessoas ficam maravilhadas e dizem: "Eu, também gostava de fazer. Que bom!". Mas desde a vontade até à decisão de "vou largar tudo e vou", como eu fiz, é um passo grande. E é um passo que, de facto, tem limitações de cultura. Aqui em Portugal não é fácil mudar de vida, principalmente, a nível profissional. O que limita imenso a decisão das pessoas! Penso que isto é um fator que também deverá ser trabalhado, não nos voluntários em si mas na própria sociedade. Lá está, é a consciencialização das desigualdades no mundo.

E – Obrigado!

V1 – Nada!

2.6. Entrevista ao voluntário 2 (V2)

E – Já participaste em projetos deste género (Projeto *Salama!*). Podes especificar?

V2 – Desde 2008 que pertenço ao *Grupo Diálogos – Missionários do Verbo Divino.* Todos os anos fazemos um projeto em Portugal mas em 2014 cheguei a fazer um projeto em Angola, *Ad gentes* fora de Portugal.

E – Neste momento, tens residência em Portugal mas estiveste em Moçambique, no Projeto *Salama!*, quanto tempo?

V2 – O Projeto *Salama!* que me foi proposto teve a duração de 1 ano - o ano passado, regressei há cerca de meio ano. Mas sempre residi em Portugal e, agora, continuo.

E – Como é que surgiram estas questões da cooperação missionária na tua vida?

V2 – A cooperação missionária é algo que surgiu já há alguns anos, com a presença do grupo que referi anteriormente – o *Grupo Diálogos*. É um grupo que faz uma caminhada contínua, ao qual chamamos grupo de jovens mas, neste momento, é um grupo bastante adulto, onde se vai fazendo esta experiência missionária, seja em Portugal, seja *Ad gentes*. Neste caso, o Projeto *Salama!* acaba por surgir num contexto de procura de formação pessoal, como alguém apaixonado por esta vertente missionária que vai fazendo estes projetos e sente necessidade de cada vez mais se fortalecer para estas experiências. Acaba por surgir como reflexo de alguma formação que se foi fazendo, neste caso específico, na formação *Salama!*, como desafio para integrar esta equipa que foi enviada durante 1 anos para Pemba.

E – Como é que descreves este projeto?

V2 – Eu fui conhecendo o projeto e ele é aliciante, antes de mais, cativa por esta envolvência. Primeiro, pela entidade arquidiocese de Braga. Como cristão e como alguém que pratica, e bastante envolvido com a comunidade local, na paróquia, em Braga, o Projeto *Salama!* é cativante por esta troca de "coisas". Sejam pessoas, sejam até objetos, sejam materiais, seja o que for. Até mesmo de emoções! Este sentimento de que não estamos limitados ao "aqui" mas que existe algo "lá" e que nós podemos estar em relação contínua é apaixonante, acho eu! Acho que é isso que me move. Mas isso acho que tem que ver com o percurso que venho fazendo, com a vertente missionária e que me cativa hoje. Havia uma frase que eu dizia no meu grupo Diálogos, onde sempre caminhei e continuo a caminhar, "nós quando nos envolvemos com a vertente missionária, é algo que nos preenche na vida! Sem a qual a vida não seria igual.". E é isso que me move e em que acredito.

E – O que é que este projeto teve de diferente em relação àquilo que já tinhas feito, experienciado, no passado?

V2 – São coisas muito diferentes. À partida, o tempo. Porque o outro foi 1 mês – nós vamos e é uma passagem muito pequena! Vamos tendo alguns encontros, vamos tendo algumas ideias, mas nunca deixamos de observar, durante 1 mês. Neste caso, de 1 ano, chego ao final e continuo a dizer que é uma passagem e que só dá, também, para observar - que era preciso mais tempo! Mas é um projeto que nos obriga, primeiro, a mudanças de vida. Que nos obriga, antes de mais, a estar lá mais a fundo, de corpo e alma. Há coisas que temos de abdicar cá e acabamos por nos envolver

lá. É muito bom, a meu ver!
Depois, o próprio âmbito dos projetos. Enquanto num projeto de 1 mês vamos fazer uma coisa concreta, falar de algo concreto, partilhar uma experiência concreta, neste caso, vamos sem esses primeiros objetivos mas com o grande objetivo de assumir algo. Eu vejo o Projeto *Salama!* como o assumir de uma paróquia. Quando me refiro à parte de enviar missionários, que foi onde estive mais envolvido, assumir uma paróquia, que neste caso é a paróquia de Ocua, envolve-te muito mais! Primeiro, és tu. Depois, as responsabilidades de assumir uma paróquia são totalmente diferentes, relacionadas com a parte pastoral e que depois desenvolvem todo o âmbito social de trabalhos que se vão fazendo no projeto. Obviamente que, por exemplo, num projeto de um mês não estamos tão preocupados com um série de coisas, que eu acho que estão mais ligadas à vida, do que num projeto de 1 ano – onde estamos, onde vivemos, onde todos os dias acordamos, pensamos no futuro... Durante 1 mês pensamos só no amanhã – o que é que vamos falar amanhã? O que é que vamos falar num próximo encontro, só!

E – Quais eram as tuas expectativas, no início do projeto?

V2 – Se calhar para me poupar um pouco e para não ficar desiludido, eu tenho a tendência a não criar muita expectativa. A minha grande expectativa, antes de mais, era perceber bem o que é que este projeto me poderia trazer a nível de arquidiocese. Fundamentalmente, também, a nível de vida pessoal. Decidir ir, acaba por ser um passo, obviamente, com algum desejo meu mas que eu encarei sempre como não só meu mas também de Deus, que me foi dando algumas pistas para o aceitar. Nesse âmbito, aquilo que eu esperava era esta relação com Deus e de lá tentar experimentar esta relação de uma forma diferente. Se calhar, vamos à procura de algumas respostas, mas também temos noção de que a maioria delas não acontece e é natural voltar ainda com mais perguntas no que se refere a expectativas, até de vida!

E – Houve alguma coisa, muito concreta, que tenha corrido de forma diferente do que tinhas previsto? A que níveis é que isso aconteceu?

V2 – Muitas coisas. Neste caso, em África, ou até em Portugal, nos projetos quando se prevê muito e não se sabe o que se vai encontrar... Neste caso, ia para um sítio onde nunca tinha estado, ia para uma realidade que poderia comparar com a do projeto de Angola e que, no fundo, percebi muitas semelhanças - nas tradições e tudo mais, mas as previsões que nós fazemos, se forem muito vincadas, o mais certo é falharem e a desilusão acontecer. Também, por isso, eu crio poucas expectativas! Mas há coisas que, realmente, depois, acabam por acontecer diferente. E é normal. Ou seja, tudo acontece diferente. Neste caso, o que posso dizer que até me correu pior acabou por ser a nível de comunidade e não da relação com o pessoal. Saímos de casa, saímos da nossa família e encontramos na nossa própria comunidade aquele pilar daquelas frustrações que, às vezes, podemos encontrar nas relações com as pessoas. Que é normal. Às vezes, sonhamos um pouquinho demais. Estamos habituados ao ritmo europeu, neste caso, de Portugal, de uma correspondência que é normal aqui e lá não acontece. Então, temos de estar preparados para isso. Se não, vamos ficar frustrados muitas vezes! O simples facto de combinarmos com uma pessoa, de manhã ou de tarde, e essa pessoa não aparecer... depois, vamos tentar perceber e vem a desculpa de que esteve doente, à mulher aconteceu isto à *machamba* aconteceu aquilo... e, se calhar, não é nada verdade! É muito comum isto acontecer nestes meios. E é na nossa comunidade, onde estamos à espera de encontrar algum conforto, não digo "dar uma palmadinha nas costas" mas que a gente consiga recuperar alguma força para voltar a reagir, voltar a confiar. Neste caso, acho que me falhou um bocadinho, mais na parte final! E, provavelmente, a nível de previsões, ou melhor, foi o que eu ia a contar menos...

E – Em relação às tuas expectativas no que diz respeito ao projeto? O que é que achas que poderá ser ou deverá ser ajustado?

V2 – Não diria ajustado... Tenho consciência de que – ainda ontem, a falar do Projeto *Salama!* trocava palavras, onde se dizia que o projeto é "bebé". Ou seja, está a crescer. Portanto, ainda há muito para crescer. E tem muito por onde crescer, na minha visão. Não tenho dúvidas de que – e nunca deve deixar de ser o fio condutor a questão pastoral – eu pelo menos, sempre vi como intuito do Projeto *Salama!* assumir esta parte pastoral, nunca esquecer aquilo que nos leva lá. Depois, todos os trabalhos sociais que se vão multiplicando, acabam por ser naturais de quem está lá e do meio onde existe pouca resposta, por exemplo, da própria educação. Não digo que seja o foco principal do *Salama!* mas é intuito que se colabore nesse sentido. Onde existem tantos défices, é normal que isso aconteça. Até a nível de infraestruturas, a nível de saúde… quer dizer, são coisas que acontecem naturalmente. Mas nunca deixar o foco, que eu acho que é importantíssimo, de estar no sentido pastoral. No sentido de fazermos o trabalho pastoral, que vejo como fio condutor. Era isso que eu tentava sempre que me levasse.

E – Diríamos que eleges a vertente pastoral como uma vertente fundamental no projeto?

V2 – Sim. Acho-a fundamental - a principal. Tudo, depois, vai acontecendo no desenrolar. Neste caso, uma das coisas que me surpreendeu muito foi ser uma zona muito próxima; da estrada mas num meio muito rural. Comparando, por exemplo, com a experiência que tive em Angola - em Angola estive em três meios muito distintos: um que era citadino, outro que era intermédio e um outro que era completamente rural, onde não havia eletricidade nem telefone (na altura tivemos de avisar que não tínhamos para as pessoas não ficarem preocupadas), ou seja, três meios muito diferentes; a minha grande surpresa foi chegar a Ocua, que é junto a uma estrada nacional que liga o norte ao sul de Moçambique e estar no meio do mato. Autêntico! Onde a pobreza é, realmente, muito visível, muito flagrante.
O que eu estava a dizer é que num meio assim é normal que surjam todo o tipo de trabalhos. É normal que as pessoas te batam à porta a pedir ajuda. Seja por causa de um filho, de trabalho... As coisas vão surgindo. A questão pastoral, se não formos nós a andar com ela, ninguém vem perguntar por ela. Ocua é um meio onde a educação é fundamental para as pessoas crescerem num ambiente saudável e terem autocrítica e, por exemplo, decidirem mesmo relativamente à Igreja. Em relação à vida social que vão ter, saber o que querem e o que não querem, terem capacidade crítica, saberem dizer "sim", saberem dizer "não", e não simplesmente argumentar porque era assim. Se nos focarmos na questão pastoral, todas as outras coisas se vão desenrolar naturalmente.

E – A área pastoral, a área da educação, e que outra área é que achas que o projeto teve impacto e poderá fortalecer no futuro?

V2 – A nível da educação, eu acho que ainda não teve impacto. Creio que se estão a dar passos nesse sentido e que será uma grande mais-valia. Notava-se muito, quando íamos visitar outras missões, que há muito a "história" das próprias missões terem uma escolinha ou terem um internato, por exemplo. Notava-se uma diferença muito grande quando encontrávamos um jovem que esteve numa escolinha de uma missão e aquele que não esteve, infelizmente! Tudo bem que, neste momento, existem bastantes escolas públicas – têm crescido, mas o "produto" é um bocadinho escasso nas pessoas, acho eu! Por uma série de dificuldades que acredito que existam. E, realmente, este compromisso que a Igreja faz em assumir uma escola nota-se. Acho que é uma

ferramenta muito importante.
Mais alguma vertente, a própria saúde pode ser interessante. Embora, eu ache que ela deva existir sempre em cooperação – assim como a escola – com aquilo que já existe. Não querer fazer nada de novo, não querer assumir as coisas sozinhos porque estamos a falar de países e zonas onde já começa a existir alguma coisa. Fazer uma coisa nova pode não ser a melhor solução. Por isso, a cooperação, a mim, parece-me ser sempre o mais interessante.

E – Podemos passar para a parte do trabalho realizado? Qual foi o teu trabalho na Missão, qual foi a tua missão, em global, e quais eram as tuas tarefas?

V2 – À partida, não ia com tarefas fixas para fazer – o que foge também um pouco às expectativas. Ia mais no sentido de chegar, pousar, estabelecer, conhecer, estar um pouco... para depois, sim, através do reflexo do que fosse observando e do contacto com a comunidade, sair uma intenção de um trabalho. Nesse sentido, na altura, houve o trabalho de tentar ajustar a casa, de a recuperar, que envolveu limpezas; na minha área de arquitetura, fazer o projeto, tentar dar uma ideia do que poderia vir a ser no futuro. Mas, fundamentalmente, o trabalho teve sempre que ver com a relação com a outra pessoa. Neste caso, também, ligado à pastoral. Aquilo em que eu me envolvi mais no âmbito pastoral, em concreto, acabou por ser um trabalho com acólitos, as catequeses – tentar organizar um pouco, apoiar, ser alguém que estivesse presente no caso de ser necessário e apoiar quem estava à frente e os catequistas. Também, a parte litúrgica – mais na sede da paróquia. Depois, houve outros trabalhos que se foram proporcionando no dia-a-dia. Quando chegámos à missão era preciso recuperar as próprias infraestruturas – no caso da casa foi mais limpeza do que algum trabalho extra, tirando uma casa de banho que tinha uns tubos quebrados e que foi preciso substituir, trabalhos que foram surgindo, no sentido de termos algum conforto para podermos trabalhar. Na própria escolinha também foi necessário fazer uma reinstalação da eletricidade porque tinha sido vandalizada e o meu trabalho acabou por ser mais ligado a esse caso por estar mais ligado a essa área, a esse tipo de recuperações - envolvendo sempre as pessoas de lá, apoiando e fazendo. E, depois, os trabalhos básicos que surgiam durante o dia na comunidade... Perdia-me muito com o sentido de estar. É uma palavra que gosto de usar. Por exemplo, fazia um grande esforço para, durante a tarde, estar disponível. Quando tinha de fazer algum trabalho, muito bem. Mas tentar estar disponível... Muitas vezes, o que fazia era sentar-me na varanda e esperar que as pessoas viessem. Que pudessem passar, cumprimentar, que pudessem vir e falar alguma coisa. Mais no final, foi-se criando o hábito dos próprios acólitos e alguns meninos da escola virem lá ter, no sentido de pedir uma explicação, de fazermos ali uma coisa muito improvisada mas de ajudar um bocadinho. Muitas vezes, traziam dúvidas da escola mas acabávamos por passar a tarde a falar... Estava com o sentido de estar para aquilo que fosse preciso. Quando chegava alguém, podíamos falar. Podia ser uma conversa útil para a pessoa, podia ser simplesmente escutá-la, podia ser uma conversa útil para mim – perguntar como é que as coisas eram.
Não era um trabalho mas era algo que me cativava e que acho que faz falta – ter essa abertura, quando se vai para uma missão.

E – Achas que há uma mais-valia da equipa ser esta equipa: um padre, um arquiteto, uma enfermeira? E não serem, por exemplo, um padre e seminaristas ou um padre e futuros missionários?

V2 – A questão refere-se a sermos leigos ou às profissões?

E – Serem leigos e terem as profissões que têm.

V2 - À partida, tenho a ideia de que existe uma grande fome de padres. Tal como nós, aqui, em Portugal, se virmos um leigo a assumir uma celebração causa-nos algum transtorno. Lá, apesar de já haver este trabalho muito mais implementado - o caso de quem faz as celebrações da palavra e tudo mais serem ministros, apesar de estarem habituados, a chegada de um leigo é boa, porque é alguém de fora, mas percebia-se bem que o padre era sempre mais importante. Estamos a falar de um meio onde, fiquei com a sensação de que, os sacramentos são vividos de uma forma muito intensa. Não quer dizer que depois vão ter continuidade... Numa comunidade – já não me lembro do número da maior, mas duzentos e tal batismos numa comunidade, nota-se um "deslocar" à procura deste sacramento. Como tal, o padre é quem consegue satisfazer essa necessidade, que foi identificada. No entanto, por exemplo, quando chegamos havia um casal de leigos que estava a assumir a paróquia. O que eu considero um trabalho muito, mas muito, válido. A capacidade dos leigos – neste caso, do casal, de poderem fazer toda a parte pastoral, tirando os sacramentos, faz com que o trabalho seja possível. Mas não tenho dúvidas de que saberem que está o padre é bom. E se, de repente, chegarem lá dois, será uma alegria! Pela necessidade de terem a imagem de um padre. Depois, a gente faz trabalhos que aqui não faz, a nível de pastoral. Na minha paróquia sou catequista, estou bastante relacionado com o conselho económico mas não fazia, por exemplo, todo aquele trabalho mais burocrático. Pôr os batismos, os sacramentos, ajudar nas preparações. Mesmo sendo catequista não costumo estruturar uma catequese para todos os anos de uma paróquia. O trabalho é um bocado diferente e acho que os leigos são capazes de o fazer mas têm os seus limites.

E - O que é que achas, se achas, que é necessário alterar, olhando para a tua experiência, daquilo que foi desenhado no projeto, do que foi executado?

V2 – Eu creio que ainda se está a desenhar. Para alterar, não vejo grandes coisas. Já falei sobre essa perspetiva: o projeto está a crescer e acho que há muita coisa para fazer. O esforço que acho que será necessário fazer neste momento, e sempre, é perceber qual é o principal agora. Porque, ao chegar a Ocua, ficamos com a sensação de que está tudo por fazer, ou melhor, que há necessidade de fazer mais. Acho que é preciso capacidade de refletir e perceber qual é a prioridade, uma vez que não se pode responder a tudo ao mesmo tempo. Por exemplo, o trabalho e o empenho maiores que tivemos durante o ano em que estivemos lá, acabou por ser na área da catequese e com o que tinha que ver com o desejo da própria diocese que estava a implementar os conselhos económicos. Foram, então escolhidas 2 áreas para não estar a "pincelar" em cada uma e não se fazer nada. Acho que é esse o trabalho que deve ser feito. Há bastantes carências mas tem de se escolher, de forma a depois se poder dar continuidade. No caso da catequese, formar alguns para que depois eles possam dar continuidade. Estamos a falar de uma paróquia que é do tamanho de arquidiocese de Braga, e não é possível um leigo, ou mesmo um padre, dar formação a todos. Formar pessoas, responsáveis, estar atentos a essas pessoas, com maior capacidade de liderança e de poder passar o que aprenderam aos outros. Será esse o trabalho mais interessante. Alterar, acho que não.
Há um crescimento, há um trabalho que se vai fazendo e ter estas linhas diretrizes acho que é importante, traçá-las bem para não fugir muito.

E – Como é que avalias, do ponto de vista da eficiência, o projeto? Os recursos, os resultados obtidos?

V2 – Resultados, resultados não os há. É a mesma coisa que chegar a Portugal e falar do projeto como um fim não é fácil. Porque eu sei que ele continua e o que nós fizemos lá foi um início. Se

calhar, nem se chegou ao corpo do trabalho. Foi um "abrir a porta de". Falar como uma porta final é muito difícil porque as coisas estão a acontecer.

E – Achas que só daqui a 3 anos, por exemplo?

V2 – Ou, se calhar, até mais. Depende. Há trabalhos que vão chegando mais ao final e faz falta fazer essa avaliação. Mas, no caso, não existe um trabalho que a gente tenha começado e acabado. Até as próprias *machambas*, começou-se, foi lançada a ideia de cada um dividir, mas de que modo depois será feita a gestão não ficou decidido logo. Era preciso primeiro neutralizar o terreno todo, as pessoas saírem – porque um pouco "abusivamente" tinham ficado nos terrenos, ocupando-os – depois desse trabalho (entretanto, soube que já foi tudo limpo; provavelmente já estão a fazer o emparcelamento) estar finalizado (depois de 1 ano, de ter a divisão, haver produção, de ter alguns *feedbacks*) se poderá fazer alguma avaliação.
Acho que se iniciaram algumas coisas, não tudo! Outras vão iniciar. Nada está findado para dizermos se foi bom ou mau.

E – Consideras que o trabalho realizado no âmbito do projeto é um trabalho que contribui para o desenvolvimento local de Ocua, da diocese de Pemba?

V2 – Eu acho que a ideia é essa. Quando falo, por exemplo, de ter a linha diretora da questão pastoral, tudo isso vai acontecer naturalmente. Eu, agora, falava do exemplo das *machambas* – vai ser algo que vai ser bom para a paróquia, vai dar uso ao terreno e vai ser bom para todos os paroquianos, mesmo não sendo praticantes. Poderá ajudar de uma forma organizada, no sentido de poderem usar as coisas, tirar proveito disso e, até, estando organizados na produção, a terem maior produtividade. Não tenho dúvida que esta parceria pode ser – porque as coisas estão a andar – bastante benéfica também a nível social e em todas as vertentes.

E – Achas que é possível quantificar – já tocaste nisso há pouco – agora, ou daqui a 3 anos, algum desenvolvimento que este projeto poderá ter gerado?

V2 – Algum. Porque, primeiro, estamos a falar de um sítio onde as coisas são completamente diferentes, onde as tradições são completamente diferentes, e tal como nós temos aqui a nossa tradição, lá existe a deles e temos de respeitar, embora haja muitas coisas com as quais não concorde. E temos de ter noção de que mudar não é de um momento para o outro, nem 3 anos. São gerações, acredito. Uma dificuldade que identifiquei e que acho que a missão pode fazer tem que ver com a educação: a questão das meninas e do acompanhamento escolar – até os meninos mas mais elas, o persistir para não desistirem. Isto está relacionado com a tradição que hão-de estudar até engravidarem, por exemplo, ou até chegarem à idade em que o tio – porque é o tio que manda na família – acha que deve casar. São muito pouco incentivadas a estudar porque não veem resultados. Qual é a imagem que uma mulher tem? - acredito eu, a partir da visão do que vivi lá. Nasce, cresce e começa a perceber que uma mulher, no fundo, serve para encontrar um marido, que até possa oferecer uma outra coisa mais, e a vida dela está "feita". A educação permitiria abrir horizontes e ser um bocado mais crítica, no sentido de ser capaz de avaliar o que é melhor para a vida dela.
Por isso, avaliação, avaliação, seria daqui a uns bons anos, daqui a umas boas gerações. Podemos mudar um pouco o modo de funcionamento das coisas e já dá para fazer uma pequena avaliação. Mas acho que será interessante ir daqui a uns 30 anos. Não fazer nada, observar. E, então, perceber – o que eu acho que é uma coisa sobre a qual os missionários se devem interrogar – se o que se tentou fazer foi útil? Muitas vezes é útil aos nossos olhos e não às pessoas que lá estão. Se serviu?

E se as coisas mudaram ou não mudaram. Por vezes, temos tendência a bater numa tecla, porque achamos que aquilo é que é bom, e não encaixa num contexto diferente. Isso é uma experiência que nos faz questionar algumas coisas que consideramos boas cá porque a nossa tradição diz que isso é bom e aceitámo-lo como tal. Quando vemos uma coisa diferente, interrogámo-nos.
Como tal, as avaliações só daqui a uns 30 anitos.

E – Olha, e do ponto de vista da arquidiocese de Braga?

V2 – Acho que a arquidiocese de Braga tem muito a ganhar com isto. Aliás, uma das coisas que me motivou sempre foi esse envolvimento a nível de arquidiocese. Claro que, na arquidiocese, sou uma migalha. Mas acho que este projeto - e como alguém já há alguns anos ligado à vertente missionária - pode tornar a arquidiocese de Braga uma porta aberta. Quer dizer, aquele discurso que ouvimos do altar mas que não passa. Uma experiência como esta, concreta, com a equipa missionária que vai ou com a receção de alguém que poderá vir... Eu acho que, quantas mais experiências fizermos durante este tempo de projeto de "relação com", mais temos a aprender com isso. Mesmo que seja para chegar ao fim e dizer: isto não. Mas quantas mais coisas se fizerem, mais intercâmbios, claro de uma forma pensada e equilibrada, mais nós, arquidiocese de Braga, temos a crescer. O maior crescimento será nesse sentido missionário. Por exemplo, agora, com a presença do D. Luiz cá pode ser um passo. Pode ser um passo, por onde passou. Será mais que uma missa a presença do D. Luiz de Pemba cá. Pode-nos fazer questionar – claro que não vai fazer a toda a gente, e o sonho é sempre difícil de alcançar mas acredito muito que este projeto, a nível de arquidiocese, pode trazer mudança. Seja a nível de massa, de estrutura da própria organização da arquidiocese mas até me refiro mais a nível paroquial. Os meios pequenos que, de repente, podem começar a abrir uma porta maior para a vertente missionária. Claro que, para isto, é preciso um grande trabalho. Dou um exemplo básico: no projeto *Salama!*, nós para fazermos uma atividade qualquer para angariar fundos para algo concreto, seja em Pemba ou na própria paróquia de Ocua, para mobilizar pessoas, dar a conhecer o projeto, envolvê-las com, eu acho que isso é muito produtivo para a arquidiocese de Braga. Primeiro, vão ficar a saber do que se trata – quando aparece uma notícia de Ocua, estão contextualizados, sabem o que é. Acho que essa é a melhor forma de, mais tarde, quando for necessário nos envolvermos. Não ser a primeira abordagem onde, se calhar, estão a precisar de nós e, para nós, ainda é uma primeira abordagem. Quando já se foi participando, já se foi vendo, já se foi acompanhando, acho que isso pode ser muito produtivo. Até na questão de conseguir voluntários para ir. Se, de repente, vamos a um jovem da arquidiocese de Braga falar no sentido de ir, se for alguém que já conheça o projeto, já tenho tido alguns encontros pontuais com este projeto, será uma mais-valia. Eu acho que a nível da vida das pessoas poderá ser transformador!

E – Consideras que este projeto pode potenciar uma maior cooperação missionária entre as duas dioceses?

V2 – Sim.

E – Achas que isso está em andamento?

V2 – Está a iniciar. Mas acho que sim. O grande ganho que a arquidiocese de Braga pode ter é esta envolvência e é a própria transformação cá. Quanto mais nos envolvemos lá mais nos transformamos cá.

E – Em termos de futuro, o que é que achas que será essencial?

V2 – A questão da escolinha, como falei logo de início. As coisas têm de ser bem feitas, dar um passo de cada vez para que um dia, se se abrir, as coisas possam permanecer. Mesmo acabando o projeto e Braga saindo de cena. Fazer as coisas de forma a que, ao longo dos anos, as coisas tenham um desenvolvimento tal que possam ter continuidade. Que eu acho que é o interessante deste projeto em tudo o que se faz lá: ter com esta vertente. Fazer algo em que se possa ser útil mas, pouco a pouco, ir libertando essa responsabilidade de forma às pessoas locais assumirem as coisas e darem continuidade no dia em que não se esteja ou o próprio projeto não esteja. Então, a escola não tenho dúvida de que será um objetivo muito importante. Claro, nunca desleixando o que já falei da parte pastoral. Fazer-se a escola e deixar-se as ideias da Igreja de lado, poderá causar um desequilíbrio no que penso que será este projeto. Isso, até uma ONG qualquer pode fazer. Então, aí, acho que a pergunta deve ser: qual é o interesse da diocese ou quais são os seus objetivos? Porque, por exemplo, a primeira abordagem que tivemos num encontro de catequistas já estava a acabar o "Ano da Misericórdia" e os catequistas não sabiam disso.
A primeira formação que tivemos foi em setembro. Em setembro preparamos uma abordagem para falar um pouco do "Ano da Misericórdia" – o "Ano da Misericórdia" ia acabar em novembro – e ninguém fazia ideia. Às vezes, o trabalho pode ser simplesmente de fazer estas ligações: as pessoas estarem ligadas com a Igreja, saberem que as coisas estão a decorrer. Então, nunca desleixando isso, aponto como principal a escolinha.

E – Como é que vês o futuro do projeto *Salama!*?

V2 – Acredito que tem muito por onde andar. Eu falo na questão da escola porque seria fundamental para mudar alguma coisa a nível de sociedade. Mas, por exemplo, o projeto das *machambas*, não tenho dúvida que seria algo muito vantajoso para ambas as partes. Por isso, caminho existe muito para andar. Ainda por cima, numa paróquia tão grande existe muita coisa por onde se pode pegar e se pode desenvolver. Por onde? É a capacidade que temos de ter, de perceber qual será a maior necessidade agora, depois... Na altura, chegamos a ter algum trabalho no sentido, e por vontade da diocese de Pemba, de fazer progredir a própria paróquia. Isto pode fazer alguma aproximação aos paroquianos – num sítio mais pequeno, maior a probabilidade de nos conseguirmos aproximar. Os passos que se vão dando aos poucos é que serão o caminho, na minha opinião.
A proximidade é algo muito importante. Ir para longe e ficar afastado ou ficar dentro de casa não funciona. É contraditório, na minha visão.

E – Como é que avalias a cooperação para o desenvolvimento, em geral?

V2 – Talvez seja cedo para avaliar, mais uma vez! A maior avaliação que posso fazer é a nível de futuro. Tem pernas para andar: seja no caso da educação, no caso da saúde, até no caso social das mulheres – que foi um trabalho que se iniciou mas que não se faz de um dia para o outro, nem num ano. É algo que é para ficar, para amadurecer. Num encontro de mulheres, às vezes não é preciso dizer nada. É preciso o espaço onde as mulheres possam falar. É uma tradição que existe muito que, antigamente, usávamos aqui nos tanques de lavar e lá se usa muito nos poços, nos furos. Quando vão buscar água – porque maioritariamente são as mulheres que o fazem – é um ato social. Quando me dizem "vai lá tu buscar água", se calhar não é a melhor coisa que eu faço. Porque, se calhar, é um ato social das mulheres. Mas quando se fala de fazer algum trabalho social – no caso relacionado com a mulher, às vezes basta um espaço, um local de encontro onde possam desabafar, onde possam "pôr as coisas todas em cima da mesa", de forma a, mais tarde, perceberem qual será o caminho, o conselho... Ou, às vezes, perceber que se passa em minha casa

o mesmo que na do vizinho mas que não faço a mínima ideia. E ter conhecimento disso, das duas uma, ou "acho normal" ou "juntos podemos ser mais fortes". No âmbito social, acho que há muito por onde trabalhar, pouco a pouco. Não se vai conseguir resultados de um dia para o outro, por isso é difícil, para mim, fazer uma avaliação neste momento. Há muito por onde trabalhar. É a mesma coisa que falar da pastoral: não digo que não exista nada mas há muitas carências! Neste caso, a carência não é só dinheiro, não é só pobreza. Claro que uma coisa pode levar à outra... Mas a nível social, eu acho que há muita coisa para fazer e interessante! E se nós aqui em Braga tivermos pessoas que estejam a trabalhar em casos concretos, que possam ser enviadas de forma a automatizar as coisas lá e depois voltarem, acho que poderá ser muito interessante. Seja a nível pessoal, de quem vai, mas da diocese também. E depois até fazer o contrário: a pessoa que foi, provavelmente, há-de mudar (acho que é isso que acontece), inconscientemente, a sua forma de trabalhar cá. São as grandes vantagens que se pode ter na cooperação: a nível social cá e lá, há muita área por onde trabalhar.

E – Alguma questão que aches que será necessário acrescentar disto tudo que nós falámos?

V2 – Não.
Atenção, eu quando digo que a avaliação é muito difícil de fazer, até pessoalmente – porque para mim foi um ciclo que eu não digo que fechou, mas pelo menos de estadia lá, fechou. Porque eu ia por um ano, e foi isso que aconteceu e se concretizou. Claro, tenho as minhas avaliações pessoais, nesse sentido. Difícil é avaliar porque nunca se chegou ao fim de nenhum trabalho. Por exemplo, até no que se refere a umas cadeiras que foram pintadas, há muitas mais cadeiras que ficaram por pintar. Tudo este ano aconteceu como experiência. Por exemplo, uma *machamba* que se tentou fazer não foi para ter produtividade, foi para experimentar diferentes espécies. Porque cá temos uma ideia de como é que as coisas funcionam. Lá, o trabalho teria de ser de escuta das pessoas de lá – há coisas que não valia a pena experimentar porque já se sabia que não valia a pena, as próprias coisas que sei por intuição tendo em conta o clima de lá que não vão funcionar e, depois, é preciso experimentar. Fazer uma micro horta e experimentar algumas coisas. Foi isso que se fez. Daí sim, podemos tirar uma avaliação mas são existe um projeto que eu diga "funcionou" ou "não funcionou". Há algumas coisas que dão e outras que não.
A nível pessoal, essa avaliação também acontece mas também não é fácil. Porque é um ciclo que se fechou mas não por completo. Existe esta relação e o que mais admiro e trago mais desta experiência são as relações. Apesar de ser uma distância muito grande, acho muito interessante este estabelecer de relações e que se vão continuando, graças a Deus, existem alguns meios que nos ajudam. A relação valorizei lá e tento valorizar cá, apesar das dificuldades que, hoje em dia, existem...

E – Há alguma palavra que possas eleger para que fique como o resumo, a síntese, o teu sentimento, a tua perspetiva em relação ao projeto?

V2 – É difícil!

E – Há uma palavra que fica sempre, não é? Que te vai ficar desta experiência de missão.

V2 – Palavras ficam algumas mas não no sentido de avaliar. Há palavras que ficam, que a gente vai usando mas acabam por ser expressões. Por exemplo, o "*Salama!"* uso com quem sabe o que é... *Ué*? Aqui não uso. Há pessoas que sabem...

E – O que é que significa?

V2 – É “tu” mas usa-se muito numa repreensão. Quando alguém me está a fazer alguma coisa e eu o estou a repreender: *ué*? – e até posso apontar... É uma expressão que até uso com algumas pessoas cá, que não estiveram lá, mas que sabiam que eu usava isto e então fica. Como algumas expressões como “estou assim mesmo”...

E – O “estar”, aquilo que referiste há bocadinho, achas que foi algo que, da tua experiência lá, mudou a tua perspetiva em relação a este verbo que muitas vezes usamos para “estou bem, não estou...”? Mudou um bocadinho?

V2 – Acredito que sim. Não é que diga que esta experiência mudou completamente a minha vida. Acho que existe uma caminhada. Mudou, no sentido em que houve um crescimento. Acredito que cresci. Se é positivo ou negativo, falta a sociedade fazer esse julgamento. Eu já era um pouco do “estar”. Sou uma pessoa mais de observar do que de falar. Então, o estar lá não foi nada que me provocou perturbação. Acredito que esse estar seja vivido de uma forma diferente, agora! Por que esse “estar” lá é mais fácil. Mesmo alguém que não esteja habituado a “estar” consegue-o. Pode estranhar, à partida, pode dizer que não o quer fazer mas se, realmente, se envolve na vida de lá, faz.
Eu privilegio-o muito e continuo a privilegiá-lo e acho que cá é uma grande falta, no sentido de deixarmos de andar a correr de um lado para o outro, de estar, de apreciar. Muitas vezes, melhor do que comentar alguma coisa que vemos, apreciar. Nós, enquanto seres humanos, quando vemos uma coisa e não gostamos temos tendência a dizer logo, e a recriminar determinada situação e a avaliá-la. Mas esquecemo-nos de o fazer para nós. Fazemos naquela situação concreta com outras pessoas. Eu acho que, quando nós observamos e não falamos temos a tendência a aplicá-lo em nós. Acho que isso é uma vantagem e que estar lá nos ajuda a ganhar essa capacidade. Devo ter uma atitude crítica e dizer se quero aquilo para mim, ou não. Isso é crescimento.
Sem dúvida que o “estar” é algo que aqui deveria ser mais venerado. Gosto, por exemplo, de um dia à tarde estar em frente ao mar ou estar num sítio calmo e passar a tarde a, simplesmente, olhar. Com as minhas deambulações, obviamente, como toda a gente! Faz-me bem. Paragens.

E – Obrigado!

2.7. Entrevista ao voluntário 3 (V3)

E – Como é que surgiu na tua vida este projeto?

V3 – Antes de mais, eu não sabia do *Salama!*, não sabia da existência do Centro Arquidiocesano de Braga. Tinha há muito tempo – desde pequenina – esta vontade de fazer missão, que esteve algum tempo adormecida e quando comecei a perceber, através de uma oração das vocações, que estava a negligenciar uma parte de mim que a queria viver, fui falar com um padre por quem nutro especial adoração – que é o padre que reza a missa a que vou todos os fins-de-semana. Esse padre sabia, tinha ouvido falar há pouco tempo, da possibilidade do [padre 1] ir, novamente, para Moçambique. Ligou ao [padre 1] e ele é que falou da existência do Centro Missionário. A preparação para o *Salama!* 2016/2017 já ia a meio e, portanto, eu, ainda entrei na fase de preparação desse ano do *Salama!*. E, assim, fiquei a inteirar-me do projeto. Confesso que, no primeiro ano de formação, fiquei com uma ideia um pouco "nebulosa" do que era o projeto. Fiquei mais com uma noção territorial da missão do que com uma noção do projeto. Fiquei mais com uma noção da base de ação do CMAB – mais do que do projeto em si. Depois, a formação terminou e a equipa do [padre 1] e d[o voluntário 1] e [voluntário 2] seguiu. Na altura falei com a [coordenadora] para perceber se havia alguma coisa que eu podia fazer deste lado. Mantive a disponibilidade. Começou um novo ano de formação, a chama continuava acesa e fiz nova formação. Aí, inteirei-me na verdade sobre o que é o projeto *Salama!*.

E – Como é que descreves, em traços gerais, o projeto?

V3 – Antes de estar no terreno, acho que o projeto é audaz, é ambicioso. Tem tanto de pastoral católica como de pastoral humana. Quando falo de pastoral humana quero falar de pastoral social, de contacto de pessoa a pessoa. Depois, no terreno, apercebi-me de que a maior parte do trabalho que tem de ser feito é esse: o humano. Porque se o nosso objetivo principal é evangelizar, o que temos de privilegiar é esse contacto humano. Estamos a falar de um povo com o qual é difícil estabelecer um laço. É preciso conquistar. Temos que o "desbravar" porque não dá logo muita confiança! É preciso conquistá-lo a pouco e pouco. É preciso privilegiar o entendimento da sua cultura, do seu modo de estar. E "estar" é uma palavra que conta muito na sua cultura – o saber lê-los, o entrosar com eles. Acho que é um projeto que vive muito daí, de estar no meio deles. São muito recetivos ao que temos para dar e estão muito disponíveis a dar-nos, também, o que têm para nós.
Acho que é um projeto que vive muito disso. Não senti grandes barreiras a nível humano. A nível material ou a nível físico, sim. É um projeto noutro continente, há muitas barreiras económicas… Os desafios são mais esses. As pessoas querem ser tocadas, querem ser formadas, querem ser evangelizadas e deixam-se tocar. Deixam-se alcançar!

E – Quais eram as tuas expectativas iniciais e quais são neste momento – neste ponto em que estás?

V3 – Entrei para a formação do *Salama!* – ainda para a formação 2016/2017 – com uma intenção de contacto humano, não era que não tivesse uma intenção de evangelização. Toda a formação privilegiava muito o sentido de evangelização. Estava à espera de chegar e que a maior necessidade fosse essa, de evangelizar. Depois, no terreno, vi que eles estavam perfeitamente evangelizados, por assim dizer, já tinham as rotinas pastorais, estão abertos à religião. Acredito que mais do que o que pensam aqui. Os que professam, professam verdadeiramente. Enquanto aqui, há muita gente que professa de uma forma muito mais… como um ritual. Lá, as coisas são

muito mais sentidas! As pessoas vivem-nas mesmo. A Eucaristia é uma festa. Mas é mesmo uma festa! Uma festa para Cristo.
Portanto, não senti tanto uma necessidade de evangelizar. Sim, quando nos deslocávamos às comunidades – infelizmente, essa foi uma parte que eu não pude acompanhar porque a maior parte das visitas coincidiu com a minha estadia cá – estávamos mesmo a levar Cristo. Nós estávamos a levar mas não sinto tanto que estivéssemos a evangelizar. Quando chegávamos levávamos um Deus que eles já conhecem. Estão abertos a esse Deus. Nós não O estamos a levar. Estamos a levar o ritual do batismo, da eucaristia e da confirmação. Mas eles já conhecem esse Deus e estão abertos a ele. Eles recebem-no todos os fins-de-semana na celebração da Palavra e têm-No todos os dias e a toda a hora.
Se calhar, o evangelizar foi a necessidade menor que eu senti lá. O que senti foi que precisavam mesmo de amor, de alguém que estivesse lá, que os ouvisse, que estivesse com eles. Sentem muito a necessidade de alguém só para estar! Não tinha expectativas nenhuma disso. Eu sabia que tinham carências a nível de saúde, a nível económico... Agora, de "estar", não! Como são tantos, de famílias numerosas, era uma expectativa que não tinha. E foi o que se revelou, para mim, mais importante de efetivar.

E – O que é que foi diferente do que previas? O que é que te surpreendeu, digamos?

V3 – As pessoas perguntam-me se não me chocou a miséria? Mas a época de maior miséria também coincidiu com a minha estadia cá, que foi a época das chuvas. Não cheguei a ver a miséria, miséria, em que há períodos de fome! Cheguei a ver coisas que nós aqui não imaginamos, obviamente! Coisas com as quais não estamos habituados a lidar. Mas, nós fizemos uma preparação intensa antes de irmos e, durante toda a fase de discernimento, é óbvio que todas as questões que nos colocamos nos preparam para a realidade que vamos encontrar. Portanto, a nível de choque cultural ou de realidades, não posso dizer que tenha encontrado nada muito diferente daquilo que estava à espera. Não me senti, em momento nenhum, profundamente chocada. Senti-me, em algumas vezes, furiosa com o ser humano, com o laxismo do ser humano... Mas, não é que fosse diferente do que estava à espera. É diferente do que temos aqui! Diferente do que o que eu estava à espera foi mesmo a carência de afetividade! Talvez tenha que ver com alguma coisa muito particular minha. Ou minha e d[o voluntário 4] porque tenho alguma propensão para lidar com adolescentes e, se calhar, criei, criámos, alguma ligação com os adolescentes da paróquia. Eles faziam questão de ir lá à nossa missão, quase diariamente, só para estar connosco. Pelo que percebi, já faziam isso com [o voluntário 2] e com [o voluntário 1]. Mas isso eu não estava à espera e surpreendeu-me! E, se calhar, o que eu não estava à espera é muito positivo. É um sentido de dádiva deles, quase de agradecimento diário. Eles ligam – e não têm propriamente, como nós, planos de tarifários de telemóvel, em que pagamos uma mensalidade pequenina e podemos ligar a toda a gente – só para cumprimentar! Ligam só para agradecer o facto de estares lá.
Portanto, quando me perguntam o que é que eu não estava à espera?, é esta compensação imediata do que damos! Eu estive lá 3 meses e estou cá há 3 meses. Pondo em perspetiva, aquilo que eu dei e pelo qual tive de deixar muita coisa – e que estando aqui há 3 meses, sinto que tenho muita coisa em suspenso – numa escala de proporção é muito inferior à compensação imediata que recebi. A compensação foi que o que eu não estava à espera!
Tudo o resto, a nível de formação, fomos tendo contacto. Se calhar não estava à espera que as *malárias* fossem tão agressivas! (risos) E de saber que a equipa anterior esteve quase "às portas da morte"- não sabia antes de ir!
De resto, em momento nenhum, senti um "bac": ai, isto é tão inesperado! É claro que todos os dias são uma surpresa mas...

E – Do que estava planeado, o que é que achas que merecia algum ajustamento?

V3 – Lá, nenhum dia é como nós planeamos! A única certeza que tenho é de que: amanhã, vou acordar às 6h00 porque temos de tomar o pequeno-almoço, rezar... depois recebo umas mamãs e, por exemplo, às 8h30 tenho de estar no Hospital do Chiúre. Mas não acontece como nós planeamos, porque, por exemplo, nesse dia acordo muito mais cansada e preciso de descansar mais um bocado, o que é muito comum! Ou porque nos batem à porta às 6 menos 20; ou porque alguém bateu em alguém; ou porque em vez de chegarem 5 pessoas para irem no carro chegam 8 e temos de ajustar tudo... Ou porque em vez de chegar uma mamã para vir buscar leite vem uma mamã nova com uma criança absolutamente subnutrida! Portanto, o dia-a-dia é uma novidade. Não dá para planear! A partir do momento em que não dá para planear o dia-a-dia, não dá para planear o mês, não dá para planear o ano.
Já tivemos momentos em que era difícil sequer cumprir as atividades marcadas a nível diocesano, que nem sequer têm um ritmo semanal nem mensal!
As obras que vão ser feitas na Missão - uma das funções que eu ia ter, era de acompanhamento das obras - poderiam ter sido um processo melhor articulado entre mim e [o voluntário 2], ainda antes de eu ir. Os contactos que foram feitos entre [o voluntário 2] e as instituições no ano passado poderiam ter sido melhor articulados comigo! Não sei que contactos [o voluntário 2] efetivou ou não efetivou! Há coisas que estão na mão da [coordenadora]. Há coisas, como os painéis solares, que estão na mão do [padre 2]. Acho que ainda há muita coisa que precisa de ser melhor planeada, a nível de equipas futuras. A nível do dinheiro, eu sou a tesoureira mas há coisas que o [padre 1] sabe, há coisas que o [padre 2] sabe, há coisas que só sei eu... Acho que há coisas que têm de ser melhor estruturadas para as equipas futuras. Quando as pessoas tiverem um cargo, uma função, têm de saber mesmo tudo, têm de ficar com essa função e ficar responsável por ela. Quando eu vim, no caso, por exemplo, de acontecer uma coisa menos positiva, como quando eu vim, até para passar a pasta é muito mais fácil! Passando uma pasta organizada, selada, fechando uma capa, entrego-a à pessoa a seguir. Entregar coisas com pontas soltas, como acabei por ter de fazer, a outra pessoa, acaba por ainda trazer mais problemas.
Mas também temos de ver que é tudo muito experimental, ainda só vamos no segundo ano. Pelo que percebo, no ano passado estava tudo às costas do [padre 1] – porque ele é que conhecia, sabia – e este ano tentou-se distribuir um bocado melhor. Mas, ainda assim, o padre continua a ser o padre. Eu não posso assumir responsabilidades que são do pároco. [O voluntário 4] também não pode assumir responsabilidades que são do pároco! Por outro lado, há coisas da responsabilidade d[o voluntário 4] mas que as pessoas vão à procura do pároco... Há coisas que são da responsabilidade do [padre 2] mas que as pessoas vão à procura d[o voluntário 4] por ele ser da catequese... Há coisas que eu acho que, no futuro, terão de ser melhor organizadas, melhor articuladas. Ainda assim, para ser uma missão que está no segundo ano e que sobrevive com poucas pessoas – o ano passado três e este ano, acho que nos estamos a sair muito bem. Dois mais a [coordenadora]. Podemos sempre contar com a pessoa que está cá!

E – Quais eram as áreas com que te ocupavas? Achas que haveria alguma coisa a ajustar nesse trabalho que fazias na missão?

V3 – O papel primário, além do papel de pastoral católica, era parte social: aleitamento; consultas das mamãs: do pré-natal e dos recém-nascidos; acompanhamento da Virgínia, uma adolescente de 15/16 anos, e do Marcelino, uma criança de 7/8 anos, que têm tuberculose linfática e estão a fazer medicação e têm de ser diariamente supervisionados. Como eles são irmãos e, mensalmente há uma consulta, como responsável eu tinha de acompanhar a Virgínia, o Marcelino e o pai à consulta; tinha de dar satisfações do que tinha ou não acontecido durante o ano. Aliás, no caso do

Marcelino, até fui eu que me apercebi que ele estaria com tuberculose linfática como a irmã.
Depois, estava também, com o programa de apoio ao aleitamento materno, para as mamãs que não têm leite suficiente – o que requer um acompanhamento mensal de todas as mamãs e bebés. No início, quando cheguei, o programa de aleitamento estava numa fase inicial, não havia regulamento. Fiz por criar isso, um regulamento base de procedimentos para que quando uma mamã chegue até nós, seja atendida por quem for, pel[o voluntário 4], pelo [padre 2] ou pela equipa a seguir, haja um procedimento base a ser seguido. Claro que, cada caso tem de ser revisto, há sempre especificidades que têm de ser tidas em conta. Mas ajuda no processo de seleção das mamãs e dos bebés; basicamente, em todo o processo. Semanalmente, há que ter em conta se o bebé foi vacinado, se tem ido às consultas de pesagem – se está ou não a aumentar de peso, portanto se anda ou não a tomar o leite. Como não recebíamos as latas de volta, havia algum risco do leite ser vendido, paralelamente, no mercado. Havia uma data de ajustamentos que foi necessário fazer. Também, estava com a tesouraria. E eu e [o voluntário 4] também estávamos responsáveis pela cozinha. Agora, as minhas responsabilidades passaram todas para [o voluntário 4].

E – O que é que achas que poderia ser diferente nessas tarefas? Já foste falando de alguns procedimentos…

V3 – De início, ninguém pode ir em missão sem saber cozinhar! (risos) Portanto, para o ano, as três pessoas que forem têm de saber cozinhar. Isto é meio a brincar meio a sério. Porquê? Porque este ano houve o infortúnio de eu ter de vir e houve o infortúnio de [o voluntário 4] ter uma malária e o [padre 2], que não sabe cozinhar, teve de se safar. Não é que tenha sido mau para [o voluntário 4], porque não deveria ter apetite nenhum, mas para o [padre 2]…
Há coisas que podendo levar um equilíbrio à partida, é melhor. No início, se calhar, também poderíamos ter integrado melhor o [padre 2] na questão da cozinha e ele poderia ter aprendido a cozinhar connosco. Há sempre coisas que se podem trabalhar. Mas isso também depende das dinâmicas de cada equipa.
No caso do programa de aleitamento, eu sentia-me muitas vezes "a patinar" porque recebia as mamãs e, depois, ficava muito frustrada porque dava por mim a pensar "não devia ter dito que sim!" e vinha outra mamã e tinha o pensamento que tinha tido com a anterior. Agora, temos um sistema que justifica, em determinados casos, para salvaguardarmos a criança – no caso de, por exemplo, ainda não ter sido vacinada – o podermos dizer que não. Claro que, não é pôr em causa a nutrição da criança. Primeiro está a nutrição da criança. Mas, a pouco e pouco, estamos a conseguir criar um sistema sustentável. Agora, até recebemos o fundo da APARF, portanto, a nível económico vai haver um novo fôlego e não há assim nada a assinalar. A nível de tesouraria, já disse, acho que a maior das falhas foi o pouco tempo que houve entre equipas. Eu, enquanto responsável da tesouraria, se pudesse ter estado mais tempo em comum com o [padre 1], teria havido tempo para me explicar melhor algumas questões. Até, por exemplo, conhecer as dinâmicas de onde as coisas são mais baratas, de onde se compram coisas frescas – que ainda demoram um bocadinho até se estabelecerem. Agora, já estão estabelecidas mas, no início foi "picar pedra". Depois, à medida que se vai vivendo, as coisas vão-se tornando muito orgânicas.

E – Neste momento qual é o ponto de situação que tu fazes, no que diz respeito à eficiência, do trabalho do projeto?

V3 – Continuo a ter o "calcanhar de Aquiles" que são as obras. Eu fui com um objetivo delineado que incluía as obras. Isto a título muito pessoal mas relacionado com o projeto. Isto das obras era um bocado ambicioso porque fazer as obras iria permitir que começássemos a alargar o *Salama!*

a missões de curta duração: de 1, 2 ou 3 meses. Enquanto isto não avançar – e, agora, a nossa casa está a precisar mesmo de obras de beneficiação, de reforço estrutural – vou sempre sentir que há uma parte do projeto *Salama!* para a qual estou em falta e que está em falta para comigo. Ainda esta semana reuni com o responsável de uma das empresas de construção com quem estamos a falar, lá de Pemba, que estava em Portugal de férias, e penso que tem tudo para andar nesta metade do ano que ainda falta. Ainda assim, é meio ano que já passou e as coisas não se efetivaram. Nos três primeiros meses em que eu lá estive, apesar de eu sempre ter dito que era uma urgência antes das chuvas, nunca foi uma urgência efetiva. E, depois, porque eu tive que vir. Veio a época das chuvas e, à distância, não havia grande coisa que eu pudesse fazer! Isto é uma questão de brio, de ponto de honra, que eu quero acompanhar. Se eu tenho as ferramentas para acompanhar para que corra bem, faço questão de ser eu a acompanhar. Se, agora, os médicos me dissessem que eu não posso voltar a Moçambique, teria de largar a pasta e ajudaria daqui para lá. Mas enquanto houver esperança de eu ir, quero estar lá para acompanhar!
É aí que eu melhoraria o projeto. Tudo o resto, eu acho que, sendo um projeto que é constituído por pessoas todos os anos vai ter que se adaptar às pessoas que estão à frente do projeto. Foi isto este ano, é isso que vai acontecer para o ano... Vai ter sempre as especificidades características das pessoas que estiverem.

E – Achas que o trabalho desenvolvido pelo projeto contribui para o desenvolvimento local?

V3 – Totalmente. Acho e é absolutamente notório. Nós levamos uma noção muito importante para lá, que nos foi dita por várias pessoas durante a formação, que é: nós não vamos para lá para salvar África. Nós não vamos com essa pretensão nem tão pouco com a de salvar Mahipa. Nós vamos com a pretensão de tocar as pessoas que quiserem ser tocadas. De formar, de algum modo, a nível evangélico, a nível católico, a nível humano... Até a nível letivo, por assim dizer. Eu já dei explicações de matemática, [o voluntário 4] já deu explicações de física, já demos explicações de inglês... Nós vamos com a expectativa de ajudarmos naquilo que pudermos, fazer a diferença que pudermos fazer. E nota-se que as pessoas (nos valorizam) quando precisavam de algum tipo de ajuda, seja desde a coisa mais corriqueira que podemos fazer, que é dar uma boleia porque temos um carro e eles não e porque estamos a caminho, ou até, como fez [o voluntário 1], pagar as propinas a uma menina que queira prosseguir nos estudos. Todos os gestos, por mais insignificantes que nos pareçam a nós, mudam um bocadinho de uma vida. Mudando uma vida podem mudar gerações. Falo muitas vezes da Alicia, porque é um caso que me toca muito intimamente, que é uma menina que me apercebi, porque o nosso guarda me chamou mais ou menos a atenção de alguma coisa que não estaria bem, que estava num caso muito grave de subnutrição. Quando chegámos ao hospital, a técnica de nutrição disse-nos que estava a pouco tempo de os seus órgãos entrarem em falência. Tinha um mês e meio e pesava 1,5 kg. Agora, é uma bebé de 6 meses, gordinha, com um peso absolutamente normal para a idade, feliz. A mãe não trabalhava, não fazia nada! Agora, já tem um trabalho, já tem uma casa. Com um sopro de esperança reconstruiu-se: cuida dela, da filha e de um irmão, ainda! Quer dizer, com um gesto tão simples como o de levar uma criança ao hospital, salvámos uma vida, salvámos uma família e, possivelmente, ao mudarmos a vida de uma menina mudamos uma data de gerações que virão a seguir a ela. Essa menina será um dia mãe, educará – se tudo correr bem – uma, duas ou três crianças. E essas crianças educarão outras cinco ou seis e é assim que se mudam comunidades.
E é assim que nós, como equipa, gostamos de pensar. É óbvio que mudámos a comunidade, sim. Basta ver a felicidade deles quando chegamos! Mesmo quando vamos às comunidades mais afastadas, onde só chegamos uma vez por ano, é mesmo como se estivesse Cristo a chegar no meio deles. A felicidade deles é indescritível e é algo de impagável.

E – Consideras que o trabalho desenvolvido lá contribui para o desenvolvimento missionário da Arquidiocese de Braga?

V3 – Considero que poderia ser melhor capitalizado cá.

E – De que forma?

V3 – A arquidiocese teria de fazer algum trabalho de estudo... Teria de pensar em estratégias. Acho que o que nós fazemos lá podia ter muito fruto aqui. Nós estamos dispostos e temos as ferramentas. A equipa anterior, que já regressou – pelo que conheço d[o voluntário 1] e d[o voluntário 2], são seres humanos de exceção; [o voluntário 1], além de ser missionária é enfermeira, portanto, poderia ser absolutamente capitalizada – está subaproveitada! Numa cidade que é conhecida por ser tão ligada à Igreja, com tantos bispos e padres, acho que se sabe muito pouco deste projeto. Acho que se sabe muito pouco da equipa que regressou, da equipa que está lá. Acho que se aproveita muito pouco os ensinamentos. Usando uma expressão mundana, era "aproveitá-los até ao tutano"! Aproveitar, principalmente os leigos, [o voluntário 2] e [o voluntário 1], porque o [padre 1] tem muita coisa com que se ocupar. Era aproveitar [o voluntário 2] e [o voluntário 1], não deixar que o ânimo missionário deles não esmorecesse para ajudar a que ânimo missionário nascesse noutras pessoas. É óbvio que um fogo para onde não se atire lenha acaba por esmorecer! Era aproveitar enquanto eles ainda não sabem muito bem se já regressaram – porque, acredito que em 6 meses ainda não tenham tido muito a perceção do regresso, para que ajudassem a fomentar novos espíritos missionários. Eu acho que era fulcral e que poderia ser absolutamente enriquecedor.

E – Achas que o projeto *Salama!* contribui para uma efetiva cooperação missionária para as duas dioceses?

V3 – Contribui, para a diocese de Pemba. Para a arquidiocese de Braga não estou muito crente! Estou um pouco cética, até! Por várias razões. Primeiro, vamos sempre achar que, se vier alguém de lá, esse alguém vai querer ficar aqui porque as condições de vida aqui são melhores. Enquanto nos deveríamos preocupar em trazer a pessoa para cá e mostrar-lhe o que ela pode ganhar aqui, com o que pode enriquecer aqui para depois ser um instrumento incrível lá! E que a própria pessoa queira, como eu e [o voluntário 4] e [o voluntário 2] e [o voluntário 1], para não falar do [padre 1] e do [padre 2] mas como nós os quatro, leigos, que quisemos, do nada, sair do conforto das nossas casas e das nossas vidas, abandonar vidas profissionais, vidas familiares, até vidas amorosas estáveis, e ir para o desconforto, por assim dizer, para ajudar os outros. Porque que é que não havemos de acreditar que uma pessoa que já tenha o chamamento venha para cá e não há-de querer voltar? Eu acho que há uma certa descrença, à partida, que é maléfica para a causa! Para mim, é uma descrença ridícula achar que quem vier vai ficar cá, à partida! Isto não contribui para que essa cooperação seja "bidual" e, honestamente, acho que a arquidiocese de Braga perde muito. Entendo que a arquidiocese de Braga tenha ferramentas adquiridas ao longo de muitos e muitos anos e que se sinta na obrigação quase de partilhá-las, que tenha uma obrigação quase pedagógica de educar outras dioceses, até porque a diocese de Pemba é quase como se estivesse a recomeçar nestes últimos 4 anos. Mas acho um bocado pobre não aproveitar esta experiência tão rica que os missionários trazem e que podia ter se trouxesse gente de lá! É óbvio que lá também há carência de pessoas mas um ano cá e, depois, 40 lá... é pesar.

E – O que é que consideras essencial em relação ao futuro para o projeto?

V3 – Essencial é a comunicação. É quase redundante o que estou a dizer mas é essencial promover o projeto. Digo isto desde o início. Eu fiz um percurso formativo aqui na arquidiocese de Braga, comecei a catequese aos 6 anos. Saí do grupo de jovens aos 18 para ir para o Porto, para a faculdade. Depois, quando acabei o curso, voltei para o grupo de jovens. Fui convidada para ser voluntária nos acampamentos e, depois, voltei mesmo a participar no grupo como animanda. Vou à missa todos os fins-de-semana, vou às orações das vocações, vou a imensas atividades, Já fui a atividades da arquidiocese no Auditório Vita. O meu primo é o presidente da Católica de Braga… e eu nunca tinha ouvido falar do Centro Arquidiocesano de Braga até ao dia em que fui falar com o Cónego Manuel Joaquim que ligou ao [padre 1]. Isto quer dizer que até uma pessoa "beata das beatas", como eu, não teve acesso à informação. Claro que, agora, o CMAB está muito mais ativo; está super ativo nas redes sociais. Mas também não acho que seja um problema do CMAB; que seja o CMAB que não esteja a fazer o seu papel de divulgação. Acho que é um problema a nível da arquidiocese. A nível das forças que estão à frente do Diário do Minho. Não me venham dizer que é preciso nós mandarmos as notícias para o Diário do Minho porque quem está no Diário pode escolher pôr as coisas na capa ou *meiozinho* ou no Igreja Viva!
Acho que não há divulgação suficiente e isso faz com que não haja jovens suficientes a saber! Se calhar, há por aí muitos jovens inquietos que acham que é só patético ter um chamamento missionário no século XXI. Há muita gente que, quando eu digo que sou voluntária missionária, acha que ando aí de sandália ou pé descalço e veste até ao chão. A ideia que as pessoas ainda têm do missionário é absolutamente obtusa e convinha desmistificar isto! Convinha dizer aos jovens de hoje em dia que o que sentem é um chamamento verídico, é comum, não é uma coisa só de filme, do século XIX ou XVIII, não têm de o reprimir. Deves vivê-lo em alegria, deves aceitá-lo, deves exponenciá-lo, deves capitalizá-lo – que é um verbo que eu gosto de usar! Eu gostava que as pessoas não olhassem para o missionário do século XXI – e acho que consegui isso no meu grupo de amigos – como um rato de sacristia que se acredita em Cristo ou na Igreja é porque é burrinho, que não lê livros de ciência suficientes. Eu posso ser uma pessoa absolutamente bem formada, ter a minha fé, ter vivido muito, ter viajado muito… isto não é incompatível com o ter a minha fé e querer vivê-la e partilhá-la. Ser missionário é isso, é partilhá-la. Falta muito desmistificar isto: que o missionário é um jovem *cool* que é *designer*, trabalhou num gabinete de arquitetura até ir embora e andou numa tuna! [O voluntário 4] é tuno e ia para os copos com os amigos e é missionário. Falta esta desmistificação para abrir horizontes!

E – Em termos de atividades futuras, o que é que achas que seria importante realizar-se?

V3 – Por acaso, tenho muita pena de não ter participado do Fórum Missionário! Porque não sei dizer se o Fórum seria uma atividade pertinente para a faixa etária que eu acho que deveríamos atacar. Porque quando eu vou às escolas falar – por exemplo, a semana passada fui aos meninos do 8.º ano, e aos seminários, falo muito da infância missionária e acho que é um tema muito importante para despoletar, acho que deveríamos atacar na adolescência. Não é a faixa etária que nos convém numa fase imediata – nós precisamos de jovens para ir agora em missão, a médio e longo prazo. Nós precisamos despertar agora adolescentes que daqui a 10 anos queiram ir em missão connosco. Pensando assim, mais à frente, há uma necessidade muito grande de fazer algo como um acantonamento, uma convivência como se faz no grupo de jovens – tenho muito o exemplo da pastoral de Jovens de S. Vitor, que foi onde me formei para esta realidade. Acho que devíamos procurar atividades que despertassem uma faixa etária entre os 16 e os 22 anos. Apesar de que o que nos convém agora são a partir dos 24. Porque aos 24, a bem dizer, tu já tens o chamamento ou já sentiste o apelo de alguma maneira. Há que realçar que eu tenho 31 e quando entrei para a formação tinha 29. Na idade adulta, quando eu comecei novamente a pensar nisto e a pensar "tenho aqui isto entalado, por viver", eu teria uns 24 ou 25, tinha acabado o curso de

arquitetura. Tinha pensado muito na arquitetura missionária, tinha feito o *workshop* com os Arquitetos Sem Fronteiras, tinha muito este bichinho. Acho que aos 24, na idade que nos convém, ou já tens o apelo ou "forçá-lo", por assim dizer, ir chamar as pessoas, já é tardio! Portanto, acho que nós devíamos fazer atividades – não sei dizer agora quais – direcionadas para esta faixa etária. Para os que têm 14, funciona bem ir às escolas, como eu já fui, mas atividades mais envolventes numa faixa etária entre os 16 e os 22 acho que funcionaria bem.

E – Há alguma coisa que aches necessário acrescentar a esta nossa entrevista?

V3 – Gostava só de dizer que acho que foi muito importante, mas mesmo muito, a ida de D. Jorge a Pemba, a Ocua, concretamente, este ano. Há que ver a idade que tem o nosso arcebispo e há que perceber toda a carga simbólica que a ida do nosso Pastor máximo no outubro missionário tem. Foi um manifestar máximo de como a arquidiocese quer que o *Salama!* funcione. Agora, eu gostava que as restantes forças na arquidiocese – e digo isto com bastante inquietação porque o D. Jorge será bispo por apenas mais 2 anos – e as que virão num futuro não muito distante que tivessem este carinho e afeto que D. Jorge tem pelo *Salama!*. Eu sei que este projeto não é o que temos de mais fulcral mas gostava que passasse a ser visto como algo que podia enriquecer a arquidiocese. Para já, é visto como algo muito bonito que a arquidiocese faz em prol de outra diocese. Gostava que passasse a ser visto como algo muito bonito que a arquidiocese pode fazer em prol de si mesma! E que outra diocese pode fazer em prol da arquidiocese de Braga. Acima de tudo, gostava que pudesse ser visto como algo muito bonito que jovens podem fazer pela arquidiocese: porque ninguém me pediu nada, ninguém pediu nada [ao voluntário 4], nem [ao voluntário 1] nem [ao voluntário 2], e nós dispusemo-nos a darmo-nos à arquidiocese! Estamos aqui: fazei connosco consoante quiserdes durante um ano. Em Pemba porque é o acordo de cooperação que a arquidiocese tem. Se fosse outro acordo de cooperação que a arquidiocese tivesse, seria outro o nosso destino. Teríamos outros desafios que, provavelmente, tê-los-íamos abraçado do mesmo modo.
Não é que precisemos desse aval ou dessa compensação, porque não precisamos. Quem vai e deixa tudo não precisa desse reconhecimento, mas era confortável perceber – até para as equipas que vierem a seguir – que há esse reconhecimento! De que há jovens, hoje em dia, que estão dispostos a trabalhar pela sua arquidiocese. Ovelhas no meio de outras ovelhas que estão dispostas a ajudar os seus pastores com as outras ovelhas! Acho que ainda estamos nos *baby steps*. Como em todos os projetos, há muitas coisas a limar. Com as coisas que vão surgindo, vamos sempre dizendo à nossa coordenadora – acho que é muito importante para as equipas futuras fazer-se um trabalho antes de irem com maior antecedência. A equipa tem de estar selecionada com maior antecedência e tem de ser muito mais trabalhada cá. Eu e [o voluntário 4] fomos um caso muito específico, porque já éramos muito amigos antes de irmos, mas sinto – e sei que não estou a ser arrogante nem estou com a vista toldada ao dizê-lo – que eu e ele fizemos um esforço muito grande para integrar o [padre 2] quando lá chegámos. Quando nós chegámos, o [padre 2] já estava lá há um mês e ofereceu muita resistência a fazer parte de uma equipa, por assim, dizer. Quis sempre estar muito autonomizado. Talvez porque somos duas pessoas mais práticas e ele é uma pessoa mais racional. Sinto que muitas das vezes em que era preciso funcionarmos como três a trabalharem, a remar no mesmo sentido, acabámos por funcionar como dois mais um! Acho que isso em muitos momentos, por exemplo, em que eu estava doente foi complicado para mim e para [o voluntário 4]! Também, há-de ter sido para o [padre 2], apesar de ele não partilhar connosco. Acho que isso dificultou muito o trabalho da equipa deste ano. E acho que se tivéssemos tido contacto antes de ir – não é que fossemos mudar isto porque, provavelmente, o [padre 2] não ia mudar a forma de agir dele e nós não íamos conseguir alcançá-lo mais do que o que conseguimos alcançar – poderíamos ter-nos munido de outras ferramentas que, *in loco* e no calor de todas as

ações, já não tivemos para atuar!
Isso até foi o maior *handicap* que eu senti! Nós nunca funcionámos mesmo como uma equipa de três. Mesmo com os nossos acólitos, não houve um entrosamento total de equipa! Acho que isso é um trabalho que, quando forem escolhidas as equipas, tem de ser feito com muita cautela. Não sei se tem que ver com o processo de discernimento de cada um… Tem de se ter um bocado em atenção se, o padre que vai, vai mesmo porque quer ou porque o Bispo é quem manda! Acho que tem de se ter muita atenção a isso!
Mas tudo o que se faz lá, nós sentimos que alcançámos um propósito e é sempre muito frutífero! Acho que é muito mais frutífero lá, do que infelizmente aqui!

E – Obrigado!

2.8. Entrevista ao voluntário 4 (V4)

E – Podes apresentar-te e dizer como é que vieste parar a Pemba?

V4 – Tudo começou com uma conversa com [o voluntário 4] – ela ia fazer uma formação de voluntariado missionário – e eu, como tinha a ideia de fazer uma experiência destas, perguntei-lhe se era possível eu ir. Ela disse que sim, que era aberta ao público. E então, apareci na formação e correu bem. Foi um longo processo de formação e, depois, vim para aqui. Dar a notícia em Portugal foi uma situação complicada para a minha família. Inicialmente, não levaram a bem abandonar tudo o que tinha em Portugal para vir para aqui à descoberta, à aventura. Mas, passado um tempo, conseguiram compreender! E, agora, veem que foi a melhor coisa que eu fiz! Só pedem é que eu não fique aqui durante muitos anos. Porque já sabem que, quando me entusiasmo, fico!

E – O que é que fazias em Portugal?

V4 – A minha formação é em *Design* mas com especialidade em Design Gráfico e Design do Produto – são dois cursos. Trabalhei com empresas de todo o tipo. Trabalhei como *freelancer* neste último ano e meio, quando estava em Portugal, e entrei numa parceria com um tio meu que tinha um gabinete de arquitetura. Fazíamos algumas parcerias em *design*, em visualizações 3D e até chegamos a fazer *3D motion picture*... E agora sou missionário a cem por cento!

E – Que expectativas tinhas em relação a este projeto?

V4 – Quando ouvi falar do Projeto *Salama!*, que tinha uma parte mais religiosa – eu, em Portugal, afastei-me um bocado da religião, por motivos profissionais e de uma série de outros motivos – com o passar do tempo, comecei a entrosar-me mais, a voltar ao que já era! Porque a minha formação quase toda foi feita num colégio de Irmãs. Sempre fui educado na religião cristã. Tirando essa parte, o projeto aliciou-me pelo que se fazia cá, pelos projetos que estavam a ser implementados, pela própria formação, pela equipa toda! As expectativas continuaram altas e ainda estão em alta. Espero que assim continue durante muitos e muitos anos! Depois de nós, vêm outras equipas e temos de dar apoio e manter as expectativas em alta.

E – Não só cá mas, também, no regresso.

V4 – Sim, no regresso! Isso ainda vai ser a incógnita, como é que vai ser o regresso? Nem penso nisso, que é melhor nem pensar!

E – E o que é que foi diferente em relação ao que previste?

V4 – Foi a parte da pastoral – tínhamos a parte da catequese e da pastoral toda em si. Outros projetos que eu tinha andado a ver, em Braga, no Porto e em Lisboa, eram de ONG que pouco ou nada trabalhavam na área da religião! Esse foi o grande fator também de escolha deste projeto. Também pela redescoberta da religião, que já tinha praticado antes. Com isso, foi tipo uma bola de neve em que me comecei a interessar mais, a ler mais coisas, para começar a perceber os pontos certos do projeto.

E – Relativamente ao projeto, àquilo que te foi apresentado, quando chegaste ao terreno, o que é que foi diferente daquilo que estavas a prever?

V4 – Na apresentação do projeto, em Braga, disseram que ia ser um pouco complicado, que as pessoas tinham uma maneira de pensar completamente diferente, e que nós não iríamos salvar o mundo. E é verdade! Nós não viemos salvar o mundo aqui. E, realmente, as pessoas são um bocado diferentes de nós, a cultura é completamente diferente, a maneira de pensar, de agir... E, nós, aos poucos – a *pouco pouco*, como se diz aqui – vamo-nos moldando. Mudamo-nos a nós, principalmente, e também mudamos as pessoas e as mentalidades das pessoas. Mas, em si, no geral, o que falaram na formação transparece o que é, realmente, o projeto aqui. Claro que, com algumas divergências, tanto boas como más. Mas as pessoas, ao falarem durante o ano, conseguem moldar para que os próximos que venham tenham um caminho mais batido e não tenha de haver tantos altos.

E – O que é que tiveram de ajustar relativamente ao que estava previsto?

V4 – Pouco ou nada foi alterado! Porque a equipa anterior deu-nos uma grande ajuda, na fase de adaptação. Claro que, por exemplo, no meu caso, tive de aprender a catequese toda no espaço de um mês por ter ficado com a responsabilidade de assumir a catequese. Eu disse que sim, que assumia, não havia problema! Mas que teria de haver compreensão, que teria de falar com as pessoas, que pedir ajuda. Também, na parte da saúde, na parte do apoio materno-infantil que nós damos e, no dia-a-dia, dentro da casa, na construção com as pessoas... O viver vinte e quatro horas sobre sete dias, todos os dias, começam-se a criar algumas "faíscas", mas as pessoas começam a aproximar-se mais, também! São coisas que acontecem! Têm tanto de bom como de mau. Mas mais de bom!

E – Já afloraste algumas coisas mas que trabalho é que, atualmente, realizas no *Salama!*? Quais são as atividades que tu realizas?

V4 – A equipa é constituída por três elementos - o [padre 2], [o voluntário 3] e eu. [O voluntário 3] estava com a parte do aleitamento e da *comissão da mulher*, como ela, agora, foi para Portugal, eu fiquei com as pastas todas dela. Tenho o programa de aleitamento, tenho acompanhamento às mamãs, tenho a *comissão da mulher*... Não faço parte da *comissão da mulher* mas vou lá caso precisem de alguma coisa. Ando a tentar implementar o grupo de jovens na paróquia porque andava disperso, os miúdos não andavam interessados, andavam um bocado "a leste" do programa em si. Também temos a parte de algum apoio que eles queiram; quando vão lá a casa, pedem, também, ajuda. Fazemos algum acompanhamento ao hospital das pessoas mais carenciadas, que não conseguem alugar um carro para ir. Dentro de casa, em si, do projeto de casa mesmo, temos a parte da cozinha, da manutenção da casa, temos a parte das compras. Mas, para isso, conseguimos dividir tarefas. A contabilidade, também! Carpintaria, pedreiro… De tudo um pouco!

E – Consideras que o trabalho que fazes é o mais adequado?

V4 – Sim, acho que é adequado.

E – Farias alguma coisa de diferente?

V4 – Isso de fazer alguma coisa de diferente, vai decorrendo com o projeto. Há sempre alguma coisa que aparece e, caso seja um bom ponto para aproveitar, puxamos para a nossa parte e tentamos desenvolver um bocado.
Esqueci-me do tal projeto, que era a escolinha, que vamos começar a arrancar. Temos o das

machambas, que andei a fazer as referências de geolocalização... Mas há outros projetos e outras coisas que podem acontecer. Depois, há coisas que nem se aproveitam devido, também, à falta de tempo, digamos assim. Infelizmente, o tempo aqui em Moçambique não dá para quase nada! Nós estamos a fazer uma coisa e estamos já com a mão na outra e chegamos ao final do dia e pensamos que não conseguimos fazer nada!

E – Por que é que sentes isso em relação ao tempo? O que é que achas que leva o tempo?

V4 – É o facto de as pessoas que vêm ter connosco – para os apoios que nós damos, gostarem de falar. Expõem os seus problemas. Nós temos a nossa maneira de pensar europeia e temos de transpor para a ideia daqui de Moçambique, porque são pensamentos totalmente diferentes. Depois, temos de falar de outra maneira para que percebam, temos de dar exemplos, fazer muitos gestos. Eu, que não mexia as mãos para falar, agora, mexo as mãos para tudo. Há coisas que nos vão moldando, e nós vamos crescendo com o passar do tempo. Mas o tempo, em si, é acordar, fazer as coisas... e, por muito, que uma pessoa programe o dia, a semana ou o mês, todos os dias acontecem coisas novas. Todos os dias aparecem problemas, preocupações, algumas soluções, e temos de priorizar e deixar algumas coisas para trás!

E – Há algum trabalho previsto que ainda não foi realizado?

V4 – Para já, os projetos que nós temos em aberto estão todos a decorrer. Claro que, uns estão a ter um processo mais rápido na sua realização e outros têm demorado mais. Mas todos os projetos que nós queríamos fazer estão todos a trabalhar, não a cem por cento mas a setenta ou oitenta por cento. Há um novo – o da escolinha, que vamos começar, que era um dos nossos objetivos. Abrimos o projeto da equipa anterior que era o posto de saúde...

E – Relativamente à cooperação missionária para o desenvolvimento, consideras que o trabalho que realizas contribui para o desenvolvimento da Diocese de Pemba? Se sim, porquê? A que níveis?

V4 – Sim, claro que contribui para o desenvolvimento da diocese. Como nós sabemos, a diocese de Pemba tem uma grande falência a nível de padres. Graças às equipas missionárias e aos padres todos que vêm de outros países, principalmente dos PLOP, tem contribuído imenso para a ajuda das comunidades, para a evangelização em si. Em Cabo Delgado, na diocese de Pemba, a maior parte são muçulmanos, poucos são os cristãos. Nós temos visto, através dos censos que se vão fazendo ao longo do ano, ou de ano para ano, as comunidades cristãs têm vindo a crescer. Há até várias pessoas que não tinham nenhuma religião, que seguiam religiões tribais, como também pessoas de outras religiões – no caso muçulmanos, que se interessam pela religião cristã e também começam a entrar para as comunidades. Tenho um caso lá em Mahipa, que é a Maribela, que é muçulmana porque teve um matrimónio muçulmano com um senhor, já foi cristã e, como se divorciou, quer voltar para a religião cristã. Ela diz que é lá que se identifica, sabe o que é viver na comunidade, porque a maior parte dos amigos, a família, toda a gente que ela conhece, são cristãos.
Depois, também, há a parte da separação das religiões. A muçulmana consegue fazer algumas coisas enquanto a cristã consegue fazer outras e não há um cruzamento devido às divergências religiosas e, também, culturais. Aqui, a cultura tem um peso muito grande, ainda!
É um bocado complicado quantificar o desenvolvimento. Mas falando do nosso projeto, nós, em 2 anos de projeto e de equipas presentes, vimos que a zona de Mahipa desenvolveu muito e que contribuímos para que a diocese de Pemba ficasse desenvolvida na parte mais a Sul da diocese.

Apesar de sermos da parte centro, somos a última paróquia da diocese, e começa-se a ver que há um certo desenvolvimento e as pessoas começam a interagir com as outras paróquias e com todas as comunidades e já começam a criar contactos. Por exemplo, a nível de comércio conhecem "aquele que é amigo daquele" e começa a desenvolver… E dentro da diocese também! Há interligação entre equipas missionárias e equipas permanentes que estão cá, que antigamente não havia! Ultimamente, temos reparado nisso com os encontros que são organizados de propósito para a união das equipas. Apesar de ainda haver muita gente que gosta de estar no seu cantinho, aos poucos vão sendo puxados para ver se começam a interagir. Principalmente, as pessoas que estão no meio do mato estão ali naquele bocado e não querem sair. Claro que a nossa casa é sempre a nossa casa. Até nós, em Mahipa vamos sempre para a nossa casinha. Mas sempre a ir buscar para conviver, para criarmos mais união, mais amizades, para o desenvolvimento em geral da diocese.

E – Consideras que o trabalho que realizam contribui para o desenvolvimento missionário da arquidiocese de Braga?

V4 – Quando eu andei à procura de projetos para fazer voluntariado, não conhecia o Centro Missionário. Mas agora, com a nossa parte de desenvolvimento da comunicação do próprio Centro Missionário já há um vasto leque de pessoas que começa a ficar interessado, a fazer perguntas, vão às formações… No caso dos meus amigos, por exemplo, começam a perceber que, afinal, há outras coisas que se podem fazer, que podem ajudar, mesmo não vindo para a missão. Conseguem ser missionários lá, fazendo alguns projetos e ajudando noutras coisas no Centro Missionário.
Sinto um grande desenvolvimento a nível das equipas missionárias lá, através de cá.

E – A questão da comunicação?

V4 – Sim. Boa ou má, a comunicação funciona sempre!

E – E achas que tem sido boa ou má?

V4 – Eu acho que tem sido boa. Muito boa, aliás! Pelo que vejo nas percentagens do *feedback*, estão sempre a subir.

E – Consideras que o *Salama!* contribui para uma efetiva cooperação missionária para o desenvolvimento entre as dioceses de Braga e de Pemba?

V4 – Sim, considero. O projeto em si contribui bastante para o desenvolvimento da cooperação porque é ponte de ligação entre Portugal – Moçambique, Braga – Pemba. O Centro Missionário está no meio e é ele que faz a ligação. Se calhar se não houvesse o Centro Missionário, não haveria cooperação. E mais especificamente o *Salama!*. E as pessoas que estão dentro do *Salama!*. Nas dioceses de Braga e Pemba começam a interagir uns com os outros, a ter à vontade e disponibilidade para falar e fazer deslocações, o que também reforça a parceria e a cooperação.

E – O que é que consideras essencial realizar no futuro, relativamente às atividades que tens? Ou seja, como é que vês das atividades que realizas e, também, do projeto *Salama!*?

V4 – Sobre o futuro das atividades que fazemos cá, é muito relativo! Infelizmente, mentalidade das pessoas é "deixa andar". Também, acontece em Portugal mas, aqui, é uma coisa com a qual

batalhamos todos os dias! Se nós não andarmos em cima a dizer que tem de ser assim para que, no futuro – não eles mas os filhos deles, os netos, consigam colher os frutos… é muito complicado! É preciso ter alguma paciência e alguma força de vontade para eles perceberem e para nós explicarmos direitinho. Nós repetimos mil e uma vezes e nem sempre percebem! Temos de dar exemplos, ilustramos, cheguei numa reunião a fazer um desenho – por exemplo, no caso da colheita do milho, fiz uns saquinhos de milho, para mostrar que se o montinho do milho fosse colhido por todas as comunidades, quando houvesse formação, as pessoas comiam bom milho e, assim, ninguém gastava dinheiro. Só gastavam dinheiro em deslocações, que eram as comissões que tinham, que pagavam. Mas isso é uma coisa que pode correr bem ou pode correr mal. Se não andarmos em cima, eles não fazem nada! Porque sabem que nós estamos cá e que vamos fazer as coisas, independentemente de eles quererem ou não.

E – Isso, em termos de futuro, em termos de atividades que realizas, faz-te ter uma visão diferente?

V4 – Dá para ter as duas visões: a boa e a má. Sei que há pessoas que, desde o início, se mostraram interessadas e estão a levar avante todas as atividades onde nós as inserimos e onde estamos inseridos. Há outras que só estão a retardar todo o processo porque como, antigamente, se fazia de uma maneira só vão fazer daquela maneira. Não querem saber das ajudas, não querem saber de nada! As pessoas das comunidades que estão mais interessadas já começam a revoltar-se sobre isso. E alguns já começam a mudar de ideias após as "*assentadas"* – como eles dizem!
Mas todas têm futuro, isso é garantido. Tem é de se batalhar todos os dias, aos bocadinhos.

E – Mas em relação às atividades, achas que estás a utilizar boas estratégias?

V4 – Sim. Uma pessoa quando implementa as estratégias é para serem bem implementadas. Claro que, depois de algumas opiniões que eles possam dar, uma pessoa pensa, reflete um bocadinho e, se for preciso, molda-se mas sem fugir da *guideline*, da linha reta, essencial do projeto. Mas todas as atividades funcionam bem, independentemente, de haver alguns reveses, ou não.

E – Em termos de futuro do projeto *Salama!*, em termos de linha de continuidade de atividades, o que é que achas que é importante realizar?

V4 – Se todos os anos houver um aumento de projetos, os projetos que tenham sido feitos anteriormente vão requerer alguém para coordenar. Quantos mais missionários vierem para cá melhor. Quanto maior for a equipa melhor. O projeto, em si, tem futuro. Enquanto não houver equipa suficiente, claro que as pessoas se vão ter de andar a dividir e a multiplicar pelos vários projetos.

E – Mas achas que os projetos que existem neste momento são suficientes ou que outras ideias é que terias de projetos para o *Salama!*? Imagina que tinhas disponibilidade de pessoas, o que é que achas que seria de aumentar?

V4 – Se eu tivesse disponibilidade de pessoas, tinha já uns projetos. Não tão ligados à pastoral mas à educação. Por exemplo, das meninas. Aqui, em Moçambique, na parte norte, seria criar uma comissão, uma organização, que pegasse nas meninas e que as incentivasse a estudar, independentemente de os pais as quererem levar para a *machamba* cedo, e de toda a cultura de ritos… Era de puxar as meninas para estudarem, dar-lhes apoio constante a nível de estudos. Já estamos a fazer isso, com uniformes, com pagamento das propinas da escola secundária e mesmo da EPC. Também, mesmo para os rapazes. Os meninos de Mahipa, do pouco que nós sabemos,

em algumas matérias conseguiram tirar boas notas este ano. Nuna mais me irei esquecer do caso do Alberto, que chorou à minha frente, a dizer que entendeu química pela primeira vez na vida! Eu fiquei com o "coração na mão", a pensar "eu não acredito que ele disse isto"! Mas, ainda bem! Por exemplo, tínhamos o projeto do grupo de jovens que, quando começamos a dinamizar os jovens, tento puxar tanto meninos como meninas mas só vêm os meninos. Ando a insistir com as meninas mais próximas do nosso grupo para chamarem todas as que queiram participar, para criarem o grupo… Já marquei reuniões com os responsáveis dos grupos de jovens, com os animadores, com os zonais… Porque uma coisa interessante é que nas aldeias mais remotas, nas comunidades mais remotas, esses grupos têm um grande impacto – nós já vimos nas nossas saídas, nas nossas celebrações. Enquanto na nossa sede, está nas "ruas da amargura"!

E – E, por exemplo, em relação a essas comunidades, tudo o que se acaba por fazer…

V4 – É mais centrado na sede! Por exemplo, para o apoio ao estudo às meninas, nós criámos um censo de escolaridade – tinha a classe, tinha pais, meninas, onde se perguntava o que é que queriam ou não queriam? Em que escola andam? E espalhamos por toda a paróquia. É claro que nem toda a gente entregou os papéis – isso já estávamos à espera, mas recebemos um bom *feedback* e, se tudo correr bem, vamos tentar chegar a toda a gente que pediu apoio. O que nos ajudou a levar as meninas a estudar. Porque quando começámos a fazer este censo, eu, insisti com as mamãs para levarem as meninas a estudar. E as mamãs até me chegaram a perguntar: "e as mais velhas, não podem?". Eu, fiquei a pensar "poder, podem mas para já não há projeto". Pode ser um projeto futuro: criar uma ajuda para as mães que não falam português – são muito poucas as que falam português, e têm poucos estudos para começarem a estudar. Haver uma escola sénior.

E – Ou alfabetização, não é?

V4 – Sim, alfabetização. Porque as mamãs muitas vezes são enganadas pelos próprios maridos a nível de dinheiro, a nível de documentos porque não sabem. Só sabem macua. Ensinaram-lhes em criança a falar. Não sabem escrever, não sabem ler. Isso vê-se nas missas quando se faz leituras em macua só uma ou duas é que sabe ler, de resto, ninguém sabe.
O futuro do *Salama!* depende de nós e deles, também! Nós damos, eles dão. Nós recebemos, eles recebem, também!

E – Mais alguma coisa que não tenhas dito ou que não tenha sido perguntado e aches importante?

V4 – Por exemplo, uma coisa que se podia fazer na formação em Portugal era ter já alguma noção da língua macua. Porque nós chegamos aqui e não percebemos nada de macua! Eu ando a pedir aos miúdos da zona para me ensinar macua e eu ensino-lhes português e inglês. Há sempre aquelas palavras mais importantes que fazem com que uma pessoa desbloqueie alguma conversa ou alguma situação, e que podem ajudar. A nível de doenças – aqui as doenças são imensas, e métodos de proteção para mostrar como funcionam – no caso da malária, da febre tifoide, cólera; também, termos um bocado de formação na área de saúde. Por exemplos, primeiros socorros também seria interessante, apesar de termos um posto de saúde. Ao fim-de-semana, muita gente vai lá para nos pedir apoio a nível de saúde e de primeiros socorros. Felizmente, eu tenho o curso de primeiros socorros mas quando é mais grave vou direto para o Hospital.
De resto, acho que não há mais nada a acrescentar.

E – Obrigada!